



# O MEDO É A MENSAGEM

Narrativas Midiáticas  
na Amazônia Paraense

**ORGANIZADORES**

**ALDA CRISTINA SILVA DA COSTA**

**CÉLIA REGINA TRINDADE CHAGAS AMORIM**

**IVANA CLÁUDIA GUIMARÃES DE OLIVEIRA**

# O MEDO É A MENSAGEM

Narrativas Midiáticas  
na Amazônia Paraense

## ORGANIZADORES

**ALDA CRISTINA SILVA DA COSTA**  
**CÉLIA REGINA TRINDADE CHAGAS AMORIM**  
**IVANA CLÁUDIA GUIMARÃES DE OLIVEIRA**



## **Universidade Federal do Pará**

Prof. Emmanuel Zagury Tourinho – Reitor

Prof. Gilmar Pereira da Silva – Vice-Reitor

Prof. João Cauby de Almeida Junior – Pró-Reitor de Administração/PROAD

Prof. Edmar Tavares da Costa – Pró-Reitor de Ensino de Graduação/PROEG

Profa. Maria Iracilda da Cunha Sampaio – Pró-Reitora de Pesquisa/PROPEP

Prof. Nelson José de Souza Junior – Pró-Reitor de Extensão/PROEX

Profa. Marília de Nazaré de Oliveira Ferreira – Pró-Reitora de Relações Internacionais/PROINTER

Prof. Raimundo da Costa Almeida – Pró-Reitor de Desenvolvimento e Gestão Pessoal/PROGEP

Profa. Raquel Trindade Borges – Pró-Reitora de Planejamento/PROPLAN

### **Programa de Pós-Graduação Comunicação, Cultura e Amazônia – PPGCom**

Profa. Manuela Vieira do Corral – Coordenadora

Prof. Leandro Rodrigues Lage – Vice-Coordenador

#### **Membros:**

Alda Cristina Silva da Costa

Célia Regina Trindade Chagas Amorim

Danila Gentil Rodriguez Cal Lage

Elaide Martins da Cunha

Fábio Fonseca de Castro

Leandro Rodrigues Lage

Luciana Miranda Costa

Luiz César Silva dos Santos

Manuela do Corral Vieira

Manuel José Sena Dutra

Marina Ramos Neves de Castro

Netília Silva dos Anjos Seixas

Otacílio Amaral Filho

Rosane Maria Albino Steinbrenner

Rosaly de Seixas Brito

Vânia Maria Torres Costa

Walter Teixeira Lima Junior

#### **Faculdade de Comunicação – FACOM**

**Direção:** Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Ana Lúcia Prado Reis dos Santos

**Vice-direção:** Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Regina Lúcia Alves de Lima

Alda Cristina Silva da Costa

Ana Lúcia Prado Reis dos Santos

Carolina Maria Mártires Venturini Passos

Célia Regina Trindade Chagas Amorim

Danila Gentil Rodriguez Cal Lage

Elaide Martins da Cunha

Fábio Fonseca de Castro

Kelly Kalyinka Damasceno Cruz

Leandro Rodrigues Lage

Lívia Lopes Barbosa

Luiz Cezar Silva dos Santos (LZ)

Luiz Roberto Vieira de Jesus

Manuela do Corral Vieira

Marina Ramos Neves de Castro

Netília Silva dos Anjos Seixas

Otacílio Amaral Filho

Regina Lúcia Alves de Lima

Ricardo Harada Ono

Rosaly de Seixas Brito

Rosane Maria Albino Steibrenner (Nanani)

Vânia Maria Torres Costa

## **Ficha Catalográfica**

### **Editores:**

Diego Duarte Borges

### **Edição Eletrônica:**

C2N: Comunicação e Marketing

### **Capa:**

Márcio Novelino

### **Projeto gráfico e diagramação:**

Daniela Botelho e Sidomar Sardo

### **Revisão:**

Ana Carolyn Pinho e Ana Paula de Mesquita Araújo

### **Organização:**

Célia Regina Trindade Chagas Amorim

Ivana Claudia Guimarães de Oliveira

### **Autoria:**

Projeto de Pesquisa Mídia e Violência: narrativas midiáticas na Amazônia Paraense

Alda Cristina Silva da Costa (Coordenadora)

Célia Regina Trindade Chagas Amorim (Vice-Cordenadora)

### **Autoria:**

Grupo de Pesquisa Narrativas Contemporâneas na Amazônia – NARRAMAZÔNIA

Alda Cristina Silva da Costa (Coordenação/UFPA)

Vânia Maria Torres Costa (Coordenação/UFPA)

Paulo Nunes (Coordenação/UNAMA)

## **Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)**

(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Costa, Alda Cristina Silva da. - O Medo é a Mensagem [livro eletrônico]: narrativas midiáticas na Amazônia Paraense / Alda Cristina Silva da Costa; Amorim, Célia Regina Trindade Chagas; Oliveira, Ivana Claudia Guimarães de (orgs.). -- 1. ed. -- Belém: Ed. C2N, 2020.

PDF

ISBN 978-65-00-08166-4

1. Jornalismo 2. Mídia 3. Narrativas 4. Publicidade - Aspectos sociais 5. Violência I. Título.

20-42909

CDD-303.6

### **Índices para catálogo sistemático:**

1. Mídia e violência: Sociologia 303.6

Aline Grazielle Benitez - Bibliotecária - CRB-1/3129



# SUMÁRIO

<b>ARTIGO 1</b>	<a href="#"><u>MEDO E VIOLÊNCIA NO ESPAÇO MIDIÁTICO: Reflexões sobre as narrativas midiáticas paraenses</u></a>	21
	Alda Cristina Costa	
<b>ARTIGO 2</b>	<a href="#"><u>ENTRE O FATAL E O NORMAL: a morte e o morrer nos cadernos de polícia da imprensa paraense</u></a>	41
	Sergio do Espírito Santo Ferreira Junior	
<b>ARTIGO 3</b>	<a href="#"><u>O CORPO COMO NARRATIVA: construção do medo nos impressos paraenses</u></a>	53
	Nathan Nguangu Kabuenge	
<b>ARTIGO 4</b>	<a href="#"><u>A CONSTRUÇÃO DE 'LAÇOS INTERACIONAIS': o apresentador como estratégia comunicativa nas narrativas dos programas televisivos paraenses</u></a>	77
	Alana da Silva de Menezes Ana Paula de Mesquita Azevedo Alda Cristina Costa	
<b>ARTIGO 5</b>	<a href="#"><u>"SE TEM SANGUE, VIRA MANCHETE": Narrativas fotográficas de violência nos cadernos policiais da imprensa paraense</u></a>	87
	Érica Marques Dias Alana da Silva de Menezes	
<b>ARTIGO 6</b>	<a href="#"><u>A narrativa policial e o acontecimento de violência em destaque</u></a>	97
	Kristopher-Jon Peter Samuel	
<b>ARTIGO 7</b>	<a href="#"><u>A construção do discurso de ódio no programa "Metendo Bronca"</u></a>	105
	Ana Caroliny Pinho Monique Hadad	
<b>ARTIGO 8</b>	<a href="#"><u>O jornalismo fora de foco: reflexões das narrativas do jornal Diário do Pará</u></a>	115
	Israel Martins Araújo Vitória Mendes Alves Alda Cristina Costa	
<b>ARTIGO 9</b>	<a href="#"><u>A VIOLÊNCIA E AS SUAS REPRESENTAÇÕES NO TWITTER: o caso da #ChacinaEmBelem</u></a>	123
	João de Jesus dos Santos Loureiro Sergio do Espírito Santo Ferreira Junior Alda Cristina Costa	
<b>ANEXOS</b>	<a href="#"><u>ANEXO I</u></a>	137
	<a href="#"><u>ANEXO II</u></a>	257

# ORGANIZAÇÃO

A produção de um livro se constitui na apresentação dos resultados das pesquisas e investigações realizadas, no caso aqui, sobre a mídia e a violência, dois temas ou campos de conhecimento que exigem um olhar atento e aguçado da sociedade, pela representação e na constituição dos indivíduos. Com o primeiro, formamos, muitas vezes, o conhecimento sobre o mundo, sobre as pessoas, os lugares e as instituições; com o segundo, modificamos nossas sociabilidades, transformando o nosso estar junto e nossas crenças nas instituições e até na humanidade, em virtude da barbárie percebida em determinados comportamentos.

Este livro, que tivemos a oportunidade de organizar, configura-se como mais uma importante literatura com informações sobre a realidade da Amazônia urbana. São dados que falam por si sós sobre as construções narrativas jornalísticas, isto é, do jornalismo policial, que, durante muitos anos, foi rotulado como 'inferior', considerando o tratamento dispensado à violência e aos sujeitos nela envolvidos. Jornalismo este que teve e tem a preocupação – embora ainda com as limitações superficiais de sua abordagem e o tom jocoso que às vezes utiliza – de atrair o público, de falar sobre acontecimentos que são ignorados ou invisíveis à sociedade.

Esta pesquisa é uma experiência comunicativa que nos insere em um amplo campo de debates e reflexões, pois mobiliza a crítica de nosso pensamento, nossa ação e nosso posicionamento e comportamento diante de questões que nos atravessam cotidianamente. Como bem diz Adriano Duarte Rodrigues, experiência que deve ser entendida como heterogênea, como relação tensional, por meio da qual as pessoas estabelecem entre si as suas diferentes modalidades.

Convidamos à leitura, pois compreender e interpretar configuram movimentos comunicativos em que os indivíduos mobilizam o estar no mundo e suas relações consigo e com os outros.

Ivana Cláudia Guimarães de Oliveira  
Célia Regina Trindade Chagas Amorim  
(Organizadoras)

## **“O MEDO É A MENSAGEM: NARRATIVAS MIDIÁTICAS NA AMAZÔNIA PARAENSE”**

O e-book é resultado do projeto de pesquisa “Mídia e Violência: narrativas midiáticas na Amazônia paraense”, realizado na Universidade Federal do Pará em parceria com o Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq), por meio do Edital Universal – AL – MCTI/CNPQ N° 14/12.

O projeto de pesquisa foi desenvolvido na Faculdade de Comunicação e no Programa de Pós-Graduação Comunicação, Cultura e Amazônia, da Universidade Federal do Pará, sob minha coordenação e com a participação de docentes, bolsistas e colaboradores da graduação e pós-graduação. Ele é resultado de um conjunto de atividades que teve o objetivo de compreender como as narrativas midiáticas representam ou constroem o problema violência para a sociedade.

A escrita deste livro foi feita por várias mãos. É um trabalho coletivo de professores, discentes de graduação e pós-graduação, bolsistas de Iniciação Científica e colaboradores. Foi minha primeira experiência, pois o projeto inaugurou minha entrada na Universidade Federal do Pará – fui aprovada em concurso público em outubro de 2011. Em 2012, apresentei o projeto à Faculdade de Comunicação, ao Programa de Pós-Graduação Comunicação, Cultura e Amazônia e à Congregação do Instituto de Letras e Comunicação; após, submeti-o ao Edital Universal do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq), que o aprovou para execução de 2012 a 2015. A aprovação configurou o primeiro projeto com foco em mídia e violência a ser realizado na UFPA.

Meu agradecimento especial ao Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq), que, por meio de editais de fomento, como o Edital Universal, tem contribuído para desenvolver a Ciência na Amazônia – em específico, contribuiu para o desenvolvimento do meu projeto de pesquisa –, assim como a Universidade Federal do Pará, uma das principais instituições de ensino que, desde sua implantação, tem feito a diferença em nosso território. A UFPA é considerada uma das maiores universidades do País em número de alunos de graduação, com mais de 61 mil estudantes em 12 campi e dezenas de polos universitários, que abrangem mais de 60 municípios paraenses, dos 144 existentes.

Numa das últimas pesquisas nacionais realizadas sobre o *Perfil socioeconômico e cultural dos estudantes*, pela Associação dos Dirigentes das Instituições Federais de Ensino Superior (Andifes), divulgada em 2019, foram identificados os seguintes números sobre os discentes que chegam à UFPA:

Quase 90% dos alunos cursaram o ensino médio regular (89,7%) e 68,8% estudaram a vida toda na rede pública de ensino. Destes, 59% entraram pelo Sistema de Cotas e foram aprovados pelo vestibular anual (52,8%) ou pelo Sistema de Seleção Unificada – SiSU – (43,7%). Parte deles estudou sozinha para o vestibular (47,4%) enquanto o restante fez cursos pré-Enem (42,4%). Estar na UFPA, hoje, é uma grande conquista não apenas individual, para a maioria dos alunos. Isso porque a renda familiar *per capita* de 85% dos alunos é de até 1,5 salário mínimo e 70,2% são mantidos financeiramente pelos pais. Mais de 82% dos pais e mais de 75% das mães nunca tiveram acesso ao ensino superior, o que indica que, de cada quatro alunos da UFPA, três são os primeiros da família a cursar uma graduação<sup>1</sup>.

Com relação à Pós-Graduação<sup>2</sup>, em 2018, segundo a Pró-Reitoria de Pesquisa (PROPESP), a UFPA tinha 10.236 discentes matriculados e 3.119 titulados, assim discriminados: 2.659 discentes na Especialização, com 1.392 titulados; 3.501 no Mestrado Acadêmico e 883 titulados; 1.296 no Mestrado Profissional, com 345 titulados; 2.442 no Doutorado, com 352 titulados; 152 em Residência Médica, com 58 titulados; 186 em Residência Multiprofissional, com 89 titulados. Possuía 89 Programas de Pós-Graduação *Stricto Sensu*; 62 Especializações; 58 Mestrados Acadêmicos; 26 Mestrados Profissionais; 40 Doutorados; 15 Residências Médicas e 10 Residências Multiprofissionais.

Quanto ao número de projetos de pesquisa, a Propesp/UFPA identificou: 1.486 projetos em execução, sendo 619 concluídos, com o envolvimento de 1.493 docentes e 91 técnicos. Com relação ao quantitativo de docentes efetivos da educação superior por escolaridade/titulação, em 2018 havia: 30 Graduados; 69 Aperfeiçoados/Especialistas; 545 Mestres; 1.818 Doutores/Pós-Doutores.

Segundo o censo de 2016 do Diretório dos Grupos de Pesquisa no Brasil (CNPq)<sup>3</sup>, a região Norte possuía, naquele ano, 15.826 pesquisadores, sendo 7.713 pesquisadores doutores.

Portanto, o CNPq colabora na formação de novos pesquisadores ao possibilitar a implementação de projetos de pesquisa que diagnostique a realidade vivida na Amazônia.

Por último, um agradecimento especial ao professor Dr Rodrigo Quites, pela importante contribuição na extração de dados das redes sociais Facebook e Twitter.

---

1 Informação disponível em: <https://portal.ufpa.br/index.php/ultimas-noticias2/10267-dados-ineditos-coletados-em-pesquisa-nacional-revelam-quem-esta-hoje-na-maior-universidade-da-amazonia>. Acesso em: 10 ago. 2020.

2 Informação disponível em: [http://www.ufpanumeros.ufpa.br/images/ufpa\\_em\\_numeros/2019/UFPAemNumeros2019\\_AB2018.pdf](http://www.ufpanumeros.ufpa.br/images/ufpa_em_numeros/2019/UFPAemNumeros2019_AB2018.pdf). Acesso em: 1 ago. 2020.

3 Informação disponível em: <http://lattes.cnpq.br/web/dgp/por-regiao1>. Acesso em: 1 ago. 2020.

# PREFÁCIO

Em tempos em que o factual cedeu lugar à mentira, a análise cedeu lugar ao escândalo e a informação cedeu lugar ao linchamento moral, somente temos a dizer o quão bem-vindo é o trabalho do grupo de pesquisa “Mídia e Violência: narrativas midiáticas na Amazônia Paraense”, coordenado pela Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Alda Cristina Costa. Vimos acompanhando este trabalho há tempos e é com honra e com prazer que compartilhamos nossa reflexão no prefácio a este livro que apresenta resultados do percurso de pesquisa do grupo, os quais são muito importantes para os estudos de comunicação.

Ante de tudo, esclarecemos que a nossa opção por usar “escândalo” em vez de “espetáculo”, como presente na famosa teoria de Guy Debord, dá-se pelo fato de com ela poderemos trabalhar em diálogo transdisciplinar com a ética e a teologia, o que não nos permite o pensamento debordiano, em razão de sua fundamentação no marxismo, o qual elide epistemologicamente qualquer ligação com os campos de conhecimento acima mencionados. Aqui fomos, em muito, inspirados pelos pensamentos de René Girard, de Gabriel Marcel e de São Tomás de Aquino. Para este, o escândalo, em seu sentido teológico (*Skandalon*, em grego), significa “pedra de tropeço”, ou seja, o dito ou ato menos reto que dá ocasião à queda do ser humano<sup>4</sup>. Há algo de arrebatador e de provocador da imitação por parte do escândalo, mormente quando, como hoje, está ancorado em processos de disseminação velozes como os favorecidos pela tecnologia contemporânea. Ou seja, o escândalo tem o poder de automaticamente **capturar mentes**, de impedir a reflexão e de submeter o indivíduo a coletivos esmagadores. Mais do que nunca e favorecida pela tecnologia, estamos diante da questão das massas levantada antes por Le Bon, Elias Canetti, George Orwell, Gabriel Cohn etc. Em tal drama, a mídia tem um papel fundamental, o qual é analisado pelo grupo de pesquisa citado anteriormente.

Antes de mais nada, lembremos um pouco o percurso da mídia brasileira, já nos anos 80 do século XX, iniciando o seu fascínio pelo escândalo que arrebatava, como em um turbilhão, as massas. Como bem lembrou o jornalista Luis Nassif, em um artigo recente<sup>5</sup>, as coisas começam com a deposição de Fernando Collor, durante a qual a imprensa brasileira chegou ao “mais baixo nível”, patrocinando mentiras e fantasias perversas e viciando o público “em escatologia, em notícias fantasiosas, em histórias escabrosas”. Nesse circuito de escândalos, ninguém era mais incensado pelos jornalistas do que os delegados responsáveis por qualquer investigação. Era, acreditamos, o início, o germe, da aliança entre mídia e polícia como a temos hoje, a qual se vale de nomes bombásticos para operações que alimentam o imaginário social da violência.

4 Ver AQUINO, São Tomás de. **Suma Teológica**. São Paulo: Loyola, 2005.

5 NASSIF, Luis. **Memórias**: o caso Escola Base, Cláudia Liz e outros crimes de imprensa. Disponível em: <https://jornalgg.com.br/memoria/memorias-o-caso-escola-base-claudia-liz-e-outros-crimes-de-imprensa/>.

O escândalo que alimenta a violência, antes circunscrito aos jornais e às emissoras de tevê, com o avanço tecnológico, espalhou-se para as redes sociais. Junto com ele, a mentira, que, se tinha ainda a possibilidade de ser questionada ou descoberta, se transforma em prática corrente, desejada mesmo pelas massas, ou seja, à prova de fuga. Desse modo, o circuito está fechado: mentira-escândalo-violência. Um pouco mais à frente, decorrente desse cenário, chegaríamos ao mundo da pós-verdade, aclamado social e intelectualmente, ponto final da espiral do relativismo em que mergulhou o mundo. As reações a isso, politicamente falando, caíram elas também no turbilhão da mentira e, pior, no dos extremos políticos do qual poucos escapam e o qual destrói *de per se* a verdade, alimentando o fluxo incessante de violência. Aqui já não há mais bandidos e mocinhos, todos nos extremos podem alternar esses papéis porque a própria concepção de guerra foi anulada, como diria René Girard<sup>6</sup>, posto que estamos em uma guerra de todos contra todos, a qual somente cessará com a destruição total.

O mais grave dessa situação é que foi eliminado o processo mesmo de compreensão. Recordemos, nesse sentido, os óbices à hermenêutica, como pensados por Gadamer<sup>7</sup>: o erro, a mentira e a mendacidade. Os três impedem a compreensão. Para Gadamer, a mendacidade torna-se um obstáculo intransponível para qualquer compreensão. Ela é diferente do erro e da mentira, verificáveis e corrigíveis. Além disso, esta última, a mentira, é ato consciente do mentiroso; a hipocrisia, ao contrário, revela uma cisão na personalidade do homem, dela o hipócrita perde a consciência e não há como revertê-la.

O que dizer então quando essa hipocrisia se propaga socialmente e entramos em um universo de acusações e julgamentos destruidores das pessoas, para além de qualquer responsabilidade ética para com a verdade factual e para com o outro? O que vale é o escândalo, a qualquer preço, propagando-se em escala descontrolada e infinita, como uma epidemia, e levando tudo e todos consigo. A chamada grande imprensa deslançou esse processo antes da revolução tecnológica a que assistimos. Hoje, essa mesma imprensa que se alimentou do escândalo, como vítima dele e para sobreviver, busca ser uma reserva de verdade diante das *fake news* das redes sociais.

Nesse cenário os linchamentos são onipresentes. Não precisamos nos deslocar para uma praça pública para assistir a eles ou deles participar, como na Idade Média. Fazemo-lo instantaneamente, a depender de nossa vontade, com um simples toque no smartphone. Como disse, anos atrás, Andrei Tarkovski, em seu *Discurso sobre o Apocalipse*<sup>8</sup>, a humanidade é imatura espiritualmente para a tecnologia que criou. A fonte dessa imaturidade, cremos, como Tarkovski e como Dostoiévski que o inspirou, mas também como Marcel e Girard, reside na profunda descristianização dos corações e das mentes contemporâneos, o que retira deles as forças ou os critérios morais para buscar a verdade factual.

Sob esse prisma, se a noção de Verdade transcendente ou divina já fora destruída, nada mais natural que a verdade factual também o seja e, com ela, a destruição de tudo e de todos, primeiro emocionalmente, depois fisicamente. E, em meio a isso, a destruição mesma da política. Como não se lembrar de Hannah Arendt, que enfatizava que a política só existe se fundada sobre a verdade factual? Desaparecida a política, só resta a violência. Ora, estamos no epicentro do que Gabriel Marcel chamou, em 1951, de “técnicas de aviltamento”. O termo, longe de ser datado, indica claramente uma tendência social que tomaria corpo e que se revelaria em toda sua plenitude no século XXI, com o auxílio de um aparato tecnológico com poder sobre o tempo e sobre o espaço suficiente, a nosso ver, para **capturar mentes e mobilizar massas**. Vale a pena retomar as palavras de Marcel:

É óbvio que quando se fala de técnicas de aviltamento, não se pode deixar de mencionar primeiro o emprego maciço, sistemático, que delas fizeram os nazistas, em particular nos campos de concentração. Talvez devamos começar por uma proposta de definição: no sentido restrito, entendo por técnicas de aviltamento o conjunto de procedimentos colocados em prática deliberadamente para atacar e destruir em indivíduos pertencentes a uma determinada categoria o respeito que eles podem ter por si mesmos, e isso a fim de transformá-los pouco a pouco em um dejetivo que se vê a si mesmo como tal e que, no final das contas, não lhe resta senão desesperar de si mesmo, não apenas intelectualmente, mas vitalmente<sup>9</sup>.

6 Ver GIRARD, René. **Rematar Clausewitz**: além da guerra. São Paulo: É Realizações, 2011.

7 Ver GADAMER, Hans-Georg. **Verdade e Método II**. Petrópolis: Vozes, 2002.

8 TARKOVSKY, Andrei. **Discours sur l'Apocalypse**. 1984. Disponível em: <http://centrebombe.org/Tarkovsky-Discours.sur.lApocalypse.pdf>.

9 MARCEL, Gabriel. **Les hommes contre l'humain**. Paris: La Colombe, Editions du Vieux, 1951, p. 36.

O alerta profético de Marcel mantém sua vitalidade em pleno século XXI, com as democracias ameaçadas por visões do mundo assentadas sobre a mentira, sobre a violência, sobre o aviltamento de categorias sociais inteiras e sobre a manipulação de massas. Hoje temos a assustadora realização, à prova de fuga e com requintes nunca antes alcançados, dos experimentos ensaiados no laboratório político que foi o nazismo: a união entre tecnologia e manipulação ideológica. Como se acercar desse fenômeno, que alcança níveis sociais espantosos? Um dos caminhos possíveis é por meio de uma reflexão com um forte diálogo transdisciplinar, uma abordagem que, se não consegue compreender o mal, pelo menos, pode tentar evitá-lo, para falarmos como Paul Ricoeur.

Como se diz no texto da apresentação deste e-book: “percebe-se uma cristalização da cultura do medo ou da violência pela mídia, que passa a ser apresentada como uma mensagem a seduzir o público. Esta que apela, sobretudo, para as sensações e um jornalismo que faz disso a chave para a sua narrativa”. Sim! O que domina o escândalo é o medo que alimenta as massas. Os efeitos disso são devastadores e podem chegar à destruição da esfera pública e da concepção clássica de política como esfera de busca pelo bem comum. O medo é, e sempre foi, o eixo axial do comando das massas: terror e violência (com os sentimentos a eles paralelos: ódio e indiferença) se aliam no sentido de manter a sujeição de vastos coletivos esmagadores da pessoa.

Dentre os problemas identificados na relação entre mídia e violência, até o presente, o grupo de pesquisa identifica “os conteúdos vazios das narrativas midiáticas apresentados nos diversos meios de comunicação, a exposição excessiva de conteúdo imagético negativo, apelo ao sangue, o não uso da ética na elaboração de conteúdo e a construção da relação tensa entre sujeito e instituição, assim como a estigmatização de algumas localidades periféricas, denominadas de ‘territórios de medo’”(COSTA, 2020).

Ora, os tais “conteúdos vazios” são exemplos da ausência de densidade factual, pois o produto da aliança entre o escândalo e a mentira é o vazio. Algo que, em termos imagéticos, significaria “máscara” (lichina), que, como diz Pavel Florenski, em seu sentido original, é “algo que assume um aspecto semelhante a um rosto, parecido com um rosto, que se faz passar por um rosto e por tal é aceito, mas em seu interior está vazio, tanto no sentido da materialidade física quanto no da substancialidade metafísica”<sup>10</sup>. O rosto é a manifestação de uma certa realidade, um mediador entre o que conhece e o conhecido que se manifesta como fenômeno diante de nossos sentidos, de nossa visão. Sob o rosto, podemos encontrar a imagem de Deus. A máscara é justamente o oposto: sob ela, não temos nada, apenas o vazio. Porém, a máscara nos engana, pois nos faz pensar que há algo sob ela, indica falsamente o que não existe. Em seu significado moderno, a máscara é uma “impostura”, como diz Florenski, porém, é uma impostura lúgubre, porquanto, no seu fundo, há “algo terrífico”. E qual o significado de terrífico para Florenski? Aqui ele recorre à palavra larva, que, na mitologia romana, era um cadáver astral, “vazio”, inanis, um clichê sem substância deixado pelos mortos, ou seja, uma força escura, impessoal, vampiresca, que busca sangue fresco e um rosto vivo para manter-se e ganhar vida, rosto ao qual essa máscara astral poderia aderir, absorvendo e suplantando esse rosto pelo seu próprio ser. Destaque-se que o vazio que caracteriza o pseudoreal, como lembra Florenski, sempre esteve presente na sabedoria popular como vinculado ao mal e à impureza. O maligno, o impuro, carece de espinha dorsal, carece de substancialidade, pois só o bem é real. A substância do homem é a imagem de Deus, mas aquele, quando deixa entrar o pecado, eclipsa a luz divina e seu rosto passa a ser, então, uma mescla de luz e trevas. Quando o pecado se apodera da personalidade humana, esta deixa de ser a janela através da qual brilha a luz de Deus e passa a ser marcada pela escuridão. O vazio é a face do mal<sup>11</sup>.

O grande problema, porém, é que, em uma sociedade que prega a existência de uma pós-verdade, chegamos ao ponto da afirmação de Deleuze: “à força de investigar o simulacro e de se debruçar sobre seu abismo, Platão, no clarão de um instante, descobre que ele não é simplesmente uma falsa cópia, mas que põe em questão as próprias noções de cópia e de modelo”<sup>12</sup>. Esta é a situação com a qual nos defrontamos hoje: o solo das relações sociais e políticas contemporâneas se esvanece à medida que as noções de cópia e de modelo desaparecem totalmente, abrindo as portas para a construção do imaginário da pós-verdade.

10 Cf. Florenski, Pável. *El Iconostasio, Una Teoría de la Estética*. Salamanca: Sígueme, 2016, p. 55.

11 Ver discussão em MENDONÇA, Kátia. *A imagem: uma janela para o invisível*. Belém: Marques, 2018.

12 DELEUZE, Gilles. *Lógica do sentido*. São Paulo: Perspectiva, 2000, p. 261.

Nesse terreno, o aliciamento das massas só pode ser feito pelo estímulo crescente às suas emoções ocultas: medo, ódio, desejos sexuais. Não à toa, em um dos jornais locais analisados pelo grupo de pesquisa, as capas quase sempre são diagramadas de modo que, ao lado de uma mulher seminua, esteja estampado um cadáver, em uma associação lúgubre entre sexo e morte.

Poucas reflexões temos por parte dos próprios membros da imprensa e de seus intelectuais acerca dos desdobramentos éticos de tal situação. Entretanto, esperançosamente, o grupo de pesquisa liderado pela professora Alda começa a singrar, de modo promissor, pelo campo da autocrítica e da reflexão, sem as quais dificilmente poderão se construir relações sociais que garantam a sobrevivência da humanidade.

*Profa. Dra. Kátia M. L. Mendonça*



*A língua conduz o meu sentimento, dirige a minha mente, de forma tão mais natural quanto mais inconscientemente eu me entregar a ela. O que acontece se a língua culta tiver sido constituída ou for portadora de elementos venenosos? Palavras podem ser como minúsculas doses de arsênico: são engolidas de maneira despercebida e aparentam ser inofensivas; passado um tempo, o efeito do veneno se faz notar. Victor Klemperer, LTI<sup>13</sup>.*

---

13 KLEMPERER, Victor, 1881-1960. **LTI**: a linguagem do Terceiro Reich I. Tradução, apresentação e notas: Miriam Bettina Paulina Oelsner. Rio de Janeiro: Contraponto, 2009.

## O MEDO É A MENSAGEM

Este título metaforiza o aforismo do pesquisador Marshall McLuhan, “o meio é a mensagem”, não numa perspectiva simplista ou clichê, como foi utilizado durante muitos anos por alguns, mas como um importante excerto de uma interpretação profunda para se pensar os meios de comunicação e suas mediações, as sociabilidades e as narrativas da mudança das relações sensoriais, os modos de percepção e as formas de vida. Para o canadense, o verdadeiro efeito dos meios é introduzir nos indivíduos certos modos de sentir, pensar e agir, uma vez que eles impactam a modificação e o aceleração das percepções e sensações.

McLuhan já nos indicava, nas décadas de 1960 e 1970, que o que importa não é em si os veículos, mas o que se faz de suas mensagens ou de seus significados. Para ele, “o conteúdo de qualquer meio ou veículo é sempre um outro meio ou veículo” (MCLUHAN, 2007, p. 22)<sup>14</sup>. Assim, o meio é que configura e controla a proporção e a forma das ações e associações humanas. O conteúdo que a mensagem carrega são as mudanças comportamentais e sociais que provocam nos indivíduos. Dentre os diferentes sentidos que o meio possibilita, está o que ele propõe à mente em termos de transformações de comportamento e de percepções. O meio não seria apenas um canal de transmissão do conteúdo, mas produziria elementos determinantes da comunicação e, por consequência, dos fenômenos sociais e da afetação.

Filipa Subtil (2006, p. 75)<sup>15</sup>, estudiosa que interpreta o pensamento mcluhaniano de forma cirúrgica, aponta, a partir das reflexões do autor canadense, que “o hábito de utilizar regularmente um determinado meio é uma influência decisiva sobre a forma como nos apercebemos da realidade e a sentimos”. Cada meio é um objeto técnico com implicações profundas, ao longo do tempo, com suas estruturas e sua organização. Assim, “os efeitos da tecnologia não ocorrem ao nível das ideias ou fantasias, opiniões ou conceitos, mas sobretudo na alteração irremediável das relações sensoriais e nos modelos de percepção”. Desse modo,

As funções reais dos media são obnubiladas pelo conteúdo, que deseja ser disseminado como verdadeira mensagem, quando, na realidade, a verdadeira mensagem está na mudança estrutural (de escala, de modelos e de habitus) que àqueles impõem as relações humanas [...]. Ontologicamente, o suporte tecnológico não é o meio que conduz à mudança, mas é, em si, a mensagem de mudança (SUBTIL, 2006, p. 81).

14 MCLUHAN, Marshall. **Os meios de comunicação como extensões do homem**. Tradução: Décio Pignatari. São Paulo: Cultrix, 2007.

15 SUBTIL, Filipa. **Compreender os media**: as extensões de Marshall McLuhan. Coimbra: Minerva Coimbra, 2006.

O aforismo de McLuhan é tomado na interpretação e análise das narrativas midiáticas da mídia paraense, especificamente do jornalismo policial, e nas suas construções sobre o problema social violência. Entendemos, em uma perspectiva mais ampla, que a cobertura jornalística, de uma forma geral, e a linha editorial sobre polícia, em particular, tanto dos jornais impressos, televisivos ou dos ambientes digitais, prefiguram uma narrativa em que o medo é uma forte categoria de assunção a esse tipo de jornalismo, com expressões, imagens e textos que enunciam o pânico, o perigo e a insegurança vivida pelos indivíduos. Como nos diz Lapoujade (2015, p. 80)<sup>16</sup>, “[...] os discursos podem servir para legitimar certas formas de violência e que constituem assim, eles próprios, uma forma de violência”. Logo, o meio é responsável por fazer a mensagem visível, orientando a visibilidade para uma determinada direção.

Não se está negando o estado de violência vivido pela sociedade, que, em média, tem apontado, segundo dados do Atlas da Violência (2019)<sup>17</sup>, mais de 60 mil assassinatos por ano no Brasil, números que superam em muito as mortes nas guerras. Nosso objetivo é a compreensão das narrativas numa lógica jornalística que ainda privilegia uma superfície do problema, em que o território inimigo está concentrado nos espaços periféricos das cidades metropolitanas, inclusive com designações de territórios da violência ou do medo. Do mesmo modo, o Outro é o inimigo a ser combatido, ou, nos termos de Wacquant (1999, 2004, 2008)<sup>18</sup>, os condenados da cidade, as prisões de miséria ou guetoização, como um novo regime de marginalidade urbana, mesmo quando as realidades se mostram diferenciadas.

Assim, medo e violência são marcas que estruturam a linguagem de um tipo de jornalismo que opta falar do cotidiano a partir de um senso comum enviesado, isto é, em que os fatos são tomados apenas em uma perspectiva, por meio de palavras e imagens impostas pela repetição. Ou, no alinhamento ao pensamento de Klemperer (2009, p. 11), ao falar da linguagem do III Reich na compreensão do que foi o nazismo: “Palavras podem ser como minúsculas doses de arsênico: são engolidas de maneira despercebida e aparentam ser inofensivas; passado um tempo, o efeito do veneno se faz notar”.

Logo, nossa interpretação perpassa a compreensão de que esse tipo de narrativa, designado por nós, no projeto, como narrativas de violência, alimenta pré-construções parciais sobre os indivíduos, os lugares e as instituições, questões que são exploradas pela pesquisadora Alda Costa em “Medo e violência no espaço midiático: reflexões sobre as narrativas jornalísticas paraenses”.

## O PROJETO

A primeira versão do projeto de pesquisa “Mídia e Violência”, denominado na sua especificidade de “Mídia e Violência: narrativas midiáticas na Amazônia Paraense”, foi realizada a partir de uma parceria entre a Universidade Federal do Pará e o Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq), por meio do Edital Universal, no período de agosto de 2012 a novembro de 2015. Sua construção nasceu a partir da inquietação com as narrativas do jornalismo policial e dos programas populares nas emissoras paraenses de televisão, que quase sempre apelam ao uso excessivo de imagens ou expressões negativas, assim como a uma superficialização e dessensibilização dos sujeitos envolvidos nos atos de violência.

A violência ganha uma explicação simplista e um desfecho quase justificado para as mais distintas situações e tensões sociais, que vão do roubo aos confrontos de facções e à morte dos indivíduos. O problema ganha, nos espaços impressos, televisivos ou nas mídias sociais, tratamento de espetáculo midiático, com manifestações agressivas de prazer e vingança. Se, por um lado, há uma pluralidade de sentidos de violência, quando se objetiva determinar a origem ou debater o problema; por outro, ou, ao mesmo tempo, há uma homogeneização no uso do termo na atualidade, com a mídia recorrendo a expressões que se valem de estigmas, estereótipos e associações diretas à pobreza,

<sup>16</sup> LAPOUJADE, David. Fundar a violência: uma mitologia? In: NOVAES, Adauto (org.). **Mutações**: fontes passionais da violência. São Paulo: Sesc São Paulo, 2015.

<sup>17</sup> Segundo dados do Sistema de Informações sobre Mortalidade, do Ministério da Saúde (SIM/MS), em 2017 houve 65.602 homicídios no Brasil, número que equivale a uma taxa de aproximadamente 31,6 mortes para cada cem mil habitantes. Trata-se do maior nível histórico de letalidade violenta intencional no país. Informação disponível em: [https://www.ipea.gov.br/portal/images/stories/PDFs/relatorio\\_institucional/190605\\_atlas\\_da\\_violencia\\_2019.pdf](https://www.ipea.gov.br/portal/images/stories/PDFs/relatorio_institucional/190605_atlas_da_violencia_2019.pdf)

<sup>18</sup> WACQUANT, Loïc. **Os condenados da cidade**: estudo da marginalidade avançada. Rio de Janeiro: Revan; FASE, 2001; \_\_\_\_\_. **As prisões da miséria**. Paris: Raisons d'Agir. 1999; \_\_\_\_\_. **As duas faces do gueto**. São Paulo: Boitempo, 2008.

assim como à inserção de solução a partir de um estado policialesco, negando quase sempre uma relação ética no tratamento do problema.

Ao pesquisar a relação entre mídia e violência, levamos em conta alguns aspectos essenciais. Um deles diz respeito ao fato de que o termo violência amalgama um imenso conjunto de noções, todas mais ou menos confusas ou desordenadas, que vão da violência física à simbólica; da violência real à percebida; da individual à coletiva; da violência de Estado, eventualmente legítima, à violência de rua, de legitimidade contestável, e outras inúmeras violências, como as cometidas pelos próprios veículos, ao infringir toda e qualquer regra de direitos humanos. O termo violência não funde apenas fenômenos distintos, ou que seria preciso distinguir analiticamente, mas, na sua concepção, autoriza ainda a mobilização, também mais ou menos confusa, de todas as teorias gerais disponíveis nas Ciências Sociais e Humanas e na filosofia política (COSTA, 2012)<sup>19</sup>; portanto, a intenção foi perceber de que forma é enunciado esse fenômeno social distinto, na contemporaneidade.

Outro aspecto é que a mídia é entendida como uma importante instituição, no sentido de construir o sentido do real e a interpretação do mundo, assim como no fato de contribuir para a compreensão e formação do pensamento contemporâneo, isto é, o sentimento de uma sociedade. Com ela, os indivíduos têm acesso aos acontecimentos, mesmo que distantes de suas realidades cotidianas. Os fatos percorrem espaços próximos e distantes, conectando as pessoas a partir do conhecimento produzido e divulgado, ou seja, conforme nos diz Silverstone (1999)<sup>20</sup>, a mídia faz parte da textura geral das experiências dos sujeitos e das dimensões sociais, culturais, políticas, econômicas, entre outras.

Pela mídia, observamos uma mudança na organização do espaço-tempo social, em que valores, comportamentos, atitudes, modos de ser e de viver são definidos e redefinidos. As imagens veiculadas ou as narrativas textuais se “apoderam de realidades e, ao reproduzi-las para milhões, comunicam, imprimem significados, portam materialidades, selando, inclusive, muito além das fronteiras do saber, uma nova ontologia social e uma nova ética a partir da visibilidade: só existe o que se vê” (SALES, 2007, 147-148)<sup>21</sup>. Do mesmo modo, a cobertura jornalística revela as contradições sociais, “dos jogos de poder, da diversidade de visões de mundo (culturais, científicas, comportamentais, éticas, morais, religiosas e tantas outras) e dos múltiplos interesses em disputa” (CARVALHO, 2009, p. 1)<sup>22</sup>.

Com a mídia, buscamos compreender quais sentidos são operados no entendimento da violência urbana, pensando no jornalismo como aquele fazer que “ocupa-se do que se vê e do que se pode dizer sobre o que é visto, de quem tem competência para ver e qualidade para dizer, das propriedades do espaço e dos possíveis do tempo” (RANCIÈRE, 2005, p. 17)<sup>23</sup>. Ou seja, buscamos refletir sobre o jornalismo contemporâneo e o seu “modo de articulação entre maneiras de fazer, formas de visibilidade dessas maneiras de fazer e modos de pensabilidade de suas relações, implicando uma determinada ideia da efetividade do pensamento” (RANCIÈRE, 2005, p. 13).

Diariamente, textos e imagens midiáticas urdem o tecido da vida social, impactando opiniões e comportamentos sociais, sendo substrato para que as pessoas forjem suas construções, representações e identificações.

Portanto, argumentamos que, na relação complexa entre mídia e violência, ainda são identificados os seguintes problemas: conteúdos vazios das narrativas midiáticas difundidas nos diversos meios de comunicação; exposição demasiada de um discurso imagético negativo, com apelo ao sangue; homogeneização do problema social; esgarçamento da ética na elaboração das narrativas, cristalização de uma cultura do medo ou da violência, envolvendo aspectos que transformam as nossas sociabilidades; tensionamentos entre sujeitos, instituições e, principalmente, invisibilização do Outro. Daí compreendermos que, para mudar esse status quo desse tipo de construção ou de transformação da sensibilidade ética dos indivíduos, é necessária uma mudança nas formas como representamos ou construímos o outro nas narrativas midiáticas.

19 COSTA, Alda Cristina. Projeto de pesquisa “**Mídia e Violência: narrativas midiáticas na Amazônia Paraense**”. Portaria UFPA/030/2012-ILC e Edital Universal – AL – MCTI/CNPQ N° 14/12.

20 SILVERSTONE, Roger. **Por que estudar a mídia?** São Paulo: Loyola, 2002.

21 SALES, Mione Apolinario. **(In)Visibilidade perversa: adolescentes infratores como metáfora da violência**. São Paulo: Cortez, 2007.

22 CARVALHO, Carlos Alberto. O enquadramento como conceito desafiador à compreensão do jornalismo. In: CONGRESSO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO NA REGIÃO SUDESTE, 14., 2009, Rio de Janeiro. **Anais [...]**. São Paulo: Intercom, 2009.

23 RANCIÈRE, Jacques. **A partilha do sensível**. São Paulo: EXO Experimental; 34, 2005.

## O JORNALISMO POLICIAL

Na Amazônia paraense, o tratamento dispensado na discussão do problema social violência segue os mesmos parâmetros de jornais, revistas, programas televisivos ou digitais de outras regiões brasileiras. Geralmente ganham destaque matérias que apelam para a tragédia, no caso da Amazônia, para conflitos de terra, chacinas, massacres, trabalhos escravos, confronto de trabalhadores com os grandes projetos, ações indígenas com o seu entorno e demais questões que exploram a desgraça e miséria humanas.

Na esteira dessa perspectiva, destacamos duas faces de uma mesma moeda, não entre aspectos positivos e negativos, mas os sentidos produzidos por esse tipo de jornalismo e suas enunciações sobre a violência e sobre os indivíduos envolvidos nos atos. Tomamos o Jornalismo Policial como um importante campo de especialização para investigação de suas narrativas, considerando que, ao longo dos anos, adquiriu alguns aspectos sobre o caráter de suas narrativas, que, ao mesmo tempo, retomando McLuhan, são pensados como a capacidade que um meio tem de propor uma gramática, ou linguagem aos seus usuários, que se revela no modo como as informações são organizadas e disponibilizadas em função de elementos predominantemente de ordem sensorial.

Numa das faces, constatamos um jornalismo que privilegia a exaltação das imagens sangrentas, em vez do aprofundamento do fato; os corpos sem vida, em vez da compreensão do sentido da morte; as manchetes, em vez do conteúdo reflexivo e questionador; o boletim de ocorrência, tendo a polícia como fonte principal; o estigma de classe, de lugar e de violência; a linguagem banal, que espetaculariza e superficializa os acontecimentos; a dessensibilização dos indivíduos; a construção perversa do sentido de popular – com mistura e apropriação ao mesmo tempo –, como narrativas de resistência e, por outro lado, de manipulação; por fim, a formulação da necessidade de um estado policial, com o uso da violência como mero instrumento de coerção e dispersão.

Na outra face, observamos, mesmo com todas as críticas às suas narrativas, que esse tipo de jornalismo também é responsável por enunciar um problema que é invisibilizado pelo poder público e por parte da sociedade, até mesmo pela mídia: por exemplo, o tráfico de entorpecentes. Esse tema, que é considerado o principal problema relacionado ao alto índice de homicídios nos bairros periféricos, não recebe uma discussão mais apurada, e quase sempre os sujeitos envolvidos são culpabilizados pela própria morte. Por isso, como reflete Thompson (1998, 17)<sup>24</sup>, a ideologia é “sentido a serviço do poder”, isto é, “estudar a ideologia é estudar as maneiras como o sentido serve para estabelecer e sustentar relações de dominação”. Do mesmo modo, o jornalismo policial coloca em cena indivíduos vítimas desse mesmo sistema, apresentando os dados estatísticos diários de uma sociedade violenta, em que os indivíduos com condições sociais, econômicas e culturais diferenciadas são estigmatizados e tachados como violentos.

Na mudança dessa relação, segundo van Dijk (2014)<sup>25</sup>, é necessário que as minorias, não em quantidade, mas em condições, tenham acesso aos meios de comunicação como condição essencial para sua participação na definição pública de sua situação. Logo, esse mesmo jornalismo trafega entre invisibilidade e visibilidade, pois “Não existe fato histórico bruto. Ele é sempre produto de algum tipo de elaboração teórica que o promove à categoria de histórico. Pressupõe um sistema de referência e uma teoria, no quadro dos quais operam-se a seleção e a valorização dos acontecimentos e processos” (RIBEIRO, 2000, p. 26)<sup>26</sup>.

24 THOMPSON, J. B. **Ideologia e cultura moderna**: teoria social crítica na era dos meios de comunicação de massa. Petrópolis: Vozes, 1998.

25 VAN DIJK, Teun A. (Org.) **Racismo e discurso na América Latina**. São Paulo: Contexto, 2014. p. 11-24.

26 RIBEIRO, A. P. G. A mídia e o lugar da história. **Lugar comum**: estudos de mídia, cultura e democracia, Rio de Janeiro, Núcleo de Estudos de Projetos em Comunicação da Escola de Comunicações, UFRJ, n. 11, p. 25-44, maio/agosto, 2000.

## AS REFLEXÕES

O presente livro está subdividido em duas partes: a primeira é denominada “A pesquisa: escopo teórico-analítico”; a segunda, “Os desdobramentos analíticos e temáticos”.

A primeira parte apresenta o desenvolvimento do projeto de pesquisa “Mídia e Violência: narrativas midiáticas na Amazônia Paraense”, a partir dos capítulos “Medo e violência no espaço midiático: reflexões sobre as narrativas midiáticas paraenses”, “Entre o fatal e o normal: a morte e o morrer nos cadernos de polícia da imprensa paraense” e “Narrativa do corpo - O corpo como narrativa: construção do medo nos impressos paraenses”.

Em “Medo e violência no espaço midiático: reflexões sobre as narrativas midiáticas paraenses”, constatamos que, nas narrativas midiáticas, tanto dos jornais impressos quanto dos programas populares da TV paraense, há uma predominância de notícias que reiteram o medo, a partir das inúmeras matérias veiculadas, apontando a violência como crime e criminalidade, sobretudo homicídios, tráfico de drogas e assaltos. Por outro lado, há uma estigmatização desse mesmo crime e da violência, com ênfase nos bairros periféricos da Região Metropolitana de Belém, que ganham a alcunha de “territórios da violência” ou “territórios do medo” com o uso de uma linguagem que reforça o rótulo do medo aos bairros da periferia. Por exemplo, na série sobre os territórios da violência, produzida pelo jornal Diário do Pará, em 2012, as narrativas partem do princípio de que os números não são suficientes para dizer que a violência diminuiu, mas que a sensação de medo e insegurança vivida pela população se sobrepõe à redução desses mesmos números divulgados pelo governo do Pará.

No capítulo “Entre o fatal e o normal: a morte e o morrer nos cadernos de polícia da imprensa paraense”, Sergio Ferreira constata que a profusão de imagens e narrativas midiáticas sobre a morte é recorrente na contemporaneidade, em que os meios de comunicação desempenham um papel de narrar sobre a experiência social e cultural, em contextos muito além da imediata manifestação dos acontecimentos. A partir de uma perspectiva do Ocidente, a morte é vista como ruptura, perda, violência, algo que lesa, que suscita luto e pesar. A morte na mídia, no entanto, ocupa uma posição ambígua, que a desloca para o espaço onde ela seria interdita, apresentando-a como elemento para falar de algo que não as próprias mortes.

Já Nathan Kabuenge, em “Narrativa do corpo - O corpo como narrativa: construção do medo nos impressos paraenses”, analisa a narrativa como uma prática comunicativa de construção de sentido e ordenamento do conhecimento para um determinado povo, lançando uma perspectiva sobre o corpo como uma construção narrativa que atravessa o cultural, o econômico e o social ao longo da história humana. O corpo do acusado, segundo o autor, é denominado de corpo acontecimento, pois os periódicos paraenses reforçam as marcas da violência como critérios de noticiabilidade. Há corpos com sangue, corpos sem vida no chão, corpos “crivados” de balas, corpos algemados, em uma construção narrativa que, por meio da economia do medo, visa à garantia de interesses mercadológicos e ideológicos desses veículos impressos no Estado do Pará e nega um debate público sobre a temática violência na sociedade paraense.

A segunda parte, denominada “Os desdobramentos analíticos e temáticos”, é composta por seis capítulos, todos apresentados como resultados do referido projeto de pesquisa.

O capítulo “A construção dos ‘laços interacionais’: o apresentador como estratégia comunicativa nas narrativas dos programas televisivos paraenses”, é desenvolvido por Alana de Menezes, Ana Paula de Mesquita Azevedo e Alda Cristina Costa. Nele, analisa-se o apresentador dos programas de caráter popular (Balanço-Geral Casos de Polícia – TV Record Belém e Rota Cidadã 190 – Rede Brasil Amazônia (RBA), afiliada à rede Bandeirantes), como estratégia comunicativa das narrativas jornalísticas desses programas televisivos. Para fundamentar a pesquisa, recorre-se ao conceito de modo de endereçamento, elaborado por Itânia Gomes (2004), para entender como se procede à relação entre emissora, programa (apresentador) e público. As narrativas são utilizadas a fim de construir um dispositivo argumentativo e de articulação como estratégia comunicativa entre programa (apresentador) e público.

Sob o título “Se tem sangue, vira manchete’: narrativas fotográficas de violência nos cadernos policiais da imprensa paraense”, Erica Marques e Alana Menezes investigam a construção das narrativas fotográficas sobre a violência nos

jornais impressos O Liberal, Amazônia e Diário do Pará. Segundo elas, as imagens fotográficas interferem na construção social da realidade, uma vez que passam a exercer um poder institucional simbólico, interferindo, assim, nas ações do outro (indivíduo). Em diálogo com Thompson (1998), refletem sobre as imagens na condição de meio de comunicação ou ação midiática.

No capítulo “A narrativa policial e o acontecimento de violência em destaque”, produzido por Kristopher Jon-Peter Samuel, aborda-se o estudo da construção do acontecimento sobre a violência nas narrativas presentes nos cadernos policiais impressos dos jornais O Liberal e Diário do Pará. O autor entende “acontecimento”, no seu estado epistemológico, como construção, fruto dessa narrativa jornalística. As palavras que descrevem os acontecimentos a fim de massificá-los se tornam a palavra dos veículos de comunicação e essa relação entre o que é dito e o que aconteceu é relevante na caracterização dos acontecimentos, pois os fatos são selecionados a partir de um recorte que privilegia determinados “acontecimentos” e interesses na cidade. Como arcabouço teórico e metodológico, a investigação recorre a Motta (2010) e Barthes (2011) nas análises das narrativas.

No capítulo “A construção do discurso de ódio no programa ‘Metendo Bronca’”, as autoras Ana Caroliny Pinho e Monique Igreja Haddad buscam compreender de que forma o programa ‘Metendo Bronca’, produzido pela Rede Brasil Amazônia de Televisão (RBA TV), em suas narrativas audiovisuais, constrói os discursos de ódio. Foram selecionadas para análise duas edições, exibidas nos dias 7 de março e 29 de abril de 2014. Discurso de ódio é entendido como qualquer comentário/opinião que apresente insultos, discriminações, intimidações, assédio, injúrias ou julgamentos contra uma pessoa, grupo, comunidade, lugar e outros (MEYER-PFLUG, 2009). A análise conclui que os conflitos políticos e partidários no Estado acabam por influenciar e arregimentar a forma como o jornal constrói os sentidos da violência, ‘borrando’ os interesses privados com os públicos.

No capítulo “O jornalismo fora de foco: reflexões das narrativas do jornal Diário do Pará”, Israel Martins Araújo, Vitória Mendes Alves e Alda Cristina Costa analisam como as informações produzidas pelo jornalismo podem influenciar a formação da opinião dos indivíduos, assim como podem gerar mecanismos de debates no cenário social e cultural. Segundo os autores, é preciso compreender o jornalismo dentro de uma lógica capitalista dos veículos de comunicação, que se configuram como empresas que têm interesses na ‘venda’ das notícias. No Estado do Pará, o grande anunciante publicitário dos veículos ainda é o governo, uma vez que o Estado, mesmo considerando todas as suas riquezas minerais e potenciais, ainda carece de um número maior de grandes empresas ou indústrias para manter em circulação esse mercado. Essa lógica de funcionamento leva os veículos a uma “partidarização”, no sentido de criar alianças políticas e econômicas, a fim de manter a lógica comercial que sustenta o mercado jornalístico.

No capítulo “A violência e as suas representações no Twitter: o caso da #ChacinaEmBelem”, de autoria de João de Jesus Santos Loureiro, Sergio Ferreira e Alda Cristina Costa, são analisadas a produção e a difusão de representações da violência pelos usuários do Twitter, partindo de mensagens publicadas com a #ChacinaEmBelem, evento ocorrido em novembro de 2014, quando, após um assassinato de policial, o terror toma conta da capital paraense e são assassinadas nove pessoas em represália à morte do PM. Considera-se que há uma multiplicidade de representações a respeito da violência urbana como fenômeno e ligações com outras representações midiáticas. A #ChacinaEmBelem é elemento constituinte das representações em torno das quais as interações ocorrem e abrem espaço para a concorrência e para os tensionamentos entre as mensagens simbólicas sobre o evento. Há uma mobilização emocional caracterizada pelo esvaziamento das informações mais relevantes sobre a chacina e a violência e pela apropriação informal dos fatos, com opiniões se sobrepondo às informações.

# PRIMEIRA PARTE

**A pesquisa:** escopo teórico-analítico



## 1. PARA REFLETIR: um panorama geral do projeto.

Aqui, traçamos um panorama geral do projeto de pesquisa *Mídia e Violência: narrativas midiáticas na Amazônia Paraense*, realizado no período de 2012 a 2015<sup>3</sup>, apontando os aspectos centrais que foram investigados e analisados durante sua execução. Partimos de um todo para, posteriormente, apresentar as partes das investigações.

A primeira inquietação que nos instigou ao longo de quatro anos foi: O que desvelam ou encobrem as narrativas midiáticas sobre a violência? Da inquietação inicial à análise, observamos várias questões explícitas e implícitas em torno desse desvelamento e encobrimento, considerando as múltiplas faces de materialização da violência na contemporaneidade; que vão desde as sutis construções de sedução até o ‘escancarar’ da morte, das dores e dos indivíduos, assim como sinalizando aproximação, distanciamento e proteção contra esse problema social.

Nessa construção nasce uma ‘gramática’ simplista e repetitiva das narrativas de violência tentando dar conta de um problema que ainda é de difícil apreensão e compreensão pelas ciências sociais e humanas. De forma generalizada, emergem as fáceis soluções, os rótulos, os estigmas, os bordões, os preconceitos e as simplificações de um problema que tem transformado as sociabilidades, os espaços público e privado, assim como o estar com o outro. O outro que me assusta, que temo e me esquivo de contato pelo perigo que pode me oferecer.

Se por um lado, criticamos a forma e conteúdo dessas narrativas pelo tratamento dispensado aos indivíduos envolvidos na violência e no crime; por outro, percebemos possibilidades de falar de um problema que ainda se faz invisível na sociedade, considerando os indivíduos atingidos por essa mesma violência. Se o escancarar é grotesco e simplista, o falar da violência permite a garantia de um espaço no jornalismo, mesmo que ainda tratado de forma superficial, espetacularizada ou banalizada, pois provoca o pensar sobre esse fenômeno. Como bem diz Gabriel Cohn, “o homem que ignora a notícia só passa a existir para a sociedade maior na qual vive, no mundo permeado pelos meios de comunicação, quando essa própria condição o converte em notícia” (COHN, 2014, p. 17).

Na esteira dessa perspectiva, destacamos duas faces de uma mesma moeda, não entre aspectos positivos e negativos, mas os sentidos produzidos por esse tipo de jornalismo e suas enunciações sobre a violência e sobre os indivíduos envolvidos nos atos. Tomamos o Jornalismo Policial como um importante campo de especialização para investigação de suas narrativas, considerando que, ao longo dos anos, adquiriu alguns aspectos sobre o caráter de suas narrativas, que, ao mesmo tempo, retomando McLuhan, são pensados como a capacidade que um meio tem de propor uma gramática, ou linguagem aos seus usuários, que se revela no modo como as informações são organizadas e disponibilizadas em função de elementos predominantemente de ordem sensorial.

Numa das faces, constatamos um jornalismo que privilegia a exaltação das imagens sangrentas, em vez do aprofundamento do fato; os corpos sem vida, em vez da compreensão do sentido da morte; as manchetes, em vez do conteúdo reflexivo e questionador; o boletim de ocorrência, tendo a polícia como fonte principal; o estigma de classe, de lugar e de violência; a linguagem banal, que espetaculariza e superficializa os acontecimentos; a dessensibilização dos indivíduos; a construção perversa do sentido de popular – com mistura e apropriação ao mesmo tempo –, como narrativas de resistência e, por outro lado, de manipulação; por fim, a formulação da necessidade de um estado policial, com o uso da violência como mero instrumento de coerção e dispersão.

<sup>1</sup> Uma versão preliminar foi publicada no livro *Encontros em Comunicação*, em autoria com Analaura Corradi, Ana Paula Mesquita, Nathan Kabuenge e Sergio Ferreira.

<sup>2</sup> Doutora em Ciências Sociais; Professora do Programa de Pós-Graduação Comunicação, Cultura e Amazônia, da Universidade Federal do Pará (UFPA). Pós-doutoranda em Comunicação, Linguagens e Cultura, da Universidade da Amazônia (PPGCLC/UNAMA). E-mail: aldacristinacosta@gmail.com

Na outra face, observamos, mesmo com todas as críticas às suas narrativas, que esse tipo de jornalismo também é responsável por enunciar um problema que é invisibilizado pelo poder público e por parte da sociedade, até mesmo pela mídia: por exemplo, o tráfico de entorpecentes. Esse tema, que é considerado o principal problema relacionado ao alto índice de homicídios nos bairros periféricos, não recebe uma discussão mais apurada, e quase sempre os sujeitos envolvidos são culpabilizados pela própria morte. Por isso, como reflete Thompson (1998, 17), a ideologia é “sentido a serviço do poder”, isto é, “estudar a ideologia é estudar as maneiras como o sentido serve para estabelecer e sustentar relações de dominação”. Do mesmo modo, o jornalismo policial coloca em cena indivíduos vítimas desse mesmo sistema, apresentando os dados estatísticos diários de uma sociedade violenta, em que os indivíduos com condições sociais, econômicas e culturais diferenciadas são estigmatizados e tachados como violentos.

Na mudança dessa relação, segundo van Dijk (2014), é necessário que as minorias, não em quantidade, mas em condições, tenham acesso aos meios de comunicação como condição essencial para sua participação na definição pública de sua situação. Logo, esse mesmo jornalismo trafega entre invisibilidade e visibilidade, pois “Não existe fato histórico bruto. Ele é sempre produto de algum tipo de elaboração teórica que o promove à categoria de histórico. Pressupõe um sistema de referência e uma teoria, no quadro dos quais operam-se a seleção e a valorização dos acontecimentos e processos” (RIBEIRO, 2000, p. 26).

Identificamos, de forma geral, cotidianamente se misturarem mensagens que levam ou conduzem a um ‘show de horror’ e rituais de sofrimento (Vianna, 2012), à dessensibilização (Costa, 2005; 2010; 2014), com páginas de sensação (El Far, 2004), que se inter cruzam com narrativas e cultura do medo (Glassner, 2007; Mateus, 2011), em que há a banalização do mal (Arendt, 1999), confrontadas com paisagens e territórios do medo, entre outras inúmeras designações que as narrativas sobre violência se instituem, e são veiculadas nos jornais impressos e televisivos da capital paraense. Tais mensagens recorrem ao estado de medo e de insegurança vivido pelas pessoas, em que imagens e textos não deixam dúvidas do perigo que ronda as pessoas em sociedade.

A sensação apreendida dessas narrativas nos leva a pensar num aprisionamento dos indivíduos e de suas subjetividades, considerando que a violência seria um problema sem solução na sociedade.

Percebemos, que o medo é a sensação experienciada, na contemporaneidade, nas sociabilidades entre os sujeitos e as narrativas jornalísticas construídas sobre a violência. Constata-se que os jornais impressos e os programas televisivos paraenses, de caráter policial e popular, cristalizam uma cultura do medo, que passa a ser apresentada como uma forte mensagem e um tensionamento das relações em sociedade. As narrativas, quase sempre, apelam, sobretudo, para as sensações e para a construção negativa de sujeitos, instituições e lugares. Nesse jogo, diferenças culturais ou sociais são afirmadas e discriminadas como processos de significações e de exclusão. Essas são constatações observadas nas narrativas dos jornais impressos Diário do Pará, O Liberal e Amazônia, nos anos de 2012 e 2013, e nos programas televisivos Cidade contra o Crime, Metendo Bronca, Brasil Urgente Pará e Rota Cidadã 190, da Rede Brasil Amazônia de TV (filial à Band); e Balanço Geral Manhã, Balanço Geral, Cidade Alerta Pará e Balanço Geral Casos de Polícia, da TV Record.

## 1.1 A VIOLÊNCIA

Ao pensarmos nos acontecimentos sobre a violência, partimos, primeiro, da compreensão de que na comunicação o que está sempre em jogo é “a construção do sentido da vida social” (VIZER, 2011, p. 13), isto é, as percepções elaboradas na vida cotidiana das pessoas, nos reconhecimentos sobre si e dos outros e na interação com a mídia. Ou seja, além do que comunicamos ou do que desejamos comunicar, é a comunicação que nos faz ser ante os demais e ante a nós mesmos.

Ao pesquisar a relação entre mídia e violência, levamos em conta alguns aspectos essenciais. Um deles diz respeito ao fato de que o termo violência amalgama um imenso conjunto de noções, todas mais ou menos confusas ou desordenadas, que vão da violência física à simbólica; da violência real à percebida; da individual à coletiva; da violência de Estado, eventualmente legítima, à violência de rua, de legitimidade contestável, e outras inúmeras violências, como as cometidas pelos próprios veículos, ao infringir toda e qualquer regra de direitos humanos. O termo violência não funde apenas fenômenos distintos, ou que seria preciso distinguir analiticamente, mas, na sua concepção, autoriza ainda a

mobilização, também mais ou menos confusa, de todas as teorias gerais disponíveis nas Ciências Sociais e Humanas e na filosofia política (COSTA, 2012); portanto, a intenção foi perceber de que forma é enunciado esse fenômeno social distinto, na contemporaneidade.

Outro aspecto é que a mídia é entendida como uma importante instituição, no sentido de construir o sentido do real e a interpretação do mundo, assim como no fato de contribuir para a compreensão e formação do pensamento contemporâneo, isto é, o sentimento de uma sociedade. Com ela, os indivíduos têm acesso aos acontecimentos, mesmo que distantes de suas realidades cotidianas. Os fatos percorrem espaços próximos e distantes, conectando as pessoas a partir do conhecimento produzido e divulgado, ou seja, conforme nos diz Silverstone (1999), a mídia faz parte da textura geral das experiências dos sujeitos e das dimensões sociais, culturais, políticas, econômicas, entre outras.

Pela mídia, observamos uma mudança na organização do espaço-tempo social, em que valores, comportamentos, atitudes, modos de ser e de viver são definidos e redefinidos. As imagens veiculadas ou as narrativas textuais se “apoderam de realidades e, ao reproduzi-las para milhões, comunicam, imprimem significados, portam materialidades, selando, inclusive, muito além das fronteiras do saber, uma nova ontologia social e uma nova ética a partir da visibilidade: só existe o que se vê” (SALES, 2007, 147-148). Do mesmo modo, a cobertura jornalística revela as contradições sociais, “dos jogos de poder, da diversidade de visões de mundo (culturais, científicas, comportamentais, éticas, morais, religiosas e tantas outras) e dos múltiplos interesses em disputa” (CARVALHO, 2009, p. 1).

Nesta perspectiva, é relevante compreender os sentidos da realidade social, por isso, recorre-se a Schutz (1974), e suas reflexões sobre o conjunto de objetos culturais e institucionais que caracterizam o mundo no qual circulamos:

Toda interpretação desse mundo se baseia num estoque de experiências anteriores dele, as nossas próprias experiências e aquelas que nos são transmitidas por nossos pais e professores, (acrescentamos aqui a mídia, que tem forte influência no nosso estoque de conhecimento sobre o mundo) as quais, na forma de conhecimento à mão funciona como um código de referência (SCHUTZ, 1979, p. 72).

Assim, o mundo de sentido não representa uma realidade objetiva, mas sim uma realidade interpretada e válida intersubjetivamente:

A comunicação implica a constituição de universos de significado comuns onde é possível compreender e sermos compreendidos graças a um processo de geração recíproca de expectativas no decurso da qual construímos uma idéia partilhada de realidade (CORREIA, 2005, p. 16).

Nesse contexto, concebemos o jornalismo como um tipo de comunicação e de conhecimento, que tanto produz um pensamento sobre o mundo social, quanto reproduz os conhecimentos existentes no mundo. Para Park (1976), o jornalismo pode ser compreendido em duas perspectivas: como o conhecimento de e o conhecimento acerca de. O primeiro corresponderia ao conhecimento das experiências cotidianas, que se incorpora na nossa vida e é compartilhado com todos, o chamado senso comum. O segundo seria um conhecimento mais racional, analítico e sistematizado, um saber especializado, que se aproxima da ciência, mas não é ciência.

Do mesmo modo, nos diz Franciscatto que:

O jornalismo produz um relato sobre eventos, temas e situações que estejam em ato, em movimento, em processo de execução, discussão, problematização ou formulação pública, admitindo, no máximo, um breve intervalo de tempo entre um evento que recém se encerrou e o relato jornalístico dele - ou seja, estejam ocorrendo no tempo presente (2003, p. 10).

Assim, objetivamos compreender quais sentidos são operados no entendimento da violência urbana, pensando no jornalismo como aquele fazer que “ocupa-se do que se vê e do que se pode dizer sobre o que é visto, de quem tem competência para ver e qualidade para dizer, das propriedades do espaço e dos possíveis do tempo” (RANCIÈRE, 2005, p.17). Ou seja, refletir o jornalismo contemporâneo e o seu “modo de articulação entre maneiras de

fazer, formas de visibilidade dessas maneiras de fazer e modos de pensabilidade de suas relações, implicando uma determinada ideia da efetividade do pensamento” (RANCIÈRE, 2005, p.13).

Com base nessa construção e representação da vida social, observamos o cotidiano como uma realidade interpretada pelas pessoas e dotada de sentido, uma vez que o mundo se torna organizado à medida que compreendemos e compartilhamos os fatos com os outros (BERGER; LUCHMANN, 1995).

As narrativas midiáticas apelam, sobretudo, para as sensações e para a construção negativa de sujeitos, instituições e lugares, em que as diferenças culturais ou sociais são afirmadas, diferenciadas e discriminadas como processos de significações e de exclusão. Desse modo, são caracterizados os sujeitos do ‘bem’ e os sujeitos do ‘mal’. Aqueles merecem ser protegidos e defendidos, em detrimentos destes, que devem ser punidos, sem considerar o contexto dos atos ou dos aspectos jurídicos legais que lhes subsidiam.

Percebemos a construção de estigmas, que, segundo Goffman (1975, p. 13), são “atributos profundamente depreciativos”, os quais se estabelecem numa relação impessoal com o outro, apenas como uma representação circunstancial com certas características típicas, com designações e marcas que podem sinalizar um desvio, mas também uma diferença de identidade social.

Os estigmas são acentuados e enfatizados nas páginas dos jornais impressos e pelos apresentadores dos programas televisivos como “um tipo especial de relação entre atributo e estereótipo” (GOFFMAN, 1975, p. 13), com o uso de expressões carregadas de significados “neutralizadores”, os quais, conforme afirma Rolim (2006, p. 195), “quando não abertamente preconceituosos, permitem uma sucessão de “contrabandos” ideológicos dificilmente percebidos pelo público”.

Assim, a violência é potencializada em sentidos diversos: de barbárie, de impotência, de desprezo pelo outro; e, diante desse cenário, o medo é a emoção a operar o processo de angústia e inquietação que se instaura com as notícias difundidas no cotidiano paraense. Ou então, conforme afirma Rondelli (1998, p. 150), o poder da violência reside, não só nas suas intenções práticas ou instrumentais, mas nas simbólicas ou expressivas. “A intenção instrumental é um meio de transformar o ambiente social. A expressiva e simbólica é uma maneira de dramatizar a importância das ideias sociais, trazendo à tona os conflitos”.

Nesse processo, as narrativas midiáticas misturam o factual com o ficcional; através do medo, constroem a ideia compartilhada de que “bandido bom é bandido morto<sup>3</sup>” e desenvolvem nos sujeitos a concepção de que é necessária a intervenção policesca do Estado, sem permitir a discussão ou reflexão sobre a violência que ocorre na sociedade amazônica.

Para empreender esta análise, tomamos como escopo de investigação seis meses de publicações: março, abril, maio, agosto, setembro e outubro, do ano de 2012, dos jornais impressos *Diário do Pará*<sup>4</sup> e *O Liberal*<sup>5</sup>. A partir do primeiro mapeamento, foi observado que o concorrente direto do jornal *Diário do Pará* era o jornal *Amazônia*<sup>6</sup>, pertencente também às Organizações Rômulo Maiorana. Portanto, houve necessidade de mapeamento das edições do jornal *Amazônia*, no ano de 2013. Assim, selecionamos quatro meses (maio, junho, setembro e outubro) das edições do periódico.

---

3 De acordo com dados do Anuário Brasileiro de Segurança Pública 2016, 57% dos brasileiros acreditam nessa máxima. Ou seja, há um reforço de posições que defendem que “bandido bom é bandido morto” e, com isso, colaboram para a “retroalimentação do perverso ciclo de violência” (Fórum Brasileiro de Segurança Pública, 2016).

4 O jornal *Diário do Pará* caracteriza-se como jornal de campanha, nasceu como panfleto destinado a defender os interesses políticos do atual senador Jader Barbalho, do PMDB, e de alguns de seus aliados. O jornal faz parte do complexo comunicacional Rede Brasil Amazônia de Comunicação, segundo maior grupo de comunicação no Estado do Pará. Possui três emissoras de rádio (Diário FM, 99FM e Rádio Clube AM) e uma emissora de televisão (TV RBA).

5 O jornal *O Liberal* é ligado às Organizações Rômulo Maiorana, complexo comunicacional que reúne a TV Liberal (afiliada à TV Globo) e a Rádio Liberal.

6 O *Amazônia* Jornal, publicado diariamente em Belém do Pará, pertence também às Organizações Rômulo Maiorana (ORM) e foi criado no ano 2000 com a finalidade de atender uma outra ‘fatia’ de público diferenciada do jornal *O Liberal*. O jornal é de formato berliner e de tamanho compacto, duas propriedades que o veículo acredita que facilitam o manuseio da publicação e tornam a leitura mais confortável e rápida. O jornal é dividido em cadernos intitulados como Gerais, Show, Esporte e Polícia, totalizando quarenta e oito páginas. Além dessas, possui uma capa geral que não faz referência nenhuma ao início e ao fim de cada caderno, deixando ao leitor a tarefa de descobrir suas localizações no jornal. Isso dá a impressão de certa desorganização.

Em relação aos programas televisivos, selecionamos duas emissoras: TV Record e RBATV – Rede Brasil Amazônia de Televisão. Da primeira, analisamos os programas Balanço Geral Manhã, Balanço Geral, Cidade Alerta Pará e Balanço Geral Casos de Polícia; do segundo, Cidade contra o Crime, Metendo Bronca, Barra Pesada, Brasil Urgente Pará e Rota Cidadã 190, entre os meses de fevereiro e maio de 2014, uma edição por mês.

O projeto de pesquisa sobre Mídia e Violência na Amazônia Paraense<sup>7</sup>, partiu da inquietação de pesquisadores comunicólogos ao constatar que, na relação mídia e violência, são identificados os seguintes problemas: conteúdos vazios das narrativas midiáticas, sem o cuidado na apuração dos fatos e na diversificação de fontes; exposição excessiva de um conteúdo imagético negativo, com apelo ao sangue e à morte ou ao morto; exposição de corpos sem vida; desrespeito aos direitos humanos e, por consequência, um esgarçamento da ética na produção das matérias; relação tensa entre sujeitos e instituições, considerando que a violência é utilizada como argumentação política para desacreditar os que estão no comando do Estado ou dos municípios; estigmatização de localidades periféricas, denominadas de “territórios da violência ou do medo”, e produção de sentimentos antagônicos junto à sociedade, a partir de uma superficialização, generalização e banalização do problema social violência.

A mídia, por meio de suas narrativas, transforma as ocorrências em fatos e significa o cotidiano da sociedade a partir de notícias que se baseiam nas fantasias, nas utopias e na representação sociocultural. Isso quer dizer que, se precisamos entender o significado dos produtos cotidianos da mídia, é necessário não somente analisar o conteúdo da mensagem produzida por ela, mas também entender o contexto sociocultural e espaço-temporal no qual as mensagens são produzidas.

[...] compreender a mídia não deixa de ser um modo de se estudar a própria violência, pois quando esta se apropria, divulga, espetaculariza, sensacionaliza, ou banaliza os atos da violência está atribuindo-lhes um sentido que, ao circularem socialmente, induzem práticas referidas à violência. Se a violência é linguagem – forma de comunicar algo –, a mídia ao reportar os atos de violência surge como ação amplificadora desta linguagem primeira, a da violência’ (RONDELLI, 1998, p. 149)

No presente estudo, recorreremos a um conjunto de métodos descritivos, quantitativos e qualitativos, com a finalidade de abarcar a complexidade da temática pesquisada, entre eles: análise de conteúdo, análise narrativa e análise de enquadramento. Com os enquadramentos, buscamos compreender os elementos enfatizados nas narrativas, considerando a experiência que os indivíduos têm em certos momentos de sua vida social, especificamente, a experiência com as narrativas jornalísticas. Por conseguinte, lembramos Entman (1993, p. 294), quando afirma que “enquadrar significa selecionar alguns aspectos de uma realidade percebida e fazê-los mais salientes em um texto comunicativo, de forma a promover uma definição particular do problema”. Ou, então, o que escreve Glitin, ao se referir aos enquadramentos de mídia:

Organizam o mundo tanto para os jornalistas que escrevem relatos sobre ele, como também, em um grau importante, para nós que recorremos às suas notícias. Enquadramentos da mídia são padrões persistentes de cognição, interpretação e apresentação, de seleção, ênfase e exclusão, através dos quais os manipuladores de símbolos organizam o discurso, seja verbal ou visual, de forma rotineira (GLITIN, 1980, p. 07).

Dessa forma, por meio da análise de enquadramento, podemos entender como as implicações socioculturais presentes na interação entre a mídia (jornais e televisão) e o público determinam as condições de produção, circulação e de recepção dos produtos midiáticos, ou como as notícias constroem sentidos sobre os ‘mundos’, as pessoas e os lugares enquadrados.

Ao estabelecer, nas suas análises, o termo “quadro”, Goffman (2012, p. 34) pressupõe que as “definições de uma situação são elaboradas de acordo com os princípios de organização que governam os acontecimentos sociais e nosso envolvimento subjetivo neles”. “Quadro” é empregado pelo autor para se referir aos elementos básicos que

<sup>7</sup> O projeto de pesquisa “Mídia e Violência: as narrativas midiáticas na Amazônia Paraense” foi realizado a partir de uma parceria entre Universidade Federal do Pará (UFPA) e Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq), por meio do Edital Universal, no período de 2012 a 2015.

são identificados em uma determinada situação. Com a expressão “análise de quadros”, ele se refere ao exame da organização da experiência.

Na continuidade da associação entre as categorias que subsidiam esta pesquisa, recorreremos ao sentido de narrativa de Motta (2005), com o objetivo de identificar a organização e a intencionalidade das construções jornalísticas:

[...] o narrador investe na organização narrativa do seu discurso e solicita uma determinada interpretação por parte do seu destinatário [pois] quem narra tem algum propósito ao narrar [mesmo assim] a análise deve, portanto, compreender as estratégias e intenções textuais do narrador, por um lado, e o reconhecimento (ou não) das marcas do texto e as interpretações criativas do receptor, por outro lado (MOTTA, 2005, p. 04).

Nesse contexto, para Motta (2005), as narrativas são dispositivos argumentativos que as pessoas utilizam nos seus jogos de linguagem (isto é, a narrativa), e que se traduz no conhecimento objetivo e subjetivo do mundo.

## 2. O MEDO NAS PÁGINAS IMPRESSAS E TELEVISIVAS

“O que importa não é distinguir as palavras, é conseguir distinguir as coisas que são encobertas pelas palavras” (Émile Durkheim).

O medo é um sentimento que na contemporaneidade ganhou um lugar de destaque nas narrativas midiáticas. Com ele e por ele, as narrativas são elaboradas com a finalidade de demarcar mensagens ou sentimentos que denotem o perigo que ronda os indivíduos em sociedade.

Partimos da conceituação de “cultura do medo” elaborada por Graziano Sobrinho (2007, p. 164), a qual não corresponde a um mero “receio de”, ela é “resultante de uma perturbação de um perigo real, aparente ou algo estranho ou desconhecido, mas [é um] medo socialmente partilhado o qual corrompe (ou fabrica) o senso comum, tornando propícia a dominação mediante a manipulação do imaginário”. Ao desenvolver essa ideia, Gazinano Sobrinho (2010) explica que

O medo invade, por não se saber medo de que, o imaginário do indivíduo de forma tão voraz que não se percebe, verdadeiramente, suas profundas razões. Este sentimento de insegurança e de medo é que justifica ao Estado tomar medidas simbólicas cada vez mais autoritárias, fortalecendo o imaginário da ordem, causando uma diminuição dos espaços sociais, o isolamento gradativo e voluntário das vítimas (qualquer um pode ser vítima, ou seja, medo de tudo e de todos – nisso reside a impossibilidade de ver o outro e, mais especificamente, como um inimigo que devemos excluir ou, na maioria das vezes, destruir), exacerbando o individualismo, característicos da sociedade contemporânea (SOBRINHO, 2010, p. 168).

Isso significa que as narrativas midiáticas elaboradas no jornalismo policial operam nessa construção da criminalização do medo e da violência, em que texto e imagens não deixam dúvidas sobre o real perigo vivido pelas pessoas.

### 2.1 MAPEAMENTO DOS JORNAIS

Na primeira etapa do projeto, foram mapeadas todas as edições dos jornais *Diário do Pará* e *O Liberal*, do ano de 2012, ou seja, 1.462 (mil quatrocentos e sessenta e duas) edições. A partir do mapeamento, foi selecionado um *corpus* de análise de seis meses, sendo três meses do primeiro semestre (março, abril e maio) e três meses do segundo semestre de 2012 (agosto, setembro e outubro) dos dois jornais.

A partir dessa seleção, foi observado que o concorrente direto do jornal *Diário do Pará*, de caráter mais popular, era o jornal *Amazônia*, pertencente às Organizações Rômulo Maiorana. Por isso, realizamos o mapeamento das edições do jornal *Amazônia* do ano de 2013.

Do jornal *Amazônia* foram mapeadas 365 (trezentas e sessenta e cinco) edições, e selecionados para a composição do *corpus* de análise quatro meses de 2013: maio, junho, setembro e outubro, cujo mapeamento abrangeu todos os dias de cada mês.

Esse mapeamento foi realizado a partir do preenchimento de um formulário elaborado pelos pesquisadores, o qual continha os seguintes elementos: títulos/manchetes, descrição e identificação das fotografias, tipos de crime, expressões utilizadas, dados dos acusados (etnia, idade, quantidade), dados das vítimas (etnia, idade, quantidade) e locais dos crimes e das ocorrências.

A partir do *clipping* dos jornais, fizemos uma tabulação dos formulários descritivos, que resultou em 16 (dezesesseis) planilhas: 06 (seis) do *Diário do Pará*, 06 (seis) de *O Liberal* e 04 (quatro) do *Amazônia Jornal*. Nessas planilhas, sistematizamos os dados considerados relevantes para a análise, o que permitiu a realização de comparações entre os impressos analisados. Assim, constatamos não só a recorrência, mas a predominância de determinados tipos de notícias em que as narrativas dos impressos reiteram fatos como homicídios, tráfico de drogas, assaltos. Observamos uma estigmatização do crime e da violência, com ênfase nos bairros periféricos, e do perfil dos acusados no contexto da Amazônia paraense, cuja maioria é de jovens entre 18 e 25 anos, pardos ou negros.

Nas narrativas, os bairros periféricos de Belém passam a ser denominados de “territórios da violência” pelo jornal *Diário do Pará*, que, a partir das matérias veiculadas no ano de 2012, passa a apelar ao medo, publicando notícias com manchetes, imagens textuais e fotográficas que agridem as regras dos direitos humanos. Sua série de reportagem “Territórios da Violência”, divulgada em 2012, ver Imagem 01, apresenta essas características, na medida em que faz uma abordagem sobre cinco bairros de Belém: Terra Firme, Guamá, Benguí, Marambaia e Umarizal, empregando uma linguagem que reforça o rótulo do medo aos locais que o jornal intitula como “territórios da violência”.

Imagem 01 – Apresentação da série Territórios da violência





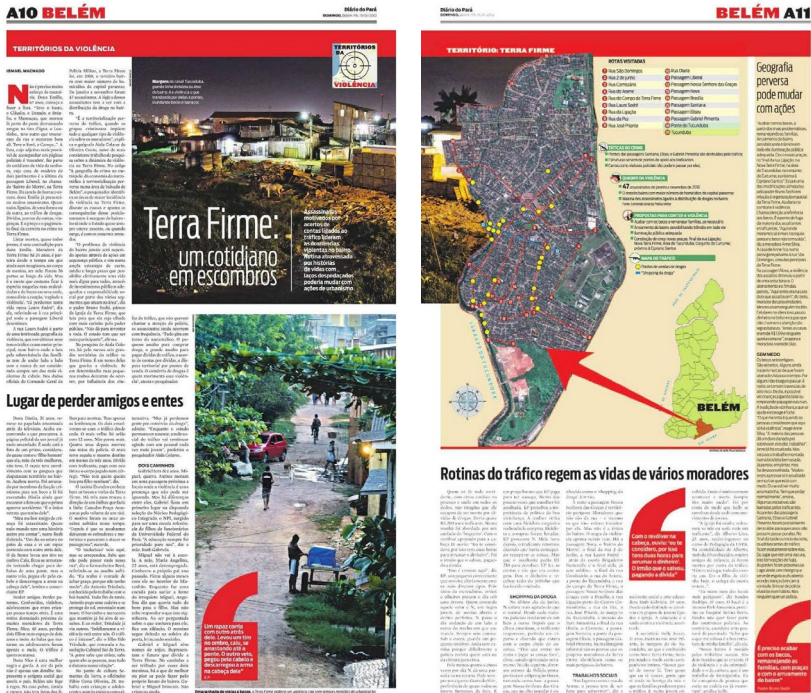


Imagem 03 – Bairro do Guamá – dos mandantes não eleitos



Imagem 04 – Bairro do Benguí - zonas fechadas para Belém



Fonte: Jornal Diário do Pará – Edição 29/01/2012

Imagem 05 – Bairro da Marambaia - a comunidade está só



Fonte: Jornal Diário do Pará – Edição 05/02/2012

Imagem 06 – Bairro do Umarizal - zona de caça



Fonte: Jornal Diário do Pará – Edição 12/02/2012

O critério para a seleção dos bairros considerados mais violentos foi o número de casos registrados no caderno Polícia do próprio jornal, conforme informação veiculada pelo próprio veículo quando da apresentação da série, na edição do dia 12 de janeiro de 2012, como assaltos, roubos e assassinatos, em levantamento feito durante o primeiro semestre de 2011. Após essa verificação dentre as publicações realizadas, o *Diário* mandou dois de seus repórteres<sup>8</sup> para esses bairros, com o objetivo de acompanhar de perto a realidade das pessoas moradoras dessas localidades. [...] o Diário foi buscar nos próprios bairros a origem da violência, a partir de um olhar interno. De dentro das próprias comunidades” (MACHADO, 2012, A9).

De acordo com informações obtidas na edição de apresentação, os jornalistas passaram mais de dois meses ouvindo histórias trágicas de moradores, colhendo depoimentos, andando por ruas e becos e demarcando, dentro desses bairros, os lugares mais perigosos. [...] das entranhas dos bairros acompanharam o cotidiano dos moradores. Ouviram histórias de violências e superação. Ouviram os relatos de quem vive no local” (MACHADO, 2012, A9).

Segundo os editores<sup>9</sup>, a proposta da série era contrapor os dados oficiais divulgados pela nova gestão que assumira o governo (governo do PSDB, em oposição aos donos do jornal *Diário do Pará* ligados ao MDB), os quais apontavam a redução de crimes em Belém. Para isso, partiu-se do princípio de que os números não eram suficientes para afirmar que a violência diminuiu, a partir daí procurou-se mostrar que a sensação de medo e insegurança era o que prevalecia entre os moradores dos respectivos bairros selecionados na série.

Consideramos a publicação da série “Territórios da Violência” pelo *Diário do Pará* como fator contextual importante para a análise do Caderno Polícia dos meses subsequentes (março, abril e maio de 2012), os quais foram selecionados para análise realizada pelo projeto Mídia e Violência. Isso porque os dados tabulados são relevantes pelas várias

8 Jornalistas Ismael Machado e Cintia Magno.

9 Informação contida na matéria de apresentação da série “Territórios da Violência”, na edição do dia 15 de janeiro de 2012, A9, sob o título “A imposta geografia de dor e medo”.

dimensões que contemplam e pelas múltiplas possibilidades de leitura do fenômeno, importantes para a geração de dados primários, de diálogos posteriores e para a construção de estudos sobre a violência urbana, na mídia e fora dela.

Aliado ao medo das mensagens construídas nos impressos paraenses, observamos também, que a morte e o corpo nos jornais pesquisados, constituem elementos centrais de atração e sedução do leitor, pois texto e imagem apresentam a violência praticada ou sofrida pelo sujeito envolvido. As capas e os conteúdos demarcam a violência cometida e sofrida, ao mesmo tempo: a morte grotesca, em que quase sempre os envolvidos (bandidos – expressão comum dos jornais) são culpados pelo que lhes aconteceu, e a violência dos sujeitos envolvidos teria como consequência a própria punição de suas vidas. De modo que, o corpo a que chamamos corpo da violência vai determinar a construção da narrativa impressa. Um corpo em que o cultural e o social inscrevem as suas leis sobre sua superfície com o critério de “valor notícia” dos cadernos policiais paraenses (COSTA, 2015; 2017).

O corpo é um importante elemento estrutural da narrativa. Com ele, o acontecimento jornalístico ‘ganha’ vida, uma vez que os repórteres fotográficos e de textos utilizam ‘marcas’ para identificar o sujeito reportado. O corpo é considerado como um meio de comunicação e como um objeto de atração que facilita a venda de outros produtos. Ou seja, o acusado é um personagem principal nos cadernos Polícia do Diário do Pará e do Amazônia, por apresentar um “corpo acontecimento” sobre o qual se constrói toda a narrativa sobre a violência. Entendemos que o corpo acontecimento é um corpo marcado de violência, a qual é representada por imagens visuais (sangue, feridas, balas) e verbais (bandido, assaltante, marginal, canalha), além de outros elementos.

Corpo acontecimento é um corpo em que a hegemonia da violência inscreve suas marcas para se corporificar, conforme pode ser observado na materialização da hegemonia do poder no corpo de Damians, em Vigiar e punir, de Michel Foucault, publicada pela primeira vez em 1975.

No *Diário do Pará*, o corpo da violência é o que determina a construção da narrativa de violência. Toda narrativa de violência deve ser precedida por um corpo como forma de demarcar o ato sofrido ou cometido. O jornal mistura morte, comicidade e ironia nas construções narrativas; apela à imagem grotesca, sem nenhum respeito à dignidade humana, atribuindo valorações, sempre de caráter negativo, às construções. Nesse sentido, as narrativas se revestem, por vezes, de elementos de exageros, por meio de dispositivos linguísticos ou extralinguísticos, por meio da diagramação gráfica ou a disposição delas e do texto na página ou das técnicas modernas de tratamento das fotos.

Já o jornal *O Liberal* apresenta um corpo que cometeu a violência, isto é, destaca as pessoas envolvidas nos atos criminosos. O jornal não recorre diariamente aos corpos sem vida, mas às pessoas envolvidas no cometimento do crime. O periódico apresenta, em suas edições, acusados sem camisas, conforme depoimento do editor do jornal aos pesquisadores<sup>10</sup>, para ajudar a polícia a encontrar os denunciados. As construções narrativas do caderno Polícia de *O Liberal* apresentam algumas diferenças em relação às do *Diário do Pará*, mas também se constituem num discurso marcado pela violência.

É um corpo identificado, em cuja superfície o cultural e o social inscrevem suas leis, com o critério de “valor notícia” dos cadernos policiais paraenses. As narrativas de violência ou policiais se apoderam desse corpo para inscrever suas histórias de tragédia e drama humano. A mídia o lapida, graças às técnicas e aos procedimentos linguísticos e extralinguísticos, gráficos, estéticos, imagéticos, fotográficos, ideológicos, entre outros, para criar um corpo midiaticamente modificado, capaz de oportunizar a venda dos outros produtos e possibilitar a comunicação ideológica e mercadológica da mídia.

Ante o exposto, percebemos, a partir das matérias produzidas nas narrativas policiais ou de violência, a presença de uma “economia do medo”, a qual os impressos jornalísticos paraenses realizam por meio da violência estetizada nos cadernos Polícia, com mensagens que, em certa medida, moldam o comportamento do leitor, por exemplo, em relação a frequentar certos locais da capital paraense ou ao consumo de certos produtos mercantis. A economia do medo, então, estimula o consumo de materiais ou serviços que possam proteger o cidadão contra a violência, como carros blindados, cercas elétricas, alarmes, armas, grades, entre outros. Dessa economia, nascem a indústria da violência e a arquitetura do medo.

---

<sup>10</sup> O jornalista Lazaro Moraes concedeu entrevista aos pesquisadores nos dias 20 e 21 de agosto de 2013.



Constatamos, assim, que os jornais, ao misturarem o factual com o ficcional, constroem, a partir do discurso do medo, a ideia de que “bandido bom é bandido morto”, sem dar espaço para a discussão ou reflexão sobre a violência que ocorre na sociedade paraense:

O ato infracional – especialmente quando confrontado com a dor das vítimas – é, evidentemente, um mal. O que permite a dedução de que seu autor é o portador dessa possibilidade malévola. Como essa figura não tem história, nem qualquer outro atributo que revele sua condição humana e sua personalidade contraditória, ela mesma termina sendo reduzida e definida por aquela possibilidade perigosa e detestável. A ação que se atribui ao infrator ou que ele, concretamente, praticou já não é uma ação; ela é ele, o próprio infrator. Assim, o círculo das simplificações se fecha anunciando, também, as medidas necessárias para a proteção do público: mais repressão e rigor para “as pessoas más” (ROLIM, 2006, p. 190).

As “tragédias” e os dramas cotidianos narrados pelos jornais se repetem quase sempre numa mesma construção: tráfico, morte e um corpo estirado na rua. São narrativas que levam a um ritual cotidiano de consumir freneticamente as notícias diárias, mesmo que contenham a mesma trama de ontem.

Para Motta (2002), as notícias são uma forma de transmissão cultural, na qual o fundamento é a reiteração. As histórias são as mesmas, recontadas diariamente, com novas personagens e circunstâncias, por jornais, revistas e telejornais, com o aval de um considerável público consumidor dessas notícias. Esse ritual de consumir notícias diárias passa a ser parte integrante da rotina cronológica social de algumas pessoas.

## 2.2 PROGRAMAS TELEVISIVOS

Em dezembro de 2013, iniciamos um diagnóstico preliminar dos programas realizados nas emissoras de televisão de Belém que dão destaque à temática violência. Foram mapeados os programas produzidos em quatro emissoras (SBT, TV Liberal, Record Belém e RBATV) e os respectivos programas e horários, com base em informações disponíveis nos *websites* das emissoras. Considerando aspectos diferenciados de construção narrativa, excluimos das nossas análises os programas das emissoras SBT e TV Liberal, ficando nossas investigações restritas aos programas das emissoras RBATV e Record.

Nas duas emissoras escolhidas, observamos os seguintes aspectos: a RBATV, pertencente à Rede Brasil Amazônia de Comunicação (RBA), aborda a violência por meio de matérias de crimes em todos os seus programas (que são seis), e tem como hábito cobrir assaltos, prisões, apreensões de tráfico e homicídios, ridicularizando os envolvidos e mostrando cadáveres; a TV Record, da Rede Record, tem uma cobertura muito mais intensa sobre a violência, não dá destaque a outras temáticas e produz seis programas nessa linha editorial.

Após o mapeamento, selecionamos os programas das emissoras TV Record e RBATV, devido ao tratamento dado por elas sobre as notícias de crime e violência. Ambas focam, principalmente, a exposição do crime e dos envolvidos de modo esvaziado, reforçando estigmas de espaços, instituições e indivíduos, bem como pela presença dos apresentadores para ordenar os programas, por meios de chamadas e comentários, e caracterizá-los, por meio de ações, afirmações, bordões, entre outros.

Foram gravados e analisados os seguintes programas de cada emissora: Cidade contra o crime, Metendo Bronca, Barra Pesada, Brasil Urgente Pará, e Rota Cidadã 190, da RBATV; e Balanço Geral Manhã, Balanço Geral, Cidade Alerta Pará, e Balanço Geral Casos de Polícia, entre os meses de fevereiro e maio de 2014, uma edição por mês.

Assim como nos impressos, realizamos um mapeamento descritivo, que, além dos elementos relativos às notícias, como dados do acusado e da vítima, local das ocorrências etc., abrange os aspectos específicos da televisão, a saber, o uso de imagens em movimento e de outros recursos imagético-textuais e a ação e os comentários dos apresentadores. Esse processo ocorreu juntamente com a decupagem e com as observações sobre como a violência era enquadrada e narrada na TV.

Segundo Goffman (2012), o *frame* é um quadro que organiza a percepção e a experiência, com uma ação subjacente e que não é definida ou estruturada unicamente pelo seu objeto, mas também por técnicas que são socialmente reconhecidas.

Nesse percurso, foi importante o registro e a transcrição das narrativas elaboradas pelos apresentadores, que se sobrepõem às notícias e definem os sentidos das narrativas e ocorrências apresentadas. Esse processo também resultou em dados tabulados em duas planilhas, uma para cada emissora, as quais compõem nosso banco de dados sobre os programas e jornais que fazem parte do *corpus* do projeto.

Quadro 01 – Programas da RBATV

<b>Programas</b>	<b>Características Gerais</b>	<b>Horários</b>
<b>Metendo Bronca</b>	Programa policial que utiliza uma linguagem informal e dinâmica para interagir com o público. Com estilo bem peculiar, o programa apresentado por Joaquim Campos atrai o interesse de muitos telespectadores.	Segunda a Sexta, às 13h30min.
<b>Barra Pesada</b>	Programa jornalístico-policial que tem como proposta divulgar os acontecimentos da comunidade, além da prestação de serviços de utilidade pública. Denúncias, oferta de emprego e atendimento às pessoas carentes fazem parte do cotidiano do programa. O programa é apresentado por Agenor Santos, e está entre os líderes de audiência. A edição de sábado tem a apresentação de Isidoro Calixto.	Segunda a Sexta, às 12h30min. e Sábado, às 12h.
<b>Brasil Urgente</b>	“O formato de jornal que faz sucesso em todo o Brasil agora é também local. E a apresentação é de quem você já conhece e confia: Ronaldo Porto” (informação no site do programa <sup>11</sup> ). O programa apresenta os do especialista em segurança pública Dorivaldo Belém. “Jornalismo sério e comprometido com a verdade”.	Segunda a Sexta, às 16h50min.
<b>Cidade contra o Crime</b>	Programa televisivo que atende às demandas de segurança da população. A apresentação é de Isidoro Calixto, que comenta as primeiras notícias do dia. “Tudo com um estilo próprio e irreverente que faz a alegria do público”.	Segunda a Sexta, às 7h15min.
<b>Rota Cidadã 190</b>	Apresentado por Joaquim Campos – “é o primeiro reality-policial da TV paraense. Mostra a realidade sem maquiagens. O imprevisível é a palavra de ordem nesse programa, com inúmeras perseguições à criminalidade. Tudo pode acontecer”.	Sábado, às 11h.

Fonte: elaborado pelos pesquisadores.

11 Disponível <https://rbatv.dol.com.br/programas/brasil-urgente/>. Acesso em jan. 2016.

Quadro 02 – Programas da TV Record Belém

Programas	Características Gerais	Horários
<b>Balanço geral (Manhã e Tarde)</b>	Prestação de serviços, entretenimento, jornalismo policial e comunitário. “Há quatro anos, o Balanço Geral é sucesso na programação da Record Belém. De segunda a sexta-feira, a partir de meio dia e meia, o programa traz os principais fatos da capital paraense e do interior do Estado. O público tem voz e vez no programa, que dispõe de ferramentas de interação direta com a produção por meio de telefone, e-mail e redes sociais. Quadros como o Chutando o Balde e a Praça do Povo também aproximam o telespectador da emissora. “Jornalismo sério e comprometido com a verdade, com irreverência e participação da comunidade garantem a fórmula de uma audiência consolidada”.	Segunda a Sexta, às 06h30min. e às 12h30min.
<b>Cidade Alerta Pará</b>	Prestação de serviços, entretenimento, jornalismo policial e comunitário. “Sucesso na programação da Record Belém. De segunda à sexta-feira, às 18h15min., o programa traz os principais fatos da capital paraense e do interior do Estado. O público tem voz e vez no programa, que dispõe de ferramentas de interação direto com a produção, por meio de telefone, e-mail e redes sociais”.	Segunda a Sexta, às 18h15min.
<b>Balanço Geral - Casos de Polícia</b>	“A luta do bem contra o mal”. O slogan traduz a intenção do programa de forma fiel: mostrar o mundo policial na batalha diária entre o certo e o errado na sociedade. “O Casos de Polícia é o pioneiro no Brasil. Todo sábado, às treze horas, sem intervalos, o telespectador assiste a reportagens especiais, carregadas de suspense, drama e ação. Tudo sem abrir mão da realidade nua e crua”. O cenário escuro gera adrenalina ao conteúdo e faz o telespectador mergulhar nas histórias e nas cenas dos crimes. É como ler um bom livro policial e ter a comodidade de não precisar virar a página.	Sábado, às 13h.
<b>Pará Record</b>	Jornalismo ágil, reportagens exclusivas e prestação de serviços. Os assuntos que fazem parte da vida do telespectador são prioridade: saúde, educação, segurança, meio ambiente. No jornalismo verdade do Pará Record, a população denuncia e discute o que realmente interessa.	Segunda à sexta-feira, às 19h55min.

Fonte: elaborado pelos pesquisadores.

Na análise dos programas televisivos, levamos em consideração alguns eixos temáticos: efeitos sonoros, apresentador, matérias e jargões. Não trabalhamos aqui separadamente esses elementos, mas algumas construções casadas nas narrativas.

Durante a exibição das matérias sobre violência, os editores recorrem ao uso de efeitos sonoros com a finalidade de demarcar o assunto, os bairros e os envolvidos no acontecimento. No programa Balanço Geral (do meio-dia), usa-se um som de uma sirene para sinalizar que uma matéria de violência vai ser apresentada. Além disso, em diferentes pontos da matéria, o som da sirene é repetido. No decorrer do texto, a trilha sonora se modifica, dependendo dos fatos: às vezes, aparece um som agitado, para simular um jogo de caça e caçador; outras, música eletrônica de videogame, sertaneja e forró, também são usadas na matéria e no programa, em níveis alto e baixo, dependendo do assunto.

O apresentador é outro elemento central desse tipo de programa. A narrativa sobre violência começa com ele e finaliza nele. Ou seja, o apresentador enfatiza o tom da matéria que será apresentada e conduz o desenrolar do que é mostrado, ressignificando os fatos que são narrados pelos repórteres. Ademais, ele opina sobre a situação, os desfechos; ele sentencia as pessoas envolvidas, conferindo-lhes valores morais ou sociais ou tachando-as.

Assim, o apresentador é um mediador importante entre público e programa nesse tipo de narrativa. O caráter da narração depende de sua mediação, pois, conforme nos explica Dubois (1997, p. 405), eles são como “elos intermediários” entre o estímulo inicial e a resposta, resultando “ao mesmo tempo, as respostas aos estímulos que os precedem e, por sua vez, estímulos para os elos que seguem”. Sua construção é de proximidade e de falar com a audiência do programa.

As narrações reafirmam a importância do apresentador para esse tipo de programa, pois validam a presença e a importância dele – muito frequentemente acima do próprio repórter, que, por vezes, não é identificado na matéria. Isso ocasiona uma supervalorização dessa figura, que expressa pensamentos muitas vezes voltados ao senso comum, os quais fogem aos princípios éticos e de direitos humanos.

Nos programas, constatamos que esse ‘personagem’ utiliza bastante a linguagem informal e às vezes aparece como um ‘cômico cínico’, ironizando as desgraças humanas e as pessoas nelas envolvidas. Ou aquilo que diz Fechine, a partir de Verón, que o

indicativo de que a credibilidade do telejornal já não se mede mais pelo peso do testemunho, mas por sua capacidade de criar o espaço necessário à valoração e ao questionamento das notícias que chegam ao espectador em profusão e frente às quais ele, geralmente, tem dificuldades de avaliação (FECHINE, 2002, p. 12).

Nas suas estratégias comunicacionais, os programas utilizam os dispositivos narrativos que, ao buscar a comoção da população, se baseiam num discurso paradoxal de denunciamento centrado na crítica ao poder público estatal ou municipal, mas elogiando o trabalho da polícia em geral, como se a corporação não integrasse o poder público, principalmente nos programas da emissora da RBATV.

Os programas se configuram, assim, como autorrepresentação e autoafirmação da emissora em geral e do apresentador em particular, que se apresenta como um ‘super-herói’ que luta contra as forças do mal, mesmo sem força, para defender a “sociedade de bem”. Apesar de os programas se apresentarem como factual e investigativo, observamos que os apresentadores narram as mesmas histórias com uma nova roupagem em função do dia. Além disso, a narrativa se constrói em torno do suspeito de cometer o crime.

A narrativa dos programas, como toda narrativa, tem início, meio e fim, mas é o apresentador que reinterpreta os acontecimentos, dando um sentido de verossimilhança discursiva; é ele também quem elabora critérios que encenam a participação dos dois lados, a voz da polícia e dos suspeitos de cometerem crimes, criando a sensação de imparcialidade e objetividade na narração dos fatos ocorridos. Conforme nos lembram Berger e Luckmann (1995, p. 56), a noção de realidade é mediatizada pela linguagem, isto é, “a vida cotidiana é sobretudo a vida com a linguagem, é por meio dela de que participo com meus semelhantes. A compreensão da linguagem é por isso essencial para minha compreensão da realidade da vida cotidiana”.

É comum para um telespectador paraense que assiste aos programas televisivos de violência ouvir o enunciado “cidadão de bem”, repetido várias vezes pelos apresentadores desses programas de narrativas policiais, assim como por alguns policiais entrevistados nesses mesmos programas. Ao analisar o enunciado acima, que é uma construção ideal, percebe-se que tal construção enunciativa se fundamenta sobre o desejo social de proteção, fossilizado no cotidiano paraense dos indivíduos que buscam a segurança de suas propriedades: os bens materiais em si e a vida.

O projeto de “sociedade de bem”, ao negar o direito do outro para se defender antes da sentença judicial sobre o desvio do seu comportamento, configura-se como um projeto de subjugação do outro, um outro que não tem direitos, que não é levado em consideração nem ouvido pelos meios de comunicação.

Da perspectiva legal, esse movimento corresponde à exclusão ou negação do acusado, bem como o enunciado “cidadão de bem” é reputado como violência, na medida em que a pessoa declarada criminosa já não tem uma responsabilidade moral ou social para ser considerada como parceiro dialogal na construção mútua da experiência social.



### 3. O POPULAR

Outra importante categoria analisada no projeto de pesquisa foi o sentido de “popular” construído pelos programas televisivos que têm como temática as narrativas de violência ou policiais. O conceito e sua representação podem ser tomados como diferentes e únicos no contexto brasileiro, uma vez que o popular transcende as barreiras em que a sociedade se estrutura como ordem.

O popular é um conceito abstrato, em consonância ao sentido de que tudo o que é aceito e aclamado por um número considerável de pessoas se constituiria no universo do popular. O popular seria, assim, tudo o que é aceito em grande escala, por todas as classes sociais da massa consumidora, ou seja, a característica maciça do fenômeno.

Parece que essa definição estaria em conflito com a premissa marxista de que o fator econômico influenciaria tudo na sociedade. Vivemos em uma fase da vida social em que o fator econômico não domina ou explica radicalmente tudo, mas que existem cenários em que outros pensamentos e comportamentos vão tomar a frente do humano, tais como a conveniência, o comprometimento, a rapidez, a facilidade, entre outros. Porém, entendemos que é na sua representação que o fator econômico é dominante em relação com os meios de comunicação.

Não podemos esquecer que as emissoras de televisão aberta são empresas de comunicação, sobrevivem no mercado de acordo com a audiência de sua programação. Os programas, para existirem, precisam da rubrica de patrocinadores, propagandas e publicidades.

Se o conceito do popular é abstrato e abrangente, existem contextos em que a sua representação é delimitada e específica. Para representar o popular, é preciso identificá-lo e apontá-lo, em essência, caracterizando-o como algo nítido e tangível. A sua representação necessita de uma caracterização a fim de demarcar o que está sendo representado. Ou melhor, no contexto brasileiro de hoje, seja na televisão ou em outras esferas, o popular foi ‘agenciado’ como característico das pessoas que fazem trabalho laboral. Ou, então, o popular que se representa na televisão brasileira está relacionado às classes sociais de menor poder aquisitivo, audiências alvo das narrativas televisivas, mas que também as alimentam (FRANÇA, 2006).

Por exemplo, os chamados jornais populares têm como elementos centrais a linguagem coloquial, os textos curtos e simples, e a eliminação, quando possível, dos termos técnicos. Esses periódicos também exageram no uso das cores, das fontes tipográficas, e no número excessivo de imagens, além de outros elementos visuais como gráficos, tabelas e boxes informativos.

Nesse sentido, a televisão brasileira não atua tanto como um meio de comunicação de massa, no sentido de operar para atingir uma massa com suas pluralidades, mas, ao contrário, reformulou-se como um meio que segrega essa massa, enfocando a representação do popular, que, nesse caso, é a audiência de baixa renda.

Essa reformulação do papel da televisão, frente às mudanças tecnológicas e digitais, fez distinguir seu discurso por meio dos programas que são veiculados e fez crescer os programas televisivos que são chamados de “popular”, dominando a televisão aberta, pois os canais fechados atendem cada vez mais membros das classes de média e alta renda, que têm um grau maior de escolaridade além de disponibilidade de pagar uma taxa para gozar do acesso a esse tipo de TV.

De um lado, estão os meios de noticiosos de elite, cuja audiência principal formada pelo *mainstream* político-partidário e sociocultural. De outro, os jornais populares que mesclam de forma intensa e variada informação e entretenimento. Um tende tratar de temas ‘sérios’ como política e economia, e o outro foco os temas sensacionalistas e personalistas, ao gosto do público de massa (SACRAMENTO e ROXO, 2013, p. 7).

Assim, a tevê aberta fica para a massa de menor poder aquisitivo financeiro e ‘intelectual’. Para Franco (2013), o popular, ao longo do tempo, toma três formas de definição:

Primeiro o antigo sentido radical como sendo ‘pelo povo’ (a imprensa política dos anos 1890 da imprensa do Movimento Trabalhista do século vinte economicamente limitados

pela sua inerente desvantagem em capitalização); numa segunda instância o popular visto como uma habilidosa e vigorosa combinação de atitudes políticas generalizadas com os materiais já estabelecidos para leituras de crime, escândalos, romance e esporte; e o último sentido crescente na segunda metade do século dezenove, tornando-se dominante no século vinte, o popular interpretado em termos puramente de marketing (FRANCO, 2013, p.8).

As narrativas televisivas construídas nos programas de televisão aberta, nas nossas análises, não podem ser consideradas de fato como “popular”, como os próprios veículos de comunicação os consideram, porque elas não atendem ao conceito de massa no viés comunicacional. A diferença é que esses programas da televisão aberta representam meramente o popular, conforme já denominado, como as classes de baixa renda. A representação incide na potencialidade de audiência dessas classes, além do aumento significativo de competição entre os veículos de comunicação para permanecerem lucrativos e no mercado.

No entanto, tal representação do popular tem a finalidade de se mostrar próxima ao cidadão comum, mantendo o veículo ‘presente’ na vida do telespectador. A tevê passa a falar dos problemas que envolvem as comunidades, com suas dificuldades e seus anseios, ou seja, sua realidade cotidiana. Ou aquilo que Moscovici denomina de ancoragem das representações sociais:

sempre que um material apresentado visualmente pretenda ser representativo de algum objeto comum, mas contém certas características que não são familiares na comunidade [...] essas características sofrem transformações em direção ao familiar (MOSCOVICI, 2011, p. 207).

Ao construir as narrativas populares, os programas televisivos paraenses criam representações que têm como finalidade primeira e fundamental, a comunicação a partir de um certo consenso de conhecimento entre seus membros. Lembramos que as representações são formadas, segundo Moscovici (2011, p. 208) “através de influências recíprocas, através de negociações implícitas no curso das conversações, onde as pessoas se orientam para modelos simbólicos, imagens e valores compartilhados específicos”.

Nesses programas, as representações sobre o popular são construídas a partir de imagens que apelam ao exagero, ao grotesco, à desgraça humana e principalmente à violência que permeia determinados conflitos nas comunidades periféricas. Na maioria das edições, a representação é construída de maneira perversa e preconceituosa, já que a violência passa a ser caracterizada como um forte elemento da periferia. Assim, os programas televisivos utilizam a estratégia de “esconder mostrando”, embalada num discurso polifônico e pseudo-inclusivo. Do mesmo modo, a criminalização é atribuída à pobreza e ao pobre periférico.

Essas características das narrativas televisivas permitem a consolidação do fenômeno de representar o popular por meio da predominância das notícias de *fait divers* nos seus programas. As notícias de *fait divers* abordam assuntos de interesse humano e permitem que o tema seja tratado com maior subjetividade, enquanto as notícias de *hard-news* se concentram no fato a ser noticiado e em seus dados, que não requerem uma subjetividade explícita.

Essa subjetividade passa a permear as narrativas, pois ela possibilita que o apresentador, ‘estrela’ do programa, use e abuse de expressões do senso comum e de juízos de valor para ‘atirar’ contra o poder público e contra ‘aqueles’ que considera ‘indivíduos do mal’. Os enunciados são construídos nas narrativas do apresentador com o uso da ironia, dos ditos populares e dos julgamentos sem justiça.

Lembramos, assim, Antônio Gramsci, ao se referir aos cantos populares, que “não são compostos pelo povo e sim para ele; [...] não são compostos para o povo nem pelo povo, mas que o povo se apropria porque são coerentes com o seu modo de sentir e de pensar” (GRAMSCI, 1978, p. 190).

O que se denomina de programas populares na televisão brasileira são aqueles que, geralmente, acontecem em estúdios, com o apresentador transformando a vida das pessoas comuns, expondo seus problemas domésticos, das comunidades, matrimoniais ou familiares, de modo grotesco e espalhafatoso. É nesse contexto que se insere a violência como mensagem dessa representação do popular. A violência ou as matérias que tratam sobre a temática passam a ser associadas ao popular, aparentemente confinado a um setor da sociedade chamada de ‘povo’, ‘povão’ ou ‘classes populares’, mas de forma pejorativa.

Nas narrativas de violência, as abordagens e os comentários do apresentador são normalizados por meio das imagens mostradas e a linguagem usada na sua construção. Essas duas características têm o papel fundamental de 'sensacionalizar' as matérias, perpetuando essa narrativa nas mentes da sua audiência.

Logo, no Brasil, os usos do termo popular e, conseqüente, a ideia de uma mídia popularesca apresentam nuances específicas. O popular nesses programas de narrativas sobre a violência é usado para se referir à pobreza, à periferia, a pessoas de baixa renda e/ou baixa instrução. Com base nessa relação, largamente reconhecida na sociedade brasileira, as mídias jornalísticas se assumem populares quando realizam um itinerário narrativo marcado por sensacionalismo, espetáculo, pela encenação de uma linguagem da periferia, cujos produtos focalizam assuntos como esporte, violência ou entretenimento televisivo e são voltados para essa parcela da população.

#### 4. ALGUMAS CONSIDERAÇÕES FINAIS: Exercício crítico do jornalismo

As narrativas midiáticas dos jornais impressos e dos programas televisivos paraenses, de caráter policial e popular, apelam, sobretudo, a uma construção de hierarquização do crime e das pessoas, de criminalização da violência e da periferia e de valorização de um senso comum estereotipado, em que a violência é segregada a espaços físicos e pessoas.

Identificamos com frequência uma categorização idealizante de uma sociedade considerada "sociedade de bem" com uma carga identitária de vitimização do cidadão chamado "de bem ou trabalhador", em oposição a um cidadão implicitamente construído por enunciados narrativos como indivíduo do mal, preguiçoso e que desfruta gratuitamente das 'benesses' de uma sociedade que não lhe pertence.

Dessa forma, as construções narrativas midiáticas que fomentam o discurso materializado no enunciado "sociedade de bem" apresentam uma idealização de sociabilidade que se fundamenta na exclusão social do outro. A construção narrativa do outro nos impressos e programas policiais apontam para uma estratégia comunicacional de convencimento para o consumo de produtos jornalísticos ou não, e apontam também para um procedimento sociopolítico de 'chantagem' e denunciamento, com a finalidade de obter privilégio mercadológico por parte da autoridade pública.

Assim, constatamos que essa representação pode intervir de forma conflitual, ou seja, "é indício de um conflito de apreensões, impossível de ser decidido a não ser pela imposição de um ponto de vista único", conforme escreve Michaud (1978, p. 89), ao discutir a noção de violência.

Portanto, como já apontava McLuhan (2007), os meios não são meramente canais de informação, mas fornecem o material para o pensamento e moldam o processo de pensamento. Assim, nossa preocupação é depositada num jornalismo que pouco ou nada tem contribuído para discutir a violência em sociedade. Quando se discute, tem como material embrionário uma narrativa negativa que estereotipa as pessoas, os locais e as relações, com a valorização de um senso comum negativo com relação ao outro, **à violência** e à criminalização da violência.

Observamos que a violência passa a ser a linguagem a determinar os rumos e os sentidos das relações sociais e das políticas públicas no país, sem, contudo, um debate mais pontual e profundo sobre questões que atravessam a violência, como a invisibilidade da violência contra jovens negros, como resposta à criminalidade; a guerra civil não declarada, que faz vítimas de todos os lados, sejam policiais, seja a população; a defesa de um estado policialesco; a política do enfrentamento, da criminalização e do encarceramento como solução dos problemas de segurança pública e a reflexão também sobre a 'instituição' de uma indústria da violência, que resulta numa economia do medo e numa arquitetura do medo.

Do mesmo modo, as informações devem ser alicerçadas no preceito ético de respeito ao outro. Ou seja, de acordo com Buber (2006, p. 53), "o mundo é duplo para o homem, segundo a dualidade de sua atitude. A atitude do homem é dupla de acordo com a dualidade das palavras-princípio que ele pode proferir". Nessa perspectiva, o jornalismo não pode falar de si mesmo, sem considerar que suas atitudes afetam os outros de quem falam. Portanto, a função envolve o exercício crítico de todos, seja da academia, do mercado, seja das escolas de ensino fundamental e médio.

Assim, medo e violência são marcas que estruturam a linguagem de um tipo de jornalismo que opta falar do cotidiano a partir de um senso comum enviesado, isto é, em que os fatos são tomados apenas em uma perspectiva,

por meio de palavras e imagens impostas pela repetição. Ou, no alinhamento ao pensamento de Klemperer (2009, p. 11), ao falar da linguagem do III Reich na compreensão do que foi o nazismo: “Palavras podem ser como minúsculas doses de arsênico: são engolidas de maneira despercebida e aparentam ser inofensivas; passado um tempo, o efeito do veneno se faz notar”.

Logo, nossa interpretação perpassa a compreensão de que esse tipo de narrativa, designado por nós, no projeto, como narrativas de violência, alimenta pré-construções parciais sobre os indivíduos, os lugares e as instituições.

#### REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ARENDR, Hannah. **Eichmann em Jerusalém**. Um relato sobre a banalidade do mal. Tradução de José Rubens Siqueira. São Paulo: Companhia das Letras, 1999.
- BERGER, Peter L.; LUCKMANN, Thomas. **A construção social da realidade**: tratado de sociologia do conhecimento. 36. ed. Petrópolis: Vozes, 1995.
- BUBER, Martin. **Eu e Tu**. 10. Trad. Newton Aquiles Von Zuben. São Paulo: Centauro Editora, 2006.
- CARVALHO, Carlos Alberto. O enquadramento como conceito desafiador à compreensão do jornalismo. In: CONGRESSO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO NA REGIÃO SUDESTE, 14., 2009, Rio de Janeiro. **Anais** [...]. São Paulo: Intercom, 2009.
- COHN, Gabriel. **Sociologia da Comunicação**: teoria e ideologia. – Petrópolis, RJ: Vozes, 2014.
- CORREIA, João Carlos. **A teoria da comunicação de Alfred Schutz**. Lisboa: Horizonte, 2005.
- COSTA, Alda Cristina. **A Violência como espetáculo**: um debate em torno do programa “Metendo bronca”. 2004. 190f. Dissertação (Mestrado) – Programa de Pós-Graduação de Ciências Sociais/UFPA, 2004.
- COSTA, Alda Cristina. Um olhar midiático sobre a violência. In: BRITO, D. C.; BARP, W. J. (Eds.). **Violência e controle social**: reflexões sobre práticas de segurança pública. Belém: Numa/UFPA, 2005, p. 173-190.
- COSTA, Alda Cristina. Violência e os modelos midiáticos de espetáculo. In: MALCHER, M. A. et al. (Eds.). **Comunicação Midiatizada na e da Amazônia**. Belém: FADESP, p. 179-204, 2011.
- COSTA, Alda Cristina. **Projeto de pesquisa “Mídia e Violência: narrativas midiáticas na Amazônia Paraense”**. Portaria UFPA/030/2012-ILC e Edital Universal – AL – MCTI/CNPQ N 14/12.
- \_\_\_\_\_. **Relatório Final do projeto de pesquisa Mídia e Violência**: narrativas midiáticas na Amazônia paraense apresentado ao Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico – CNPq, 2015.
- DUBOIS, Jean et al. **Dicionário de Linguística**. Trad. Frederico Pessoa de Barros [et al]. SP: Cultrix, 1997.
- EL FAR, Alessandra. **Páginas de sensação**. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.
- ENTMAN, R. “Framing: toward clarification of a fractured paradigm”. **Journal of Communication**, vol. 43, nº 4, p. 51-58, 1993.
- FRANÇA, Vera. A TV, a janela e a rua. In FRANÇA, Vera (org.). **Narrativas televisivas: programas populares na TV**. Belo Horizonte: Autêntica, 2006.
- FECHINE, Yvana. Estratégias de personalização dos apresentadores de TV: um estudo em um telejornal brasileiro. **Revista DeSignis**, n. 2, Barcelona, Gedisa, 2002.
- FERREIRA JUNIOR, S. E. S.; COSTA, A. C. Enquadramentos e representações sociais da violência urbana na imprensa da Amazônia paraense. **Revista Estudos de Jornalismo**, 5, p. 99-114, 2016.
- FOUCAULT, Michel. **Vigiar e Punir**. 37. ed. Petrópolis: Vozes, 2007.
- GLASSNER, Barry. **Cultura do Medo**. São Paulo: Francis, 2003.
- GITLIN, Told. **The whole world is watching**: mass media in the making & unmaking of the new left. Berkeley: University of California Press, 1980.
- GOFFMAN, Erving. **Estigma**: notas sobre a manipulação da identidade deteriorada. Rio de Janeiro: LTC, 1975.
- GOFFMAN, Erving. **Os quadros da experiência social**: uma perspectiva de análise. Petrópolis: Vozes, 2012.

Sergio do Espírito Santo Ferreira Junior

## INTRODUÇÃO

A profusão de imagens e narrativas midiáticas sobre a morte é recorrente na contemporaneidade, em que os meios de comunicação desempenham um papel de narrar sobre a experiência social e cultural em contextos muito além da imediata manifestação dos acontecimentos. A partir de uma perspectiva do Ocidente, a morte é vista como ruptura, perda, violência, algo que lesa, que suscita luto e pesar. A *morte na mídia*, no entanto, ocupa uma posição ambígua, que a desloca para o espaço onde ela seria interdita, apresentando-a como elemento para falar de algo que não as próprias mortes.

As perspectivas de Ariès (2012) e Benjamin (1987) sobre essa experiência ocidental da morte e das práticas funerárias, apontam que a morte passa por um afastamento dos espaços do cotidiano, do comunal, de evento que se inseria nos espaços públicos, fato que ocorre a partir da modernidade que, com os processos de consolidação das ciências, da medicalização da sociedade e a predominância das práticas higiênicas, relega-a a espaços depurados, tornando a morte interdita, “pornográfica”, retirando-a do espaço de uma experiência pública, para uma morte privada e solitária, tanto para o que morre quanto para os indivíduos em torno desse morto.

Essa perspectiva consiste em um movimento evocatório de um fenômeno pré-moderno, que esses autores destacam como um modo “tradicional”, em que a morte representa uma presença familiar e é marcada por fortes formas de simbolismos e socialização. Apontam para uma alteração nas práticas funerárias e nas “atitudes diante da morte” de indivíduos e grupos, sobretudo com os que lhes são próximos. Todavia, a morte manifesta-se contemporaneamente para além de experiência direta em um cotidiano imediato, em contexto de co-presença; antes, insere-se na sociedade por processos de mediação, em que passa por conformações do olhar e da ação da mídia.

As mortes na mídia são diversas à medida que aparecem sob formas diversas de representações, que definidas pelo seu significado e papel em uma situação ou contexto social. É nesse sentido que se veem mortes presentes na cobertura de guerras, de eventos relacionados a mortos célebres e na cobertura sobre violência urbana e segurança pública. Em relação a este último, a morte ancorada no quadro da violência urbana é abordada a partir de lógicas midiáticas, que se ocupam em evidenciar a maior ocorrência de eventos violentos, o estado de insegurança em que as populações das cidades se encontram, a brutalidade que rege as relações de certos espaços ou ainda a ineficácia da gestão pública, justificando-se pelo papel objetivo, segundo o qual o jornalismo deveria falar sobre as ocorrências que emergem e intervêm na normalidade do social.

Relativamente a esse tipo de cobertura no Brasil, ocorreram avanços na última década, por meio de reformulações das linguagens e modelos utilizados para tratar da temática, da extinção de parte dos cadernos de polícia ou pelo menos um afastamento da exposição sensacional e espetacular sobre a violência na mídia de alguns estados brasileiros (RAMOS; PAIVA, 2007). No entanto, não se podem ignorar os usos da violência urbana feito em âmbitos local e regional mesmo hoje, pois que a relevância de cobertura sobre segurança pública é enviesada, em que há a consolidação de modos de narrar espetaculares e ampla negação do debate sobre segurança pública e sobre a violência como problema social complexo.

Advém dessa lógica industrial da violência na mídia, a necessidade de perceber e problematizar esses usos a partir de um olhar sobre como as mortes, a face mais evidente das representações da violência, estão presentes nas narrativas jornalísticas, buscando compreender o que a mídia evidencia nesse processo de produção de representações enviesadas, bem como que tipos de deslocamentos são realizados na interpretação sobre os eventos da violência e sobre a realidade social. Sobretudo, porque compreendemos as narrativas midiáticas como forma simbólica, a partir de Thompson (1995; 1998), ou seja, uma construção simbólica significativa, que representa algo (ou o diz) para alguém.

Tais formas estão inseridas em contextos sociais e históricos específicos e são construções significativamente estruturadas, implicando dizer que qualquer análise a ser realizada não pode prescindir de levar em consideração essas características, passíveis de interpretação, a fim de que se compreenda o circuito em que essas formas se inscrevem.

No caso da mídia paraense, tanto impressa quanto televisiva, constatamos uma prática editorial de abordar a segurança pública somente como ocorrências de criminalidade. A linguagem pode apresentar gradações em suas linhas editoriais que vão de um tratamento menos espetacular e supostamente mais objetivo, até o mais banalizado, agressivo e chulo. Todos, no entanto, apresentam em suas narrativas uma espécie de “painel da violência diária” da Região Metropolitana de Belém e do interior do estado do Pará, quadro interpretativo que é resultado de uma seleção bem definida pelos editores dos veículos.

Em nossas análises, observamos que as narrativas construídas sobre a morte, evidenciam as ocorrências violentas concentradas na periferia da cidade, que mobilizam a percepção desses espaços urbanos como locais cada vez mais perigosos dominados pelo crime e tráfico, ou mesmo personalizando a violência, relacionando-a diretamente a indivíduos e grupos, que seriam os causadores dessa violência. A partir das observações, analisamos a construção da morte nos cadernos policiais da mídia impressa paraense, sendo esta escrita um dos resultados do projeto de Pesquisa “*Mídia e Violência: as narrativas midiáticas na Amazônia paraense*”.

Partimos da aproximação teórica entre os conceitos de enquadramento (GOFFMAN, 2012) e acontecimento (QUÉRÉ, 2011), como uma maneira de compreender e identificar os quadros de referência, ou mais propriamente o enquadramento em que a narrativa dos impressos paraenses inscreve as mortes decorrentes da violência urbana. Partimos da percepção de que existe uma distinção nas narrativas dos impressos paraenses que evidenciam a morte, em maior ou menor grau, como quase sempre do outro que não se alinha à ordem ou daquele que faz parte da ordem social, porém é vítima da violência.

A perspectiva que pretendemos dispensar aos enquadramentos da morte na mídia impressa paraense é resultado de um olhar sobre 42 jornais que compõem o acervo do projeto, com as maiores quantidades de fotografias violentas que fazem parte do nosso *corpus*, que, em totalidade, abrangem edições de *O Liberal* e *Diário do Pará*, do primeiro semestre (meses de março, abril, maio) e do segundo semestre (agosto, setembro e outubro) de 2012, e do *Amazônia Jornal*, do primeiro semestre (meses de maio e junho) e do segundo semestre (setembro e outubro) de 2013. Destes, constam apenas alguns dos impressos enquanto referências deste texto.

## **A VIOLÊNCIA ENTRE FENÔMENO E REPRESENTAÇÕES**

A violência nas narrativas midiáticas faz-nos levantar algumas indagações não só sobre o papel da ação da mídia e dos seus usos sociais, como também sobre de que violência é essa que está na narrativa e além dela, nas imagens e na realidade social das cidades do Pará e do Brasil. A violência não é estritamente da ordem da representação midiática, trata-se de um fenômeno estruturado social e historicamente. Analisar um qualquer conjunto de formas simbólicas implica entrar em contato com o que Thompson (1995) chama de “campo sujeito-objeto”, que resulta de um esforço analítico de compreender e interpretar as formas simbólicas e as condições sociais e históricas específicas de sua produção, definidas no termo de situações espaço-temporais, campos de interação, instituições sociais, estrutura social, meios técnicos de construção de mensagens e de transmissão, capazes de expor as tensões e os conflitos nesse campo.

No tocante ao fenômeno no Brasil, a violência urbana é parte da vida social do contexto democrático, que assistiu ao crescimento da violência e de criminalidade. Não se trata de um processo simples. Antes é difuso, com bastantes causalidades e explicações. De acordo com Adorno (2002) e Peralva (2000) as contradições no desenvolvimento dos centros urbanos e as desigualdades sociais consolidadas no país perpassam um processo de precarização dos modos de vida, dos espaços urbanos e a emergência de situações conflituosas, acompanhado pelo crescimento da violência urbana, sobretudo a partir da década de 1980.

Essa violência, entanto, não é uma causalidade excludente e única da violência. Em seu estudo sobre a estruturação do quadro da violência durante a Democratização do país, Peralva define esse contexto como marcado por uma continuidade autoritária, em que, ainda havia governantes do regime num período em que, em nível estadual, já havia governadores escolhidos pelo voto popular, contradição que gerou entraves no avanço de uma política eficaz de segurança interna; há um processo também de desorganização das instituições responsáveis pela ordem pública, marcadamente as polícias, que mantiveram a prevalência do caráter fortemente repressivo, sem haver pressões significativas por reformas. Outros aspectos são a pobreza, como potencial geradora de relações conflituosas, como revolta ou engajamento de alguns indivíduos na experiência do crime, além do impacto da mudança social, a partir da inserção dos indivíduos jovens na sociedade de consumo, do individualismo de massa, das relações de poder e risco ambivalentes entre jovens e crime. Adorno (2002) aponta que os padrões de concentração de riqueza e de desigualdade permaneceram os mesmos por cerca de quatro décadas, e que isso aumentou e intensificou os conflitos sociais. Com isso, a violência urbana espalha-se pelo tecido social difusamente, pois “vem conhecendo crescimento das taxas de violência nas suas mais distintas modalidades: crime comum, violência fatal conectada com o crime organizado, graves violações de direitos humanos, explosão de conflitos nas relações pessoais e intersubjetivas” (ADORNO, 2002, p. 87-88).

Nosso intuito ao analisar as narrativas midiáticas, não é ignorar o fenômeno e descontextualizar o processo analítico, antes é o de focar sobre as relações simbólicas que essas narrativas estabelecem com a realidade social. Nesse sentido, ao falar da violência, falamos de uma série de concepções partilhadas, sobre as quais o conceito de representações sociais é-nos bastante clarificadora desse quadro de relações simbólicas. Representações sociais, de acordo com Porto (2014), são definidas justamente nos termos de uma forma de conhecimento socialmente elaborada e partilhada, com fins práticos, que orientam e organizam condutas face a um objeto social. Essas representações circulam em discursos, imagens e narrativas midiáticas. Assim, como a narrativa, as representações são construídas com fins de organizar a realidade, de explicá-la de fazer com que os indivíduos se situem no mundo e nos seus fenômenos.

De acordo com Michaud (1989), a ação da mídia na difusão de imagens e mensagens simbólicas sobre violência altera profundamente as relações que os indivíduos em sociedade estabelecem com o fenômeno. A repetição à exaustão e a exposição espetacular de violências sangrentas causariam, segundo o autor, além da banalização da violência, uma espécie de “experiência anestesiada” relativamente a ela. Um processo em que a experiência imediata com a violência já é tanto menos importante quanto mais a experiência mediada, “Não são tanto as violências efetivas que contam, mas sim o que delas ficamos sabendo e imaginamos. [...] O que conta não é a realidade vivida, mas o que ficamos sabendo o que a mídia deixa ver.” (MICHAUD, 1989, p. 49-50). Um processo em que as representações sociais inscritas nas narrativas midiáticas e na conformação dos acontecimentos fazem circular uma experiência social específica, porém difusa, em que a interpretação generalizada e mais ou menos inexata dos fenômenos instaura-se como modo de compreensão da realidade social. Um processo em que essas representações sociais aderem a uma rotina narrativa de produção de mensagens simbólicas sobre a violência, que tem um potencial de interferir na realidade de práticas, de crenças e mesmo ideologias, como pontua Porto (2014), em que as relações entre subjetividade e objetividade, compreendendo a relevância social desse caráter subjetivo, se torna categoria analítica para pensarmos o fenômeno da violência, aquém e além das narrativas.

## ACONTECIMENTOS, ENQUADRAMENTO E INDIVIDUALIZAÇÃO

Assim, ao falar da morte podemos acionar a noção de acontecimento, recorrendo às teorias do jornalismo, por meio da qual se apresenta o que é noticiável em um fato. Na concepção de Rodrigues, acontecimento seria “tudo aquilo que irrompe na superfície lisa da história de entre uma multiplicidade aleatória de factos virtuais” (1993, p. 27). O termo acontecimento, para o autor, define um evento que possui certos atributos, que fazem com que ele se distinga de outros, se destacando pelo fato de sua classificação e “leis” serem dadas a partir da sua improbabilidade

ou de suas causalidades não evidentes. É algo da ordem do inesperado, cujas características (excesso, falha ou inversão) conduziriam à perplexidade, pelo funcionamento anômalo da realidade, e que mobilizariam o olhar do jornalismo. Assim, segundo Rodrigues “o acontecimento é imprevisível, irrompe acidentalmente à superfície epidérmica dos corpos como reflexo inesperado, como efeito sem causa, como puro atributo”. (1993, p. 29).

Essa perspectiva teórica dá conta de que a manifestação midiática dos acontecimentos é potencialmente redutora, considerando-os como aquilo que tem atributos de anormalidade e a falta de nexos explicativo, e, por isso mesmo, desancorados de seu contexto e realidade social. De acordo com Rodrigues, existem ainda eventos que não podem consistir em acontecimento por serem da ordem do esperado, do “racional”. Há, no entanto, uma mescla desses dois aspectos nas narrativas midiáticas sobre violência, pois a sua profusão se dá pelo fato de anormalidade do excesso de eventos violentos, sem causalidades complexas que possam explicá-los, ao mesmo tempo que a sua ocorrência já se tornou normalizada. E a partir dessa noção de acontecimento, percebemos como a mídia desconsidera justamente a enorme gama de sentidos que os acontecimentos possam possuir, relativamente a uma dada formação sociocultural, cujas referências também dialogam com os acontecimentos.

É em razão disso, que consideramos o *acontecimento* de acordo com a conceptualização de Quéré (2011), definido como um fenômeno hermenêutico, que, ao mesmo tempo em que se constitui como uma “totalidade significativa”, é organizado a partir de um processo de individualização, passível de interpretação. Por meio dessa individualização confere-se ao acontecimento uma identidade, o caráter de uma entidade singular, inserindo-se no quadro de uma experiência (a que podemos também nos referir como quadro de referência, pois se situa em uma experiência que também é social e coletiva), implicando em um processo de afetação, operado nos termos de “uma modificação ao o mesmo tempo daquele que a faz e daquilo de que a experiência é feita” (2011, p. 23).

Essa perspectiva vem ao encontro do olhar que queremos lançar sobre a mídia paraense, pois isto indica que os acontecimentos podem ser interpretados e inscritos no bojo das experiências, passando, a partir daí, por processos de narrativização e de definição de problemas públicos, que são etapas do processo de reconstrução simbólica dos acontecimentos, justamente a sua individualização. Podemos falar, então, de um acontecimento que ao ser reconstituído é, conforme leitura de França, “individualizado quando se determina aquilo que o especifica, quando ganha uma significação – e aí, sim, uma identidade – como acontecimento particular” (2011, p. 67).

Em discussão na qual se aproxima mais nitidamente a noção de acontecimento e jornalismo, o olhar conceptual de Mouillaud (2002) pode ser acionado para complementar essa visão acima apresentada. Nos termos deste teórico, o acontecimento seria algo que se distingue da informação, mas não se dissocia dela, um não se autonomiza em relação ao outro. Os acontecimentos para ele são eventos que “formam o mundo” e à medida que são aquilo no mundo (da realidade, da experiência, podemos dizer) do qual fala a informação, pode ser encarado como “unidade cultural e que já está codificado no interior do espaço da informação” (2002, p. 56). A partir disso o autor afirma que os acontecimentos são fragmentos captados e, como fragmentos de uma totalidade maior do que eles, requerem ser olhados por um quadro ou enquadramento, de modo que, para o acontecimento,

a moldura opera ao mesmo tempo um *corte* e uma *focalização*: um corte porque separa um campo e aquilo que o envolve; uma focalização porque, interditando a hemorragia do sentido para além da moldura, intensifica as relações entre os objetos e os indivíduos que estão compreendidos dentro do campo e os reverbera para um centro (MOUILLAUD, 2002, p. 61, grifo nosso).

Ainda que não relacione diretamente o enquadramento a um autor ou teorização, Mouillaud destaca a potencialidade organizativa que a noção do enquadramento oferece e que permite, então, inscrever a noção do acontecimento nesse processo, guiando o nosso olhar sobre os impressos paraenses na compreensão e identificação da morte em suas páginas. É um corpo de conceitos a partir dos quais buscamos, ao reuni-los, problematizar a ação da mídia por meio de uma perspectiva que busque dar conta da complexidade das construções simbólicas no jornalismo, compreendendo que ele projeta uma realidade desancorada, mas cuja formação dialoga com a experiência e referências sociais.

O conceito de enquadramento é oriundo da teoria de Goffman (2012), em que o autor aborda a situação interacional e a definição dela a partir de quadros de sentido, desenvolvendo uma perspectiva sociológica que contempla a



interação e a vida cotidiana de forma ampla, a partir da experiência social, que define a maneira como os indivíduos se relacionam com acontecimentos e como agem diante deles. Nesse processo, volta-se para os quadros como princípios organizadores da realidade social, em um ponto de vista microsociológico, por meio dos quais se busca dar conta das situações em que os indivíduos se inserem.

A análise de quadro ou enquadramento consiste justamente na análise da organização da experiência, ou seja, na maneira como percebemos os elementos do quadro em uma dada situação. Os quadros seriam, assim, o meio que nos habilita a perceber e reconhecer os acontecimentos da vida cotidiana. Goffman os entende como a articulação de vários esquemas interpretativos que, juntos, concorrem para definir o quadro. Como mais básicos, o autor apresenta os esquemas primários, os quais são considerados pelos que os aplicam como inteligíveis espontaneamente, cuja interpretação na situação é feita de modo imediato, parecendo não depender de interpretações anteriores ou originais, mas se relacionando com o que já está presente na experiência.

Segundo o autor o esquema primário é aquele que “permite ao seu usuário localizar, perceber, identificar e etiquetar um número aparentemente infinito de ocorrências concretas” (2012, p. 45), de modo que confere significado a eventos ocorridos em determinados momentos. Utilizar-se desses esquemas, de acordo com Goffman, portanto, é uma competência dos indivíduos em sociedade, que o fazem, sem grandes dificuldades, uma vez já são condicionados social e culturalmente a entender os acontecimentos a partir de determinados elementos que constituem a ambos, a partir da experiência organizada. A apropriação desse conceito para os estudos de jornalismo e mídia se dá pelo fato de ele enfatizar o caráter de construção simbólica dos quadros, que são também “marcos interpretativos”, por meio dos quais se definem os acontecimentos e se organiza a realidade social.

É partir da noção de enquadramento como construção, que se acionam os referenciais situados em contexto pelos quais pretendemos olhar para a morte presente nas narrativas dos impressos. A nosso ver, essas mortes midiáticas, tomadas como acontecimento, – mesmo que sejam parte de uma atividade de narrar o crime ou evento de uma fatalidade que resultam em óbito –, evidenciam questões que se inserem em um âmbito social das concepções partilhadas pela sociedade e vividas pela mediação que a mídia enseja.

Tópicos como o aumento da violência e da sensação de insegurança, projetados nas narrativas midiáticas, parecem ser evidenciados nesses impressos a partir da exposição reiterada da morte, cujos enquadramentos mostram a maneira como a realidade é definida, a partir justamente do movimento de “corte” e “focalização”, em que o reticente e o referenciado são eloquentes para diagnosticarmos a ação da mídia paraense. Procuramos não dissociar essas noções daquela exposta sobre o acontecimento, também o reconstruído, que possui uma significação que “se dá e se constrói situando-o dentro de um quadro de referências e de valores já estabelecidos, ligando-o a certas questões e sentidos, organizando-o conforme certos princípios” (FRANÇA, 2011, p. 69).

A partir de uma leitura orientada e um movimento de aprofundar as hipóteses sobre os impressos analisados ao longo da pesquisa, procuramos realizar uma reflexão sobre a presença da morte e como ela aparece em uma discussão enviesada sobre a temática de violência e segurança pública, das quais trazemos algumas exemplificações das próprias narrativas midiáticas que nos ajudam a compreender os quadros de sentido inscritos.

## **AS FACES DA MORTE VIOLENTA NA MÍDIA PARAENSE**

Passamos, então, a uma leitura em relação aos jornais. Sobre os impressos paraenses, podemos dizer que as suas linhas editoriais definem a maneira como abordam a violência, os estilos narrativos, os ângulos da fotografia de cadáveres a maior ou menor agressividade nas manchetes, entre outros aspectos presentes no tratamento da violência em seus cadernos de Polícia. Devido ao que as ORM e a RBA projetam como seu público, elas realizam escolhas editoriais que, como já dito, oscilam entre o supostamente objetivo e o chulo, com a violência sendo mais ou menos escancarada, mas sempre evidente.

Situamos o enquadramento aqui na perspectiva também de Quéré (2011), que realiza uma aproximação de Goffman (2012), quando o primeiro fala da individualização de acontecimentos públicos, que pressupõe, ao mesmo tempo que “individualização é diferenciação, segregação, unificação, qualificação, ela é também estruturação, integração,

resolução de tensões e de contradições, engendramento de coerência e significações.” (2011, p. 14). À medida que falamos do *enquadramento* como atividade organizativa que resulta na narrativa jornalística, podemos também dizer que é por meio dele que as mortes que acontecem no estado do Pará, tomadas em conjunto, passam a integrar uma experiência maior, social e coletiva, passando a ser reconhecidas como uma série de ocorrências que se congregam para conferir a elas o sentido de proliferação da violência urbana e da insegurança.

Voltando a Goffman, a sua teorização delinea que “tendemos, portanto, a perceber os acontecimentos em termos de esquemas primários e o tipo de esquema que utilizamos proporciona uma maneira de descrever o acontecimento ao qual ele é aplicado” (2012, p. 49). Esses esquemas, sendo elementares à percepção e à organização dos acontecimentos, podem ser acionados em grande número, simultaneamente, pois dizem respeito às maneiras como os indivíduos são condicionados a lidar com as ocorrências da vida social. É um processo que começa pela resposta à pergunta com as quais os indivíduos se deparam em determinadas situações ou diante de acontecimentos em curso: “O que está acontecendo aqui?” (2012, p. 31). Pergunta essa que é respondida a partir da consideração de aspectos, como as referências acionadas, dos papéis dos indivíduos envolvidos e os seus perfis cognitivos, por exemplo.

Tomamos, assim, o enquadramento sobre a morte como uma organização das referências do acontecimento, para o qual a mídia apresenta uma interpretação que se pretende uma forma de percepção social dos acontecimentos. É nesse sentido que ela opera a *definição* de cada acontecimento inscrito nas narrativas dos impressos paraenses. É por meio dessas definições engendradas pelos enquadramentos midiáticos, que o jornalismo se coloca no lugar de fornecedor de um registro da realidade, em que a morte tem significações específicas. Nunca é um elemento solto, antes é o mote mais evidente para falar de uma rotina da violência e da insegurança de uma cidade perigosa, cada vez mais perigosa, conforme as páginas dos jornais proliferam as imagens e narrativas marcadas pela violência.

Ao falar de morte – que aparece de formas variadas de acordo com o contexto do meio e da cobertura – a mídia evidencia sentidos que se aproximem de uma profusão de mortos célebres que desfilam em um cortejo, do qual os mortos banais estejam apartados (MOUILLAUD, 2002); de mortes naturais de personagens que, sendo célebres, são igualmente queridos, contrastando a imagem de um morto anônimo por uma causa externa violenta ou ainda do registro de um morto que ao ser vítima de morte violenta é apresentado como inimigo da cena pública (MATHEUS, 2011). Todas essas mortes, porém, ao se projetarem em suportes midiáticos, inscrevem-se no cotidiano, na experiência, pois

A morte que nos ‘assusta’ e que merece ser relatada diariamente possui, como acontecimento, um caráter de surpresa. Sua presença rotineira, entretanto, quando captada pela imprensa dá à dimensão de sua vivência um outro caráter. A morte cotidiana que abunda as páginas do jornal é, ela mesma, uma morte comum, que assim se torna, pela maneira como o jornal a faz, repetitivamente, ordinária. (TAVARES, 2012, p. 75).

E, agregado a esse processo, a morte enquadrada nas narrativas jornalísticas desses diários fornece uma construção do cotidiano social como terreno organizado de modo maniqueísta. Nele há o *bem* e o *bom*, representados por certas montas de indivíduos, como o “trabalhador”, o “inocente”, o “empresário”, o “morador”, que são vítimas ou de uma fatalidade, – eventualidade em que a morte é uma consequência imprevisível – ou de uma violência incontrolável que está presente nos espaços da cidade ou do interior do estado; todos pacientes de uma violência tanto mais brutal quanto mais inesperada para eles. E há também o *mal* e o *mau*, cujas figuras são dos indivíduos que estão em relações perigosas com o tráfico ou com o crime, que representam um risco à sociedade, pela sua localização marginal e desalinhada de um ideal produtivo, que são vítimas das próprias escolhas pela violência e das próprias relações regidas por ela; todos são apresentados como os agentes da violência cujas mortes são consequências de seu “caminho”. Desta forma, essas mortes são esperadas, e mais do que isso, são normalizadas.

Esse de tipo de construção é possível pelos aspectos da própria narrativa jornalística, que para Motta (2010) constituem uma modalidade de ação simbólica com a finalidade de organizar a experiência de um contexto, a partir de elementos que se tornam presentes na constituição das narrativas, criando estratégias de que se lança mão para narrar a partir do seu pano de fundo cultural, de modo que as narrativas “realizam ações e *performances* socioculturais, não são só relatos representativos” (2010, p. 145). Dialogam com compósitos de referências culturais que se compõem de

“metanarrativas”, cujos significados simbólicos profundos se ligam à uma ordem, moral ou às crenças compartilhadas. É por essas características que essa ação da mídia elabora e reitera imagens, narrando a morte, enquadrando-a desse modo dualista, como *a morte inesperada do bom* e *a morte normalizada do mau*. À guisa de exemplo, observemos os seguintes trechos retirados da mesma edição de um dos jornais:

**Dupla mata feirante a tiros; vítima saía de casa para trabalhar.** Natalino foi atingido na cabeça, em uma das pernas e nas costas. Após os disparos os dois bandidos fugiram do local sem levar nada da vítima. A esposa e a filha caçula do feirante, que estavam na casa, ficaram, desesperadas e pediram ajuda aos vizinhos. [A vítima] morava na rua há mais de 10 anos e era um homem trabalhador [...] ‘Esse vizinho era uma pessoa alegre, gentil e um trabalhador. E de repente vem uma pessoa e tira a vida dele, não dá para acreditar’, disse o vizinho. (AMAZÔNIA JORNAL, 21/05/2013, p. 42).

**“Thoki” morre atingido por quatro balaços.** O envolvimento com drogas pode ter sido o motivo do assassinato de um rapaz identificado apenas pelo prenome Alexandre. Ele foi morto com quatro tiros ontem, no bairro da Marambaia. [...] Segundo o sargento Vinente, testemunhas disseram que já tinham visto a vítima pela área, mas ninguém soube informar onde ele morava. ‘Nos informaram que ele era usuário de drogas e possivelmente foi isso que motivou o crime’ disse. (AMAZÔNIA JORNAL, 21/05/2013, p. 47).

O jornal evidencia, no primeiro texto, que há uma morte com um caráter incógnito, pois é de alguém que “não merecia” morrer. Ao contrário do outro segundo texto, que se mostra como resultado inevitável da ordem das motivações bem definidas, ou seja, de uma “vida errada”. Em razão disso, o olhar lançado sobre os jornais nos permite a observação de que essa leitura maniqueísta da realidade é o que dá sustento aos enquadramentos sobre a morte nesses impressos. De modo que procuramos entender as referências dos acontecimentos e do social que são acionados a partir dos quadros de *fatalidade* e de *normalidade* nas narrativas sobre a *morte* e o *morrer* nos cadernos de polícia.

## A FATALIDADE DA MORTE VIOLENTA

As mortes inscritas nesse quadro talvez sejam as que mais ostentam a marca do comum cotidiano. Por acidentes de trânsito, por assaltantes e por criminosos, o acontecimento aqui se distingue tanto pelas circunstâncias quanto pelos afetados. “Trabalhadores”, “donas de casa”, pessoas “queridas pela comunidade” são as personagens vítimas dessa violência. Além da ênfase, maior ou menor, na imagem do morto como alguém que é atingido por um acontecimento fora do controle, acidental ou brutal, do qual ele não faz parte, mas pelos quais são afetados. É em razão desse enquadramento que se encontra uma maior presença na narrativa de nuances dramáticas, ao mesmo tempo indicando a fatalidade dos eventos e a perplexidade diante deles.

O que interessa nos acidentes não é o mesmo que nas mortes por criminalidade, pois

O morto acidental o jornal o toma por sua conta; nele a morte se torna acontecimento como o corte ou a derrota de uma rotina: o avesso da programação? Mas a morte-acidente não estaria (veja Octavio Paz, Baudrillard, Virilio) na programação das nossas sociedades? *É a particularidade (do acidente ou do crime) que se torna notícia; sua diversidade é sua essência.* (MOUILLAUD, 2002b, p. 350, grifo nosso).

O caso dos acidentes, em relação ao sentido, consiste no que Goffman (2012, p. 59, 60) diz sobre as ações que são tidas como socialmente controláveis, ou melhor, que são condicionadas a serem percebidas como controláveis, cujo plano natural ocorre na perda desse controle, evidenciando uma “falha”, sendo regidas então por uma “casualidade”. É nesse sentido que podemos falar das seguintes narrativas.

**Motociclista morre em batida.** Luís Fernando Alves Pinheiro, de 53 anos, morreu após a moto que pilotava se chocar contra uma caminhonete na noite de ontem, por volta de 19 horas, na avenida Magalhães Barata, às proximidades da avenida Alcindo Cacela, São Brás. Uma ambulância do Corpo de Bombeiros foi acionada, mas não houve tempo de socorrer

a vítima. “Eu estava em um táxi pela Magalhães Barata e o motorista do carro deixou ele (piloto da moto) passar porque ele já vinha correndo muito. Aí um pouco mais à frente, entre a 14 de Março e a Alcindo Cacela, ocorreu o acidente. A senhora do carro não teve culpa”, afirmou Magna [testemunha]. (AMAZÔNIA JORNAL, 22/05/2013, p. 41).

**Dona de casa morre atropelada próximo à BR-316.** A dona de casa Raimunda Ângela, 49 anos, mãe de cinco filhos, morreu atropelada por um veículo de passeio quando tentava atravessar a rodovia BR-316, no sentido São Brás/Entroncamento, distante apenas cerca de 100 metros do pórtico de Belém, onde existe uma passarela para a travessia de pedestres. [...] Ela estava na companhia do marido Jurandir Alves de Souza, de 48 anos. “[...] Acho que a culpa foi nossa, não sei, ficamos tão confusos. Deveríamos ter atravessado na passarela. Não sei nem o que dizer e pensar, mas já sinto a falta dela, pois vivíamos juntos há seis anos”, disse, emocionado. (O LIBERAL, 16/03/2012, p. ?)

**Motoqueiro bate em caminhão e morre na BR-316.** Na madrugada de ontem, um acidente entre uma motocicleta Honda Broz e um caminhão caçamba, no KM 3 da rodovia BR-316, em Marituba, deixou uma vítima fatal. O motociclista Walber Luis Borges da Silva, 24 anos, teve morte instantânea ao colidir com a traseira de um caminhão carregado de areia. A força da colisão foi tanta que pedaços de massa encefálica da vítima ficaram espalhados no para-choque da caçamba. (DIÁRIO DO PARÁ, 14/03/2014, p. 7)

O primeiro elemento que o enquadramento talvez nos permita verificar é a definição da situação (do acontecimento), que mais do que simples nomeação de cada ocorrência como um acidente, consiste no “cortar” e “focalizar” os elementos do acontecimento em seu quadro. Assim, temos uma construção narrativa nos três casos em que o acidente é evidenciado como uma brusca ruptura, em que o humano é mais ou menos um coadjuvante, ou seja, ruptura que se sobrepõe aos envolvidos, na ideia de que houve exatamente a falha na situação, causada por um acaso ou uma imprudência.

Um itinerário narrativo cujos elementos são dispostos e arrançados com vistas a destacar um modo de morrer específico, já dentre os modos dessacralizados. Esses elementos são responsáveis pela ancoragem do acontecimento a essa definição do fatal, tais como em “não houve tempo de socorrer a vítima”, “acho que a culpa foi nossa [...] já sinto a falta dela” e mesmo “deixou uma vítima fatal” de cada um dos casos, respectivamente. A construção simbólica que perpassa esse itinerário, a referência às circunstâncias do evento e às relações dos indivíduos com as mortes, tem como papel de restringir e alimentar o quadro da fatalidade, do morrer como elemento de um cotidiano de risco, passível de atingir os indivíduos indistintamente.

Um morrer definido nos termos acima e não do de uma intencionalidade deliberada ou de um crime orientado, mesmo que nos registros de segurança pública, as mortes decorrentes por acidente de trânsito sejam parte das estatísticas de crimes contra a pessoa e homicídios. Mas não deixa de evidenciar que esse evento que se projeta como uma pequena tragédia privada, causada por uma situação não motivada, – mas muito mais como uma violência não motivada – pode assumir um caráter brutal ao afetar a vítima. Pois como dito, o interesse é nestes casos sobre o fato, sobre a sua descrição e sobre a sua transformação em narrativa.

O quadro é mais problemático, no entanto, em relação às mortes que já são tidas como motivadas, porém imerecidas, decorrentes de homicídios e assaltos e, decorrente da brutalidade de certos espaços e indivíduos que fazem parte deles. A noção de “trabalhador” recorrentes em textos assim, nos fornece alguns indícios, pois falar de pessoas que estão alinhadas à ordem da produtividade e da ocupação, indicam que são pessoas que são potencialmente “boas”, à medida que não se alinham com o tráfico ou com o crime predominante, em oposição àquelas que são vítimas. Neste caso, o enquadramento se torna complexo.

**Trabalhador é sepultado.** Ontem de manhã, durante velório da vítima na casa da família, parentes e vizinhos lamentaram a morte trágica do autônomo, “Era um trabalhador que não se envolvia e confusão e era muito querido no bairro. Gostava de beber a cervejinha dele, mas não brigava com ninguém” disse José Mesquita, cunhado da vítima (AMAZÔNIA JORNAL, 22/05/2013, p. 41).

**Polícia apura assassinato em Icoaraci.** Até ontem a Polícia Civil, em Icoaraci, não tinha pistas dos homens que, armados, executaram a bala o funcionário público Robson Clóvis Monteiro Campos. O fato se registrou anteontem quando a vítima foi atingida com três tiros. Foi um tiro no queixo e dois na cabeça. [...] O delegado descartou a possibilidade de que o crime tenha ido motivado por um acerto de contas, já que as informações disponíveis indicam que Robson era um homem trabalhador. (O LIBERAL, 30/04/2012, p. ?)

**Professor é assassinado com quatro tiros.** O professor Raimundo Lucier Marques Leal Junior, 59 anos, foi morto a tiros dentro de seu veículo, no início da tarde de sábado, na avenida Duque de Caxias, entre as travessas Eneias Pinheiro e Pirajás, bairro do Marco. Segundo informações da polícia, o homem que efetuou os disparos estava aguardando a vítima sair de uma oficina mecânica, próximo do local. [...] Os familiares da vítima ficaram desolados com a situação e receberam apoio de amigos e colegas do professor que foram ao local do homicídio. Bastante emocionados, os parentes de Raimundo Lucier preferiram não conversar com a imprensa.

Nos casos acima, a aparição de designativos em “vizinhos lamentaram a morte trágica do autônomo”, “era um homem trabalhador” e “familiares da vítima ficaram desolados com a situação e receberam apoio de amigos e colegas do professor”, serve para ancoragem dos papéis sociais das vítimas, funciona como elemento de distinção social, à medida que são pessoas que se alinham com bem, são o bom indivíduo, cuja presença na sociedade é o avesso da violência que os afeta, cuja existência social não é marcada por uma marginalização extrema, pois, mesmo nos nichos periféricos, os ideais produtivos e distintivos do trabalhador e do indivíduo com uma profissão o afastam de ser parte integrante da sociabilidade violenta.

A fatalidade aqui é evidenciada pelo encontro do indivíduo que nada tem a ver com a violência, mesmo que ele esteja no espaço em que é definido por uma ordem social marginal, “naturalmente” violenta, em que a sua morte causada por essa ordem, por essas sociabilidade e potenciais gestões de conflito violentas. Há um movimento de personificação da violência que vitimiza as pessoas das regiões periféricas. É tão somente a morte violenta pelas mãos de “bandidos”, assaltantes. Trata-se de um perigo que, na narrativa, é bem definido. Além deste destaque, os jornais realizam um processo de dramatização, em que a narrativa se reveste de caráter sensacional.

De acordo com Matheus (2011), as construções sensacionais da mídia envolvem a projeção de medo, contribuindo com alguns conceitos e sensações específicas, relativas ao tratamento e ao que está articulado em imaginários, cuja coexistência fomenta o aspecto espetacular e sociocultural dessas narrativas. Um deles é a dor, representada pela própria vítima e a realidade que ela representa, pois na medida em que ela pode ser um ente individual, pode também, simbolicamente, ser um conjunto de outros entes, potenciais vítimas ou afetados pelo fato; a experiência da dor colaborando com o medo. Deste modo, a leitura que os impressos em análise poderiam nos fornecer é a realidade cotidiana de quem está nas regiões periféricas é cercada de uma potencialidade do morrer, uma fatalidade a que estão mais ou menos suscetíveis os moradores dessas regiões.

## A NORMALIDADE NA MORTE VIOLENTA

Este enquadramento não se confunde com o anterior, pois as referências aqui acionadas buscam mostrar que, ao contrário de inscrever a morte em uma situação indesejada, que enseja lamento e perda, sendo uma brusca ruptura daquilo que se espera da vida dos indivíduos, a morte aqui é sempre de pessoas que encarnam a violência, que fazem parte de uma rede de relações marcadas por reciprocidade negativa, com um “fim” esperado. Fala-se, então, de mortes normalizadas. Os casos de desentendimentos entre “bandidos”, de acertos de conta, de dívidas com o tráfico são enquadrados a partir deste viés. É a rotinização de uma realidade de *um outro* que é violento, causador da violência e eliminado por ela mesma. É o caso mais típico das narrativas midiáticas. É a construção de uma alteridade perigosa.

Em sua pesquisa sobre a produção do medo nas narrativas de cobertura policial, Matheus (2011) aponta que a morte, – quando envolve o *outro*, o negro/pobre – seria, no contexto social e histórico brasileiro em que essa narrativa sobre a violência se constrói, instâncias objetivas de medos do desconhecido, da incivilidade ou da ameaça. Em um grau maior de objetivação, tem-se o outro representado pelo narcotraficante, que encarna a culpa da violência. Em nosso caso, temos uma grande quantidade de indivíduos, entre assaltantes a usuários de drogas, que representam potencialmente o perigo para aqueles em relação ao qual ele é o *outro*. Tomemos alguns exemplos.

**Viciado tomba a tiro.** Mauricio Ferreira Farias, 21 anos, foi morto na madrugada de ontem na passagem Nossa Senhora das Graças, na Pratinha II, logo após sair de uma festa. Ele era usuário de drogas e já havia sido preso pelo crime de roubo, informação que foi confirmada pela mãe dele, Antônia Ferreira, que esteve no local do crime. [...] A polícia não descarta a hipótese de acerto de contas na investigação do homicídio. A equipe da Divisão de Homicídios esteve no local do crime para levantar informações sobre o homicídio (AMAZÔNIA JORNAL, 18/06/2013, p. 45)

**Bandido tomba em acerto.** Luan Santos Moreira, de 23 anos, foi morto com três tiros, ontem à noite, no bairro da Condor, em Belém. Segundo a polícia, a vítima tinha envolvimento com crimes e a principal suspeita é que o assassinato tenha sido um acerto de contas. [...] “No momento que ele desceu da van e entrou aqui na passagem, os motoqueiros o perseguiram alguns metros e um deles efetuou os disparos contra a vítima”, complementou o PM. “Luan do Guamá”, como era conhecido, morreu na hora. Segundo denúncias recebidas pela polícia, o rapaz era considerado perigoso, já que tinha envolvimento com assaltos e homicídio. “Temos a informação de que ele já foi preso por homicídio. Em 2011, ele matou o próprio comparsa. Ele era perigoso, muito conhecido no Guamá pela prática de crimes”, afirmou o policial. (AMAZÔNIA JORNAL, 14/09/2013, p. 47)

**Usuário de drogas inadimplente é executado por traficantes.** Um homem foi assassinado, sábado à noite, na Cabanagem, em Belém. André dos Santos Corrêa, 29 anos, estava caminhado na passagem Bom Jesus, do Conjunto Panorama XXI, quando um homem a pé se aproximou e efetuou um disparo que atingiu a nuca da vítima. Segundo a polícia, o motivo da execução foi acerto de contas por dívida com traficantes do bairro. André era usuário de drogas. (O LIBERAL, 20/08/2012, p. 5)

**Técnico em refrigeração assassinado porque devia R\$ 50,00 ao criminoso.** Um homem foi assassinado quando estava às proximidades da residência onde morava, na Marambaia. [...] A informação que chegou à polícia é que a vítima tinha passado a madrugada em um bar na companhia do assassino. E o crime teria sido motivado por dívidas de droga. [...] “Quando ele estava a caminho de casa, foi atacado pelo criminoso. Eles brigaram por uma dívida de R\$ 50,00 gato em droga”, disse o cabo. O assassino puxou a faca e golpeou a vítima 28 vezes José ficou ferido até na cabeça. (O LIBERAL, 03/09/2012, p. 1)

**Sevilha: cinco tiros ceifaram a vida de Bruno.** Um homicídio com sinais evidente (*sic*) de execução, Bruno Péricles de França Alves, 21, foi executado friamente em um beco do Jardim Sevilha, às margens da Augusto Montenegro, conhecido como “beco do me roba” por dois homens em uma motocicleta que dispararam uma rajada de tiros contra a vítima. [...] Uma informação repassada ao DIÁRIO por uma testemunha dá conta que Bruno Péricles teria cometido um delito no bairro dos 40 Horas, em Ananindeua, e estaria com sentença de morte decretada pelos possíveis vingadores de sua vítima. (DIÁRIO DO PARÁ, 23/04/2012, p. 3)

**Assaltante é liquidado com oito tiros.** Na noite da última quarta-feira (10), por volta das 21h30, Chelless Santos da Silva, 25, Foi morto com pelo menos oito tiros, na rua Getúlio Vargas, bairro Água Boa, na ilha de Caratateua, mais conhecida como Outeiro, que é distrito de Belém. De acordo com informações da polícia, a vítima pode ter sido morta por acerto de contas entre assaltantes. [...] Conforme apurações da polícia, Chelless além de ter sido envolvido em assaltos, também era viciado em entorpecentes. (DIÁRIO DO PARÁ, 12/10/2012, p. 3)

Com exemplos dos três impressos, percebemos recorrências nas narrativas, no modo de apresentar seus elementos e encadeá-los simbolicamente. Uma rotina da narração da violência que projeta já narrativas arquetípicas da morte dos indivíduos à margem da ordem social. Os elementos de ancoragem da situação são esquemáticos e tautológicos. Há a repetição da ideia da suspeita de execução, do designativo “acerto de contas”, de uma espécie de histórico de envolvimento com a criminalidade, como elementos justificadores da morte nesse contexto periférico, do morrer proveniente dessa gestão da violência que os próprios indivíduos violentos realizam, com vistas a regular as relações nesses espaços.

É referenciado o que Zaluar aponta como sendo o “bandido armado” ou os congêneres que com ele compactuam como o “próprio mal personificado” (1994, p. 46). São o mal no sentido de ser um signo da própria violência que afeta a sociedade, para a qual representam um risco iminente. É, na construção narrativa com que nos deparamos, uma morte como castigo pelas relações em que a vítima, voluntária e conscientemente, teria se inserido. Uma consequência de um desvio social, legal e moral, que, ainda que não confirmado em alguns casos, apenas atestado por depoimentos, reforça a noção de uma violência e uma brutalidade com finalidades e causalidades bem demarcadas, que é em todos as possíveis facetas normalizada.

A normalização de um acontecimento consiste para Quéré, em um processo pelo qual se efetua uma leitura dos acontecimentos, por meio de uma “gênese invertida”, a partir da qual ele passa por uma “reconstituição do seu contexto causal ou motivacional, sendo tomadas como ponto de partida a individualidade e a objectividade constituídas”. (2011, p. 18). É o que se encontra nas explicações dos jornais de que as mortes acontecem por acertos de contas, de dívidas com o tráfico, com as quais estabelece uma relação de causalidade, que delimita, reduz e facilita qualquer interpretação sobre aquele evento. Não obstante, esse enquadramento sobre as mortes faz com que sejam inscritas em um contexto típico, no qual as mortes são facilmente identificadas – porque já possuem uma identidade – e são inscritas “naquilo que é habitual, do qual se sabe falar e com o qual se sabe lidar” (FRANÇA, 2011, p. 68).

A mídia reitera essa ideia de que determinados indivíduos tem uma morte definida e, em certa medida, ao realizar o movimento de afastá-los do espaço ao qual pertencem aos que não merecem morrer, – para quem a morte representa a ruptura – joga-os no meio de um espetáculo em que a morte deles é impressa nas páginas do jornal impresso com todas as marcas da violência e da sua suposta desumanidade. A morte para eles é a norma cujo cumprimento é esperado e quase inevitável.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

O enquadramento da morte, nessas narrativas midiáticas, é usado sempre como elemento para afirmar condicionalmente ou negar *um outro* na sociedade, sobretudo que faz parte da realidade das regiões periféricas. Para aquele que está na ordem social, que se assemelha nos valores aos demais indivíduos, vale a ordem, o lamento, a indignação; para o que se situa no âmbito contrário, resta o desprezo, o desejo de que seja eliminado. Essa lógica maniqueísta reforça uma série de estereótipos negativos sobre os lugares, sobre pessoas, sobre as relações do tecido urbano, alimentando e reiterando as imagens do medo, da violência e da insegurança,

Além disso, assiste-se àquilo a que Adorno (1995) se refere como dramatização da violência, em que a mídia fala daquilo que está na superficialidade do tema violência, de seus fatos, do seu crescimento, da sua brutalidade, promovendo uma maior psicologização dessa violência, sem, no entanto, oferecer uma visão sobre as raízes desses fenômenos, ou uma visão alternativa sobre a segurança pública. A violência é esvaziada, reduzida à personalização em indivíduos que causam a morte e são mortos por suas ligações. Fala-se de crimes, mas não se fala de segurança pública.

Ao realizar essa perspectivação, o jornalismo nega o seu potencial de geração de debate para o agendamento de políticas públicas, não contribui para o esclarecimento sobre o que realmente sejam as questões contextuais da violência. A morte, sobretudo, continua sendo um fato quase em si mesmo, inserindo-a na dimensão do comum do banal.

Note-se também que a similaridade das narrativas tem um potencial de homogeneizar os acontecimentos e esvaziá-los ainda mais. Age de maneira acrítica, como ferramenta de alimentação do drama da violência, realizando ele mesmo formas de violência simbólica ao reiterar a normalização das mortes, ao mostrar ainda imagens fortemente

marcadas por signos da violência, enquanto explora um fato social como mercadoria, que pode reforçar sentimentos e sensações como o medo e a insegurança que a sociedade enfrenta.

É um quadro problemático que requer alterações urgentes, conforme já foi verificado em outras regiões do país. A preocupação no diagnóstico paraense volta-se também para o fato de a cobertura policial, que vem sendo realizada, apresenta-se como institucionalizada e não há disposição de mudança por parte dos meios de comunicação. Uma rotinização de um industrialismo da violência, com repercussões simbólicas além da banalização, como o reforço de ideologias de exclusão, a própria negação e invisibilização crescente no meio social de uma compreensão adequada da violência. De modo que, entre a morte inesperada do bom e a morte normalizada do mau, uma dinâmica perversa de recrudescimento da interdependência da violência como fenômeno e representação, em que as reconstrução simbólica e experiência mediada se sobrepõe a essa violência, difundindo compreensões e conhecimentos cada vez mais homogêneos e aderentes sobre esse fenômeno social.

#### REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ADORNO, S. Exclusão socioeconômica e violência urbana. *Sociologias*, ano 4, n.8, jul./dez. 2002. p. 84-135.
- \_\_\_\_\_. Violência, ficção e realidade. In: SOUSA, Mauro Wilton (Org.). *Sujeito, o lado oculto do receptor*. São Paulo: ECA/USP, Brasiliense, 1995. p. 181-188.
- ARIËS, P. *História da morte no Ocidente: da Idade Média aos nossos dias*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2012.
- BENJAMIN, W. *Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura*. 3. ed. São Paulo: Brasiliense, 1987.
- FRANÇA, V. O crime e o trabalho de individuação do acontecimento no espaço midiático. *Caleidoscópio: Revista de Comunicação e Cultura*, Lisboa, n. 10, 1º Semestre. 2011. p. 59-72.
- GOFFMAN, E. *Quadros de experiência social: uma perspectiva de análise*. Petrópolis: Vozes, 2012.
- MATHEUS, L. C. *Narrativas do medo: o jornalismo de sensações além do sensacionalismo*. Rio de Janeiro: Mauad, 2011.
- MICHAUD, Y. *A violência*. São Paulo: Editora Ática, 1989.
- MOTTA, L. G. Análise pragmática da narrativa jornalística. In: LAGO, C.; BENETTI, M. (Org.). *Metodologia de pesquisa em jornalismo*. 3. ed. Petrópolis: Vozes, 2010.
- MOUILLAUD, M.; PORTO, S. D. (Org.). *O jornal: da forma ao sentido*. 2. ed. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2002.
- PERALVA, A. *Violência e democracia: o paradoxo brasileiro*. São Paulo: Paz e Terra, 2000.
- PORTO, M. S. Violência e representações sociais. In: LIMA, R. S.; RATTON, J. L.; AZEVEDO, R. G. (Org.). *Crime, polícia e justiça no Brasil*. São Paulo: Contexto, 2014. p. 60-70.
- QUÉRÉ, L. A individualização dos acontecimentos no quadro da experiência pública. *Caleidoscópio: Revista de Comunicação e Cultura*, Lisboa, n. 10, 1º Semestre. 2011. p. 13-37.
- RAMOS, S.; PAIVA, A. *Mídia e violência: tendências na cobertura de criminalidade e segurança no Brasil*. Rio de Janeiro: IUPERJ, 2007.
- RODRIGUES, A. D. O acontecimento. In: TRAQUINA, N. (Org.). *Jornalismo: questões, teorias e "estórias"*. Lisboa: Vega, 1993.
- TAVARES, F. M. B. A cotidianidade do morrer na vida noticiosa. In: MAROCCO, B.; BERGER, C.; HENN, R. (Org.). *Jornalismo e acontecimento: diante da morte*. 3. vol. Florianópolis: Insular, 2012.
- THOMPSON, J. B. *A mídia e a modernidade: uma teoria social da mídia*. Petrópolis: Vozes, 1998.
- \_\_\_\_\_. *Ideologia e cultura moderna: teoria social crítica na era dos meios de comunicação de Massa*. 5. ed. Petrópolis: Editora Vozes. 1995.
- ZALUAR, A. *Condomínio do Diabo*. Rio de Janeiro: Revan: Ed. UFRJ, 1994.



## PARA PENSAR

Considerando a narrativa como uma prática comunicativa de construção de sentido e ordenamento do conhecimento para um determinado povo, o artigo de Nathan Kabuenge lança uma perspectiva sobre o corpo como uma construção narrativa que atravessa o cultural, o econômico e o social ao longo da história humana, alegando que o corpo do acusado, que denominaremos do *corpo acontecimento*, é o eixo principal na construção das narrativas de violência nos cadernos de polícia dos periódicos paraenses, por apresentar as marcas da violência como critérios de noticiabilidade. Há corpos com sangue, corpos sem vida no chão, corpos “crivados” de balas, corpos algemados, em uma construção narrativa que, através da economia do medo, visa a garantir interesses mercadológicos e ideológicos destes veículos impressos no Estado do Pará e nega um debate público sobre a temática de violência na sociedade paraense, nega-o como uma preocupação social. Antes o apresenta como entretenimento, no intuito de atrair os leitores, que para os editores destes veículos de comunicação de massa “consome a violência porque gosta”. A análise foi realizada por meio de um diálogo estabelecido com o conceito de Outsider em Howard S. Becker, a Metodologia de análise pragmática da narrativa em Luiz Gonzaga Motta, do conceito de formação discursiva em Michel Foucault e da abordagem teórico-metodológica da Palavra Princípio Eu-Isso em Martin Buber.

## PRIMEIRO APONTAMENTO

Considerando historicamente que os sentidos atribuídos ao corpo ultrapassam o sistema biológico e assumem construções e expressões simbólicas no cultural, no social e no midiático, nas nossas análises, o corpo se configura como uma das categorias demarcadas como importantes na construção das narrativas policiais nos impressos paraense por ser, de acordo com Costa e Kabuenge (2012, p. 1), que interpretam Baitello Junior (1998), “a linguagem e, ao mesmo tempo, produtor de inúmeras linguagens com as quais o ser humano se aproxima de outros seres humanos”.

Quer dizer, o corpo considerado como um dos meios de comunicação utilizado pelo homem para se comunicar consigo mesmo e de se comunicar com o mundo ao seu redor, é para o sistema midiático, objeto a venda e de venda de outros produtos além de ser um instrumento a publicizar os outros elementos decorativos de persuasão.

Neste sentido, percebemos que o corpo nas construções narrativas midiáticas dos cadernos polícia, passa a ter vários significados cuja predominância é o sentido do corpo como “objeto de atração ou sedução”. Sendo assim, o corpo é levado a se adequar com a linguagem e o fazer jornalístico para ser noticiado.

---

<sup>1</sup> Aqui se usa o termo medo na sua acepção denotativa.

Por exemplo, nas construções narrativas dos fatos jornalísticos, o corpo exibido nas edições impressas dos periódicos paraenses, precisa ser marcado de alguns traços para torná-lo acontecimento, tais como: corpos marcados pela violência urbana, corpos doentes, corpos malditos, corpo “crivado” de bala e castigados.

Todos estes traços – por exemplo, sangue, bala – que materializam a estética de violência nos cadernos polícia, têm como objetivo, cativar a atenção e direcionar o público leitor a consumir certos produtos jornalísticos ou não e de frequentar certos lugares ou não configurando o que se entende como “economia do medo”.

Por economia do medo, segundo o momento anterior da pesquisa (Kabuenge et al, 2015), entendemos uma atividade econômica ligada ao consumo de matérias ou serviços – carros blindados, cercas elétricas, alarmes, armas, grades, cadernos polícia para tomar conhecimento de lugares mais violentos das cidades paraenses segundo os periódicos – destinados a proteger os cidadãos contra a violência.

Sendo assim, entendemos que nos processos enunciativos nos jornais impressos analisados para a elaboração deste artigo, o corpo é “agente e instrumento de práticas sociais” (COURTINE, 2006, p. 10) e o lugar predileto de exercício do poder e de vigilância social, conforme o dizer do Foucault (1987).

Neste sentido, nos cadernos polícia, o corpo é apresentado através do enunciado *corpo da violência* de acordo com Costa e Kabuenge (2012). Este enunciado se divide em enunciados secundários: corpo da culpa e corpo da inocência. A presença dessa díade corporal nas construções narrativas dos jornais analisados determina a maneira como os veículos impressos paraenses querem se comunicar com seus leitores.

O corpo da violência é, de acordo com Costa e Kabuenge, narrativamente enunciado como corpo da culpa – quer dizer, um corpo que cometeu a violência e que merece sofrer por seus atos. E corpo de inocência – quer dizer, um corpo que não cometeu a violência, mas que sofre inocentemente a violência cometida por outro corpo.

Isto implica que não seria possível compreender o significado do corpo nestes periódicos analisando apenas um desses enunciados secundários. Quer dizer, precisamos considerar nas nossas análises, um conjunto de enunciados para perceber o diálogo, a interdependência e coexistência entre esses elementos enunciativos para compreender suas contribuições narrativas na construção do sentido nas narrativas jornalísticas de violência nos cadernos polícia.

Percebemos que os dois enunciados constitutivos de sentido do corpo nos cadernos polícia, ganhavam a visibilidade midiática de acordo com os fatos que estes veículos selecionavam como manchete do dia nas suas capas respectivas. Por exemplo, no jornal Amazônia, no O Liberal e no Diário do Pará, o enunciado corpo da culpa ganha um espaço privilegiado nas páginas destes periódicos em prol, pensamos, de construir narrativas que atraiam o público leitor misturando a informação e o entretenimento.

Nas práticas narrativas de apresentação da díade do corpo nos cadernos polícia, encontra-se que a única diferença entre os três jornais, é que o Jornal Amazônia e o Diário do Pará apresentam um corpo da culpa marcada pela violência física. Já O Liberal apresenta um corpo da culpa marcado pela violência simbólica: condenado, algemado, preso, julgado, entre outras marcas. E os três jornais se aproximam nas suas narrativas em prestar menor atenção ao corpo da inocência nas suas práticas enunciativas de violência.

Em relação à visibilização midiática de um tipo do corpo que os periódicos fazem nos seus cadernos, deixou a perceber que estes veículos de comunicação tratam a violência de forma sensacionalista para não dizer como entretenimento, portanto, não como um assunto complexo da segurança pública no Estado do Pará.

Este sensacionalismo, na última análise, se revelou não como diversão, ou seja, não para entreter, mas sim, como estratégia narrativa para alcançar os objetivos mercadológicos e políticos dos impressos paraenses. Quer dizer, a violência se transformou em mercadoria nos cadernos polícia destes periódicos.

É neste sentido que este artigo, através dos procedimentos da Metodologia de análise pragmática da narrativa proposta por Luiz Gonzaga Motta (2013), da Palavra Princípio Eu-Iso em Buber (2003), do conceito de formação discursiva em Michel Foucault (2008) e do conceito de Outsider em Howard S. Becker (2008), advoga que o corpo do acusado ou corpo acontecimento é o eixo principal na construção das narrativas de violência nos cadernos polícia dos jornais impressos paraense por apresentar o critério de “valor notícia”: marca de violência.

Sendo assim, consideramos que o corpo nos cadernos polícia é um dispositivo de poder, domínio de memória, suporte e produtor de imagens ou uma materialidade narrativa/discursiva na construção das subjetividades e identidades projetadas como as do público leitor.

Finalizando esta longa introdução, longa em sua extensão, mas breve nos seus apontamentos que nortearão a discussão deste texto, assinalamos que neste artigo, nos limitaremos a analisar o corpo da violência nos cadernos polícia.

## CORPO DO ACUSADO COMO CONSTRUÇÃO ENUNCIATIVA

Partimos do pressuposto de que o acusado é uma personagem principal nas construções narrativas jornalísticas de violências dos cadernos polícia dos impressos paraenses por dois motivos: por um lado, porque realiza as ações que estão sendo narradas nos cadernos polícia e por outro, por apresentar um corpo assujeitado pelas marcas de violência física ou simbólica: sangue, feridas, balas, bandido, assaltante, marginal, canalha, etc. (veja no anexo I ou nas tabelas nº1, 2 e 3 acima). Este corpo sobre o qual se constrói toda a narrativa de violência nos cadernos polícia, por razões práticas, nós o chamaremos na continuidade deste texto, do *Corpo Acontecimento*.

Por *Corpo Acontecimento* entendemos um corpo sobre o qual a violência urbana na sociedade paraense inscreve a sua hegemonia da mesma forma que o poder do Estado francês escreveu o seu poder no corpo do Damiens que tentou assassinar o rei da França como relata Foucault (1975) no “Vigiar e punir”.

Nesta obra, o autor mostra como o poder publica na França se apoderava dos corpos de acusados de cometer delitos, por meio de dispositivos disciplinares e de controle, visando as suas recuperação que culminaria em suas qualificações e suas transformação para serem úteis e aptos para o mercado de trabalho de um lado e de outro, serem dóceis e bons cidadãos na observância e respeito ao poder do Estado.

Comentando o pensamento do Foucault sobre o poder, Passos (2013, p. 12-13), destaca que o “poder opera por meio de estratégias, táticas e técnicas sutis de adestramento: uma conformação física, política e moral dos corpos”. Para Passos, para atingir seu objetivo disciplinar e de controle, o poder contemporâneo, além de ser sutil nas suas ações de docilização dos corpos, utiliza uma retórica disciplinar “que pressupor a liberdade”. Que na verdade, se revela no plano micro, uma construção narrativa que visa “extrair dos corpos a maior utilidade (produtividade, em sentidos mercantil e político) e docilidade possíveis”. E no plano macro, ou seja, no “corpo social” ou na sociedade, portanto, na população que considera-se um novo lócus de manifestação do poder estatal, “serão produzidos mecanismos e dispositivos para a regulação, observação, análise, intervenção e modificação da vida”.

Foucault, na sua obra, alerta sobre a não centralização do poder disciplinar na máquina estatal, mas permeia totalmente na toda a estrutura social. Esse poder, por este autor, toma formas periféricas e concretas quando busca alcançar, através de diversas instituições, a docilização e o controle de corpos.

Entre estas instituições, podemos citar, no nosso caso, a instituição mediática que, através dos seus produtos diários, norteia e/ou molda a formação do sentido nas sociedades contemporâneas graças a seu potencial de ressignificação das representações sociais contemporâneas.

Sendo assim, podemos dizer que ao estampar diariamente o corpo do acusado por meio de regimes estéticos que privilegiam um *corpo acontecimento* ou como já falamos acima, um corpo marcado pela hegemonia da violência. Hegemonia esta que faz dele o que Bakhtin entendeu do corpo grotesco, ou seja, um corpo que,

[...] está sempre em estado de construção, de criação, e ele mesmo constrói outro corpo; [...] corpo (...) sem superfície fechada, [...] corpo que excretava urina, matéria fecal, suor, mucos e bÍlis, [...] corpo histórico da humanidade em progresso [...] corpo [...] cósmico e universal. (BAKHTIN, 1987, P.277-278-282-297-304-313-322).

Os dispositivos disciplinar presentes nos cadernos polícia dos impressos paraenses expressam-se através do controle de “cidadãos de bem” indicando-os o que devem falar, onde devem andar, o que devem olhar, o que devem sentir ou o que devem comprar, entre outras atividades. Ou quando condena e executa publicamente na praça pública sem julgamento prévia, os acusados ou “cidadãos do mal” e “transgressores” de regras da “sociedade de bem”, portanto,

dos que a sociedade, de acordo com Becker (2008, p. 17), considerava como outsiders, ou seja, aqueles que se desviam “das regras de grupo”.

Nos cadernos polícia, o corpo do acusado se apresenta como uma construção de um “corpo orgânico, de carne e sangue, corpo agente e instrumento de práticas sociais, (...) envoltório material das formas conscientes e das pulsões inconscientes” (COURTIN, 2009, p. 10) sobre o qual, o cultural, o social e o político inscrevem suas leis para discipliná-lo e controlá-lo em prol de docilizá-lo e torna-lo praticante das leis do estado sem questionamento.

A prática disciplinar, de controle e docilização do corpo acontecimento se apresenta, de acordo com as nossas análises, nos cadernos polícia, pelo apoderamento do corpo do acusado para esses veículos de comunicação no intuito de inscrever sobre a sua superfície, estórias e histórias de tragédia e drama do cotidiano paraense.

Este apoderamento do corpo do acusado pela mídia não é um caso isolado da comunicação. Ao longo da história, o corpo sempre era idealizado de acordo com a área de conhecimento. Em geral, o corpo é considerado como instância de delimitação entre o eu subjetivo e objetivo de um indivíduo; e entre o tu subjetivo e objetivo do outro indivíduo envolvidos numa determinada experiência social.

Sendo como superfície discursiva sobre a qual, tudo campo de conhecimento humano escrevia seu discurso (Foucault, 1975,1979; Courtin, 2009; Passos, 2013; Ferraz, 2010, Bakhtin, 1987), o corpo se apresenta em Foucault como “constituído por um conjunto de sequências de signos, enquanto enunciados, isto é, enquanto lhes podemos atribuir modalidades particulares de existência.” (2008, p. 122). Neste sentido, podemos dizer que o corpo, ao longo da história, foi significado por meio de diversos enunciados que demarcam o discurso de cada campo de conhecimento.

De acordo Costa e Kabuenge (2012, p. 6), dialogando com Courtine (2009) e Foucault (1975), o corpo foi ao longo da história humana ressignificado pelo campo médico, passando pelo jurídico até chegar ao mediático. Ressignificação que fazia com que, os corpos sejam assujeitados pelos valores e usos desses campos de conhecimento e serem “considerados lugares de interdições e tabus que alimentam várias paixões e construções discursivas, que ora os condenam, os elogiam, os valorizam, os julgam, os tornam coisas e espetáculos”.

Neste sentido, ainda Costa e Kabuenge, concordando com Harry Pross (1971), que advoga o corpo como, destacam que o corpo, também é sendo a notícia nos cadernos de polícia. E para ser noticiado, ele precisa apresentar marcas de violência que, por encanto, transformam este corpo no interesse público sobre qual se constrói a notícia. A tabela a seguir, apresenta a maneira como os impressos constroem o corpo do acusado como notícia usando como dispositivos discursivos, as piadas ou palavrões.

TABELA N°6: Construção do corpo como notícia através de uso de palavrões e/ou piadas nos cadernos polícia

<b>Edição</b>	<b>Caderno</b>	<b>Manchete</b>	<b>As piadas ou palavrão</b>
De 23/04/2012	Oliberal	“Justiceiro” mata flanelinha	“Justiceiro”.
De 23/04/2012	Diário do Pará	“Justiceiro” mata um e esfaqueia outro	“Justiceiro”.
De 22/05/2013	Amazônia Jornal	“Papel” é executado	“Papel”.
30/05/2012	Diário do Pará	“Clinica geral” deveu, não pagou e foi direto pro “veneno”.	“Clinica geral”.

Nesta tabela, percebe-se que discursivamente, os impressos paraenses constroem o corpo do acusado como notícia a partir de títulos com piadas ou palavras chulas através de um jogo de trocadinho. Trocadinho este, nos parecem traduzir a vontade destes periódicos de profanar os corpos dos acusados como os corpos eram profanados nas manifestações carnavalescas bakhtinianas. Portanto, na mesma forma que, através do embriaguez, autoflagelação e o derramamento de sangue, os mistérios que acompanhavam o deus Dionísio, levavam nas manifestações orgiásticas, as Ninfas, as Ménades e os Sátiros, num paroxismo de êxtase sexual, profanar seus corpos.

A profanação do corpo do acusado nos cadernos polícia ao invés de propiciar uma experiência extática dionisíaca ou carnavalesca bakhtiniana como modalidade de crítica contra a ordem preestabelecida, se configura como “dispositivo de poder, domínio de memória, suporte e produtor de imagens; enfim, materialidade discursiva na construção das subjetividades e identidades” (COSTA e KABUENGE, 2012, p. 11).

Neste sentido, entender o dito e o dizer dos cadernos polícia sobre o corpo do acusado se apresenta indispensável na busca de entender o porquê da reiteração da representação grotesca do corpo do acusado nos periódicos paraenses. Para alcançar este objetivo, recorreremos ao conceito de formação discursiva desenvolvido por Foucault (2008) na sua “A arqueologia do saber”.

Foucault, na sua obra, investiga o porquê, ao longo da história da humanidade, somente um determinado tipo de enunciados existiu. Nesta busca, o autor se deparou com uma dispersão de enunciados. Dispersão esta, o levou a determinar relações ou coerência entre esses enunciados.

Esta sistematização analítica de enunciados que Foucault faz lhe possibilitou em definir o que ele entende por *formação discursiva*: “um conjunto de regras anônimas, históricas, sempre determinadas no tempo e no espaço, que definiram, em uma dada época e para uma determinada área social, econômica, geográfica ou linguística, as condições de exercício da função enunciativa” (FOUCAULT, 2008, p. 133).

Para Charaudeau e Maingueneau (2006, p. 241), ao falar da *formação discursiva*, Foucault, “procurava contornar as unidades tradicionais como ‘teoria’, ‘ideologia’, ‘ciência’, para designar conjuntos de enunciados que podem ser associados a um mesmo sistema de regras, historicamente determinadas”.

Nos cadernos polícia, este sistema de regras faz com que o corpo do acusado seja lapidado por meio de técnicas midiáticas – procedimentos linguísticos e extralinguísticos, gráficos, estéticos, imagéticos, fotográficos, ideológicos, etc. – para corresponder à lógica midiática que quer que o corpo do acusado tem que ser modificado midiaticamente em um corpo acontecimento antes de ser noticiado.

O corpo acontecimento é um corpo reapresentado ou reinterpretado nos impressos paraense em prol de criar certo efeito de sentido capaz de veicular, em certa medida, a ideologia destes veículos impressos.

A veiculação da tal ideologia é, no caso dos cadernos polícia, facilitada pelas técnicas de lapidação midiática do corpo do acusado. Lapidação esta, se realiza através da regularidade de determinados enunciados de significação do corpo como objeto a venda e a vender outros objetos de consumo.

Em Foucault, só se pode falar da *formação discursiva*, quando se determina, “entre um certo número de enunciados, semelhante sistema de dispersão, e no caso em que entre os objetos, os tipos de enunciação, os conceitos, as escolhas temáticas, se puder definir uma regularidade” (FOUCAULT, 2008, p. 43).

Nos cadernos polícia, encontra-se uma regularidade de apresentação do *corpo acontecimento* como corpo da culpa sobre o qual o poder midiático, tomando-o no que Bakhtin considerou como elemento de construção, corporifica e objetiva as suas narrativas de violência na sociedade paraense que, muitas vezes apresenta uma violência estetizada e sensacionalmente sem entretenimento.

Falar de sensacionalismo nos periódicos seria uma má fé da nossa parte, pois, o sensacionalismo presente nestes cadernos polícia a nosso ver, não é para entreter, mas sim, é um dispositivo narrativo de convencimento discursivo que, através da economia do medo, estes veículos de comunicação de massa difundem, na sociedade paraense, uma mensagem potencialmente direcionada seja política ou ideologicamente no intuito de garantir seus objetivos mercadológicos objetivando o que em Pedrosa (2001), se pode considerar como *discurso de sedução*.

Para a autora,

O trabalho de análise tenta compreender/conhecer, mediante o esforço de reflexão, as condições de produção do discurso informativo reconhecido historicamente como sensacionalista. O referencial teórico de natureza semiológica procura explicar o modo como um jornal diário popularesco produz o discurso informativo sedutor e seus efeitos de

reconhecimento e tenta indicar os elementos que são convocados/invocados na composição/ criação da gramática discursiva empreendida por repórteres, editores, proprietários, anunciantes e leitores. Essa gramática discursiva, coletivamente construída, caracteriza-se pela reificação/exacerbação de modelos e arquétipos sociais e culturais, já fossilizados/sedimentados no imaginário social sobre a narrativa jornalística diária. (PEDROSO, 2001, p.9).

Então, em Pedroso, podemos dizer que o sensacionalismo se configura como um recurso altamente sofisticado que em certa medida, o campo da mídia se utiliza para criar fantasias, utopias e imaginários sobre os quais, certos jornalistas vão construir suas narrativas.

Por exemplo, certas utopias já fossilizadas e sedimentadas nas práticas discursivas e enunciativas jornalísticas e compartilhadas na sociedade brasileira em geral e em particular, em sociedade paraense tais como: “o bandido bom é o bandido morto” ou “a sociedade de bem” ou “cidadãos de bem”, justificam, as práticas violentas dos policiais sobre o acusado de um lado e de outro, o sensacionalismo com que os jornais paraenses tratam a temática de violência transformando nesses periódicos, numa mercadoria.

Uma curiosidade, pode-se perguntar para saber quando surgiu, no fazer jornalístico dos impressos paraenses, o tratamento sensacional da temática de violência nos cadernos polícia.

Se respondemos afirmativamente esta pergunta nos baseando somente na determinação cronológica deste período, fracassaremos com certeza no estado do Pará para determinar o surgimento deste fenômeno, apesar de que já tenhamos um exemplo nacional que o trabalho da Pedroso nos oferece situando o surgimento do fenômeno a partir da década de setenta no Brasil.

Por isso, recorreremos a abordagem arqueológica proposta por Foucault que nos permite perceber a reiteração de certos enunciados na construção discursiva do determinado saber. Esta reiteração nos é determinante no entendimento da construção narrativa do corpo do acusado nos cadernos polícia em se configura como eixo principal no jogo de construção das narrativas jornalísticas de violência.

Neste sentido, Costa e Kabuenge (2012), mostram nos seus estudos como a mídia, através da libertação dos corpos das antigas representações de fetichização com a chegada da “Belle époque”, se aproveitou desta abertura nos costumes sociais para se apoderar do corpo de indivíduos para escrever a sua narrativa que, ao mesmo tempo o sacraliza e o profano.

A ambiguidade com que a mídia trata o corpo humano configura-o como objeto de troca no mercado de construção de sentido que soa aos nossos ouvidos como o que Adorno e Horkheimer consideravam como a instrumentalização da razão humana que culminou na dominação do homem pelo homem.

Concordando com esses autores, destacamos que a dominação do homem pelo homem é uma consequência lógica da transformação estrutural das interações sociais entre indivíduos que passaram a ser moldadas pelo espírito de lucro que, por exemplo, em relação à cultura, faz com que ela (cultura) deixa de ser o modo de viver, de pensar, de sentir, de ver, etc. de um povo para se tornar numa mercadoria que se troca no mercado de entretenimento.

A instrumentalização da razão humana, por exemplo, no fazer jornalístico, leva ao considerar ao corpo humano, como objeto de atração ou de sedução. Atração ou sedução que, nos cadernos polícia materializa no ritual cotidiano de consumo destes produtos noticiosos por parte dos leitores desses impressos que em certa medida, leva os editores destes veículos justificarem suas produções sensacionalistas de violência através de um discurso cínico segundo o qual “o povo consome a violência porque gosta”.

Este gostar pode ser o resultado do tratamento verossímilhante da vida cotidiana desses leitor que os jornalistas, nas suas construções narrativas, passam a tratar dos conflitos vividos por seus leitores que passam a se ver ou a se identificar com a situação narrada ou com a pessoa representada nas capas ou nas páginas dos jornais impressos.

Mas a instrumentalização ou subjugação do corpo humano no fazer jornalístico não pode ser atribuída somente a libertação dos corpos dos costumes que os fetichizavam com a chegada da “belle époque”. Nos parece como um

fenômeno que se desenvolve a partir do momento que o indivíduo foi considerado como objeto de experiência ou de conhecimento como alega Martin Buber (2003) no seu conceito da palavra princípio Eu-Isso.

Para Buber (2003, p.13), na sua relação com o mundo, o homem se utiliza de duas palavras princípios: Eu-Tu e Eu-Isso. A palavra princípio Eu-Tu, considerado pelo autor como o mundo da relação no qual, o Eu na sua busca hermenêutica a compreensão de si e do universo que o circunda através de uma entrega total na dependência do Tu em prol de (res)significação e (des)construção o sentido dos fatos.

Em Buber, esta dependência significa que “a união e a fusão em um ser total não pode ser realizada por mim e nem pode ser efetivada sem mim. O Eu se realiza na relação com o Tu; é tornando eu que digo Tu”.

Através da relação Eu-Tu, de acordo com Buber, ambas, o Eu e o Tu se influenciam mutuamente através de ações recíprocas que os levam a se envolverem num processo dialogal que, ao seu término, possibilita que individualmente, o eu e tu se percebam transformados neste jogo de ressignificação e compreensão do mundo e do estar no mundo.

Em Buber, a palavra princípio Eu-Tu é a essência do homem. Uma característica do homem que sempre busca no outro, através da reciprocidade de ações, a sua completude, o entendimento do mundo ao seu redor e a compreensão da sua existência.

Como o Tu no mundo de relação, pode ser qualquer coisa, participa nesta relação de alteridade como indivíduo ontológico que se descobre na co-presença do Eu, também um sujeito ontológico. Ambas – E u e Tu – se endereçam palavras determinadas pelo espaço e tempo que ressignificam seus estar no aí.

No entanto, Em relação a palavra princípio Eu-Isso, sendo o mundo de experiência e de uso, nele, de acordo com Buber, não acontece a alteridade, pois, esta palavra princípio é uma atitude cognoscitiva ou objetivante do homem na sua busca epistemológica do entendimento do mundo.

Dialogando com Buber, Kabuenge et al (2015, p.7), destaca que o eu da palavra-princípio Eu-Isso se caracteriza pelo seu anseio de experimentação e uso das coisas na sua frente no seu jogo epistemológico de compreensão e ressignificação do mundo.

No entanto, o Eu desta palavra-princípio é um Eu completa ao mesmo tempo vazio que não depende de ninguém para estar no aí. Quer dizer, é um Eu que desconhece a experiência dialogal ou comunicativa de entendimento recíproca. Experiência esta, possibilita que os indivíduos implicados nesses processos comunicativos de interação discursiva, se deixam levados pela correnteza do jogo hermenêutica de compreensão de si e de seu universo.

Para Buber (2003, p. 39), mesmo que a palavra-princípio Eu-Isso seja essencial na aproximação do homem ao mundo, advoga que “o homem não pode viver sem o ISSO, mas aquele que vive somente com o ISSO não é homem”. Ou seja, ele não é o homem por não experimentar a alteridade com outro.

Podemos dizer que o outro retratado nas produções diárias dos cadernos polícia é, um Tu da palavra-princípio Eu-Isso por se configurar como um objeto epistemológico de uso e sobre o qual, o poder midiático escreve a sua lei de dominação, de vigilância, de punição e se necessário, de execução para o bem do “cidadão trabalhador” e por garantir a paz na “sociedade de bem”.

Sendo assim, podemos dizer que em Buber, encontra-se a explicação mais plausível da subjugação do corpo humano no fazer jornalístico dos cadernos polícia, além da explicação trazida pela libertação de costumes com a chegada da Belle époque ou de desenraizamento de costumes como vimos acima.

Se no econômico, no social e no cultural, os pensadores tais como: Karl Max, Adorno e Horkheimer, entre outros, atribuíram, para o primeiro, ao surgimento do capitalismo, a subjugação do corpo do camponês que, sem meios de subsistência, ofereceu o seu corpo aos donos que detinham os meios de produção em prol da sua sobrevivência. Sem condições de resistência, o camponês viu seu corpo sendo utilizado ao grado do patrão, dono dos meios de produção que busca capitalizar ao máximo seu lucro.

Para os últimos, Adorno e Horkheimer, a subjugação dos corpos de indivíduos transformados em massa passiva e consumidora de mercadorias culturais, interveio com o surgimento da *indústria cultural* em que a “alta” cultura exercia a sua dominação sobre a “cultura popular”.

Analisando melhor as afirmações desses autores, podemos encontrar um denominador comum que entres eles, a relação entre indivíduos. Esta relação, para os três autores, é uma relação de dominação ou assimétrica entre, para Max, o camponês e o dono de meios de produção. Para Horkheimer e Adorno, entre a “Alta cultura” e a “Cultura popular”.

Neste sentido, consideramos para este artigo, em relação a subjugação do corpo do homem pelo homem, as explicações do Buber do conceito Palavra-princípio Eu-Isso em que, de acordo com o autor, o Eu considera o Tu como objeto de relacionamento, ou seja, como um objeto a conhecer e utilizar.

Podemos ver isso com clareza no fazer jornalístico dos editores de cadernos polícia que exigem do corpo do acusado, critérios de noticiabilidade: corpos condenados sem julgamento, corpo mergulhados no banho de sangue, etc. para ser noticiado. O exemplo disso, é a capa do caderno polícia do Diário do Pará publicado na edição do dia 02 de Abril de 2012 supracitada.

Nos parece que a subjugação do corpo do acusado no caderno polícia nos lembra a subjugação dos corpos nos campos de concentração nos quais, a estética de representação dos corpos dos presos levava a uma experiência estética estatizante de gozação sem gozo que se alegrava com corpos alastrados na merda. Corpo que, por não suportar mais a contemplação de seus Carrascos, começaram a duvidarem mesmo de suas existências.

Dúvida que se percebe nos supostas acusados de cometerem o crime, quando têm uma participação mínima na construção da narrativa sobre os seus atos e que são levados a confirmar somente as afirmações de repórteres.

A estética de apresentação do outro/acusado, nos cadernos polícia, “aponta para uma estratégia comunicacional de convencimento para o consumo de produtos jornalísticos ou não, e um procedimento sociopolítico de ‘chantagem’ e denunciamento para obtenção de privilégio mercadológico por parte da autoridade pública”. (Kabunge, 2015, p. 1) carregada em definir as políticas públicas de segurança.

Nos cadernos polícia, o outro é apresentado como estranho. Esta estranheza com que é apresentado o outro nestes periódicos não é a mesma que se observa no jogo hermenêutico de compreensão entre duas entidades ontológicas que são, ao mesmo tempo autônomas e complementares. Neste jogo, o Eu e o Tu se sente estranhos um ao outro, mas se consideram e respeitam suas diferenças como benéficas para o entendimento de seu mundo e de si como sujeitos ontológicos e não como sujeitos epistemológicos. Ou seja, a estranheza com que é apresentado o outro nos cadernos polícia corresponde no que Becker (2008) chamou de *outsider*.

O *outsider* é uma categoria conceitual aperfeiçoado por Becker na sua obra “*Outsiders: estudos de sociologia do desvio*”. Nesta obra, o autor destaca o diferencial da sua abordagem em relação ao estudo sobre o desvio social que ele entende como sendo um fenômeno social do cotidiano e não como uma patologia como se acreditava nas pesquisas anteriores da sua obra.

Pessoas consideradas como desviantes sociais são Para Becker, integrantes de um sistema relacional e interacional próprio e têm a sua própria visão da normalidade, suas regras e seus conceitos de normalidades como é o caso dos fumadores de maconha e os músicos de jazz considerados como desviantes na sua época.

O estudo de Becker sobre o desvio social traz uma grande contribuição para este artigo por dois motivos: por entender que o *outsider* seria o indivíduo supostamente considerado pela sociedade como aquela pessoa que se desvia das suas regras de normalidade e por tentar ré-enquadrar a noção de crime. Pois, para Becker (2008, p. 12-13), a sua abordagem do crime é um tipo de “contra-revolução que devolveu à pesquisa sociológica nesta área o caminho certo”.

Quer dizer, é uma abordagem que deixa de lado a concepção clássica do crime que considerava que “as pessoas agem com base em sua compreensão do mundo e do que há nele”. Para Becker, a sua abordagem “redireciona a atenção para um problema mais geral do que a questão de quem comete crime”.

Sem pretensão de negação dos atos criminosos cometidos por os supostos acusados de cometerem o crime narrados nos cadernos polícia ao concordando com a abordagem do Becker sobre o crime, mas tentamos em Becker,



mostrar nas construção de narrativa jornalística de violência, o que no entendimento da Hannah Arendt (1983) se configurou como a banalidade do mal no caso do julgamento do Eichmann.

Interpretando a autora, Souki (1998, p. 11), mostra,

[...] que o modelo do “cidadão” das sociedades burocráticas modernas é o homem que atua sob ordens, que obedece cegamente e é incapaz de pensar por si mesmo, pois essa supremacia da obediência pressupõe a abolição da espontaneidade do pensamento. E nessa ausência de pensamento, nessa expressão humana opaca, nessa rarefação das consciências aparece a tragédia, batizada por Hannah Arendt de a ‘banalidade do mal’.

*Banalidade do mal*, portanto, banalidade da violência no caso que se caracteriza nos jornais impressos paraenses, por uma exibição de corpos dos acusados/corpos acontecimentos na lógica do espetáculo hollywoodiano que transforma, através da sua estética, a tragédia de indivíduos, em história em quadrinhos, quer dizer, nos cadernos polícia vendidos diariamente.

Esta transformação da tragédia alheia em diversão que fazem os veículos impressos paraenses revela o cinismo gozante dos editores desses meios de comunicação de massa em ter prazer e se divertir diariamente os corpos de acusados estampados nos cadernos polícia grotescamente no intuito de vende-lo ou de ver produtos jornalísticos ou não. pois,

Vivemos numa “sociedade do espetáculo”. Toda situação tem de se transformar em espetáculo para ser real. Universaliza o modo de ver habitual de uma pequena população instruída que vive na parte rica do mundo, onde as notícias precisam ser transformadas em entretenimento. (SONTAG, 2003, P.92).

Entretenimento este que, no caso dos impressos paraenses, se apresenta como meio de veiculação de mensagens ideológicas construídas através de dispositivos narrativos persuasivos de designação de um suposto acusado de cometer o crime em prol de conseguir adesão popular e com isso, ter o reconhecimento público, moeda de troca no mercado de garantia e de preservação de interesses econômicos e políticos.

A centralidade da narrativa jornalística nos cadernos polícia em designar o suposto autor do crime narrado nos cadernos polícia, em que se centraliza a narrativa nos cadernos analisados testemunharia o tratamento simplista e sensacionalista da temática de violência dos veículos de comunicação de massa imprensa na sociedade paraense.

No entanto, a preocupação de determinar quem cometeu o crime para Becker, levava as organizações norte americanas carregadas em manter de segurança pública, por exemplo, a polícia, manipular as estatísticas criminais em prol de provar a sua eficácia no combate ao crime.

Será, para analogia, a mídia impressa paraense, supostamente configurada em organização de enfrentamento e “combate ao crime”, sem dispor da habilidade e legitimidade de emitir estatísticas criminais, para legitimar a sua “ação social”, utiliza o dispositivo narrativo de rotulação e designação de supostos autores de crimes buscando provar a sua utilidade social no enfrentamento da violência urbana.

A rotulação dos supostos autores de crimes que os veículos impressos paraense fazem, levou Kabuenge (2014, p. 14), a considera-la como,

[...] uma estratégia narrativa de comunicação persuasiva mercadológica que ao revelar o rosto oculto do suposto criminoso, capitaliza as paixões e impulsos frenéticos irracionais de sobrevivência do eu vazio e egoísta para passar sua mensagem de medo sustentáculo da economia do medo e venda de seus produtos jornalísticos ou não diários.

Podemos considerar que a preocupação presente nos cadernos polícia de designar quem cometeu o crime na sociedade paraense, levou os editores desses cadernos a uma cegueira ética que pune seletivamente os crimes ocorridos no Estado do Pará e cometido por de um lado, os cidadãos ditos “cidadãos de bem”, e de outro, os cidadãos considerados como “bandido, criminoso”, entre outras considerações. Pois, vimos, por exemplo,

[...] a pessoa que comete uma transgressão no trânsito ou bebe um pouco demais numa festa como se, afinal, não fosse muito diferente de nós, e tratamos sua infração com tolerância. Vemos o ladrão como menos semelhante a nós e o punimos severamente. Crimes como assassinato, estupro ou traição nos levam a ver o transgressor como um verdadeiro outsider. (BECKER, 2008, p. 16).

No entanto, a rotulação de supostos criminosos, nos cadernos polícia não se inscreve somente na lógica de designação dos transgressores das leis paraenses como pode parecer. Mas dialogando com Foucault, percebemos que a rotulação do outro no caderno polícia é uma formação discursiva por se caracterizar por uma regularidade de unidades enunciativas de subjugação do outro considerado como coisa, portanto, como objeto de experimento, ou seja, o que em Buber se entende como um *Isso*.

Paradoxalmente, mesmo sendo um *Isso*, portanto, um outsider, o acusado no cadernos polícia é uma personagem principal na construção da narrativa jornalística de violência por ter um *corpo acontecimento* como mostramos acima.

Esta afirmação se baseia nas análises dos cadernos polícia dos periódicos impressos paraense por meio da abordagem de análise da narrativa jornalística proposta por Motta (2013), “Metodologia de análise pragmática da narrativa”.

Nesta abordagem, para Motta, o contexto de produção, circulação e recepção das narrativas é o que as definem. Ou seja, para o autor, as narrativas “não podem nunca ser analisadas isoladamente, sob a pena de perderem o seu objeto determinante” (MOTTA 2013, p. 120-121). Pelo simples motivo que “as narrativas são dispositivos argumentativos produtores de significados e sua estruturação na forma de relatos obedece a interesses do narrador (...) em uma relação direta com seu interlocutor”.

A “Metodologia de análise pragmática da narrativa” nos permita de um lado, lidar com o nosso objeto de análise – cadernos polícia – que é mais fluido ou inacabado de sentido cuja a completude de sua significação se realiza na dependência da subjetividade tanto do jornalista quanto do leitor.

E de outro lado, por nos possibilitar a “observar a *construção* de significações na comunicação narrativa. Analisar como as pessoas compreendem, representam e constituem argumentativamente o mundo atrás dos atos de fala narrativa intersubjetivos”. (Ibid., p. 129, grifo do autor).

Para o autor, a análise pragmática da narrativa jornalística é um campo e um método de análise das práticas culturais que nos possibilita entender como sujeitos em contexto, constroem significados que passam a nortear suas formas de representar e reinterpretar o seu mundo.

Concordando com Motta, podemos considerar que a produção jornalística diária da mídia impressa da narrativa jornalística de violência nos periódicos paraenses, mesmo aparecendo como espontâneo e intuitivo, suas mensagens ou construções discursivas sobre o corpo acontecimento não são aleatórios, mas sim, acontecem pragmaticamente no contexto comunicacional que busca produzir ou causar certos efeitos de sentido nos leitores.

No entanto, longe de ser uma representação imparcial e objetiva dos fatos ocorridos na sociedade paraense, a construção narrativa nos cadernos polícia, se configura como numa força estimulante e estimuladora de ações dos cidadãos paraenses nos seus rituais de consumação dos produtos jornalísticos ou não para prevenir-se contra a violência urbana. Quer dizer que a narrativa jornalística de violência nos cadernos polícia configura-se numa força organizadora e organizante da economia do medo no Estado do Pará.

Partindo do pressuposto Metodológico segundo o qual, a análise da narrativa é “um caminho rumo ao significado e o significado”, o autor alega que “não há significado sem algum tipo de troca” como o é numa relação, Motta propõe, na sua abordagem de análise pragmática da narrativa jornalística, três planos de análise: “plano da expressão (discurso, linguagem); plano da história (conteúdo, enredo, intriga); plano da metanarrativa (tema, fábula, modelos de mundo)” (MOTTA, 2013, p. 121; 136).

Sob a recomendação do autor, neste texto, vamos analisar, os cadernos polícia, a partir do plano da história em que, focaremos as nossas análise, o quinto movimento proposta por Motta na sua abordagem e que consista em analisar a personagem.

Analisar a personagem principal da narrativa jornalística de violência nos cadernos polícia paraense é fundamental na nossa busca de entender o porque do uso grotesco do corpo acontecimento na construção narrativa jornalística de violência nos cadernos polícia.

O interesse de analisar a personagem da narrativa narrada diariamente nos cadernos polícia não se justifica somente porque esta personagem realiza as ações que são narradas nem por que, em certa medida, a personagem possibilita, que os leitores desses veículos de comunicação de massa se sentem, de alguma forma, representados nela (personagem), mas sim, de mostrar que o corpo desta personagem, sendo um meio de comunicação de acordo com que advoga Pross supracitado, é um elemento indispensável na construção de narrativas jornalísticas de violência,

Pois, o corpo do acusado é ao mesmo tempo, a narrativa e o que está sendo narrado, ou seja, *a violência e a narrativa de violência*. Quer dizer, o corpo do acusado se configura, no cadernos polícia, como “*signo de ancoragem (...) de todos os conflitos narrados*” (MOTTA, 2013 p. 175, grifo do autor).

Como se observa nos cadernos polícia de veículos impressos paraenses nos quais, o corpo do acusado sempre é apresentado seja através de marcas de violência física: sangue, corpo “crivado” de balas (caso do Diário do Pará e do Amazônia Jornal), etc. ou através de marca de violência simbólica: condenação do acusado que o jornalista fez antes mesmo que ele seja condenado pela justiça (caso do jornal OLiberal).

Em Motta, encontra-se a ideia segundo a qual, a personagem da narrativa é uma criação intencional e premeditada do narrador que, no seu jogo de ressignificação ou de reinterpretação do mundo, visa alcançar seu objetivo e interesse. Nas palavra do o autor, “o sujeito narrador vai qualificando suas personagens porque deseja que elas estimulem determinadas interpretações” (MOTTA, 2013, p. 177).

Por exemplo, ao estampar a manchete “Jovem é liquidado com 12 facadas por marginais em Águas Lindas”, publicada na edição de 30 de Abril de 2012 no OLiberal, percebe-se que este periódico visa determinada interpretação.

Quer dizer, analisando a manchete acima, podemos dizer que a personagem principal da matéria é simplesmente uma criação intencional do jornalista que visa passar a ideia fossilizada na sociedade paraense segunda a qual, “o bandido bom é o bandido morto”.

Nesta construção narrativa, encontra-se que o jornalista está colocando em cheque o sistema de segurança pública paraense que não consegue proteger o “cidadão de bem” contra a barbaridade de um “marginal”, quer dizer, de um “cidadão do mal”, que deveria ser preso, mas a sua morte é preferível, há muito tempo que, se beneficiando da falha no sistema de segurança pública do Estado, por maldade, esfaqueando e matou um jovem, “cidadão de bem”, por 12 facadas. Uma morte trágica que ele não merecia por ser um cidadão trabalhador.

Percebe-se que a manchete, ao realçar a forma como foi morto o jovem (12 facada) e rotulando o autor do crime de marginal, a criação da personagem principal desta narrativa, tenta levar o leitor em ligar a exacerbação da violência urbana a pobreza.

A mesma situação se observa na manchete “Invadiu casa, “cantou de galo” e foi pro veneno” publicada no Diário do Pará publicada na edição do dia 20 de Setembro de 2012, e na manchete ““Papel” é apagado com 2 tiros” publicada no Amazônia Jornal na edição de 22 de Maio de 2013. Nestas manchetes, pode-se observar que os editores desses cadernos criaram, respectivamente personagens no intuito de causar efeito de sentido que apresenta a morte dos acusados, mesmo brutal e violenta, como merecida e benéfica por lhes permitir de se tornarem “bons”.

Nesses exemplos, não se pode considerar a rotulação do acusado, considerado como um outsider como um caso aleatório na prática de construção dos impressos paraenses, mas sim, como uma formação discursiva de prática narrativa de construção de sentido que, através da construção grotesca do acusado, criam uma relação de cumplicidade entre eles e seus leitores. Para Motta, “a relação se constitui entre o narrador e a audiência por meio das características premeditadamente impostas às personagens pelo narrador, como a criação de tipos, o uso de estereótipos, de caricaturas grotescas” (MOTTA, 2013, p. 183).

A rotulação do acusado como outsider presente no fazer jornalístico dos periódicos paraenses, se pregarmos de empréstimo a ideia da Arendt, podemos pensar como sendo uma *banalização do mal*, portanto, uma banalização da

violência através de um tratamento sensacionalista da temática de violência por esses veículos de comunicação de massa no estado do Pará.

Lembrando que este sensacionalismo nos cadernos polícia, se configura como uma estratégia comunicacional e estética de aproveitamento da natureza humana que se entrega aos mitos ou imaginários e que vive narrativamente seu mundo, para veicular sentidos e significados através de suas produções diárias.

Em outras palavras, os jornalistas dos cadernos polícia se utilizam do imaginário popular para naturalizar, através de narração de tragédias e dramas humanas, o cotidiano violento em que vivem seus leitores, de um lado e de outro, tentar justificar, primeiro, a brutalidade com que as instituições carregadas no enfrentamento da violência, tratam os supostos desviantes da lei. Segundo, justificar a falta da ética profissional dos jornalistas nas suas abordagens sobre a violência urbana.

Diante deste fazer jornalístico levanta-se a dúvida se editores desses meios de comunicação de massa, tendem colaborar nas suas produções diárias, no enfrentamento da violência junto à sociedade e as instituições públicas encarregadas em definir políticas públicas de segurança pública quando estampa, diariamente, imagens de violência nos cadernos polícia. Como Sontag (2003) também duvidou da validade da afirmação, segundo a qual, o impacto causado pelas imagens de violência – imagens de guerra – tinham como importância de unir pessoas de boa vontade no enfrentamento contra as causas de guerra no mundo.

Podemos dizer que o nosso diálogo com Foucault, Motta, Becker e Buber, nos proíbe ter o cinismo analítico de considerar, a rotulação do acusado nos cadernos polícia, como uma estratégia comunicacional que possibilita a criar um debate público sobre a violência urbana na sociedade paraense. Mas sim, a de entender que esta estratégia comunicacional é, ao mesmo tempo, a *violência e produtora de violência simbólica* no Estado do Pará pelo fato que se preocupa somente em designar o bode expiatório que, de acordo com Girard (2008), pagará o preço da ineficácia do sistema de segurança pública do estado e da crueldade que o sistema capitalista de consumo origina ao fetichizar as relações sociais contemporâneas através da mercantilização de todos os tipos de sociação que, em Simmel (2006), entende-se como formas ou modos por meio dos quais, os indivíduos na sociedade se relacionam.

A busca do bode expiatório para a violência urbana no estado do Pará pela mídia impressa parece se justificar quando, em Girard, filósofo, filólogo e historiador francês, este conceito remete a um fenômeno que “põe fim às crises violentas das sociedades arcaicas e estabelece a ordem ‘sacrificial’ destas sociedades, a ordem que consiste em repetir o fenômeno catártico dos sacrifícios rituais” (GIRARD, 2008, p. 10).

De acordo com Girard, além de ser uma solução adequada contra a violência, o sistema de bode expiatório revela a hipocrisia das sociedades “arcaicas” que puniam somente quando, por descuido, um indivíduo, por meio de suas atitudes e comportamento, tornava público, um ato ilícito que, por ser praticada no privado, era tolerado. O sacrifício deste indivíduo, tinha como valor simbólico, a prevenção de repetição do mesmo ato no futuro por outras pessoas.

Em Girard, podemos considerar, dialogando com Becker, a rotulação do outro, quer dizer, do acusado como outsider nos cadernos polícia paraense, se configuraria num sistema de bode expiatório em que, o suposto acusado de cometer o crime deve ser condenado, mas preferivelmente, a sua morte seria bem-vinda. Isso teria como valor simbólico, o vendamento de falhas da sociedade paraense em lidar com a violência urbana que ela mesma produziu ao longo da sua história de um lado e de outro lado, esconder a fragilidade da narrativa jornalística no tratamento desta violência.

Quer dizer, a construção narrativa do acusado nos cadernos polícia, baseada no dispositivo de rotulação que se materializa pelo uso de manchetes apelativas, para não dizer, sensacionalistas, não permite provocar debate público sobre a temática de violência urbana na sociedade paraense.

Então, a trivialidade com que a mídia impressa paraense trata a temática de violência nos cadernos polícia, como vimos, é uma estratégia comunicacional de persuasão e de convencimento discursivo desses veículos de comunicação que buscam, através da ressignificação e reinterpretção da violência urbana diariamente, garantir seus interesses políticos e econômicos no estado.

É fácil perceber a maneira trivial com que é tratada a violência no Pará vendo como, mecanicamente se produz diariamente notícias violentas que obedecem a lógica da oferta e da demanda que parece ser justificada pela declaração

cínica dos editores desses meios de comunicação de massa, segundos os quais, “a população compra os produtos de violência porque quer consumir a violência”.

Acreditamos que esta afirmação não deixa de ser uma bandeira mercadológica de mau gosto que ainda entende a comunicação no molde das primeiras teorias de comunicações mecanicistas da comunicação em que, se esperava da audiência, sendo passiva, a adesão à mensagem recebida ou corresponder com o estímulo recebido. Ou seja, o emissor de uma determinada mensagem, ao emitir um determinado estímulo, espera no seu receptor, uma determinada resposta correspondente ao estímulo recebido.

Dizer que a população consome a violência porque gosta, seria uma desconsideração grosseira do potencial judicatório do receptor paraense na sua participação no processo de produção, circulação e recepção de noticiosas diárias. Notícias que, para Motta (2013), atinjam as suas completudes através das suas reapropriações por parte dos receptores nos seus cotidianidades.

Em Gadamer (2002), se considerarmos a notícia como um texto, ele atinge a sua completude no ato da sua recepção por um leitor. Schmidt (2006), interpretando Gadamer destaca para ele, a compreensão de um determinado texto sempre acontece dentro de um círculo hermenêutico.

Quer dizer, para interpretar o texto, o interpretador deve, primeiro, se deslocar no significado que se projeta do texto como tudo. Em seguida, buscar o significado de cada parte do mesmo texto. No final, voltar para o significado de todo o texto. No entanto, na hermenêutica gadameriana, podemos ver que o receptor tem, um papel importante no processo da interpretação e da reapropriação de um determinado texto.

Neste sentido, tentar justificar a produção mecanicista das narrativas jornalísticas de violência, sem narrativa, pelo suposto gosto de consumir a violência, nos parece desconsiderar a participação dos leitores paraenses no processo comunicacional de produção, circulação e recepção dessas narrativas. E coloca-los na postura de indivíduos movidos pelo estímulo mecânico e instintivo arcaico de produção de reação mesmo na ausência do estímulo como produzia, o cachorro de Ivan Pavlov<sup>2</sup>, a saliva mesmo com um osso seco.

Será que estes editores, não entenderem, talvez, que o consumo de narrativas sobre a violência veiculadas nos cadernos polícia por parte dos seus leitores seja, de um lado, uma forma de resistência contra a dramatização do seu cotidiano ignorado pelo poder público e que a mídia parece considerar ao visibilizá-lo nos suas produções diárias. Neste sentido, a mídia impressa paraense parece se transformar em seu aliado e seu porta voz.

De outro lado, como uma forma de contestar a forma simplista com que eles venham tratando a temática de violência urbana no estado do Pará. Violência que assola diariamente o seu cotidiano. Em outra palavra, o consumo de violência por parte dos leitores dos periódicos impressos no estado do Pará, seria uma maneira de se opor contra a banalização da violência por parte dos jornais impressos no Pará.

## **CADERNO DE POLÍCIA:** Espaço da estética de horror cativante e da banalização da violência

Em geral, uma narrativa sempre se constrói em torno, entre outros elementos, de um espaço e um tempo. O espaço pode ser entendido como um lugar onde acontece os fatos narrados e em que os personagens realizam ações, ou seja, um lugar aonde se desenrola a narrativa. Este lugar pode ser físico, quando caracteriza a sucessão dos acontecimentos que determina os fatos narrados ou pode ser psicológico, quando retrata o cotidiano subjetivo das personagens envolvidas na narrativa.

Falando do caderno polícia e se consideramos o espaço como um ambiente físico que nos implica ou nos envolve, podemos considerar o caderno polícia como uma materialidade física de representação que nos envolve no mundo da (re)interpretação dos acontecimentos de violência na sociedade paraense.

Neste texto, entendemos que o caderno polícia pode ser ao mesmo tempo, um espaço físico, quando caracteriza os fatos narrados ou quando se configura como um lugar em que se constrói as narrativas jornalísticas de violência.

O caderno polícia é também espaço psicológico, quando se configura como um espaço de visibilização sem escrúpulo, do convívio dos suspeitos acusados de ter cometido crime sem respeitar seus direitos assegurados na constituição brasileira.

Em relação ao tempo, sendo uma grandeza física que expressa a duração da ocorrência de fatos. Narrativamente, ele determina a sucessão dos fatos narrados e pode ser cronológica, quando é instrumental ou medido por meio de relógios e que determina o período em que se desenrola determinados fatos narrados. Ele demarca limite entre o passado, o presente e o futuro.

O tempo cronológico é sempre linear e inalcançável depois que se foi. Mas no cadernos polícia, percebe-se que este tempo é congelado na superfície da matéria jornalística construída a partir dos acontecimentos de violência.

O tempo narrativo pode ser também psicológico. O tempo psicológico transmite experiência vivida pelas personagens da narrativa ou transmite a subjetividade ligado às lembranças e aos sentimentos de uma determinada personagem da narrada.

Dependendo da subjetividade das personagens, o tempo psicológica não é linear, mas sim circular no sentido que não tem um ponto de partida nem um ponto de chegada. Isto é, o tempo psicológico é um tempo em que o passado se materializa no presente, o presente no passado e o futuro nos dois e vice-versa.

Em relação aos cadernos polícia, encontra-se os dois tipos de tempo narrativo: primeiro, o tempo cronológico que, ao marcar o início da ocorrência do fato narrado, se congela e se tornar tempo morto, desprovido de movimento, fossilizado na narrativa pela superfície do corpo do acusado. E segundo, o tempo psicológico, quando a construção narrativa do veículo sobre o ocorrido se enriquece com as declarações do acusado suspeito de cometer o crime.

No caderno polícia, percebe-se também que o tempo psicológico, que deveria ser um tempo circular, se transforma num tempo morto devido ao fazer jornalístico que leva o acusado confirmar, nos seus relatos, certos pontos do dizer jornalístico.

Considerando o caderno polícia como espaço tanto físico quanto psicológico de representação narrativa em que encontra-se personagens, ele não é um lugar qualquer, mas sim, um lugar que proporciona uma experiência estética de horror e de atração. Exemplo da capa do caderno polícia do Diário do Pará edição de 02/04/2012. Nesta capa, a imagem tem um enquadramento técnico que deixa ver os braços ensanguentados de um cadáver, cercado por indivíduos, provavelmente da perícia criminal, cujas botas pisam o sangue sobre o asfalto. (Veja no anexo).

Diante desta imagem, humanamente sentiremos o horror somente vendo o destaque que o veículo dá ao sangue, mas ao ler o título da matéria: "Tráfico 'Bebe'" sangue em troca de dívida". Um título chamativo e irônico que pode, em certa medida, cativar a atenção de vários leitores que buscaram, talvez, entender como o morto cujo a cabeça não se deixa a ver, está bebendo o sangue que se encontra em destaque na capa do jornal.

O caderno polícia horroriza por dois motivos. Por apresentar como acabamos de ver vimos na capa do Diário do Pará acima, o corpo com a lógica da mídia que prioriza a estética de violência, somente partes do corpo sobre o qual as marcas de violência materializaram suas existências.

A lógica da mídia leva sempre a uma estética de violência que prioriza dispositivos linguísticos ou extralinguísticos de representação do corpo grotescamente da forma que Bakhtin (1987, p. 279-282-304), constatou na obra do François Rabelais "corpo despedaçado, órgãos destacados do corpo [...], intestinos e tripas, bocas escancaradas, [...] os corpos são queimados no fogo, mutilados, esquartejados, corados em pedaços, etc."

A estética de violência privilegia sempre, corpos mergulhados na correnteza das vicissitudes da vida marcada pela razão instrumental. Razão que parece se alegrar com corpos esteticamente condenados pela miséria, pela pobreza, pela fome ou corpos desemparedados e desumanizados.

O caderno polícia horroriza, também, por fundir o tempo e o espaço como o fazem todos os meios de comunicação de massa. O caderno funde o espaço e o tempo morto. No entanto, o caderno horroriza por não permite que se

adquire experiência humana, mas sim, relatos como no tempo de guerra: números dos mortos, feridos, aprisionados, algemados, sangrentos, esfaqueados, esquartejados, despedaçados, estuprados, violentados. Ou seja, se adquire uma experiência sem experiências.

É isso que horroriza nos cadernos polícia pelo fato que no final da leitura, percebe-se que nada se adquiriu como experiência, ou percebe-se que nada de novo se criou, mas sim, tudo se alterou criando a mesma estória e história numa nova roupagem de personagens realizando ações num tempo morto e espaços sem espaço.

Um paradoxo, o horror do caderno polícia sendo estetizado, mesmo causando o sentimento de pavor, cativa pensamos, a atenção dos seus leitores quando retrata supostamente os vicissitudes do seu cotidiano.

O horror no caderno polícia convida por narrar esteticamente os dramas e tragédias da sociedade paraense através de um corpo grotesco do acusado que deixa pensar a violência como um espetáculo quando “as imagens captadas objetivam atingir o ‘sensacional’ e ‘prender’ a atenção da audiência” (COSTA, A. C. S., 2010, P. 284).

Realidade bem presente nos cadernos polícia em que as manchetes, títulos e subtítulos contenham o caráter ficcional e fantasista que busca atingir o sensitivo dos leitores em prol de cativar suas atenções e de passar uma mensagem.

A seguir, as tabelas a baixo mostram a estética cativante com que é retratada a violência nos cadernos polícia. Extraímos o caráter ficcionalizado da narrativa jornalística de violência nos títulos e subtítulos dos cadernos polícia.

TABELA N°1: Elementos ficcionalizados da narrativa jornalística de violência nos cadernos polícia do Jornal OLiberal

<b>Edição</b>	<b>Manchete</b>	<b>Subtítulo</b>	<b>Elemento ficcionalizado da narrativa</b>
De 10/05/2012	Infrator morto aos 15 anos	Adolescente foi baleado na cabeça por dois homens que estavam em uma motocicleta. Estava preocupado e ansioso, como se previsse seu fim trágico, e tentando mudar de vida.	“Estava preocupado e ansioso, como se previsse seu fim trágico, e tentando mudar de vida”.
De 30/10/2012	Executado ao sair de festa	Vítima ainda não identificada tentou escapar correndo dos matadores, mas foi encurralada e morta com quatro tiros. Tatuagem no braço com o nome “andré” pode ajudar a identificação do jovem	“(…) Tentou escapar correndo dos matadores, mas foi encurralada e morta com quatro tiros”.

TABELA N°2: Elementos ficcionalizados da narrativa jornalística de violência nos cadernos polícia do Jornal Diário do Pará

Edição	Manchete	Subtítulo	Elemento ficcionalizado da narrativa
De 16/04/2012	Domingo sangrento nas estradas	-----	Domingo sangrento nas estradas
De 23/04/2012	“Justiceiro” mata um e esfaqueia outro	-----	“Justiceiro”.
De 30/05/2012	“Clinica geral” deveu, não pagou e foi direto pro “veneno”	-----	“Deveu, não pagou e foi direto pro ‘veneno’”.
De 20/09/2012	Quarta-feira de sangue e muito medo	-----	Quarta-feira de sangue e muito medo
De 02/09/2012	Empresário corre para a morte em alta velocidade e sem capacete	-----	“Empresário corre para a morte”.

TABELA N°3: Elementos ficcionalizados da narrativa jornalística de violência nos cadernos polícia do Amazônia Jornal

Edição	Manchete	Subtítulo	Elemento ficcionalizado da narrativa
De 21/05/2013	Pancadaria acaba em tiro	Arma de uma das vítimas matou dois que brigavam em festa na cremação	“Arma de uma das vítimas matou dois”.
De 24/06/2013	Assaltante leva a pior	Homem tentou roubar arma de guarda municipal e foi baleado na cabeça	Homem tentou roubar arma de guarda municipal e foi baleado na cabeça
De 14/09/2013	Pm liquida ladrão a tiro	Homem que tentava fugir com R\$ 43 mil levou a pior ao atacar policias	“Pm liquida ladrão a tiro”, “homem que tentava fugir”.

Analisando as tabelas 1; 2 e 3, podemos dizer que os veículos de comunicação de massa impressos paraenses ao utilizarem as fantasias nas suas narrativas de tragédias e dramas cotidianos da população, buscam causar certos efeitos de sentidos que, em certa medida, passa a condicionar seus leitores a ritualizarem seu consumo frenéticos diário das notícias.

Podemos dizer, ao analisar a construção da narrativa jornalística de violência nos cadernos polícia, que estes dispositivos comunicacionais não possibilitam a discussão pública sobre a violência urbana no Estado do Pará. No entanto, o caderno polícia nos parece como sendo um instrumento de medo e um canal transmissor de mensagens disciplinadoras dos corpos de acusados e vigiador de seus leitores quando determina para onde eles devem andar, pensar, falar, ver e sentir nas suas busca de se prevenir da violência.

## SENTIDO NARRATIVO DO CORPO NO CADERNO POLÍCIA

Provocar sentido em alguém, pede certas habilidades e métodos por parte de quem quer obtê-lo. O jornalismo, sendo um campo social de reinterpretação, representação e construção da realidade social, mesmo manuseando em comum com os outros campos de conhecimentos, o **fato** sobre o qual, a mídia passa a (des)construir o sentido narrativo dos acontecimentos, se demarca destes quando baseia a sua construção, desconstrução e reconstrução do sentido nos dispositivos comunicacionais que se enraízam na retórica da objetividade e/ou imparcialidade centrada no aqui e agora, ou seja, no ao vivo, quer dizer, na atualidade.



A objetividade e/ou imparcialidade do fazer jornalístico se revela, na contemporaneidade, desgastada quando se observa a produção diária das notícias transmitidas pela mídia seja televisiva, radiofônica ou impressa e suas reapropriações por parte dos leitores. Nesta produção, por exemplo, encontra-se que os jornalistas misturam cada vez mais nas suas narrativas, a dimensão factual e a dimensão ficcional na construção diária do sentido.

Em Alsina (2009, p. ?), encontra-se a ideia da mistura do ficcional e factual no fazer jornalístico quando o autor afirma que “os jornalistas são, como todo o mundo, construtores da realidade ao seu redor. Mas também conferem estilo narrativo a essa realidade, e, divulgando-a, a tornam uma realidade pública sobre o dia-a-dia”. A mesma leitura do Alsina parece surgir na afirmação do Albuquerque (2000) quando afirma que,

O ideal da objetividade aproximaria os jornalistas do conhecimento científico. Diferentemente dos cientistas, [...] os jornalistas não dispõem de treinamento especializado, de métodos padronizados para analisar o objeto da sua investigação, ou de uma terminologia própria para transmitir seu conhecimento. Ao invés disso, eles precisam contar histórias para constituir sentido acerca dos eventos que narram [...]. Na prática, [...], a adoção do ideal da objetividade pelos jornalistas implica no privilégio de determinados recursos narrativos sobre outros: o uso de uma perspectiva em terceira pessoa, a estrutura de pirâmide invertida das notícias, a separação das hard news da opinião e das notícias de interesse humano, o texto pouco adjetivado, etc. assinalam o privilégio de metáforas referentes ao universo da ciência antes que da literatura.

Percebe-se nesta citação de Albuquerque que só através do uso de certos dispositivos narrativos, que o fazer jornalístico pode alcançar a sua suposta objetividade. Neste sentido, a análise da narrativa jornalística se releva determinante para entender e compreender o mundo que as produções midiáticas revelam diariamente.

Para Motta (2012, p. 23),

Estudar narrativas é compreender o sentido da vida. A análise da narrativa é um procedimento hermenêutico: analisa-las é interpretar as ações dos homens e as relações sociais, compreender o ser humano e o mundo onde ele vive. As narrativas permeiam toda a nossa existência. Estuda-las é refletir sobre o significado da experiência humana e sobre o que as narrativas realizam enquanto atos de fala.”

Ato de fala este, se configura como um conjunto de artefatos narrativos utilizados no jogo comunicativo de (des)construção do significado do universo que nos circunda e que auxiliam na (des)codificação do sentido das representações sociais que povoam o nosso universo imaginativo.

Neste sentido, podemos dizer com Motta que “as narrativas não representam simplesmente a realidade: elas apresentam e organizam o mundo, ajudam o homem a constituir a realidade humana” (ibid., p. 30).

No campo da mídia, a (des)construção da realidade se realiza através da notícia jornalística que, para mascarar a sua dimensão ficcional, tende a obedecer alguns dispositivos narrativos que concedem ao jornalismo a sua autonomia e independência como campo de produção de sentido por meio da notícia.

Notícia que, para Alsina (2009, p.?), “é uma representação social da realidade cotidiana, gerada institucionalmente e que se manifesta na construção de um mundo possível”. Mudo que, nos cadernos analisados, é a sociedade paraense apresentada como “áreas vermelhas” ou “territórios sem lei” que os corpos de acusados ou corpos acontecimentos materializam nas páginas desses veículos. (veja no anexo I).

É através das notícias que o jornalismo chega a organizar e a dar sentido às ações de indivíduos na sociedade e de coordenar suas percepções da realidade vivida em relação ao seu passado visando o entendimento do seu presente para especular o seu futuro. Nos cadernos polícia, encontra-se um mundo que se organiza e se representa através da barbaridade reiterada cotidianamente.

Por exemplo, nas capas dos cadernos polícia do Diário do Pará edições de 16 de abril de 2012 e 20 de setembro de 2012, encontram-se a maneira como este veículo de comunicação organiza a sociedade paraense através da violência.

No relato, percebemos que o veículo relata a mesma nas duas capas. A diferença do relato nas duas capas se dá a partir do contexto espacial-temporal no qual se desenrola a narrativa, das personagens que realizam ações narradas, etc. (Veja no anexo II).

A reiteração da barbaridade nos cadernos polícia, que se configura como força criadora da narrativa jornalística nos periódicos paraenses nos dá a sensação e a impressão do desmoronamento fenomenológico da noção entre o passado, presente e futuro de um lado e de outro, da relação existente entre o tempo e o espaço.

A fusão do tempo e espaço possibilitada pela mídia, faz da narrativa jornalística, não como uma narrativa qualquer, mas uma narrativa que se constrói no aqui e agora ou no presente líquido e fugaz. Isto leva o campo jornalístico como um dos campos de produção e estruturação de sentido, da intersubjetividade e da objetividade contemporânea.

Pois, concordando com Motta (2013, p. 91), podemos dizer que as narrativas jornalísticas, que podem ser fáticas, fictícias ou fácticas ao mesmo tempo, “exploram o fático para causar o efeito de real [...] e o fictício para causar efeitos emocionais”.

Em Motta, encontra-se a ideia de que as narrativas midiáticas não são como meras representações da realidade vividas, mas também, como forma organizacional das ações de indivíduos situados no determinado contexto sociocultural.

Sendo assim, para Motta, estudar a narrativa se revela importante para a nossa busca de “compreender quem somos, como construímos nossas autonarrações [...] entender como representamos e instituímos narrativamente o mundo; como os homens criam representações e apresentações simbólicas do mundo no qual atuam” (MOTTA, 2012, p. 23).

Construção do mundo que, nos cadernos polícia se faz por meio de dispositivos comunicacionais narrativos de persuasão e convencimento narrativos como mostra a tabela 4 na qual, constatamos que os veículos impressos buscam, através dos dispositivos tais como: os apelidos, piadas, ironias, tratamento degradante, entre outros dispositivos, causar certo efeito de sentido nos seus leitores.

TABELA N°4: Dispositivos comunicacionais de criação do mundo narrativo nos cadernos polícia

<b>Edição</b>	<b>Caderno</b>	<b>Página</b>	<b>Título</b>	<b>Dispositivos comunicacionais</b>
De 30/04/2012	Oliberal	6	Jovem é liquidado com 12 facadas por marginais em águas lindas	Tratamento degradante: marginais. O periódico parece, passar a ideia de que os “cidadãos de bem” são reféns na sociedade paraense.
De 10/05/2012		2	Assaltante queria levar filha ao dentista	O periódico ironiza sobre o assaltante que pretenda ser pai cuidadoso da sua filha.
De 31/05/2012		2	Trabalhador abre a porta da casa para o assassino	Percebe-se que o jornal ironiza sobre o descuido do trabalhador em abrir a porta por que ia lhe assaltar.
De 30/05/2012	Diário do Pará	5	“Índio” foi tomar uma “jurupinga” e levou o “pipoco”	Aqui o periódico tenta desconstruir a imagem do índio bonzinho ironizando sobre a sua participação no crime.
De 02/09/2012		7	Assaltaram lanchonete e tiveram vidas roubadas	O periódico mostra, através da ironia, como os assaltantes se deram mal ao tentar roubar.
De 20/09/2012		6	Invadiu casa, “cantou de galo” e foi pro veneno	Através do uso de piada, o periódico ao ironizar sobre a falta de sorte por este assaltante, se alegra da sua morte.

De 22/05/2013	Amazônia Jornal	47	"Papel" é apagado com 2 tiros	Uso de trocadilho e piada por parte do periódico para ironizar a morte do papel.
De 24/06/2013		47	Flanelinha leva 8 facadas	Ao ironizar sobre a morte deste indivíduo, o periódico parece passar a ideia de uma morte essencial para um sujeito menos importante para a sociedade.
De 14/09/2013		41	Bandido morre em tiroteio	Tratamento degradante: bandido e que passa a ideia de uma morte merecida.

Depois de analisar esta tabela, podemos perceber que os periódicos paraenses criam um mundo em que os supostos "criminosos" ditam a lei e que os "cidadãos de bem" terão a paz somente com apreensão desses "criminosos". Na verdade, suas mortes são preferíveis. O desejo de querer a morte dos supostos criminosos se revela na escolha de dispositivos linguísticos e extralinguísticos de persuasão e convencimento narrativo que esses jornais fazem na (des) construção do sentido na sociedade.

Entre esses dispositivos narrativos, encontra-se, por exemplo, a importância que os editores de cadernos polícia dão na construção de personagens das narrativas narradas corroborando no que alega Motta (2013, p. 173), de que as personagens são elementos indispensáveis da narrativa, pois, "vivem e realizam as ações, são elementos-chave na projeção da estória e na identificação dos leitores com o que está sendo narrado".

No entanto, entender o sentido narrativo do corpo dos acusados nas construções narrativas da mídia paraense se apresenta indispensável para perceber que nas construções narrativas dos cadernos polícia, o corpo dos acusados ou corpo de violência, portanto, o corpo acontecimento, é um dos mais importante elemento primordial que os jornalistas se apoderam para ressignificar os fatos de violência ocorridos na sociedade paraense.

Este entendimento nos possibilitará, por exemplo, de desvendar de acordo com Motta, os jogos discursivos de manipulação dos editores destes veículos de comunicação em "posicionar as personagens no enredo, recobrando-as de significações, conforme os desejos e intenções deles" (MOTTA, 2013, p. 174) nas suas busca de causar certo efeito de sentido.

A tabela a seguir, resume este uso de dispositivos narrativos na construção de sentido na sociedade paraense acerca da violência. A ressignificação de violência nestes cadernos polícia não segue o objetivo de criar um espaço público de debate sobre os motivos da exacerbação da violência urbana no estado do Pará, mas sim, o objetivo de garantir os interesses econômicos desses veículos através de enunciados que se apoderam do corpo do acusado para fossilizar suas narrativas.

TABELA N°5: Dependência da construção da narrativa jornalística de violência do corpo do acusado nos cadernos polícia

Edição	Caderno	Manchete	Descrição foto
De 23/04/2012	Oliberal	"Justiceiro" mata flanelinha	Na primeira foto, observa-se um corpo sem vida no chão cercado por fita de segurança, quatro curiosos observando, um policial em pé perto da fita de segurança, um agente da circulação ao lado da viatura da polícia. Na segunda foto, observa-se o acusado fazendo careta que parece revelar sua consciência tranquila frente ao ato cometido e na terceira, a faca com sangue. A cena mostra a atitude cínica do acusado da mesma forma como os filmes apresentam os vilões.

De 23/04/2012	Diário do Pará	“Justiceiro” mata um e esfaqueia outro	A foto ocupa quase toda a capa, um título bem grande em caixa alta com duas cores: amarela e branca. Utiliza-se no título, as aspas. A foto mostra o acusado fazendo careta que parece revelar sua consciência tranquila frente ao ato cometido
De 22/05/2013	Amazônia Jornal	“Papel” é executado	Corpo sem vida no chão coberto de um pano branco deixando os pés fora. Um policial em pé perto de uma das duas viaturas da polícia que parecem formar o perímetro de segurança. Na imagem, pode se ver alguns curiosos. A cena lembra um filme de ação hollywoodiano que apresenta a atuação da polícia num determinado bairro ou avenida determinada cidade norte americana.

A análise desta tabela nos leva a perceber que todos esses periódicos, em degrau diferente, baseiam a construção de suas narrativas jornalísticas de violência, no corpo do acusado ou corpo de violência que pode ser um corpo da culpa, quando este sofreu as consequências de seus próprios atos ou o corpo de inocência, quando este sofreu as consequências de atos alheios de alguém que cometeu o crime.

Por exemplo, de acordo com a tabela acima, percebe-se que no Diário do Pará e no OLiberal, a narrativa de violência se articula entorno do corpo da inocência e no Amazônia Jornal, a narrativa se constrói entorno do corpo da culpa.

Sendo assim, a nossa busca de entender o significado do corpo do acusado nas construções narrativas dos periódicos paraenses apresenta-se primordial para este trabalho que quer saber o porquê do uso cotidiano de imagens violentos nos cadernos polícia dos periódicos paraenses em seus jogos narrativos de (des)construção de sentido de violência na sociedade paraense.

Neste sentido, concordando com Costa e Kabuenge supracitados, podemos dizer que o corpo do acusado, considerado como meio de comunicação que facilita a interação entre os veículos de comunicação impressos paraenses e seus leitores de um lado e de outro, como objeto de venda e objeto que facilita a venda de outros objetos jornalísticos ou não, tem ao mesmo tempo, o sentido do dito e do dizer, ou seja, é ao mesmo tempo, a narrativa e o que está sendo narrado. Melhor dizer, *a violência e a narrativa de violência*.

Vejamos bem isso, por exemplo, na manchete “‘Clinica’ deveu, não pagou e foi direto pro ‘veneno’”, publicada na edição de 30 de maio de 2012 no Diário do Pará. Encontramos nesta manchete que “Clinica Geral”, mesmo sendo a vítima da violência, é apresentado como merecedor daquele fim trágico por se envolver no “mundo do crime”. Neste sentido, podemos dizer que “Clinica Geral” é ao mesmo tempo a narrativa narrada neste dia 30 de maio no caderno polícia do Diário do Pará e a violência narrada.

## ALGUMAS CONSIDERAÇÕES FINAIS

No decorrer deste artigo, graças a “análises pragmática da narrativa jornalística” de Motta, da conceituação da “formação discursiva” do Foucault, da “palavra-princípio: Eu-Issso” de Buber e do conceito do “outsider” do Becker, entendemos que o acusado é o ator principal na construção das narrativas de violência nos cadernos polícia dos impressos paraenses pelo fato de ter um corpo acontecimento.

Corpo este, que sempre é apresentado grotescamente e sobre o qual os jornalistas se baseiam para construir as fantasias, imaginários, etc. que, através da verossimilhança, se aproximam da realidade vivida de seus leitores em prol de causar neles, certos efeitos de sentido.

Ao longo deste texto, entendemos que a percepção do lugar que o acusado ocupa nas construções narrativas jornalísticas de violências nos impressos paraenses é indispensável quando se busca entender o porquê da reiteração narrativa de enunciados depreciativos do acusados nas formações discursivas dos cadernos polícia dos impressos paraenses.

No entanto, as nossas análises nos levou a entender que o acusado em si nas narrativas dos cadernos, não era o mais importante. O mais importante na construção dessas narrativas era o seu corpo que chamamos do *corpo acontecimento*, por apresentar critério de noticiabilidade ou por apresentar o “valor notícia”.

Ao apresentar grotescamente o corpo do acusado diariamente nos cadernos polícia, entendemos que os impressos paraenses tentam, nas suas práticas comunicacionais, se apresentarem como colaborando com a sociedade e com as autoridades públicas encarregadas em definir políticas públicas de enfrentamento contra a violência urbana. Entretanto, as suas gramáticas de construção narrativa de sentido da violência urbana, revelam os seus interesses de garantirem sua sobrevivência econômica e política no estado do Pará.

Ao longo do texto, percebemos que essas gramáticas de construção narrativa do sentido da violência no estado do Pará, levaram os impressos paraenses em tratar a temática de violência não como um assunto importante da segurança pública, mas si, como um *entretenimento*, portanto, como uma mercadoria de troca no mercado de audiência que, cada vez mais, configura o *corpo acontecimento*, ao mesmo tempo, como narrativa e o que está sendo narrado, quer dizer, *a violência e a narrativa sobre a violência*.

Isto nos levou a entendermos que a construção narrativa do outro/acusado nos cadernos polícia dos impressos paraense é um dispositivo comunicacional de persuasão e de convencimento narrativo que opera, através da subjugação do outro nas construções narrativas que se fundamentam nas formações discursivas de apresentação reiterada do acusado como um outsider que, por se desviar das regras e leis estabelecidas na sociedade paraense, se torna um lso que deve de um lado, ser controlado, disciplinado e punido para qualificá-lo se possível e de outro, a morte do acusado passa a ser desejado, pois, com a morte, ele se tornaria “bom”.

Tendo em vista o que está exposta acima, podemos dizer que a construção da narrativa jornalística de violência nos cadernos polícia dos periódicos paraense é *a violência e produtora de violência simbólica* no estado do Pará de um lado e de outro lado, não é um dispositivo comunicacional que se objetiva na provocação de debate social sobre a temática de violência urbana na sociedade paraense.

#### REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ALBUQUERQUE, Afonso. A narrativa jornalística para além dos faits-divers. Disponível em <http://www.ufjf.br/facom/files/2013/03/R5-Afonso-HP.pdf> Acesso em 10 de jun de 2014.
- CORBIN, A.; COURTINE, J. J.; VIGARELLO, G. História do corpo. 3º Ed. V 3. Petrópolis: Editora Vozes, 2006.
- COSTA, A. C. S., O embate entre o visível e o invisível: a construção social da violência no jornalismo e na política. Disponível em <http://www.ppgcs.ufpa.br/arquivos/teses/teseTurma2005-AldaCosta.pdf> Acesso em 20 de jun de 2014.
- FOUCAULT, Michel. Vigiar e punir: história da violência nas prisões. 29º Ed. Petrópolis, RJ: Editora Vozes, 2004.
- FOUCAULT, Michel. Microfísica do poder. 23º Ed. Rio de Janeiro: Edição Graal, 1979.
- BAUDRILLARD, Jean. Simulacros e simulação. Lisboa: Relógio D'Água, 1991.
- BECKER, Annette. Extermínios: O corpo e os campos de concentração. In: COURTINE, J. Jacques. História do corpo. 3º Ed. V 3. Petrópolis: Editora Vozes, 2006.
- NIETZSCHE, Friedrich. O nascimento da tragédia. Editora Escala, 2011.
- NIETZSCHE, Friedrich. Além do bem e do mal. 3º Ed. Editora Escala, 2011.
- FERRAZ, M. C. F. Homo deletabilis: corpo, percepção, esquecimento do século XIX ao XXI. Rio de Janeiro: Garamond, 2010.
- BAKHTIN, Mikhail. A Cultura Popular na Idade Média e no Renascimento: o contexto de François Rabelais. Tradução de Yara Frateschi Vieira. São Paulo: Hucitec; Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1987, p. 419.

a MOTTA, Luiz Gonzaga. Análise pragmática da narrativa jornalística. Disponível em [http://www.portcom.intercom.org.br/pdfs/1057680528427387408285905017265231424 .pdf](http://www.portcom.intercom.org.br/pdfs/1057680528427387408285905017265231424.pdf) Acesso em: 11 de jun de 2014.

b MOTTA, Luiz Gonzaga. Explorações epistemológicas sobre uma antropologia da notícia. Disponível em <http://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/revistafamecos/article/view/3187/2453> Acesso em 11 de jun de 2014

c MOTTA, Luiz Gonzaga. Jornalismo e configuração narrativa da história do presente. Disponível em <http://www.compos.org.br/seer/index.php/e-compos/article/viewFile/8/9> Acesso em 12 de jun de 2014.

d MOTTA, Luiz Gonzaga. Jogos semânticos, efeitos de sentido e ação cognitiva nas notícias. Disponível em <http://www.unicap.br/gtpsmid/pdf06/luiz-gonzaga-motta.pdf> Acesso em 12 de jun de 2014.

NOGUEIRA, N. H. e TÓFOLI, L. Jornalismo e literatura: narrativas amparadas por logos e mythos. Disponível em [http://www.cesjf.br/revistas/verbo\\_de\\_minas/edicoes/2009/14\\_OUTROS3\\_NICEALUCIENE\\_VM\\_1\\_2010.pdf](http://www.cesjf.br/revistas/verbo_de_minas/edicoes/2009/14_OUTROS3_NICEALUCIENE_VM_1_2010.pdf) Acesso em 15 de jun de 2014.

ADORNO, Theodor W. O Iluminismo como mistificação das massas. In: Indústria cultural e sociedade. P. 5 a 44; Trad. Júlia Elizabeth Levy [et. al.] - São Paulo Ed. Paz e Terra, 2002.

ALSINA, Miquel Rodrigo. A construção da Notícia. Petrópolis, RJ: Vozes, 2009.

BORGES, W. C. Podem as sensações direcionar a recepção. Disponível em <http://www.ufrgs.br/alcar/encontros-nacionais-1/5o-encontro-2007-1/Podem%20as%20sensacoes%20direcionar%20a%20recepcao201d.pdf> Acesso em 15 de jun de 2014.

SILVA, Gislene. Jornalismo e construção de sentido: pequeno inventário. Disponível em <https://periodicos.ufsc.br/index.php/jornalismo/article/view/2145/1855> Acesso em 17 de jun de 2014.

GADAMER, Hans-Georg. Verdade e método: traços fundamentais de uma hermenêutica filosófica. Tradução de Flávio Paulo. Revisão da tradução de Ênio Paulo Grachini. 3º ed. Petrópolis: Editora vozes, 1999.

SCHMIDT, Lawrence K. Hermenêutica. Petrópolis, R j: Editora vozes, 2006.

DEBORD, Guy. A sociedade do espetáculo. Rio de Janeiro: Contraponto, 1997.

SONTAG, Susan. Diante da dor dos outros. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.

## ANEXOS

### **Anexo I:**

- A foto da capa do caderno polícia da Amazônia Jornal edição de segunda-feira, 24 de Junho de 2013, Página 47 da mesma edição, a foto da primeira matéria.
- A foto da capa do caderno polícia da Amazônia Jornal edição de terça-feira, 21 de maio de 2013; Página 46 da mesma edição, a foto da primeira matéria; Página 41 da mesma edição, a foto da primeira matéria.
- As fotos da capa do caderno polícia do Oliberal edição de segunda-feira, 23 de abril de 2012; Página 2 da mesma edição, a foto da segunda matéria.
- A foto da capa do caderno polícia do Diário do Pará edição de sexta-feira, 12 de outubro de 2012; A foto da página 2 da mesma edição; A foto da página 4 da mesma edição; A foto da Página 10 da primeira matéria.
- As fotos das páginas 6-7 do caderno polícia do Diário do Pará edição de quinta-feira, 20 de setembro de 2012.
- A foto da capa do caderno polícia do Diário do Pará edição de quarta-feira, 30 de maio de 2012; A foto da página 3 da mesma edição; A foto das páginas 6-7 da mesma edição.

- A foto da página 3 da primeira matéria do caderno polícia do Diário do Pará edição de segunda-feira, 23 de abril de 2012; A foto da página 5 da segunda matéria da mesma edição; A foto da página 12 da mesma edição.
- A foto da capa do caderno polícia do Diário do Pará edição de segunda-feira, 16 de abril de 2012; A foto da página 9 da mesma edição; A foto da página 11 da segunda matéria da mesma edição; A foto da Página 12 da primeira matéria.
- A foto da página 3 do caderno polícia do Diário do Pará edição de domingo, 02 de setembro de 2012; A foto da página 4 da mesma edição; A foto da página 5 da mesma edição; A foto da Página 7 da mesma edição; A primeira foto da página 8.

**Anexo II:**

- A foto da capa do caderno polícia do Diário do Pará edição de segunda-feira, 16 de abril de 2012 e A foto da capa do caderno polícia do Diário do Pará edição de quinta-feira, 20 de setembro de 2013.

# SEGUNDA PARTE

Os desdobramentos analíticos e temáticos



Alana da Silva de Menezes<sup>2</sup>  
Ana Paula de Mesquita Azevedo<sup>3</sup>  
Alda Cristina Costa<sup>4</sup>

## REFLEXÕES INTRODUTÓRIAS

Desde a implantação da televisão, na década de 1950, o apresentador sempre teve um papel central, uma vez que representaria a figura a estabelecer os 'laços interacionais' entre emissora, mensagem e público. No nascimento do novo veículo de comunicação, não havia profissionais com experiência que dominassem a dinâmica desse novo meio. O rádio era a grande estrela da sociedade brasileira. Assim, a televisão importou as 'estrelas' do rádio brasileiro para comandarem os programas televisivos.

Os primeiros anos foram marcados pela fase de aprendizagem, tanto para os responsáveis pela parte técnica, que adquiriam maior formação profissional na prática, como para os da parte artística, que se expressavam dentro dos conhecimentos adquiridos no rádio, no cinema e no teatro. Os recursos técnicos eram poucos, com um equipamento mínimo para manter uma estação no ar (AMORIM, 2007, p. 7).

Essa importação, observamos, influenciará as estratégias comunicativas dos apresentadores dos programas televisivos ao longo da história da televisão. É evidente que o formato diferenciado do meio televisivo adquiriu uma gramática própria de apresentação de suas produções, e, ainda assim, percebemos fortes elementos vigentes nos apresentadores de programas televisivos de linha editorial popular, dos profissionais do rádio. Inclusive na utilização da linguagem, na entonação da voz e no jogo de cena na apresentação dos fatos.

Ao caracterizar a televisão, Moran (1991, p. 37) lembra a complexidade desse meio, que seguindo a trilha do rádio, "concilia o entretenimento, a informação e o consumo (publicidade), é uma grande contadora de histórias (novelas, seriados e desenhos), e alimenta a economia e o consumo (publicidade e merchandising)". Elementos marcantes nos programas Balanço Geral – Casos de Polícia e Rota Cidadã 190.

O presente artigo objetiva analisar o apresentador como estratégia comunicativa nas narrativas jornalísticas dos programas Balanço Geral-Casos de polícia da TV Record e Rota Cidadã 190 da Rede Brasil Amazônia de Televisão (RBA) afiliada à rede Bandeirante. Os programas analisados são do ano de 2015 e este trabalho já foi apresentado na Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação (Intercom) do ano de 2015.

Os programas pesquisados são de caráter policial que passam na TV aberta aos sábados e têm a duração de uma hora, sendo que o Balanço Geral – casos de polícia, passa no horário de 13 horas e o Rota Cidadã 190, às 11 horas. O programa da Rede Record inicia com o apresentador, Marcus Pimenta, pedindo "licença" para entrar na casa do telespectador. Ele encontra-se em pé e por trás dele podemos ver a redação do programa. O ambiente é escuro e a luz está focada no apresentador, seguindo assim até o final do programa, até mesmo no momento de divulgar as promoções da Rede Record. O Rota Cidadã, tem o cenário todo preto, desde o chão até as telas que ficam fotos de ações policiais e a logo do programa, porém a iluminação do ambiente é bem clara e tudo fica bem visível. O apresentador, Joaquim Campos, está em pé, em uma grande roda que se destaca no chão e nela, ele se movimenta e durante todo o programa.

1 Trabalho apresentado na Divisão Temática de Jornalismo, da Intercom Júnior – XI Jornada de Iniciação Científica em Comunicação, evento componente do XXXVIII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

2 Graduanda em comunicação social habilitação em jornalismo pela UFPA. E-mail: alanamenezes2@hotmail.com

3 Graduada em comunicação social habilitação jornalismo pela UNAMA. E-mail: anapazmesquita@gmail.com

4 Orientadora do trabalho. Professora Doutora do Curso de Jornalismo da UFPA, email: aldacristinacosta@gmail.com

Esses programas têm como narrativas principais, notícias que envolvem fatos de violência e criminalidade. Os apresentadores utilizam discursos apelativos e irônicos na construção das narrativas, usando expressões de aproximação com o público consumidor desses programas. Eles se valem de estratégias comunicativas de convencimento, incorporando personagens defensores da sociedade, sendo os justiceiros, os heróis e corajosos que não temem ‘dizer a verdade’ contra, principalmente, o poder público. Ou então, conforme diz a pesquisadora Bianchi que analisou os apresentadores dos programas radiofônicos, semelhantes aos elementos encontrados nos programas televisivos:

A figura do apresentador passa a ocupar um espaço onde é possível identificar a presença dos campos político, religioso, social. As opiniões emitidas, os posicionamentos adotados, as posturas apresentadas frente aos mais diferentes temas e situações possibilitam perceber que o apresentador não está apenas participando na construção de opiniões, mas também está construindo a história da sociedade onde está presente e da própria emissora onde atua. (BIANCHI, 2004, p. 9)

Os telespectadores passam a ter como referência esses ‘detentores da verdade’, já que estes verbalizam, fundamentalmente atingem um número expressivo de pessoas, aquilo que muitas vezes o público pensa e gostaria de dizer sobre as pessoas envolvidas em criminalidade e/ou violência urbana. Os apresentadores se configuram como “juízes”, sentenciando, antes do julgamento da justiça, os indivíduos identificados nas narrativas policiais. Percebemos assim uma projeção do público consumidor no apresentador dos programas de narrativas policiais, identificando-se com o discurso reproduzido por ele. Há um sentimento oculto envolvido na figura do apresentador.

As estruturas narrativas dos programas, Balanço Geral – Casos de Polícia e Rota Cidadã 190, se constroem sob uma mesma perspectiva de narração, privilegiando os apresentadores na interpretação e reconstrução dos fatos. Eles têm a primeira e a última palavra nas narrações.

No artigo trabalhamos com Luiz Gonzaga Motta (2005) que define a narrativa como dispositivos argumentativos utilizados na linguagem. Concebe ainda como estratégias organizadoras do discurso jornalístico, em que os significados são reconfigurados no acontecimento jornalístico, apresentando as estratégias de objetivação (efeitos de real) e subjetivação (efeitos poéticos) e do “contrato cognitivo” entre jornalistas e audiência.

Do mesmo modo, levamos em consideração nas análises das narrativas os procedimentos de intencionalidade na construção discursiva, a relação de falar direto com o público que consome os programas - recorrendo aos estudos do modo de endereçamento pesquisados pela Itania Maria Mota Gomes (2004), na tríade criada entre emissora, programa (apresentador) e público.

## **NARRATIVAS JORNALÍSTICAS**

A narratologia esteve inserida somente no âmbito da literatura. Porém, na metade do século XX, os estudos de Roland Barthes, Claude Bremond, Gerard Genette entre outros, utilizaram as páginas da revista *Communications* para o debate sobre os pressupostos conceituais da narrativa. Foi então que os estudos na área puderam contribuir para a transformação da narratologia como um estudo interdisciplinar, transdisciplinar e por vezes, contradisciplinar.

Para Motta, a narrativa “traduz o conhecimento objetivo e subjetivo do mundo (o conhecimento sobre a natureza física, as relações humanas, as identidades, as crenças, os valores e mitos) em relatos”, (MOTTA, 2005, p. 2). Algo que produz sentido as coisas ou atos, de compreender o mundo em seu contexto. Ao estabelecer uma continuidade ou/e descontinuidade, segundo Motta, as narrativas agregam passado, presente e futuro em uma sequência.

O relato temporal perspectiva os estados e as ações em momentos históricos (mudanças evolutivas). Psicólogos culturais afirmam que a nossa tendência para organizar a experiência de forma narrativa é um impulso humano anterior à aquisição da linguagem: temos uma predisposição primitiva e inata para a organização narrativa da realidade (J. Bruner, 1998). A nossa biografia, por exemplo, não é apenas uma autopercepção do nosso eu. Ser um eu com passado e futuro não é ser um agente independente, mas estar imerso em relações, em sequências globais dirigidas a metas. (MOTTA, 2005 p. 02).

Entendemos assim, que narrativas não é apenas contar relatos de maneira cronológica, mas que para compreendê-las, exige uma amplitude de significados e sentidos, principalmente subjetivos. É compreender o acontecimento em um contexto, tempo e espaço. Por isso muitas vezes pode ser tão complexo no entendimento. Narrar já não mais é contar os relatos cronologicamente.

No campo jornalístico, de acordo com Motta (2005), as narrativas podem ser fáticas ou fictícias. O campo produtivo da mídia tem o interesse em explorar narrativas fáticas, imaginárias e híbridas com a intenção de ganhar o interesse do público leitor, ouvinte ou telespectador. “Exploram o fático para causar o efeito do real (a objetividade) e o fictício para causar efeitos emocionais (subjetividade)” (MOTTA, 2005, p. 2). Os discursos narrativos midiáticos são construídos por meio das estratégias comunicativas. Isto é, tudo tem uma intenção, não é aleatório. A finalidade é surtir efeito. “Implica na competência e na utilização de recursos, códigos, articulações sintáticas e pragmáticas: o narrador investe na organização narrativa do seu discurso e solicita uma determinada interpretação por parte do seu destinatário” (IDEM, idem, p. 03).

Assim como Motta, Araújo (2011) destaca que as narrativas midiáticas são produtos culturais que advêm de uma realidade construída. Essa realidade é construída da forma em que ela se encontra (contexto) e da forma como de quem observa (subjetiva). Tal é a responsabilidade do jornalista, de relatarmos o que é “real” para não causar graves alterações no espaço público. “Nessa medida, considere-se que as narrativas midiáticas apresentam visões construídas dos acontecimentos, formatando imagens, que funcionam como óculos” (ARAÚJO, 2011, p. 07).

Os recursos narrativos empregados pelos jornalistas não são apenas utilizados para legitimar as notícias veiculadas, mas também, segundo Albuquerque (2000), para reforçar a autoridade retórica dos jornalistas. Ou seja, eles (jornalistas) serão os interpretes legítimos dos acontecimentos do mundo. Passam a ser referência sobre determinado assunto. “Legitimam determinados profissionais os grupos jornalísticos como os mais autorizados do que outros para relatar determinado acontecimento e sustentam a autoridade interpretativa da comunidade jornalística” (ALBUQUERQUE, 2000, p. 06).

Entretanto, o que se observa é que as narrativas existem no âmbito jornalístico para adquirir um poder. O poder dos meios de comunicação. Pode-se dizer que ela é uma forma estratégica que advêm do polo produtivo da comunicação com apenas um objetivo: o de atrair o receptor. Para tanto, o estudo do contexto social, do tempo e espaço em que as matérias são produzidas, é importante para reter as informações na cabeça do receptor. Conhecer o público, de onde ele vem e o meio em que vive, é um passo determinante para o processo de comunicação contemporânea. As narrativas jornalísticas são construídas mediante a realidade do público. Por isso o grande interesse das empresas de comunicação em adotar essa estratégia como uma das principais no fazer jornalístico.

Nesse sentido, percebemos que nos programas televisivos paraenses Balanço Geral-Casos de Polícia e Rota Cidadã 190, as narrativas são construídas com uma intencionalidade de aproximar estrategicamente os apresentadores da realidade da audiência, do público para quem fala os programas.

## AS NARRATIVAS DO JORNALISMO POLICIAL

As narrativas policiais, como denominamos as produzidas pelos dois programas paraenses analisados, seguem a mesma estrutura estabelecida por Motta (2005), isto é, a partir de um fato real narrado pelo repórter, o apresentador mistura fático e fictício para atrair a atenção do público, assim como incorpora elementos de comicidade, brincadeiras e opiniões nas interpretações dos acontecimentos.

A narrativa dos programas é construída na violência, não que a emissora trate a questão como problema social, mas como uma perspectiva policial. Aborda a violência como um desvio que precisa ser controlada, vigiada e punida. Desvio que se assemelha ao rótulo, conforme enfatiza Werneck na sua discussão sobre a teoria da rotulação:

O desvio não é uma qualidade do ato que a pessoa comete, mas uma consequência da aplicação por outros de regras e sanções a um ‘infrator’. O desviante é alguém a quem esse rótulo foi aplicado com sucesso; o comportamento desviante é aquele que as pessoas rotulam como tal. (BECKER1, 2008, p.22 apud WERNECK, 2014, p. 111)

O discurso construído sobre a violência continua sendo no campo do banal, da superficialização e da desgraça humana, daqueles que são responsáveis por sua própria sorte. E a legitimização desse discurso junto ao público será feita também pelos novos 'arautos' midiáticos da verdade, os apresentadores dos programas dito populares. A realidade passa a ser conhecida não pelo que é, mas pelo que se pensa o que é. Isto é, como os apresentadores narram os crimes para a sociedade.

Uma vez que o acesso aos fatos sociais é cada vez mais imagético, aumenta a percepção do indivíduo de si e do outro como imagens em circulação, numa comunidade virtual. Mudou a experiência do crime, do medo e da sensação de risco e segurança. A ambivalência dos indivíduos sobre o sentido do crime tem origem nesta experiência modelada pelas representações midiáticas: as mudanças recentes mais relevantes sobre o sentido da criminalidade ocorreram nos pressupostos culturais que embalam a sua ocorrência [...]. Essa construção midiática do crime é parcial e distorcida, e produz sentidos quase hegemônicos acerca dos envolvidos – vítimas, acusados e os fatos em si [...]. (MELO, 2014, p. 166).

A narrativa produzida nos dois programas paraenses reforça o senso comum de que a solução para a violência é combatê-la com mais violência, e, sobretudo, que a polícia deve ser implacável na punição das pessoas envolvidas. Para tanto, é preciso convencer e argumentar com o telespectador, mesmo que os argumentos sejam monólogos do apresentador para o telespectador.

Nessa perspectiva, o jornalismo policial é atrelado às narrativas de sensações, com objetivo de comover e produzir a cultura do medo. "Assim, o espraiamento das representações – e das sensações – articuladas na cobertura midiática dos episódios de violência é associado à promoção e cristalização de imaginário do medo" (MATHEUS, 2011, p. 08).

Para Matheus (2011), os programas televisivos não se distanciam do sensacionalismo, pelo contrário, a cada notícia veiculada se torna um repositório de dramas, sensações e afetos que fornecem ao telespectador uma compreensão da narrativa policial. "Não é possível pensar a relação do público com os relatos jornalísticos de violência sem compreender o fluxo do sensacional e a memória do medo que marcam a experiência cotidiana e o imaginário" (MATHEUS, 2011, p. 19). A finalidade não é fazer o telespectador entender o problema social violência, mas criar no imaginário a cultura do medo e da violência.

Por cultura do medo entendemos o destaque exacerbado dado por todos os meios de comunicação, seja impresso, televisivo ou nas redes sociais do ambiente web, dos acontecimentos isolados dos verdadeiros sobre os crimes em sociedade (GLASSNER, 2003). Na produção dessa cultura do medo tem o mediador ou apresentador da notícia, que assume o papel de justiceiro e desqualifica as pessoas envolvidas nos crimes.

Os recursos narrativos utilizados pelo programa são estratégias comunicativas de criação de 'laços interativos' (grifo nosso) com os telespectadores, ou consumidores dos programas. Em cena entra o espetáculo do real.

Por meio do estilo dramático ou espetacular, que "distrai" o público, o sistema imagístico regula as identificações sociais (pelo menos dentro da esfera das aparências adequadas à comunicação social e ao mercado de consumo), administra o Ethos modernizado (no sentido de modas e costumes), e simula padrões consensuais de conduta. Não se trata, pois, de "informação" enquanto transmissão de conteúdos de conhecimento, mas de produção e gestão de uma sociabilidade artificial, encenada num novo tipo de espaço público, cuja forma principal é a do espetáculo (SODRÉ, 1992, p. 45).

Os apresentadores de programas com linha editorial policial exercem o papel de porta voz das emissoras em que são veiculados os programas. Aproveitam o espaço para expressar abertamente suas opiniões, principalmente quando a emissora é contrária politicamente ao partido que está no comando do Estado ou município<sup>5</sup>.

Esse jornalismo "opinativo" acaba sendo uma caracterização das narrativas policiais apresentando uma forte personalização do eu do apresentador. O apresentador a partir das falas inferidas busca estabelecer um diálogo

com o público consumidor das narrativas, recorrendo a elementos de proximidade ou de expressões do universo do telespectador.

O real ganha aspectos de irreal, pois o medo é potencializado. Mas ao mesmo tempo, em que os apresentadores potencializam, fazendo acreditar que a violência está em todo canto, delimitam e demarcam os acontecimentos, ou seja, nos bairros periféricos da região metropolitana de Belém. As falas construídas reforçam que a periferia é o local da desordem na sociedade.

Nesses programas, a violência está diretamente ligada aos que vivem à margem da sociedade.

Constatamos assim, que os comentários feitos pelos apresentadores seriam uma espécie de vínculo entre programa-apresentador-assunto-telespectador, com objetivo de conquista e carisma do público. De acordo com Machado, esse modelo “opinativo” baseia-se fortemente em mecanismos de identificação entre público e apresentador (nesse sentido, não é raro que, para “colocar em operação esses mecanismos, o apresentador simule indignação, pesar ou temor diante das notícias apresentadas”) (MACHADO, 2000, p.110).

Nas falas dos apresentadores observamos verdadeiras representações da realidade.

As representações que continuamente construímos são na verdade um sistema de valores e ideias coletivos, embora contraditórios, que permitem às pessoas estabelecer uma ordem sobre o caos para nomear, classificar e controlar o mundo material e social, conforme observa Moscovici (2009). Elas permitem a cada um e a todos comunicar essas ideias e valores aos demais membros da comunidade com um grau menor de ambiguidade. As representações sociais devem ser compreendidas, por tanto, como entidades tangíveis, substâncias simbólicas que circulam, se entrecruzam e se confrontam, impregnando nossas relações. Elas se cristalizam no senso comum, tornando familiar o não familiar, continuamente refeito, embora este processo estabeleça um sentido último de continuidades. (MOSCOVICI, 2009 apud MOTTA, 2012, p. 29).

Ou então, o direcionamento ou endereçamento (GOMES, 2004), da linha editorial para um público específico:

[...] o modo como os programas televisivos constroem sua relação com os telespectadores. Modo de endereçamento é aquilo que é característico das formas e práticas comunicativas específicas de um programa, diz respeito ao modo como um programa específico tenta estabelecer uma forma particular de relação com sua audiência (cf. Morley & Brunson, 1978). A análise do modo de endereçamento deve nos possibilitar entender quais são os formatos e as práticas de recepção solicitadas e construídas pelos telejornais. (MORLEY & BRUNSDON, 1978 apud GOMES, 2004, p. 90)

Assim, podemos dizer, que os apresentadores desses programas são “mediadores” ainda segundo Gomes (Idem), são eles, os mediadores, os responsáveis pelo reconhecimento de qualquer programa jornalístico televisivo. São eles, os apresentadores que dão “a cara” do programa.

O modo do endereçamento é de estabelecer uma forma particular de relação com a audiência. Essa metodologia serve para compreender a relação de interdependência entre emissores e receptores na construção do sentido do texto televisivo. “Modo de endereçamento depende de, se estrutura a partir das características de cada meio, tanto no que se refere ao suporte quanto às formas culturais” (WILLIAMS, 1997 apud GOMES, 2007, p. 22). Para construir essa narrativa televisiva na metodologia do modo de endereçamento, Gomes (2007) apresenta alguns operadores para as análises dos programas televisivos. São eles: o mediador, o contexto comunicativo, pacto sobre o papel do jornalismo e a organização temática. Esses operadores da análise levam ao que é específico da linguagem televisiva, da forma como se é construída em determinado programa.

O **mediador**, de acordo com Gomes (2004), seria o apresentador dos programas jornalísticos na televisão e ele – o apresentador – é a figura central no programa. A autora segue falando que o apresentador é “aquele que representa a “cara” do programa, e que constrói a ligação entre o telespectador e os outros jornalistas que fazem o programa” (GOMES, 2005, p. 4). O apresentador é o responsável por todo o processo de significação do programa, a ele é atribuído o “entendimento” do assunto e é ele quem repassa a informação para seus telespectadores, por isso é importante perceber a maneira como ele se comporta diante das câmeras.

**O contexto comunicativo** é onde o programa televisivo atua. Esse contexto compreende o emissor, o receptor e as circunstâncias espaciais e temporais em que o processo comunicativo se dá. Gomes (2005) explica que:

A comunicação tem lugar em um ambiente físico, social e mental partilhado. Isso pode ser melhor explicado pelo recurso à noção de instruções de uso de um texto, ou seja, aqueles princípios reguladores da comunicação – os modos como os emissores se apresentam, como representam seus receptores e como situam uns e outros em uma situação comunicativa concreta. Um telejornal sempre apresenta definições dos seus participantes, dos objetivos e dos modos de comunicar, (...) ou implicitamente – através das escolhas técnicas, do cenário, da postura do apresentador. (GOMES, 2005, p. 4).

Entendemos que o contexto comunicativo é como o programa, não mais o apresentador se apresenta diante da sua linha editorial. Levando em consideração os programas de caráter policial, é o programa que define os seus participantes, como dito por Gomes (Idem). É o programa, juntamente com o apresentador, que cria o contexto e a maneira como tratará o assunto.

**O pacto sobre o papel do jornal**, segundo Gomes (2007, p. 26), é “a relação entre o programa e o telespectador é regulada, com uma série de acordos tácitos, por um pacto sobre o papel do jornalismo na sociedade”. Ainda de acordo com a autora, para compreender o pacto é necessário analisar como o programa estuda as premissas, valores, normas e convenções que constituem o jornalismo, isto é, as noções de objetividade, imparcialidade, factualidade, interesse público, responsabilidade social, liberdade de expressão e de opinião.

Os recursos técnicos - o modo como as emissoras lidam com a tecnologia da imagem e som colocadas a serviço do jornalismo, nos programas Balanço Geral e Rota Cidadã, são fundamentais. Eles fortalecem as notícias para dar um ar de credibilidade ao telespectador. São dispositivos de atribuição de autenticidade. No Balanço Geral – Casos de Polícia, o cenário é na redação, o que relacionando ao que Gomes (2007) diz é uma estratégia de construção de credibilidade. Embora o cenário seja em luz baixa, ainda assim o apresentador está no meio da redação. Essa tática não apenas atribui-se à credibilidade e sim, também, à aproximação do telespectador, que se torna cúmplice da produção jornalística.

Outro aspecto a se destacar é sobre as transmissões ao vivo: tanto no Rota Cidadã quanto Balanço Geral – Casos de Polícia, os apresentadores estão ao vivo, mais um fator para autenticidade da cobertura para se ter audiência. No Rota Cidadã 190 os repórteres acompanham a busca policial, estão junto à polícia. No Balanço Geral – Casos de Polícia, em determinados momentos o apresentador narra o fato que foi gravado por uma câmera de segurança. Entretanto, o material que é veiculado é gravado, com exceção do Balanço Geral, que em alguns momentos exhibe cobertura ao vivo.

As fontes são outras características importantíssimas para a construção das narrativas televisivas. Normalmente, segundo Gomes (2007), as fontes nos programas jornalísticos são a autoridade, o especialista e o cidadão comum. E, na maioria dos programas, as fontes têm por objetivo transferir a credibilidade através do recurso da voz autorizada. Nos dois programas (Balanço Geral – Casos de Polícia e Rota Cidadã 190) observa-se a credibilidade das fontes que estão representadas pelos policiais militares e civis e pelo cidadão comum, que muitas vezes ele se encontra em três situações - quando ele é afetado pela notícia, quando ele é a notícia ou quando ele é tratado como a voz da população.

A organização temática tem como ideia ter proximidade com a audiência. Tem de atender a certos interesses do telespectador. No caso dos programas Rota Cidadã 190 e Balanço Geral - Casos de Polícia, o maior interesse do telespectador é saber da violência na cidade. Saber se a “justiça” está sendo feita. Em alguns casos identificar se o acusado é algum parente, vizinho, alguém conhecido que está próximo a ele (telespectador).

Tais são as táticas encontradas no modo de endereçamento para que torne as narrativas dos programas perante a audiência interessantes. Todas essas características são fundamentais para a construção de programas como o Balanço Geral – Casos de Polícia e Rota Cidadã e que fazem parte das narrativas do jornalismo, como descreve Albuquerque (2000) a importância da narrativa no jornalismo que não se limita à explicação do significado dos eventos noticiados, mas:

As formas narrativas utilizadas nas notícias constituem também um recurso importante do qual os jornalistas se valem para legitimar a sua própria autoridade descritiva e interpretativa

acerca da realidade. O emprego das convenções narrativas apropriadas permite aos jornalistas não somente relatar os acontecimentos do mundo e avaliar o seu significado como também, de modo implícito, demarcar a extensão – e a importância – do seu próprio papel na descrição da realidade. (ALBUQUERQUE, 2000, p. 5)

O significado atribuído às notícias de violência, nos programas de linha editorial popular, está diretamente relacionado ao juízo de valor feito pelos apresentadores. Ou ainda, a fundamentação de uma ação como crime resulta da relação entre o significante – o ato em si – e o significado dado a ele. A reconstrução dos sentidos dos fatos para a sociedade.

Para Melo (2014), o fascínio contemporâneo da mídia em noticiar ou publicizar a “ação violenta relaciona o medo dos indivíduos de serem vítimas de um crime e o imperativo da modernidade de promoção do entretenimento” (MELO, idem, p.166).

## ESTRATÉGIAS COMUNICATIVAS

### Balanço Geral – Casos de Polícia

O Programa Balanço Geral foi criado na Bahia e difundido em todo o país após o ano 2000, tendo como formato um forte apelo popular. É importante destacar que 26 estados brasileiros possui a versão do programa que, dependendo da localidade pode ser transmitido pela manhã, no horário do almoço ou no sábado pelas emissoras afiliadas à Rede Record.

No Pará, observamos que o Balanço Geral virou uma marca publicitária, sem realmente o ser, comandando programas que atraem audiência para a emissora Record. Em Belém o programa apresenta três versões: uma pela manhã; outro ao meio dia e outro denominado de Casos de Polícia realizado nos sábados pela manhã. Todas as três versões trazem a marca “Balanço Geral”. O programa é apresentado pelo jornalista, baiano, Marcus Pimenta. A versão do meio dia é comandada pelo apresentador René Marcelo (foi apresentador entre os anos de 2010 - 2017). O Balanço Geral da manhã tem apresentadores variados.

O apelo popular do programa é justificado pelos altos índices de audiência alcançados a cada edição. O programa é destinado a pessoas das classes “C”, “D” e “E” e apresenta temas do cotidiano da cidade, especialmente os das comunidades carentes e exploram a violência nesses locais, banalizando acontecimentos dessa natureza, além de reforçar, por meio da repetição, estereótipos que marginalizam pessoas e lugares.

O programa Balanço Geral - Casos de Polícia é envolto numa narrativa apelativa. É um resumo semanal das principais notícias exibidas pelos programas da emissora. Como o subtítulo sugere, as notícias apresentadas no programa geralmente acompanham operações policiais e têm como cenários frequentes as delegacias e os bairros periféricos de Belém e Região Metropolitana (COSTA, 2014). O apresentador, diferente das outras duas versões, se apresenta sozinho num cenário escuro, aduzindo mistério, horror e algo sombrio. Do mesmo modo, configura o eu do apresentador frente ao crime ou intenção de fazer passar este pensamento para os outros, pois o apresentador, junto com as ações da polícia, enfrenta a criminalidade no Estado do Pará.

A estratégia comunicativa é simular a um contato, em linha direta, com o telespectador. Essa simulação se dará pelo espetáculo-melodramatizado, o jogo de cenas e o culto ao medo e à violência. Esses efeitos são técnicas, estratégias pensadas para causar um efeito no telespectador - o efeito do medo, de uma sensação de catástrofe social.

O programa se propõe a “mostrar o mundo policial na batalha diária entre o certo e o errado na sociedade”<sup>6</sup> e, diferentemente dos outros programas policiais da mesma emissora, apresenta reportagens longas que narram determinados crimes que aconteceram na cidade, como assaltos e tráfico de drogas, sem aprofundamentos ou o chamado jornalismo investigativo. Entretanto, em todos os programas da linha usa-se um termo para dar novamente a credibilidade aos programas e à emissora em si, o “jornalismo verdade”.

A fisionomia do apresentador demonstra um ar de seriedade nas narrativas construídas, que vão se contrapor aos comentários banais sobre a violência, a criminalidade, a segurança pública, a delinquência juvenil, baseando suas falas em um juízo de valor pessoal.

O cenário do programa é apresentado sob uma fraca luz e as reportagens carregadas de efeitos de dramatização. No script de descrição do programa, apresentado pela emissora, constatamos a junção de narrativas factuais e fáticas, ou seja, quando afirma: “o telespectador assistirá a reportagens especiais, carregadas de suspense, drama e ação. Isso tudo sem abrir mão da realidade nua e crua.”.

O programa tem como slogan “a luta do bem contra o mal”. Isto é, a emissora ou o programa, assim como a Polícia, constituiriam o núcleo do bem. O mal será todas as pessoas envolvidas na criminalidade, independente da perspectiva de análise do problema social violência. Assistir ao programa é “como ler um bom livro policial e ter a comodidade de não precisar virar a página”. O apresentador demonstra a comodidade para os telespectadores, pois o programa traz os fatos para dentro dos lares, interpreta e julga as pessoas envolvidas. A única ação que o público deverá ter é assistir o Balanço Geral – Casos de Polícia, que tem a função de combater o mal.

O programa conta com um quadro especial chamado Câmera de Vigilância, que apresenta imagens de assaltos, assassinatos e casos de violência em geral, captados por câmeras de segurança. A partir dessas imagens, o apresentador escreve uma narrativa dos fatos. Esse quadro lembra o panóptico de Bentham (2000) e de Foucault, ou melhor, “funciona como uma espécie de laboratório de poder. Graças a seus mecanismos de observação, ganha em eficácia e em capacidade de penetração no comportamento dos homens.” (FOUCAULT, 2003, p.169). Ou seja, mesmo a equipe jornalística não estando presente nos fatos, há as câmeras de vigilância particulares ou públicas, que o programa tem acesso, no combate aos crimes.

O Balanço Geral – Casos de Polícia utiliza estratégias comunicativas com a finalidade de inferir enunciados simuladores de realidade, como: iluminação no início, fala de suspense do apresentador, trilha sonora e efeitos visuais, reconstrução/simulação de casos reais, envolvendo o trabalho policial, em um formato dramático e fictício.

O apresentador julga, impiedosamente, os envolvidos no crime, utilizando expressões como “bandido”, “criminoso”, “matador”, “covarde” entre outras, para se referir aos que são envolvidos em atos criminosos. Na sua fala, também podemos perceber que o apresentador incita o medo nas pessoas. Podemos perceber isso em falas como “bandido cada vez mais violento e a vítima cada vez mais indefesa”, “bandido pronto para matar”, “homem com medo de morrer”, “medo virou a companhia permanente” “marca do medo e da impunidade”, “imperava a sensação de impotência e completo desespero”, etc.

### **Rota Cidadã 190**

O programa Rota Cidadã 190, da Rede Brasil Amazônia de Televisão, se apresenta como o primeiro reality show policial da tevê brasileira, os repórteres acompanham diretamente as ações policiais. Para Brittos, o reality show é:

Um formato de produto audiovisual que pretende retratar a realidade como ela é, especialmente de pessoas anônimas, como o mais comum dos telespectadores. Para isso, são simuladas situações que se aproximariam da realidade. Ocorre que tudo isso acaba sendo uma aproximação do cotidiano, ou uma construção, por marcas de produção tecnológicas e de objetivos dos participantes. Não se pode confundir reality show com toda a programação de TV, que, em algum nível, sempre pretende aproximar-se do dia-a-dia das pessoas, para assim fazer sentido e captar o público, de forma a comercializá-lo como audiência (BRITTOS e OLIVEIRA, 2002, p. 99).



O Rota Cidadã é comandado por Joaquim Campos desde 2009. O jornalista tem mais de 30 anos atuando na profissão, e trabalha na RBATV desde 1997<sup>7</sup>. O site da RBATV apresenta a seguinte informação: “no jornalismo Joaquim já fez de tudo. De contra regra a apresentador ele mostra a mesma determinação”<sup>1</sup>. Essa construção comprova a ascensão profissional, ou seja, um homem simples, igual aos seus telespectadores, que chegou à linha de frente do programa<sup>8</sup>.

O apresentador se coloca junto com a Polícia como linha de frente no combate ao crime e à violência no estado do Pará. Ao longo do programa, que dura em média uma hora, enaltece a ação policial.

A narrativa do programa é centrada no apresentador. Joaquim Campos utiliza uma linguagem informal, usando expressões que o aproxime do seu público, como: “vagabundo”, “marginal”, “bandido” entre outros termos pejorativos. No Rota cidadã, a equipe de reportagem acompanha os policiais nas operações, o repórter narra o fato no momento da operação, porém as matérias são gravadas. Somente a apresentação é ao vivo.

No programa, o apresentador se coloca como uma figura que julga, condena ou inocenta os acusados de crimes, a ele cabe classificar os cidadãos de acordo com o que entende do que é ser “cidadão de bem” e “cidadão do mal”. Em entrevista para o site do jornal Diário do Pará. Joaquim Campos diz que:

O Rota tem uma peculiaridade única: a informação instantânea. Pois existem vários programas policiais que seguem um jornalismo de narração. Procuramos mostrar o que acontece no próprio ato. Para isso, eu preparei uma equipe muito boa de reportagem. E eles nunca podem desligar o telefone, pois a qualquer momento podem ligar e o repórter deve chegar em 15 minutos no local do crime”<sup>9</sup>.

Observamos assim, que o programa mistura informação, entretenimento e ficção, com dispositivos narrativos que mesclam o factual e o fictício na construção de um discurso de denunciamento, culpando o Estado pela violência, mas defendendo e elogiando a corporação Polícia, como se esta não fosse instituição do Estado.

As narrativas são centradas na figura do acusado, tendo o comando e o desenrolar nas falas do apresentador. É ele que inicia e finaliza a narrativa, mesmo que a figura da polícia esteja presente na narrativa do programa, o policial, como é para o acusado, só é mencionado para mostrar a imparcialidade e a objetividade do apresentador que narra os fatos.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com o modo de endereçamento analisado por Gomes (2004) e da análise das narrativas realizada por Motta (2005), notamos nos programas Rota Cidadã e Balanço Geral – Casos de Polícia que existem táticas, técnicas de imagem, som e um contexto sociotemporal para que a interação entre programas e audiência se façam. O interessante é manter uma relação de proximidade com o telespectador, bem como transmitir ao público um programa que traga a credibilidade e autenticidade das informações.

A violência é uma complexidade social que precisaria ser discutida pelas mídias com profundidade, porém ela é transmitida a esse público como entretenimento com o intuito de incentivar o consumo. O apresentador para firmar essa relação e/ou interação, assume a posição de juiz e referencia para muitos telespectadores. Tais comportamentos assumidos pelos apresentadores dos programas aqui analisados contribuem para um jornalismo policial cada vez mais superficial e desumano. O modo de endereçamento e as narrativas que identificamos nos programas colaboram para um jornalismo policial precário e para uma sociedade que não conhece a sua realidade de fato.

<sup>9</sup> Link da entrevista: <http://www.diariodopara.com.br/impressao.php?idnot=67234>

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ALBUQUERQUE, Afonso. A narrativa jornalística para além dos faist-divers. Facom UFJF: 2000.
- AMORIM, Edgard de. História da TV brasileira [recurso eletrônico]- São Paulo: Centro Cultural São Paulo, 2007. 123 p. em PDF - (cadernos de pesquisa; v. 11).
- ARAÚJO, Bruno Bernardo. A narrativa jornalística e a construção do real: como as revistas Veja e Isto É trataram as manifestações dos estudantes da Universidade de São Paulo em 2011. BOCC: 2011.
- BENTHAM, Jeremy. O panóptico. Belo Horizonte: Autêntica, 2000.
- BRITTOS, Valério Cruz; OLIVEIRA, Amilton Glaucio de. Reality Show sociabilidade e incremento da lógica televisiva. Revista Lumina - Juiz de Fora - Facom/UFJF - v.4, n.2, p. 97-110, jul./dez. 2001 v. 5, n. 1, jan./jun. 2002 ISSN 1516-0785 – Disponível em < <http://www.ufjf.br/facom/files/2013/03/R8-Brittos-HP.pdf>> Acesso em 10 jul. 2015.
- COSTA, Joice Ribeiro da. O adolescente na mídia: enquadramentos do telejornalismo policial paraense. Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Faculdade de Comunicação/Universidade Federal do Pará. 2014.
- FOUCAULT, Michel. Vigiar e punir: nascimento da prisão. 27.ed. Petrópolis: Vozes, 2003.
- GLASSNER, Barry. Cultura do medo. tradução Laura Knapp. – São Paulo: Francis, 2003. GOMES, Itania Maria Mota. Questão de método na análise do telejornalismo: premissas, conceitos, operadores de análises. Revista da Associação Nacional dos Programas de Pós-Graduação em Comunicação – E COMPÓS, v 8. 2007.
- \_\_\_\_\_. Quem o jornal do SBT pensa que somos? Modo de endereçamento no telejornalismo show. Porto Alegre: Revista FAMECOS nº 25, 2004.
- MACHADO, Arlindo. A televisão levada a sério. São Paulo: Editora Senac, 2000.
- MATHEUS, Letícia Cantarella. Narrativas do medo: o jornalismo de sensações além do sensacionalismo. Rio de Janeiro: Mauad X, 2011.
- MELO, Patrícia Bandeira de. Criminologia e teorias da comunicação. In: Crime, polícia e justiça no Brasil. Organização Renato Sérgio Lima, José Luiz Ratton e Rodrigo Ghiringhelli de Azevedo. – São Paulo: Contexto, 2014.
- MOTTA, Luiz Gonzaga. Por que estudar narrativas? In: MOTA, Célia Ladeira; MOTTA, Luiz Gonzaga; CUNHA, Maria Jandyra. Narrativas midiáticas. Florianópolis: Insular, 2012.
- \_\_\_\_\_. Análise pragmática de uma narrativa jornalística. Intercom: 2005.
- MORAN, Jose Manuel. Como ver televisão. São Paulo: Paulinas, 1991.
- SODRÉ, Muniz. O social irradiado: violência urbana, negrotesco e mídia. São Paulo: Cortez, 1992.
- \_\_\_\_\_. Violência, mídia e política. In: FEGHALI, Jandira; LEMGRUBER, Julita; MENDES, Candido. Reflexões sobre a violência urbana: (In) seguranças e (Des) esperanças. Rio de Janeiro: Mauad X, 2006.
- WERNECK, Alexandre. Teoria da rotação. In: Crime, polícia e justiça no Brasil. Organização Renato Sérgio Lima, José Luiz Ratton e Rodrigo Ghiringhelli de Azevedo. – São Paulo: Contexto, 2014.

Erica Marques Dias  
Alana da Silva de Menezes

## TRAÇANDO UM DIÁLOGO INICIAL

“Guerras são também imagens e sons na sala de estar”, afirma Sontag (2003, p. 20), ao se referir à invasão do cotidiano pela representação midiática do horror da guerra na contemporaneidade. Ao considerar a produção midiática que se tem difundido nos meios de comunicação paraenses, é possível, parafraseando-a, que a violência urbana está nas imagens e sons da sala de estar. São imagens impressas, expostas nas páginas dos jornais e em websites. Todas acompanhadas de relatos e narrativas sobre a experiência urbana da violência.

Assim, voltamos nosso olhar aqui para as narrativas fotográficas, devido a sua predominância, recorrência e potencial difusor de sentidos sobre a violência, bem ao fato de mostrá-la sempre em suas mais chocantes faces.

Percebemos nos três maiores jornais do estado do Pará (O Liberal, Diário do Pará e Amazônia Jornal), um modo de narrar a violência calcado em uma abordagem superficial e banalizadora, da qual faz parte a diária e performática exposição de fotografias repletas de marcas de violência. Essa rotina narrativa apresenta nuances, definidas a partir das linhas editoriais dos jornais pesquisados. De acordo com Sontag (2003, p. 20), esse tipo de cobertura marcada por um sistema de mobilização de emoções do “Se tem sangue, vira manchete”, assemelha-se ao que é praticado por jornais populares.

Essa dinâmica é verificada no contexto paraense, nos jornais impressos Diário do Pará e Amazônia Jornal, cuja orientação é “popular”, que tem por hábita evidenciar fotos de cadáveres e de cenas de crimes repletas de sangue presentes nas capas e nas reportagens. No jornal O Liberal esse *modus operandi* assume características mais discretas que será possível verificar no decorrer deste trabalho. Nossa pesquisa inicia por meio de mapeamentos e análises qualitativos e quantitativos das narrativas midiáticas.

Nosso objetivo neste texto é analisar sobre a construção das narrativas fotográficas sobre violência nos jornais impressos paraenses, considerando os seus conteúdos simbólicos. Isso se dá em um quadro em que as notícias como fontes de informação e conhecimento são consideradas, conforme Tuchman (2002), um dos partícipes da construção social da realidade, “ajudam a constitui-la como fenômeno social partilhado, dado que no processo de descrição dos acontecimentos, as notícias definem e moldam o acontecimento” (TUCHMAN, 2002, p. 92). Um processo em que a ação midiática é também ação de um poder de uma instituição simbólica, que se utiliza dos meios de comunicação e informação, sendo dotada de um potencial ou “capacidade de intervir no curso dos acontecimentos, de influenciar ações dos outros e produzir eventos por meio da produção e da transmissão de formas simbólicas” (Thompson, 1998, p. 24).

Tomamos como objeto de pesquisa as fotos de capa do caderno de polícia dos jornais impressos O Liberal, Diário do Pará e Amazônia, para realizamos uma discussão sobre as narrativas fotográficas, os aspectos de referencialidade, mas principalmente, da sua constituição como forma simbólica (THOMPSON, 1998). Forma significativa que diz algo a alguém, que possui uma inserção em um contexto social e histórico, que nos ajuda a pensar a fotografia como construto e inferir sobre aquilo que não está circunscrito a ela.

## NARRATIVAS FOTOGRÁFICAS: VAGUEANDO À SUPERFÍCIE E APROFUNDANDO OS SIGNIFICADOS

A lógica segundo a qual inferimos sobre a fotografia como narrativa, advém da conceptualização da narrativa jornalística. Para Motta (2010), a narrativa jornalística se constitui como sendo uma modalidade de ação simbólica com fins de organizar a experiência cultural, a partir de elementos que se tornam presentes na constituição das narrativas, das estratégias de que se lança mão para narrar do pano de fundo cultural dessas narrativas e sobre o processo de interação ensejado por elas. Devendo ser pensada em função das estratégias culturais em contexto, como forma de exercício de poder e de hegemonia nos distintos lugares e situações de comunicação.

Diante de um cenário de transformações tecnológicas e tensionamentos no âmbito do jornalismo, a utilização de imagens fotográficas ainda se constitui como uma das principais estratégias da ação midiática, seja pelo seu caráter referencial, de atestadora dos fatos, seja pelo potencial de chamariz de consumo. Vaz (2006) afirma que é praticamente impossível se distanciar das imagens, à medida que elas são capazes de sugerir ou representar algo em qualquer sociedade.

A imagem participa de uma relação social, dentro da qual os acontecimentos são conformados e difundidos a partir de construções inteligíveis, que, a partir do contexto que a imagem está inserida, pode ter seu sentido interpretado e agregado à experiência social.

De acordo com discussão de Aumont (2002) sobre as imagens, podemos classificá-las em dois grupos: as imagens em movimento e as imagens fixas. A primeira diz respeito as imagens reproduzidas em vídeos, no cinema e na televisão. A segunda refere-se a imagens como pinturas, gravuras, desenhos e fotografias. É em torno desta última é que refletiremos sobre sua função e significados.

Para o autor, cada uma dessas categorias possui um plano de narratividade específica. De modo que as imagens em movimento se caracterizam pelo telling ou “narração”. Pela sua capacidade de encadear e mostrar acontecimentos sequencialmente e segundo uma temporalidade. E as imagens fixas pelo showing ou “mostração” (capacidade de mostrar em uma cena um momento do acontecimento), de maneira bastante sintética.

Ao falarmos das imagens fotográficas, sobretudo da fotografia jornalística, falamos desse potencial de mostração, por meio da qual a ação da mídia captura, registra e inscreve os aspectos de um acontecimento, que passa a circular nos jornais. E nos casos da narrativa fotográfica de violência, esse potencial se torna imprescindível, pois que permite evidenciar a referencialidade - mostrar o acontecimento, de um modo que o texto não é capaz de recriar, ainda que possua muitas minúcias narrativas.

Desse modo, as narrativas fotográficas chamam a atenção para o contexto social e situacional em que está inserida e a “olhá-las formalmente e contextualmente permite entendê-las de acordo com os propósitos de quem as fabrica e (possivelmente ou potencialmente) de quem as lê” (VAZ, 2006, p. 9). É preciso ter em conta os usos da violência e propósitos do emissor das mensagens, bem como os potenciais usos dessas mensagens feitas pelos indivíduos em sociedade.

A realidade projetada nessas narrativas, pode ser editada e seu resultado é a afirmação e criação de novas interpretações e reflexões sobre os acontecimentos e fenômenos. Um alerta importante nos é dado por Michaud (1989), para quem a ação da mídia altera profundamente as relações entre os indivíduos e a violência, à medida que difunde representações sobre ela muito mais do que ela se constitui como evento de afetação direta sobre esses indivíduos. Sobre as imagens, diz-nos que:

Entretanto, apesar de seu caráter de cópias verídicas – e talvez por causa disso mesmo – as imagens são enganosas: ainda que cada uma seja autêntica, podemos selecioná-las, montá-las, legendá-las, podemos enquadrá-las e reenquadrá-las, podemos sobretudo mostrá-las ou não mostrá-las de jeito nenhum. As imagens da violência não escapam dessas distorções. (MICHAUD, 1989, p. 49).

O que nos leva a inferir que a fotografia nos jornais impresso não é uma ilustração do acontecimento. Ela é parte de um dispositivo de reconstrução simbólica dos acontecimentos e, no caso específico da violência, de deslocamento e de distorções. E desse processo, como pontua Michaud (1989), há uma articulação entre as narrativas fotográficas e elementos textuais, como título, subtítulo, texto e legenda. Como diz Barthes (1990), as fotografias não podem ser consideradas como “mensagem sem código”, puramente denotada, falamos de uma narrativa que já contém mensagens simbólicas, que, pela articulação com esses outros elementos, adere mais mensagens e ancoradores do acontecimento a uma definição da situação. Opera-se uma complementação entre narrativa textual e narrativa fotográfica.

Nas páginas dos jornais impressos, a fotografia pode ser considerada uma reconstrução da realidade, encerrando significados e interpretações que passam a circular e ser (re)interpretados por indivíduos que tem contato direto ou indireto com essas narrativas. No caderno de polícia, a temática da violência é sua base e as fotos devem reforçar não só a brutalidade e a realidade do acontecimento, como também de as representações sobre locais, indivíduos, origem da violência, risco urbano.

A fotografia como narrativa cumpre tal função, pois envolve a captação de um determinado momento e o reproduz através dos seus elementos, transformando o que se vê em uma realidade organizada em um campo de significação, composto de representações.

Esses excessos visuais expostos nos cadernos policiais dos jornais O Liberal, Diário do Pará e Amazônia Jornal, que integra uma rotina midiática de narração, em que esses jornais se aproveitam das situações violentas para conseguir “o melhor ângulo da notícia” e conquistar um maior número de leitores para si, contribuem com a exposição dos acontecimentos de um modo mais desumanizador, tornando a violência de situação privada em espetáculo público, cujo objetivo circula no mercadológico, com o intuito de aumentar seu público consumidor diante de elementos fotográficos atrativos e, principalmente, no ideológico, com repercussões simbólicas muito além do que uma banalização da violência.

## **ENTRE O MOSTRAR E O OCULTAR: MANIPULAÇÕES SIMBÓLICAS DA ATROCIDADE FAMILIAR**

Imagens são inseridas em circuitos simbólicos de reprodução de algo, da produção de sensações as mais diversas e de nos fazer ter percepções sobre fenômenos e coisas. Segundo Flusser (2011), fotografias significam conceitos programados que visam programar magicamente o comportamento de seus receptores.

É nesse sentido que as narrativas fotográficas de violência expõem eventos, a partir de uma programação esquemática sobre essa violência. De modo, começam a ser identificadas como violentas, por conta do contexto e do modo como são colocadas nas páginas do jornal.

As características com que são evidenciadas tornam-se uma “marca” no jornal, segundo a qual a violência se constitui como elo de um determinado grupo social ou de determinados espaços da cidade. Tudo isso formatado e dramatizado a partir da luz, foco e ângulo em que a foto foi feita ou editada.

Para Burke (2004, p. 18), “imagens são testemunhas mudas, e é difícil traduzir em palavras o seu testemunho”. O autor também afirma que as imagens foram criadas para reproduzir uma mensagem própria. Para o autor, fotografias falam por si mesmas e não há nada que a exemplifique melhor do que ela mesma. Barthes (1984) afirma que a essência de uma fotografia é consistida na ratificação do que ela representa. Devido a isto, pode-se afirmar que imagens violentas buscam reiterar um ato de violência que foi registrado pelas lentes de uma câmera.

Na discussão sobre o potencial da imprensa suscitar representações e sentidos subjetivos sobre a violência, González Rey (2006) afirma que a cobertura de sobre mídia e violência, nos termos como apresentamos, “pode nos servir como exemplo de manipulações simbólicas, que favorecem a naturalização de certas explicações e processos sociais, orientados a criar ‘tipos sociais’, considerados como causa da violência” (2006, p. 156).

Processo em que as fotografias, não somente mostram o evento, mas evidenciam os indivíduos que são rotulados como bandidos (assaltantes, traficantes, etc.), demarcando-os como tipo social, em que são tipificados física e socialmente, vinculados, portanto, às de pobreza e de raça, que dizem muito sobre as assimetrias e preconceitos dentro da sociedade brasileira.

Sobre o “caráter mágico”, Flusser (2011) considera que as imagens são imprescindível para a compreensão das mensagens. Para ele, as “imagens são códigos que traduzem eventos em situações e processos em cenas. Não que as imagens eternalizem eventos; elas substituem eventos por cenas”. (2011, p.17, grifo do autor). Nesse sentido, as fotografias, por meio de uma série de possibilidades técnicas, mas também simbólicas, permitem realizar um trabalho de corte e focalização, em que a realidade é apresentada a partir de elementos cênicos e cenográficos, e os acontecimentos seleciona a parte do todo em um “registro”.

Ao captar uma cena que se refere a um ato de violência, o fotojornalista ou o jornalista enquadra (técnica e significativamente) uma pequena parte do evento, a ser compreendida como o desfecho de uma série de acontecimentos. Que nos mostra o que a palavra não daria conta, o horror, a brutalidade, a intensidade da violência, encerrado numa imagem cujo referencial se torna arquétipo da violência generalizada e incontrolável.

Essas narrativas fotográficas, em que os deslocamentos se instauram como modos de ver e compreender o fenômeno da violência, são construídas com vistas a atrair e aumentar o número de leitores. Para conseguir alcançar esse objetivo, elas são editadas para despertar um sentimento em quem as vê, conforme diz Sontag (2004):

Ao saber muito do que se passa no mundo (arte, catástrofe, belezas da natureza) por meio de imagens fotográficas, as pessoas não raro se frustram, se surpreendem, se sentem indiferentes quando veem a coisa real. Pois imagens fotográficas tendem a subtrair o sentimento de algo que experimentamos em primeira mão, e os sentimentos que elas despertam, em larga medida, não são os mesmos que temos na vida real. Muitas vezes algo nos perturba mais em forma de fotografia do que quando o experimentamos de fato. (SONTAG, 2004. p. 184).

Essas narrativas fotográficas, nesse jogo de “manipulações simbólicas”, se inserem em um processo de normatização social, conforme o aponta Michaud (1989), em que a violência como representação independe da “violência real”, instaurando compreensões e apreensões conflituosas, em que um ponto de vista único pode passar a se impor, em um acordo tácito que o estabelece como objetivo e fidedigno aos fenômenos.

É nesse sentido que operam as imagens e narrativas midiáticas, enquanto difusora de representações totalizantes sobre a violência, por meio das quais a mídia busca exercer o poder simbólico. Como bem define Sontag (2004) quando diz que as imagens paralizam e anestesiam pessoas colocando-as a um ciclo vicioso do consumo.

O choque das atrocidades fotografadas se desgasta com a exposição repetida, assim como a surpresa e o desnorreamento sentidos na primeira vez em que se vê um filme pornográfico se desgasta depois que a pessoa vê mais alguns. O sentimento de tabu que nos deixa indignados e pesarosos não é muito mais vigoroso do que o sentimento de tabu que rege a definição do que é obsceno. E ambos têm sido experimentados de forma dolorosa em anos recentes. O vasto catálogo fotográfico da desgraça e da injustiça em todo o mundo deu a todos certa familiaridade com a atrocidade, levando o horrível a parecer mais comum – levando-o a parecer familiar, distante (“e só uma foto”), inevitável. (SONTAG, 2004. p.31)

A banalização de que nos fala Michaud (1989), em que as narrativas fotográficas sobre violência “contribuem de modo não desprezível para mostrá-la como mais normal, menos terrível do que ela é, em suma: banal. Cria-se assim um hiato entre experiência anestesiada e as provas da realidade, raras, mas muito mais fortes”. (MICHAUD, 1989, p. 49).

Desse modo, as fotografias violentas passam a evidenciar eventos violentos como recorrentes, próximos e comuns aos que as consomem. E por mais que estas imagens sejam diariamente reproduzidas nos jornais impressos “o que a fotografia reproduz ao infinito só ocorreu uma vez: ela repete mecanicamente o que nunca mais poderá repetir-se existencialmente”. (BARTHES, 1984, p.13).

A partir disso, percebemos dois movimentos nesse processo midiático: que as narrativas fotográficas de violência servem para individualizar os eventos de violência, conferindo-lhes identidade e especificidade a partir de seus vestígios narrativos, bem como, pela diária difusão dessas narrativas, insere-os em um circuito de representação da infinita violência, que nunca cessa, e se assemelha aos casos pré-existentes e aos que ainda irão ocorrer. O que nos conduz para um necessário olhar mais detido sobre essas narrativas, tal como o propõe Flusser (2011).

## **DA SUPERFÍCIE AOS SIGNIFICADOS: OLHANDO PARA UMA ROTINA NARRATIVA DOS JORNAIS**

Ao longo desta etapa do projeto de pesquisa, mapeamos 730 edições dos jornais Diário do Pará e O Liberal, do ano de 2012; e mais 360 edições do jornal Amazônia, ano 2013. Para o olhar que aqui lançamos, foram escolhidas seis edições, uma de cada mês, dos jornais Diário do Pará e O Liberal, dos meses de Março, Abril, Maio, Agosto, Setembro e Outubro. Do Amazônia Jornal foram selecionadas quatro edições, também uma de cada mês, sendo eles Maio, Junho, Setembro e Outubro. Durante o mapeamento do caderno de polícia, feito pelos bolsistas do projeto, as fotos do caderno foram divididas em categorias e em seguida, foi realizado um gráfico mensal dos meses mapeados. Especificamente no presente artigo, nossa reflexão aborda somente as fotos violentas.

A escolha das capas dos cadernos de polícia dos jornais impressos, foi a partir da observação de recorrências na utilização da imagem violentas como “porta de entrada” para a compra do jornal com objetivo de aumentar o número de “consumidores de acontecimento”, denominação feita por Sontag (1981), através de imagens violentas.

No presente artigo, utilizaremos um dia de cada mês mapeado em cada jornal impresso<sup>1</sup>. Por fim, será analisado as fotos de capa do caderno de polícia dos jornais Diário do Pará, Amazônia e O Liberal. Com os dois primeiros, será feito uma análise comparativa, enquanto o jornal O Liberal terá uma análise separada, por conta da sua diferença na linha editorial, estrutura e público leitor, que será detalhado nos próximos tópicos.

## **FRAGMENTOS FORTUITOS DE UM COTIDIANO BRUTAL: AMAZÔNIA JORNAL E DIÁRIO DO PARÁ**

Nos jornais percebemos diferenças e semelhanças em seus estilos narrativos. Assim, faremos uma análise comparativa entre as capas dos impressos Amazônia Jornal e Diário do Pará. Analisaremos às capas, por serem a “porta de entrada” do jornal, como já dito, por serem o mais evidente e mais fácil de reconhecer e apreender concentrando uma gama de mensagens simbólicas nas imagens de choque, de um cotidiano violento que são projetadas nas páginas dos cadernos policiais.

Das dez capas analisadas, apenas uma não é referente a homicídio, e sim sobre um acidente de trânsito, que não é enquadrado como violência, antes o é como uma fatalidade.

Na esteira das ideias acima acionadas, sobre banalização e experiência anestesiada, retomamos o pensamento de Sontag (2003), sobre a inexistência do espanto ao entrar em contato com tais imagens e os tipos de relações que com ela se estabelecem. De acordo com a autora,

A proximidade imaginária do sofrimento infligido aos outros que é assegurada pelas imagens sugere um vínculo entre os sofredores distantes – vistos em close na tevê – e o espectador privilegiado, um vínculo simplesmente falso, mais uma mistificação de nossas verdadeiras relações com o poder. Na mesma medida em que sentimos solidariedade, sentimos não ser cúmplices daquilo que causou o sofrimento. (SONTAG, 2003. p. 85-86).

Apropriando-nos dessa assertiva no olhar para os impressos, podemos pensar como eles trazem essas fotografias sem receio e com grandes pretensões. Dizem-nos algo por meio das narrativas fotográficas, mesmo que para isso precisem banalizar a morte de um em detrimento do consumo do outro. Burke (2004, p. 24) afirma que seria imprudência

atribuir aos “artistas” repórteres um olhar “inocente” no sentido de um olhar que fosse totalmente objetivo, livre de expectativas ou preconceitos de qualquer tipo.

Nesse sentido, percebemos a profusão de imagens violentas, que reiteram uma cotidianidade da violência em sua face mais brutal, a do homicídio e da morte, apresentada com a localização e origens bem estabelecidas; além dos acidentes, que representam a virtualidade de uma violência iminente. Sendo todas elas convertidas em narrativas fotográficas do horror diário da violência, do risco e do perigo.

A rotina narrativa nas fotografias na cena do assassinato, do corpo estirado no chão ensanguentado e morto, são submetidas a uma lógica midiática. Podemos concordar com a reflexão de Rodelli (1998), para quem os meios de comunicação se estabelecem como principais testemunhas públicas da violência urbana, e espaço de intersecção em que “é também o lugar para onde convergem e se explicitam vários outros discursos que passam a ser por ela configurados e/ou normatizados (institucionalizados) por uma ordem narrativa própria” (RODELLI, 1998. p. 151).

Relativamente ao Amazônia Jornal, a capa do dia 18/06/2013, apresenta os pés de um assaltante morto jogado no assoalho de uma casa. Os pés são a grande evidência da foto. Nada é mais visível do que eles. No canto da página, podemos ver outra fotografia de um corpo estirado no chão, próximo a um canal, com peritos criminais e curiosos perto do corpo. A do dia 22/05/2013, também apresenta os pés em evidência, com o corpo de um jovem jogado ao chão, próximo a duas viaturas de polícia. Um PM e vários curiosos por perto. No canto de cima da página vemos também a miniatura da foto de um acusado por abuso infantil e na parte de baixo da página vemos um corpo estirado no asfalto, com peritos criminais e muitos curiosos por perto.

A capa do dia 24/04/2012 do Diário do Pará, com a manchete “Dívida com traficante ‘dá cabo’ em mais um”, mostra um homem caído no asfalto com a motocicleta ainda entre suas pernas, com muitos curiosos estão próximos a seu corpo. O dia 30/05/2012 (Figura 4), traz a manchete “‘clínica geral’ deveu, não pagou e foi direto pro veneno”, mostra um homem caído no chão, com metade de seu corpo numa parte escura, mostrando apenas suas pernas sujas de sangue e seu braço também ensanguentado.

Nessas quatro capas, as imagens se projetam como uma confirmação do ocorrido, o texto especifica, as fotografias narram. Narram por trazer evidências do que ocorreu, do que o jornal trata de banalizar, por apresentar esses elementos a partir de uma organização técnica e simbólica. A morte de um bandido, de um traficante, de pessoas por vezes pobres e negras nos falam sobre os âmbitos periféricos da cidade. Àqueles que ninguém quer por perto e a quem a morte é o “destino”, pelo envolvimento envolve com esse mundo “sujo”. Por meio das imagens, se realiza uma normatização da morte periférica, a morte de indivíduos identificados como advindos dessas localidades e submetidos a sociabilidades violentas. É essa a principal mensagem simbólica que subjaz a essas narrativas fotográficas, em que “a morte na periferia passa a fazer parte do cotidiano, do comum, porque os indivíduos dessas regiões estejam envolvidos direta ou indiretamente com as ordens do crime e do tráfico”. (FERREIRA JUNIOR; MENEZES, 2014. p. 68).

Na capa do Amazônia Jornal, 30/09/2013, temos quatro fotografias, cada uma utilizando um ângulo diferente para mostrar mortes distintas. “Quatro são executados. Homens são liquidados em um final de semana violento na RMB”. Anuncia a manchete da capa. Na primeira fotografia vemos o rosto nítido de um homem morto. Na segunda, um homem de joelhos próximo à porta traseira de um carro, sem camisa, com policiais e peritos próximos e muitas pessoas ao redor de onde o crime aconteceu. Na terceira, um homem também morto caído em uma sarjeta, com seu pé em evidência e um policial próximo ao seu corpo. Na quarta fotografia, um homem já morto dentro de uma grande bandeja de perícia e tendo o saco que esconderá seu corpo se fechando.

O Diário do Pará, 20/09/2012), enuncia a seguinte manchete em sua capa: “Quarta-feira de sangue e muito medo”. Sua capa traz uma mão de um morto que está estirado no asfalto e quatro fotos em miniaturas ao lado. As três primeiras são de corpos também mortos e jogados no chão. Um deles está em um saco. A quarta é um caminhão próximo a um matagal.

Essas fotos evidenciam claramente que ali naquele local houve um ato brutal de violência, e nesse momento, o jornal é responsável por quantificá-la. Por mais que suas manchetes aparentem que o dia em questão foi um dia excepcional, esses jornais falam de apenas mais um dia de violência na cidade de Belém. Mais um dia em que corpos



foram encontrados ao chão. Num duplo movimento de ressaltar uma anormal ocorrência de eventos violentos e de normalizar a violência. Como se aqueles corpos no chão fossem algo habitual, fazendo-os serem percebidos como tal.

A capa do Diário de 14/03/2012 apresente a notícia de uma fatalidade, um motociclista que perdeu o controle de sua moto e acabou batendo em um caminhão. Morreu na hora. A fotografia evidencia sua moto e seu pé, como de costume, no asfalto, um lençol branco cobrindo o resto de seu corpo e um homem por perto. E marcas de sangue no chão.

Já a do dia 12/10/2012 a manchete de abertura diz: “Assaltante é executado com oito tiros”. Ele está no chão, na fotografia, suas mãos, a esquerda é tatuada, e sua cabeça estão em destaque. Sangue está por várias partes de seu corpo e no chão de barro. Suas costas estão sendo coberta por um pedaço de papelão;

São mortes por motivos distintos, independente de ser uma morte brutal ou uma fatalidade, o importante para esses jornais é ter um corpo morto para estampar suas capas. Há o objetivo de apresentar uma denúncia, um estilo “denuncista” da violência, na verdade. Em que a visibilização da violência é feita a partir de uma justificativa de expor os defeitos da má gestão pública estadual, que redundam em uma proliferação da violência, onipresente e incontrolável, em que as imagens precisam chocar.

Na capa do Amazônia, 28/10/2013, aparecem três fotos. Uma pequena foto de um assaltante que foi preso; a segunda, de maior destaque, é de uma viatura da polícia em frente a Superintendência do Sistema Penitenciário do Estado do Pará (SUSIPE), devido ao fato de um preso ter sido morto por outros detentos dentro da Central de Triagem da Marambaia. E a terceira, em maior destaque, um homem morto no chão. Pernas de pessoas próximas ao seu corpo, mas é ele quem está em evidência na fotografia. “Trio mata desafeto a pauladas”, diz a manchete.

“Homem é morto a pauladas em Ananindeua” é a manchete da capa do dia 04/08/2012, do Diário do Pará. A fotografia não poderia ser diferente, o homem morto está caído, de peito para cima em um chão de barro, muito sangue próximo de sua cabeça, seu rosto está borrado por um mosaico. Apenas as pernas das pessoas que estão ao seu redor podem ser vistas, já que o foco total está em seu corpo sem vida.

A semelhança nessas capas não está somente no fato de ambas apresentarem as mortes de dois homens a pauladas, e sim no enquadramento técnico dessas fotografias. Como se fossem “figurinhas repetidas”. As fotos trazem os mesmos ângulos, as mesmas formas de olhar para aqueles corpos que costumeiramente estão mortos no chão.

Essa rotina narrativa, nos leva a algumas questões a serem levantadas aqui. Qual seria o grande motivo e a necessidade de estampar as capas desses jornais com fotos tão violentas, negativas e de corpos mortos? Flusser (2011) diz-nos que “o homem ao invés de se servir das imagens em função do mundo, passa a viver em função de imagens. Não mais decifra as cenas da imagem como significados do mundo, mas o próprio mundo vai sendo vivenciado como conjunto de cenas”. (FLUSSER, 2011, p.17). E Sontag afirma: “A contingência das fotos confirma que tudo é perecível; [...]A realidade é resumida em uma série de fragmentos fortuitos – um modo infinitamente sedutor e dolorosamente redutor de lidar com o mundo”. (SONTAG, 2004, p. 95).

Na esteira desses pensamentos e das considerações sobre o potencial organizativo das narrativas, a narração de que as imagens participam fazem emergir narrativas sobre essa realidade, que nos dizem não estar mais a vida social desvinculada de uma vivência cotidiana cada vez mais violenta e perigosa, não havendo outras imagens a serem utilizadas em suas páginas se não de fotografias violentas, que nos façam sentir a barbárie do mundo.

## **MÁSCARA FÚNEBRE E VESTÍGIO DA VIOLÊNCIA MOSTRADA E SUGERIDA: O LIBERAL**

Já falamos, a partir de Sontag (1981), que a realidade sempre teve sua interpretação a partir das imagens, resultando em uma dependência desta apresentação do real. A reprodução e o consumo das imagens tornam-se essenciais no campo jornalístico, que projeta representações que integram ou não a experiência vivida pela pessoa que consumirá seu material. Essas narrativas se revelam relevantes, pelo caráter de referencialidade que os códigos jornalísticos lhes conferem, à medida que é “não só uma imagem (como o é a pintura), uma interpretação do real – mas também um vestígio, diretamente calcado sobre o real, como uma pegada ou uma máscara fúnebre”. (SONTAG, 1981, p. 148).

A partir desta reflexão, orientamos o nosso olhar sobre as fotos de capa do caderno de polícia, agora sobre o jornal O Liberal. Durante a análise feita neste projeto de pesquisa, constatamos que ele possui um modo de narrar diferenciado em relação ao caderno de polícia dos jornais Diário do Pará e Amazônia, discutido no acima. De acordo com o gráfico percebemos que no caderno de polícia do jornal O Liberal há 215 fotos violentas, conforme descritas acima, fotos que expõem os corpos da vítima ou do acusado cobertos de sangue ou com outras marcas de violência. Dos cadernos desse impresso, também foram escolhidas seis edições, uma de cada mês, para serem analisadas.

Sobre o uso das imagens no campo jornalístico, Alsina (2009) afirma que esse tipo de utilização da fotografia é uma das fases desse trabalho jornalístico, em que os veículos de comunicação determinam o destaque de alguns assuntos na capa do jornal. Esse destaque é realizado através da relação da foto violenta com a legenda, com o intuito de chamar a atenção do leitor e aumentar a compra do jornal.

Mas apesar dessa construção e orientação, notou-se que o jornal O Liberal possui algumas diferenças no tratamento das coberturas dos fatos violentos, utilizando artifícios que seduzem o seu público leitor, sempre destacando a violência e a agressividade do caso, mas de um modo mais ameno, em que as imagens mais servem à sugestão do que a mostrar o a violência de um modo chocante e brutal. Falamos de um processo em que jornal não vai se adaptar ao acontecimento exposto, mas o acontecimento deverá se adaptar à estrutura da edição e à linha editorial do jornal.

No jornal O Liberal percebemos, primeiramente, que não há uma matéria de capa que será reproduzida como principal no interior do caderno, tal como nos jornais Diário do Pará e Amazônia. Nele, há a primeira matéria, que pode ser considerada como matéria de capa, que vem sucedida por mais uma ou duas matérias de destaque.

A primeira matéria, não possui uma linguagem irônica ou preconceituosa em seu título. Enquanto isso as fotos, o foco da nossa análise, exibem os corpos das vítimas ou acusados mortos, mas com duas determinadas características: a primeira, quando o corpo é exposto por completo, ele não se torna o elemento central da foto. O espaço onde foi encontrado, a presença de policiais e da população, tomam conta da cena fotográfica, como uma maneira de diminuir a tensão da violência mostrada. Na segunda, apresenta o corpo está coberto, mas não o apresenta por completo. Ou aparece apenas uma parte do corpo, ou as pernas, ou a partir da barriga (sempre “escondendo” o rosto) ou de costas ou marcas da violência. Isso ocorre devido à política do jornal e ao público a que o mesmo se destina, a classe média paraense. No entanto, o jornal conta também com uma linguagem para atrair outros públicos, semelhante à dos concorrentes. Mas esse modelo de publicação das fotos de capa do jornal é resultado de uma edição feita por dois profissionais que estão envolvidos na construção da matéria, conforme detectamos em momento anterior da pesquisa:

O primeiro ‘portão’ é o fotógrafo jornalístico que segue as práticas pré-estabelecidas pela organização ao capturar as imagens de uma cena de crime. A seleção do ângulo é importante para preservar a integridade dos envolvidos no ato violento, assim como são escolhidos o plano de dimensão, com a finalidade de evitar mostrar o rosto ou próprio corpo, ou, outras marcas que possam identificar a pessoa retratada. Tudo isso faz parte da seleção da ‘informação imagética’, portanto, contribuindo no processo da seleção da matéria a ser publicada. O segundo ‘portão’ será o editor-chefe que decidirá a publicação da matéria (COSTA; DIAS; SAMUEL, 2013, p. 9).

As narrativas fotográficas sempre terão a função de atrair o público e torná-lo um consumidor dos acontecimentos, em especial dos que fazem parte dessa realidade apresentada, para fazer com que se sintam parte dessa teia de representações. Os leitores que fazem e que não fazem parte dessa experiência violenta cotidiana precisam ser atraídos por essa imagem fotográfica, cuja função é de redefinir a realidade, reconstruí-la, por meio desse diário e importante registro de informação. Sontag (1981), debate isso ao dizer o quanto a fotografia evolui transformando-se controladora do sentido do objeto fotografado. As formas e o ato de fotografar tornaram-se igualmente ou até mais importantes do texto que o acompanha. Desse modo, a realidade se parece cada vez mais com a fotografia exposta na página do jornal. E, além disso, a fotografia passou a ser uma janela para a “realidade”, ao relembrar algum caso, pois qualquer outra descrição se torna desnecessária face a uma fotografia, que pode explicar de um modo mais real (SONTAG, 1981).

Esse sentido do real é o objetivo de construção das fotografias do caderno de polícia. O Liberal constrói a partir de seus critérios e do ponto de atendimento a seu público. Ele possui, assim como cada veículo de comunicação, a sua narrativa com o objetivo de construir uma perspectiva e, principalmente, um sentido projetado como aquele esperado pelo leitor do jornal. A fotografia possui uma grande força e si mesma, segundo Vaz (2006), em um processo em que existe a capacidade de o fotografado se assumir como sujeito, ao ser inserido dentro da situação direcionada pelo jornal (que passa por etapas como enquadramento, edição e diagramação) e, posteriormente, pelo olhar do leitor. Mas no nosso caso, não se inserem como sujeito, antes são inseridos em narrativas em que são objeto, elemento principal, porém elemento mais cênico do que ativo, como nos casos dos cadáveres. Podemos constatar isso ao analisar as edições seguintes.

O jornal do dia 17/03/2012, tem como matéria principal uma jovem de 18 anos torturada, assassinada e jogada em um igarapé em Belém. Na foto da matéria, foi inserida, no lado superior esquerdo, uma foto 3x4 da vítima. No lado direito da fotografia, aparece um perito do Instituto Criminalista (IC), analisando o local do crime, além de um igarapé no meio do matagal, e o corpo da vítima, que aparece na parte de baixo da fotografia, deixando em evidência apenas as suas costas. Esses elementos citados, em especial a posição do perito olhando para baixo, visa a orientar o olhar do leitor na leitura da narrativa, em que primeiro se observa o local onde o corpo da vítima foi encontrado e, depois, faz-se o mesmo que o perito: olha para baixo, se dirigindo a localizar o corpo da vítima, ou pedaço destacado na foto.

A fotografia nesse momento apresenta sua função, já citada: a de porta de entrada da notícia, a responsável por fazer o leitor se aproximar gradativamente do fato. Iniciando em uma visão geral do crime e, depois, encaminhando-o através da visão do perito, que leva para o ponto principal, que é o corpo da vítima, inserido em um ponto distante da foto. Assim, o leitor é conduzido a transitar simbolicamente pelo local por onde a vítima passou e onde o perito, fotógrafo e demais profissionais também estiveram.

Essas construções de posição, enquadramento técnico, localização do corpo e demais personagens da foto, mostram a força da fotografia e a potencialidade que ela tem de atingir os públicos leitores. Vaz (2006) afirma que a fotografia é capaz de conduzir o leitor a um processo de inserção no caso exposto na narrativa fotográfica. Um processo simbólico em que “o leitor é convidado a penetrar no universo do estranho, universo distanciado dos limites do jornal e de seu museu imaginário. O leitor se transforma em uma espécie de refém do olhar, imerso num jogo de sedução e medo, suspenso de sua tradução imediata” (VAZ, 2006, p. 119). São todas construções significativas que dizem sobre as intencionalidades impressas nas narrativas, mas também o tipo de perspectivação da violência que se projeta nessas narrativas.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

A forma como as narrativas fotográficas são inseridas em um circuito em que as páginas policiais dialogam com experiências e representações sociais, elementos de uma subjetividade social e individual, faz com que nos atentemos para um outro processo, em que elas se tornam mediadoras desse diálogo que gera diversas conclusões e pensamentos sobre os casos. Estabelece vínculos entre leitores, jornais e a realidade social que o jornal projeta. Realidade dada a ver pelas imagens dos acontecimentos violentos, pela reconstrução da vida e da morte de pessoas fotografadas. Mais do que ser uma maneira de “aprisonar a realidade”, é responsável por instaurar um modo deslocado de narrar a violência, em que tanto ou mais do que os acontecimentos vale a apresentação imagética da violência. O que também instaura a ideia de que outras fotos do mesmo estilo, dos mesmos casos, aparecerão novamente no caderno policial, pois que a violência já se tornou banalizada e normalizada. E o único meio de falar dela é por meio dessas linguagens espetaculares, com graves repercussões simbólicas.

No olhar dispensado aos jornais, gradações nesses modos de narrar pelas fotografias foram percebidos. Na comparação dos jornais Diário do Pará e Amazônia Jornal, pudemos perceber uma certa semelhança no tratamento das fotos de capa do caderno de polícia, que ambos tratam de um modo igualitário com o objeto de apresentar

esses fragmentos, essas marcas da violência, porém com grande evidência, reforçando o caráter da brutalidade e do sanguinário da violência direta, que abate indivíduos na e da periferia. Já no jornal O Liberal, há aspectos diferentes na construção da narrativa fotografia, se comparado aos outros dois jornais impressos. O intuito de apresentar a violência pelo menos chocantes, amenizando as marcas da violência, tornando-as em vestígios, em máscaras funerárias, que, no entanto, participam do mesmo dispositivo simbólico que as fotos dos outros impressos.

É algo além de chamar atenção do seu público leitor, para que se sinta inserido dentro do contexto apresentado, de uma realidade reconstruída que se dá a ver pela ação midiática. Antes, as narrativas fotográficas e seus conteúdos simbólicos se inserem em um complexo jogo de subjetividades, em que a mídia participa da formação e conformação dos conhecimentos sobre a realidade imediata e social, em que o que se vê medeia as nossas relações com espaços, indivíduos, medos urbanos e todas as suas representações circulantes e difusas no tecido social.

#### REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICA

ALSINA, M. R. A construção da notícia. Petrópolis: Vozes, 2009.

AUMONT, Jacques. A imagem. 7. ed. Campinas: Papirus, 2002.

BARTHES, R. A câmara clara: nota sobre fotografia. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1984.

\_\_\_\_\_. O óbvio e o obtuso: ensaios críticos III. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1990.

BURKE, P. Testemunha ocular: história e imagem. Bauru: EDUSC, 2004.

COSTA, A. C. S.; DIAS, E. M.; SAMUEL, K. J. O jornalismo e a violência: algumas reflexões sobre as construções nos jornais impressos paraenses. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO, 35, 2013. Manaus. Anais... São Paulo: Intercom, 2015. Disponível em: <<http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2013/resumos/R8-1719-1.pdf>> Acesso em: 10 jun. 2015.

FLUSSER, V. Filosofia da caixa preta: ensaios sobre uma futura filosofia da fotografia. São Paulo: Annablume, 2011.

GONZÁLEZ REY, F. L. Violência: gênese, manipulação e ocultamento social. In: SPINK, M. J.; SPINK, P. (Org.). Práticas cotidianas e naturalização da desigualdade: uma semana de notícias nos jornais. São Paulo: Cortez, 2006. p. 143-164.

MICHAUD, Y. A violência. São Paulo: Editora Ática, 1989.

MOTTA, L. G. Análise pragmática da narrativa jornalística. In: LAGO, C.; BENETTI, M. (Org.). Metodologia de pesquisa em jornalismo. 3. ed. Petrópolis: Vozes, 2010. p. 143-167.

RODELLI, E. Imagens da violência: práticas discursivas. Tempo Social, São Paulo, 10, n. 2, out. 1998. p. 145-157.

SONTAG, S. Diante da dor dos outros. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.

\_\_\_\_\_. Sobre fotografia. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.

\_\_\_\_\_. Sobre a fotografia. Rio de Janeiro: Arbor, 1981.

THOMPSON, J. B. A mídia e a modernidade: uma teoria social da mídia. Petrópolis: Vozes, 1998.

TUCHMAN, G. As notícias como uma realidade construída. In: ESTEVES, J. P. (Org.). Comunicação e sociedade: os efeitos sociais dos meios de comunicação de massa. Lisboa: Livros Horizonte, 2002. p. 91-104.

VAZ, P. B. Narrativas do olhar: o processo de construção do Outro Olhar. In: \_\_\_\_\_. (Org.). Narrativas fotográficas. Belo Horizonte: Autêntica, 2006.

## APONTAMENTOS INICIAIS

Fatos, acontecimentos e narrativas são elementos que se inter cruzam como finalidade do fazer jornalístico. A razão da narrativa jornalística é dar aos fatos o caráter de acontecimentos para criar uma relação de fidelização com o público leitor. Portanto, cabe investigar essa narrativa jornalística presente nos cadernos de polícia dos mais importantes jornais da Amazônia Paraense.

Desse modo, a narrativa jornalística existe, se não para falar para a sociedade dos acontecimentos que julga pertinente. Pode-se considerar o acontecimento a partir de um viés ontológico, que trataria o acontecimento de tal como é, mas isto seria uma leitura ingênua, devido à clara interferência do campo do jornalismo pela sua influente capacidade de formar opiniões e debates na sociedade. O termo acontecimento a ser usado neste artigo, no entanto, é entendido no seu estado epistemológico, pois entende-se que ele é uma construção, fruto desta narrativa jornalística. As palavras que descrevem estes acontecimentos a fim de massificá-los se tornam a palavra dos veículos de comunicação e esta relação entre o que é dito e o que aconteceu é extremamente importante para a caracterização dos acontecimentos, pois, conforme o afirma Pablo Laignier,

Os fatos vão sendo selecionados no cotidiano para integrarem o dispositivo 'jornal', tornando-se notícia a partir de um recorte que privilegia aqueles que constituem "acontecimentos" na cidade ou país em que são publicados" (LAIGNIER, 2009, p. 235).

O fenômeno de violência tem sido perpetuado bastante pelos veículos de comunicação paraense devido à grande aceitação pelo público, visível pelo consumo destes produtos que compõem esta narrativa. A violência é vendida e comprada pelo mercado, no entanto, fomentando a sua produção por estes veículos de comunicação. Devido a esta construção da narrativa jornalística e principalmente como os acontecimentos são escolhidos e moldados para serem notícias, é necessário que este debate perpassasse pelos conceitos de teoria do jornalismo e da própria Comunicação, que discutem noticiabilidade e visibilidade das notícias veiculados especialmente na narrativa de polícia.

Desse modo, este trabalho visa pesquisar a construção do acontecimento de violência e o seu lugar nas narrativas presentes nos cadernos de polícia dos jornais impressos paraenses. Esta investigação será fundamentada na análise da produção notícia, a partir dos conceitos de narrativas e critérios de noticiabilidade. Como suporte teórico sobre narrativas e comunicação temos Barthes (2011), Motta (2010), Wolf (2008), França (1998). para nos embasar sobre violência, buscamos em Zaluar (1999) o estudo sobre a problemática.

## NARRATIVA POLICIAL

O conceito da narrativa, que veio originalmente da área da literatura, na visão do filósofo francês Paul Ricoeur (1913), é entendido como operações miméticas que nos capacitam a nos relacionar com o mundo a nosso redor. Esta capacidade que tem a narrativa de organizar o cotidiano do humano levou Roland Barthes (1971) na sua obra "Análise estrutural da narrativa", a afirmar a onipresença da narrativa:

[A] narrativa está presente em todos os tempos, em todos os lugares, em todas as sociedades; a narrativa começa com a própria história da humanidade; não há em parte algum povo algum sem narrativa; todas as classes, todos os grupos humanos têm suas narrativas, e frequentemente estas narrativas são apreciadas em comum por homens de culturas diferentes, e mesmo opostas (BARTHES, 2011, p. 19).

A narrativa se revela como um dispositivo na mão do humano para organizar a sociedade, ao narrar as experiências vividas num processo comunicacional. A organização da sociedade através de uma narrativa se opera sobre um relato sequencial de evento, fato e acontecimento reais ou fictícios baseados em personagens também reais ou fictícios. Nesse sentido, podemos considerar que a violência é uma grande narrativa na história do homem.

A narrativa de violência, portanto, têm várias ramificações: narrativa da violência contra mulher, a narrativa da violência do estado, a narrativa da violência de colonização etc. Entendemos que as várias narrativas que existem sob esta meta-narrativa de violência - a narrativa policial tem sido um dos grandes destaques nos meios de comunicação na contemporaneidade.

Assim, é preciso entender que a construção da narrativa policial e o acontecimento de violência são dois conceitos que têm uma relação dialética e simbiótica. Para entender a sua manifestação concreta nos cadernos de polícia é preciso entender os dois componentes individualmente e posteriormente em simbiose.

No projeto de pesquisa *Mídia e Violência: as narrativas midiáticas na Amazônia paraense como premissa*<sup>1</sup>, a violência urbana<sup>2</sup> é vista como uma narrativa construída, e com isso, entendemos que a violência passa a ser institucionalizada, erguida e regida com uma lógica própria de existência. A violência não é mais tratada como um assunto imaginável e chocante, mas como corriqueiro e normalizado dentro da esfera dos noticiários da Amazônia paraense.

A esfera da narrativa policial representada na mídia paraense<sup>3</sup> engloba todas as notícias referentes à violência. Esta esfera representa um componente específico e particular dos jornais impressos, podendo ser retirada e vendida separadamente, fazendo jus à constatação da sua concretização no caderno de polícia. Portanto, atestamos que o caderno de polícia (a narrativa policial concretizada) pode existir por si só, e não é dependente do conjunto como todo do jornal impresso. Assim sendo, a mídia paraense construiu esta narrativa policial para ser indomável e infinita.

## **CRITÉRIOS DE NOTICIABILIDADE: A TEORIA DO *GATEKEEPING* E A NARRATIVA DE POLÍCIA**

Assim sendo, é importante entender de que forma a mídia constrói o fenômeno da violência. Tomando isso como ponto de partida, é necessário investigar os critérios usados na construção desta narrativa de polícia.

A partir da leitura da teoria do *gatekeeping* sob o ponto de vista de Wolf (2008) e Shoemaker e Vos (2011), percebe-se que o jornalista com suas rotinas e códigos editoriais ocupa um lugar central na seleção de notícias de cunho violento e a sua proliferação nas páginas dos cadernos de polícia nos jornais: O Liberal, Diário do Pará e Amazônia Jornal.

O conceito do *gatekeeping* é interpretado como o processo em que a tábua de várias mensagens é reduzida e disseminada ao público nos meios de comunicação. Devido à falta e limitação de espaço, todas as informações disponíveis não podem ser publicadas pelos veículos de comunicação. Nos jornais, existem as limitações do papel e na televisão, existe a limitação do tempo; portanto, a prática do *gatekeeping* está presente em várias partes da produção de notícias e na disseminação delas.

Não obstante, a teoria não envolve somente a aceitação ou rejeição das informações pelo emissor a passar o gate (portão); mas também na produção das notícias e sua disseminação, que inclui os processos de modificação para serem mais atraentes ao seu público. De acordo com Shoemaker e Vos:

Concluimos assim que o processo de *gatekeeping* envolve não apenas a seleção ou rejeição de itens, mas também o processo de modificá-los de forma a torná-los mais atraentes para o consumidor final. (Shoemaker e Vos, 2011, p.26).

A entrada de determinadas reportagens e informações no gate para serem disseminado, depende da sua importância e acessibilidade, quais são determinados por figuras distintas na hierarquia da redação. O conceito do gate é uma metáfora usada para simbolizar o processo de como algumas notícias são disseminadas ou como algumas são descartadas. A escolha da usabilidade de uma notícia é feita por *gatekeepers*.

Com suas regras e objetivos eles guiam esse processo de seleção; conforme isto, o poder da seleção da informação oferecida para o público passa a ser decidida por uma pessoa ou um grupo de pessoas restrito. (Wolf, 2008, p. 184). Com base nessa seleção das informações, a linha editorial dos emissores é fundamentada, e o seu público passa a seguir um determinado emissor de acordo com suas crenças e linhas de pensamento.

No seu estudo da narrativa jornalística, Albuquerque (2000) trata da autoridade narrativa dos jornalistas e como essa autoridade influencia na maneira em que as notícias são narradas. “As formas narrativas utilizadas nas notícias constituem também um recurso importante do qual os jornalistas se valem para legitimar a sua própria autoridade descritiva e interpretativa acerca da realidade” (Albuquerque, 2000, p. 73).

Esta autoridade narrativa dos jornalistas na construção do caderno de polícia, permite que aspectos diferenciados sejam adotados na publicação de matérias sobre a violência. Em tese, a seleção de aspectos diferenciados deveria separar os três jornais. Porém, constatamos através da pesquisa que esta diferenciação de fato não existe, e de que existe um padrão de publicação na forma da escolha de perspectivas consistentes do acontecimento.

## ACONTECIMENTO DE VIOLÊNCIA

Constata-se que a mídia paraense não constrói os acontecimentos de violência como algo isolado e único de caráter extraordinário - é “aquilo que rompe o esperado, a normalidade; e quebra uma sequência e, num primeiro momento, desorganiza o nosso presente”. (FRANÇA, 2012, p.13). Porém, ao analisar o acontecimento de violência escolhido e publicado nos cadernos de polícia, é preciso destacar que a mídia paraense não trata este acontecimento de violência como a autora o conceitua; é justamente o contrário, como algo já normalizado, banal e comum de se ver no cotidiano do leitor, que é incorporado dentro da sociedade como parte de um quadro já existente, que rapidamente agrava-se.

Para a pesquisadora, “o acontecimento é aquilo que faz falar, aquilo que “fala”, não é inicialmente nas páginas do jornal, mas no burburinho da vida cotidiana que ele se anuncia” (FRANÇA, 1998, p. 133). Considerando esta definição, é inegável que observamos que o acontecimento de violência está presente no cotidiano das cidades brasileiras, e, portanto, os meios de comunicação, principalmente o jornal impresso coleta as informações sobre estes acontecimentos e qualifica-os com o uso de determinada linguagem ou tratamento. Em outras palavras é evidente que o acontecimento de violência fala e faz falar, e por este motivo os veículos de comunicação tem proliferado bastante esta narrativa. Porém, tem uma importância extrema de distinguir o acontecimento tal qual é a sua construção narrativa nos meios de comunicação.

Nas reportagens presentes nos cadernos de polícia dos jornais impressos paraenses ‘O Liberal’ e ‘Diário do Pará’, ‘o recorte da realidade’ leva em consideração que as manchetes claramente consolida esta narrativa policial normalizada através das imagens mostradas e a linguagem usada na construção da notícia. Essas duas características têm o papel fundamental em banalizar as notícias fortalecendo essa narrativa aos seus leitores. A generalização e banalização das narrativas de violência presentes nos jornais impressos pesquisados, retrata uma narrativa que construída com o objetivo de causar impacto aos leitores.

‘Se tem sangue, vira manchete’, reza o antigo lema dos jornais populares – aos quais se reage com compaixão, ou indignação, ou excitação, ou aprovação, à medida que cada desgraça se apresenta. (HAZLITT apud SONTAG, 2003, p. 20).

No estado do Pará os veículos de comunicação ainda vivem esse lema “Se tem sangue, vira manchete”. A violência é tratada pela mídia impressa como espetáculo, e esta narrativa cujo tema central é a onipresença do crime e da violência, tem estimulado uma série de sentimentos negativos sobre a segurança no estado e principalmente no capital Belém. Ambos os jornais privilegiam não o conteúdo e seu impacto na sociedade, mas a forma que passam a ser selecionados com objetivo de manter fiel o público leitor do caderno polícia. Os dois periódicos seguem uma lógica do mercado, que visa à preocupação das vendas do produto.

Assim sendo, essa competição entre esses periódicos caracterize-se de uma polarização de verdades, que afirmam versões da realidade que embora parece ser contrária, na verdade fortalece a narrativa policial mais ainda. Independente da concorrência ou ideologias políticas entre os dois jornais, a lógica do mercado compartilhado por ambos acaba colocando-os no mesmo caminho e com o mesmo objetivo.

## **ACONTECIMENTO DE VIOLÊNCIA ENQUADRADO: PERSPECTIVAS CONSISTENTES QUE LEGITIMAM A NARRATIVA POLICIAL**

Até agora foi exposto que para a mídia impressa na Amazônia paraense o elemento principal da narrativa policial é o acontecimento de violência. Neste acontecimento que na sua construção é levado como um espetáculo, podemos identificar que certos aspectos são enfatizados para legitimar a narrativa policial e para fidelizar o público leitor. São definidos como marcadores do acontecimento da violência cria um 'continuum infinito' em que a narrativa de violência se perpetua cotidianamente nas páginas dos jornais impressos da capital paraense.

Portanto, entendemos um 'continuum infinito' da narrativa de violência é reforçado quando estes aspectos são recorrentes e denominadores de um acontecimento de violência ao ponto da dificuldade imensa de separar arbitrariamente suas partes. Percebe-se que não é mais o fato que tem prioridade nesta narrativa jornalística, mas a perpetuação da narrativa de violência para sustentar uma lógica mercadológico dos veículos de comunicação.

Este 'continuum infinito' operacionalmente fala de uma partícula dos veículos de comunicação do Pará de utilizar um padrão na construção do acontecimento de violência, no entanto, incluindo-o na narrativa de polícia. A perspectiva dos jornais impressos paraenses é instalar uma narrativa de uma sociedade violenta, com vistas do passado de 'ontem', mas com uma mensagem 'apocalíptica' do futuro, em que a violência cresce cada vez mais.

Esta narrativa identificada mostra uma dualidade temporal – o passado e o futuro – com a onipresença da violência, os fatos não são construídos como isolados ou de caráter extraordinário, mas como uma sentença em que o 'medo é a mensagem', e que esta 'memória de medo' é onipresente na vida do cidadão. (Matheus 2011).

Esta memória é representada pela violência urbana, em que as contraposições entre periferia e centro, a utilização de personagens que encarnam tipos estereotípicos, como o indivíduo desalinhado a um ideal produtivo e à ordem, além da abordagem sensacional, entre outros aspectos, difundem este medo, de acordo com o que é dito e o não dito, além de como é dito pelos veículos de comunicação. (SAMUEL; COSTA, 2015, p. 9).

A esfera da narrativa policial representada na mídia paraense<sup>4</sup> engloba todas as notícias referentes à violência, e esta esfera representa um componente específico e particular dos jornais impressos, podendo ser retirada e vendida separadamente, fazendo jus à constatação da sua concretização. Portanto, constatamos que o caderno de polícia (a narrativa policial concretizada) pode existir por si só, e não é dependente do conjunto como todo do jornal impresso.

Nas narrativas impressas paraenses constatamos uma linearidade de construção, que integram ações do passado, no presente e no futuro. Nesse sentido, contrariando os estudos de Motta (2010), as notícias na narrativa policial não podem ser analisadas como unitárias e isoladas, mas no seu contexto.

Elas fazem parte de uma narrativa específica e integral. Por conseguinte, a narrativa policial deve ser estudada como um conjunto e não como notícias isoladas e separadas mecanicamente. Se juntarmos todas essas notícias acerca do fenômeno de violência, com a finalidade de analisar a narrativa construída pela mídia impressa paraense, podemos ver uma realidade construída como um acontecimento único, que tem em vista a criação de uma história única no passado, no presente e no futuro. A filósofa Marilena Chauí no seu livro "Simulacro e poder", discute este fenômeno como uma ausência de referência espacial e temporal das narrativas que cabe muito bem neste estudo da narrativa policial. Ela diz que a narrativa jornalística sofre de um fenômeno que é chamado 'compressão espaço temporal' ou uma ausência de referência espacial e temporal. (Chauí, 2006). Certamente, é preciso entender que hoje ela transcende diferenças geográficas, territoriais, distâncias e proximidades e tempo. A narrativa jornalística modificou-se, pois as empresas que veiculam notícias possuem e desenvolvem recursos para extinguir essas barreiras cada vez mais.



Assim, não importa aonde que esteja, a notícia chega até você. As notícias chegam até você sem discriminação geográfica e também sem discriminação temporal, por tanto a ideia do presente, futuro ou passado se dilui até desaparece como um rastelo na água do oceano do tempo.

Com referência a proliferação das notícias de violência, a narrativa policial na Amazônia Paraense é um exemplo claro disso, de uma narrativa sem contexto e acrônica. Principalmente no caso da mídia impressa paraense. Essas notícias constantemente veiculadas são impostas para consumação dos leitores de uma forma agressiva e perversa. Perversa de maneira revoltante pelo modelo de jornalismo usado para impor esta narrativa no mercado dos Classes C abaixo.

A narrativa policial contribui ativamente para aumentar o medo e a sensação de insegurança. Isto é, alcançado por meio do uso dos fatos jornalísticos que compõem o acontecimento como parte integral na narrativa jornalística de violência. Neste sentido, Chauí (2006) não está muito longe quando a autora mostra a violência na mídia como principal exemplo deste fenômeno.

Com o seu *modus operandi* definido e padronizado, os veículos de comunicação da Amazônia paraense enfatizam um grande paradoxo urbano onde o jovem cidadão pobre, morador da periferia vira o centro da narrativa construída. Não é mais o fato que tem prioridade, mas a construção do jornalista. E esta escolha levanta sérias questões éticas. (ZALUAR, 1999).

Portanto foi mapeado e detalhado os três aspectos recorrentes do acontecimento de violência, quais são: o lugar do crime, o crime em si e o autor do crime. O corpus de análise deste estudo foi o conjunto dos cadernos de polícia dos principais jornais do estado do Pará, O Liberal que pertence ao grupo Organizações Romulo Maiorana e O Diário do Pará que pertence ao grupo Rede Brasil Amazônica (RBA). Estes cadernos de polícia foram publicados no ano de 2012 no período de janeiro até dezembro e tem em média 8 a 14 páginas.

## A PERIFERIA COMO REDUTO DE VIOLÊNCIA

Em primeiro lugar, a mídia paraense na construção do acontecimento de violência e como critério de noticiabilidade determinante, considera o lugar de ocorrência da violência como destaque. Quase sempre as notícias sobre a violência restringem-se aos bairros periféricos da capital e sua região metropolitana.

Na narrativa construída pela mídia paraense existe uma associação entre um espaço geográfico e uma suposta imanência de violência deste lugar. As periferias de Belém e sua grande área metropolitana são expostas como atores primários desta associação porque é visível que todas as reportagens são dos acontecimentos violentos em uma área de risco na cidade onde moram os excluídos, explorados e dominados da sociedade (ZALUAR, 1999).

Os jornais impressos, O Liberal e O Diário do Pará, constroem a narrativa policial com seus acontecimentos como problema geográfico da periferia e seus habitantes. A violência não é tratada como problema sociocultural sistêmico da sociedade brasileira, mas como uma coletânea de acontecimentos, cuja causa se encontra na periferia e com seus habitantes. Esta linha editorial é clara a partir do momento que na criação do caderno de polícia por estes jornais os acontecimentos são quase exclusivamente os da periferia da cidade de Belém e sua Região Metropolitana. Confirmando isto são os dados obtidos no mapeamento dos cadernos de polícia dos dois jornais impressos no ano de 2012.

O Liberal	Município (Nº de casos)	Bairro (Nº de casos)
<b>Abril</b>	Belém: 53 / Ananindeua: 28 Icoaraci: 9 / Marituba: 10	Não identificado: 37 / Distrito Industrial: 8 Coqueiro: 4 / Marco: 4
<b>Setembro</b>	Belém: 29 / Ananindeua: 31 Icoaraci: 5 / Marituba: 6	Não identificado: 69 / Guamá: 5 Curuçamba: 4 / Jurunas: 4

Tabela 1: Dados do jornal O Liberal

Diário do Pará	Município (Nº de casos)	Bairro (Nº de casos)
----------------	-------------------------	----------------------

<b>Abril</b>	Belém: 111 / Ananindeua: 43 Icoaraci: 20 / Marituba:14	Não Identificado: 100 / Tapanã: 10 Marambaia: 9 / Marco: 8
<b>Setembro</b>	Belém: 40 / Ananindeua: 26 Icoaraci: 10 / Marituba: 9	Não Identificado: 75 / Guamá: 9 Sacramenta: 6 / Tapanã: 6

Tabela 2: Dados do jornal Diário do Pará

Em suas páginas, os jornais privilegiam a noção de que a violência urbana se expressa em ocorrências factuais e desconexas, narrando uma realidade que reitera ideias como a de existência de inimigos públicos, que se encontram no mesmo lugar, na periferia. Esta noção enforça a estigmatização destes lugares, carimbando os como lugares de morte por consequência incitando o entendimento que a violência urbana é brotada lá e bem como o do crescimento infrene de uma cultura da violência sobre a qual pouco ou nada se pode fazer (ZALUAR, 2002).

Além desta caracterização de violência como produto da periferia, no fazer jornalístico e na publicação das notícias, para os jornais, a maioria das reportagens sobre a violência não tem o bairro especificado, e quando especificado é um bairro periférico, além do mais de registrar o crime em um bairro diferente que contribua para a distorção da atual realidade da insegurança urbana.

## O CRIME EM SI, SENTENÇA ANTES DO JULGAMENTO

Uma outra característica constituinte da narrativa policial, é o sensacionalismo dada ao crime cometido. Como segunda parte da dicotomia dos critérios determinantes da noticiabilidade do acontecimento, o crime cometido tem sido tão importante quanto o lugar de ocorrência nas reportagens do caderno de polícia.

Nos dados sistematizados pelo projeto de pesquisa mostra que mais do 50% das notícias que foram publicados nos cadernos de polícia dos jornais impressos O Liberal e Diário do Pará foram da ordem de morte violenta ou tráfico de drogas.

No entanto, podemos afirmar que há uma associação dos veículos de comunicação quando o acontecimento de violência é estritamente ligado com a morte ou indícios de morte. Quase todos os crimes que foram mapeados no projeto de pesquisa têm como tema principal de morte. É importante destacar que os crimes noticiados sobre tráfico de drogas na maioria das vezes são para mostrar a apreensão de drogas, traficantes, homicídios ligados ao narcotráfico e mortes entre gangues.

A morte violenta como o homicídio e, em segundo lugar assassinatos, é apresentada pela mídia paraense com uma perspectiva comum, banal, sendo um evento quase constitutivo dos espaços da periferia em que ela ocorre. O registro e a tematização do homicídio e tráfico de drogas são estritamente da ordem do factual, tendo como privilégio a informação do autor do crime e sua idade, também como o lugar onde foi registrado o crime.

<b>O Liberal</b>	<b>Município (Nº de casos)</b>	<b>Bairro (Nº de casos)</b>
<b>Abril</b>	Tráfico de drogas: 35 / Homicídio: 30 Assassinato:14	Belém: 53 / Ananindeua: 28 Marituba:10 / Icoaraci: 9
<b>Setembro</b>	Assassinato: 16 / Tráfico de drogas: 14 Homicídio: 12	Belém: 29 / Ananindeua: 31 Marituba: 6 Icoaraci: 5

Tabela 3: Dados do jornal O Liberal

Diário do Pará	Município (Nº de casos)	Bairro (Nº de casos)
<b>Abril</b>	Tráfico de drogas: 69 / Homicídio: 49 Assassinato: 15	Belém: 11 / Ananindeua: 43 Icoaraci: 20 / Marituba: 14
<b>Setembro</b>	Tráfico de drogas: 49 / Assassinato: 22 Homicídio: 20	Belém: 40 / Ananindeua: 26 Icoaraci: 10 / Marituba: 9

Tabela 4: Dados do jornal Diário do Pará

## O AUTOR DO CRIME: UMA JUVENTUDE PROTAGONISTA

Uma outra característica da violência como narrativa construída pela mídia paraense, é a ênfase no acusado e vítima do crime. Nas páginas dos cadernos de polícia na Amazônia paraense enfatizam como alvo preferencial adolescentes e jovens adultos da periferia como perpetradores de crimes violentos e também como vítimas desta própria violência instaurado por si mesmo (ADORNO, 2002).

Pode-se concluir que a formação deste protagonista atrelado à violência periférica constrói socialmente uma das marcas consequentes desta narrativa policial. Quase sempre os autores dos crimes destacados pela mídia paraense são do sexo masculino com idades variadas, mas principalmente entre 16 e 25 anos.

Além disso, é possível notar que a maioria destes autores são negros ou pardos. No tratamento desses autores, a mídia paraense ridiculariza-os, denominando eles como 'bandidos', que 'não prestam' e que 'merecem a morte'. Nas análises dos jornais impressos estudados, os autores nas narrativa são discriminados e apresentados como o grande mal da sociedade e quase todos fazem parte das classes mais pobres da cidade.

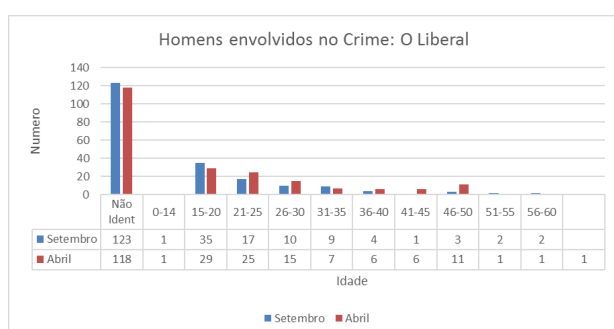


Figura 1: Comparação entre Setembro e Abril do O Liberal

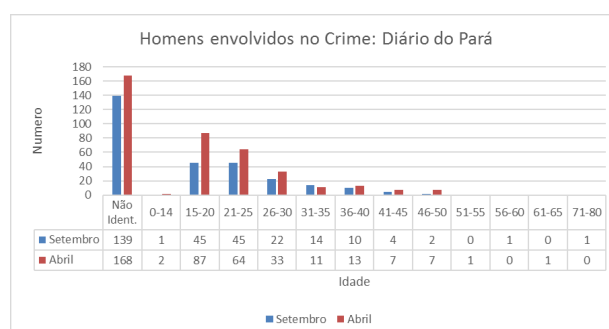


Figura 2: Comparação entre setembro e abril do jornal Diário do Pará

Ao que tudo indica, o crescimento dos números dos adolescentes e jovens adultos envolvidos nos crimes expostos nas páginas dos cadernos de polícia, explica possivelmente uma carência de políticas públicas para esta parcela significativa da população ou uma ineficiência dos políticas já existentes. Esta conjuntura se torna extremamente grave porque o quadro piora com tempo, no entanto, perpetuando o ciclo da violência e firmando esta insegurança a constante memória do medo.

As políticas públicas de segurança, justiça e penitenciárias não têm contido o crescimento dos crimes, das graves violações dos direitos humanos e da violência em geral. A despeito das pressões sociais e das mudanças estimuladas por investimentos promovidos pelos governos estaduais e federal, em recursos materiais e humanos e na renovação das diretrizes institucionais que orientam as agências responsáveis pelo controle da ordem pública, os resultados ainda parecem tímidos e pouco visíveis. (ADORNO, 2002, p.7).

O tratamento preconceituoso dado ao estes jovens adultos e adolescentes priva-os daquilo que é seu bem maior: a cidadania. A partir do momento que os cadernos de polícia na fotografia das capas e das páginas dos jornais privilegiam

constantemente as fotos com estes homens sem camisa, de modo humilhante algemados e sendo intimidados pelas armas dos policiais que mostram a sua dominação e conquista, ou com marcas de sangue e feridas que mostram violações corporais e ferimentos. Essas imagens estimulam um estereótipo que garante a continuação deste ciclo da narrativa policial na Amazônia paraense.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nos resultados dos mapeamentos do projeto de pesquisa, foi possível constatar que os meios de comunicação em vez de se prezarem como instituições a promover debates e garantir uma interação social em que todos podem se ver e se expressar, construíram uma lógica de maldade da sua fonte de estudo, a própria sociedade em que poucos têm o privilégio de serem chamados como cidadãos, muitos são condenados a se chamar de delinquente e inútil.

Foi possível observar que os cadernos de polícia dos jornais impressos *O Liberal* e *Diário do Pará*, constroem e usam como arma desta condenação os 'acontecimentos de violência', cuidadosamente escolhidos para fomentar uma narrativa desumana. Tudo feito para cumprir uma agenda mercadológica visando a fidelização do seu público leitor.

O aumento da narrativa policial e seus elementos textuais e imagéticas afirmam um cenário complexo, em que a problematização de um fenômeno social é diminuída e diluída em um espetáculo vazio e preconceituoso incapaz de criar um debate com a finalidade de agregar a sociedade a procura de uma solução que inclui todos os seus membros e não uma mera competência do estado a ser resolvido com força e opressão dos seus próprios membros.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ADORNO, S. Crime e violência na sociedade brasileira contemporânea. *Jornal de Psicologia – PSI*, Abril/Junho, p. 7-8, 2002.
- BARTHES, R. Introdução à análise estrutural da narrativa. In: BARTHES, R. et. al. *Análise estrutural da narrativa: pesquisas semiológicas*. 7. ed. Petrópolis: Vozes, 2011. p. 19-62.
- ALBUQUERQUE, A. A narrativa jornalística para além dos fait divers. *Lumina. Facom/UFJF*. v. 3, n. 2, p. 69-91, jul./dez. 2000.
- CHAUÍ, M. Simulacro e poder: uma análise da mídia. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2006.
- FRANÇA, V. O acontecimento e a mídia. *Revista Galáxia*, São Paulo, n. 24, p. 1-12, dez 2012.
- LAIGNER, P. Por uma teoria do jornalismo: Muniz Sodré em busca dos elementos que compõem o acontecimento midiático. *Revista Matrizes*, n. 1, p.233-240, aug-dez 2009.
- MATHEUS, Letícia Cantarela. *Narrativas do medo: o jornalismo de sensações além do sensacionalismo*. Rio de Janeiro: Mauad, 2011.
- MOTTA, L. G. Análise pragmática da narrativa jornalística. In: LAGO, C.; BENETTI, M. (Org.). *Metodologia de pesquisa em jornalismo*. 3. ed. Petrópolis: Vozes, 2010. p. 143-167.
- SAMUEL, K.; COSTA, A. C. O popular como construção narrativa nos programas da televisão paraense: Uma análise do programa *Balanço Geral-PA*. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO, 37, 2015. Rio de Janeiro. *Anais...* São Paulo: Intercom, 2015. Edição Digital.
- SHOLEMAKER, P. J.; VOS, T. P. *Teoria do gatekeeping: construção e seleção da notícia*; Porto Alegre: Penso, 2011.
- SONTAG, S. *Diante da dor dos outros*. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.
- WOLF, M. *Teorias da Comunicação de Massa*; 3ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 2008.
- ZALUAR, A. Oito temas para debate: violência e segurança pública. *Sociologia, problemas e práticas*. n. 38. 2002.
- \_\_\_\_\_. Um debate disperso: Violência e crime no Brasil da redemocratização. *São Paulo em Perspectiva*, 13(3), 1999. p. 3-17.

## NOTÍCIAS POLICIALESCAS E O ÓDIO NA MÍDIA:

Atos de violência são noticiados pela imprensa desde a antiguidade. No século XIX, na França, por exemplo, a fórmula “sexo, sangue e violência” (MARSHALL, 2003, p.75) já era utilizada pelos jornais impressos, com o objetivo de despertar a atenção do público. O jornalismo voltado de forma específica para o formato policial foi registrado, inicialmente, no século XX, período em que o cronista, jornalista e dramaturgo Nelson Rodrigues consolidou o gênero: “Fascinado pela alma humana, optou pela editoria policial, pois nesta produzia ‘ficções jornalísticas’, em que os relatos das ruas eram dramatizados e as matérias recheadas de fantasias” (GUIMARÃES, 2002, p.21).

No decorrer do tempo, o tom de fantasia e o envolvimento humanístico presentes nas narrativas rodriguianas cederam lugar ao cunho sensacionalista no trato da violência, utilizado na abordagem policial de programas televisivos como estratégia de atração de audiência, trazendo à tona o debate sobre variados desvios éticos e jurídicos. Nesse sentido, este artigo objetiva analisar como o programa paraense de caráter popular, *Metendo Bronca*, produzido pela Rede Brasil Amazônia de Televisão – RBA, exibido de segunda à sexta, constrói discursos de ódio a partir de elementos audiovisuais. Como *corpus* de análise, foram selecionadas duas edições, veiculadas, respectivamente, nos dias 7 de março e 29 de abril de 2014.

As violações de direitos humanos e infrações às leis cometidas nos programas que correspondem ao gênero “policialesco” foram alvo de pesquisa realizada pela Agência de Notícias dos Direitos da Infância – ANDI. A organização sem fins lucrativos, que promove ações em prol do desenvolvimento na esfera midiática, lançou em 2016 o volume III da publicação “Violações de direitos na mídia brasileira: guia de monitoramento”, referente à segunda etapa de um projeto que objetivou o monitoramento de programas “policialescos” de rádio e TV veiculados em emissoras de diversas cidades do país.

Nas duas primeiras publicações, foi desenvolvida, também, uma ferramenta de análise da mídia, a qual foi aplicada junto aos programas e teve seus resultados expostos no terceiro volume da obra. No total, em apenas um mês, foram identificadas 4.500 violações de direitos e mais de 17 mil infrações a dispositivos normativos nos 28 programas pesquisados (sendo 9 de rádio e 19 de TV) em 10 capitais brasileiras.

Os produtos de TV pesquisados foram selecionados a partir do nível elevado de audiência e repercussão nacional. Na região norte, o único programa da mídia televisiva analisado foi o “Metendo Bronca”, que, de 02 a 31 de março de 2015, reproduziu 118 narrativas contendo violações de direitos e infrações, o que corresponde a 6,1% do total de registros. O percentual identificado nas narrativas do programa de TV paraense foi um dos mais elevados, ficando abaixo apenas do programa “Cidade Alerta”, de São Paulo (18,5%), “Ronda Geral”, de Recife (8,1%) e “DF Alerta”, de Brasília (6,4%).

Além das narrativas, as características sonoras e imagéticas presentes no “Metendo Bronca” também contribuem para a reverberação de um discurso de ódio e demandam um olhar mais atento às suas dinâmicas. Nesse sentido, buscamos compreender de que forma são construídos estes elementos audiovisuais, referentes à linguagem não-verbal do apresentador, bem como efeitos sonoros contidos no programa, utilizados com o objetivo de incitar a violência.

## O CONTEXTO HISTÓRICO DA VIOLÊNCIA

Compreender o que representa a violência para uma sociedade não é uma análise unilateral. Requer a articulação de aspectos históricos, culturais, sociais e psicológicos do meio em questão. Isso significa que o tema pode ter várias abordagens e diversas formas de interpretá-lo, o que o torna um fenômeno bastante complexo. Como destaca a autora Maria Stela Grossi Porto:

A partir dessa perspectiva, é possível considerar que aquilo que, em um dado momento, em uma dada sociedade, é considerado como violência, varia segundo a natureza da sociedade considerada, configurando a realidade empírica da violência como um fenômeno polissêmico e plural. A rigor, não faz sentido falar em violência no singular, já que estamos confrontados com manifestações plurais de violência, cujas raízes e efeitos, igualmente múltiplos, apontam a existência de tipos diferenciados de violência, realidade que remete à necessidade de pensar a violência a partir de suas relações com a cultura (PORTO, 2002, p. 153).

Os autores, no geral, compreendem a violência de duas formas: como um produto do meio ou como uma característica intrínseca à natureza do homem. O que podemos afirmar é que a violência no contexto histórico da humanidade sempre foi usada como instrumento de coerção e sobrevivência. Um fator que é quase consenso para a sociedade atual é a aparência de que a violência está cada vez mais presente no dia a dia. Seja em assaltos, sequestros, atentados, genocídios entre outras práticas, todos são formas claras de violência e ganham uma visibilidade especial, principalmente nos meios de comunicação que são instrumentos de formação da opinião pública.

Bourdieu (1989) também expõe em sua obra que a violência está relacionada ao poder. Conforme o autor, o poder simbólico nada mais é do que uma reprodução das relações de poder que influencia e impõe outras formas de enxergar e agir. Quem está sob domínio nem sempre se enxerga como dominado ou como um elo mais fraco, ou seja, ele ainda imagina ter autonomia diante de seus atos. Entretanto, o indivíduo dominado tem o veículo que exerce o poder simbólico como referência de verdade absoluta e, por isso, pode reproduzir a ideia ou comportamento por ele imposto.

## A VIOLÊNCIA SIMBÓLICA E O DISCURSO DE ÓDIO

Para auxiliar na construção da ideia sobre poder simbólico, Pierre Bourdieu (1989) também trabalha com o conceito de violência simbólica. Para o autor, esse tipo de violência é tida como uma forma de construção social, que auxilia na manutenção e perpetuação dos valores simbólicos. As ideologias dominantes sobre o que é certo e errado são impostas nos discursos e os indivíduos submetidos a essas falas começam a achá-las naturais e, muitas vezes, também as reproduzem.

A violência, nesses casos, configura-se de forma implícita e os sujeitos que são alvo dela são inseridos em situação de inferioridade e submissão. Ainda segundo Bourdieu, o poder simbólico pressupõe o não reconhecimento da violência que é exercida, logo, a violência simbólica pode ser tida como um ato silencioso de conivência, no qual as vítimas não se reconhecem como tal e não reconhecem o discurso imposto a elas como um ato evidente de desrespeito e agressão. A TV merece uma atenção especial, pois, devido sua importância, ajuda na legitimação dos discursos graças à estrutura, amplificação e alcance. Ela pode perpetuar ideias e estigmas além de reforçar a exclusão social e os estereótipos.

Nesse sentido, é importante compreender que a violência simbólica atinge, em primeiro lugar, o imaginário do emissor, que formula um ideal a ser seguido e reproduzido. Em seguida, essa ideia ganha corpo através da linguagem - o discurso - e de uma série de elementos "invisíveis" em um primeiro olhar. Depois disso, ao ganhar o imaginário do receptor, ela chega ao seu destino e ali é perpetuada quando vai ao encontro da bagagem intelectual do outro indivíduo, criando assim uma espécie de ciclo vicioso.

O discurso de ódio, por sua vez, é tido como qualquer comentário que traga insultos, discriminação, intimidações, assédio, instigações ou injúrias contra uma única pessoa ou um grupo que compartilhe da mesma característica social,

física ou psicológica. Para a autora Meyer-Pflug, trata-se da desqualificação do outro, de modo que uma das partes é inferiorizada e a outra é exaltada como se ambas estivessem em lados opostos e/ou competissem por algo. A ideia do emissor, nesses casos, é que o indivíduo subjugado não é digno dos mesmos direitos ou cidadania do que ele. Na visão da autora, “[...] consiste na manifestação de ideias que incitam a discriminação racial, social ou religiosa em relação a determinados grupos, na maioria das vezes, as minorias” (2009, p. 97).

O maior problema da propagação dos discursos de ódio é que eles incentivam o desprezo ao outro, criam a ausência de solidariedade e estimulam os indivíduos a acreditar em uma suposta superioridade. Os sujeitos ou grupos que os fazem acreditam que sabem do que estão falando, que conhecem seu “inimigo” e para afirmar suas ideias usam preconceitos e clichês criados no senso comum. Discursos de ódio são não apenas a diminuição da condição do outro, mas também uma maneira de se autoafirmar. As falas de ódio podem acontecer em qualquer lugar, ser proferidas por qualquer pessoa e qualquer indivíduo pode ser vítima delas. Em uma sociedade tão midiática quanto a nossa, os veículos de comunicação também são propagadores de discursos de ódio, seja de maneira velada ou mais explícita. Nessas situações, a TV em especial, rompe com seu papel social e torna-se ferramenta de perpetuação de preconceitos.

Nesse sentido, é de responsabilidade da mídia abordar as temáticas jornalísticas a partir da legislação brasileira, obedecendo a critérios presentes nos Estatuto dos direitos humanos e no Código de ética dos jornalistas brasileiros. Porém, essa não é a realidade encontrada na configuração de muitos dos produtos telejornalísticos, principalmente aqueles denominados “policiaescos”, que não costumam prezar por um discurso democrático e plural.

## O PROGRAMA “METENDO BRONCA”

No ar desde 1998, o Metendo Bronca é o programa do gênero policial mais antigo entre as emissoras de Belém (COSTA, 2011). Vai ao ar de segunda à sexta-feira, a partir das 13h30, logo após outro programa do mesmo formato, o “Barra Pesada”. Até 2017, teve apenas dois apresentadores fixos: o primeiro Luiz Eduardo Anaice, que inclusive graças à grande popularidade do programa conseguiu se eleger para os cargos de vereador em 2000 e deputado estadual em 2002; e o segundo, Joaquim Campos, que também ingressou na vida política.

Anaice, como é popularmente conhecido, foi o responsável por criar o bordão “chicote do povo” que deixou o programa ainda mais conhecido. O chavão reflete a informalidade e o tom humorístico da atração, sendo usado para explicar que o programa era uma espécie de “justiça do povo”, pois o mesmo se sentia vingado através das matérias e das falas dos apresentadores, que sem qualquer censura ou ponderação afirmam, entre outras coisas, que “bandido bom é bandido morto”.

O programa sempre usou a linguagem menos formal e irônica, porém, em 2010, passou por algumas alterações na intenção de torná-lo mais sério. Mesmo assim, o uso do humor, seja nos antigos personagens ou nos comentários do apresentador, sempre foi a marca registrada do Metendo Bronca.

Autoclassificado como jornalístico policial, o foco das reportagens é, principalmente, a violência da Região Metropolitana de Belém e principais municípios do Estado com destaque para as áreas periféricas. As matérias falam sobre tráfico de drogas, assassinatos, sequestros, assaltos e qualquer outro tipo de acontecimento dessa natureza em reportagens de, em média, três minutos e entradas ao vivo, realizadas em geral das próprias delegacias, nas quais entrevistam policiais e os acusados.

Ao final da exibição de cada reportagem, Joaquim Campos se permite tecer comentários sobre os crimes e os acusados. Além de interpretar as notícias e o contexto no qual cada crime aconteceu, a figura do apresentador se torna importante, pois impõe credibilidade, ajuda a criar a identidade da atração e estabelecer vínculos com a audiência, afinal o apresentador é colocado como um defensor da sociedade, da moral e da cidade.

Nos comentários feitos, Joaquim constantemente ressalta a falta de justiça, os privilégios dados aos acusados e que a violência em Belém e região metropolitana está cada vez maior graças ao descaso do poder público com a segurança da cidade. O Metendo Bronca é exibido pelo canal RBA, que pertence ao político paraense Jader Barbalho, filiado ao MDB, partido de oposição ao atual prefeito de Belém, Zenaldo Coutinho, que pertence ao PSDB, e do prefeito

de Ananindeua Manoel Pioneiro, também do PSDB. Daí a explicação para os constantes comentários sobre a gestão dos políticos e o dito esquecimento da cidade.

Por ter sido o primeiro do gênero nos programas exibidos na região, o Metendo Bronca foi inspiração no formato para outros, a exemplo do Balanço Geral Casos de Polícia da Tv Record Belém, veiculado a partir de 2011, o Rota Cidadã 190 e o Barra Pesada, criados respectivamente em 2009 e 1999, ambos também da TV RBA. Costa (2011) explica que estes programas têm algumas características em comum. A autora enumera algumas delas, como os chavões dos apresentadores, o uso exagerado de ironia nos comentários, a linguagem agressiva nas matérias e íntima ao falar com o público e ainda a exposição excessiva de imagens de violência.

## OBJETO DA PESQUISA

Para este artigo, foram selecionados dois programas de 2014, veiculados nos dias 7 de março e 29 de abril. A escolha se deu aleatoriamente, na tentativa de comprovar que certas falas divulgadas no programa e que certos comportamentos não são esporádicos, mas que, na realidade, fazem parte da estrutura do formato do jornalismo policial. O objetivo é analisar os elementos audiovisuais que ajudam de maneiras implícita e explícita na construção dos discursos de ódio. A seguir, uma breve descrição dos programas:

### Programa 1:

Veiculado em 7 de março de 2014, o programa analisado tem cerca de 1 hora de duração e é apresentado por Joaquim Campos. Tem 3 intervalos comerciais e 5 inserções de merchandisings, sendo 3 do supermercado Nazaré, que é patrocinador oficial do Metendo Bronca, e que são feitas pelo próprio apresentador. As outras 2 são de remédio para impotência sexual e realizadas pelo representante do produto. O programa, nesse dia, não contou com entradas ao vivo de repórteres. No total, foram exibidos: 1 stand up, 2 notas cobertas, 5 matérias, uma entrevista ao vivo no estúdio e uma nota pelada. As manchetes e a ordem das reportagens, de acordo com a veiculação no programa, podem ser visualizadas no quadro a seguir.

<b>Ordem das reportagens</b>	<b>Manchetes</b>
1ª Matéria	"5 tiros em acerto com o tráfico"
2ª Matéria	"Adolescente apreendida com cocaína"
3ª Matéria	"Preso com cocaína em Fátima"
Nota coberta 1	"Dupla presa depois de roubar carro"
Nota coberta 2	"Transferência de presos para Marabá"
4ª Matéria	"Traficante preso com pedra de oxi"
5ª Matéria	"Quadrilha presa na Folha 23"
Stand up	"Arara escondida na Júlio Cezar"
Entrevista ao vivo no estúdio	"Motorista multado na arara da Júlio Cezar"
Nota pelada	"Seminário sobre mobilidade urbana em Belém"

Quadro 1 – Ordem das reportagens e manchetes veiculadas no Metendo Bronca em 7 de março de 2014

No primeiro momento, o que mais nos chama a atenção é o cenário do programa. Trata-se de um pequeno estúdio, mas que permite certa mobilidade, no qual o apresentador fica de pé e posicionado ao centro.



Squirra (1995) ressalta que, tal como o som, o cenário se estabelece como um elemento expressivo fundamental no telejornalismo, já que a imagem ocupa um papel de extrema importância na televisão. Segundo o autor, é necessário que o jornalista domine todas as características do processo de comunicação, pois “com o conhecimento de todos esses elementos que se torna concreta a intenção de comunicar algum fato para os telespectadores” (SQUIRRA, 1995, p. 135). Nesse sentido, o cenário do “Metendo Bronca” é um dos recursos que despertam a atenção do público e evidencia a intencionalidade do programa, afinal:

Nenhum recurso visual ou de montagem deve ser entendido como gratuito no processo de comunicação cinética. Todo e qualquer efeito visual ou sonoro deve ter intrinsecamente uma razão maior de ser do que a de simplesmente embelezar uma sucessão de imagens (SQUIRRA, 1995, p. 137).

Dessa forma, percebemos que a composição do cenário do Metendo Bronca reúne cores quentes, como o vermelho, em analogia à cor do sangue dos crimes enfocados em suas reportagens. Notamos também, de um lado, a presença de uma televisão, na qual os repórteres aparecem fazendo suas entradas ao vivo, e de outro, um grande desenho de um alvo, com uma transparência da cidade de Belém ao fundo. O objeto, que faz parte de competições, treinos e instruções de tiro, reproduz a mensagem de que o Metendo Bronca é o responsável por mirar e acertar seu alvo, que seria a violência da cidade, bem como todos os criminosos que a habitam. O cenário, por meio de sua capacidade de comunicação visual, evidencia que o alvo do programa seria justamente atirar e eliminar todos aqueles tidos como “inimigos”, ou seja, os infratores da lei, já que, no programa analisado, Joaquim Campos afirma: “bandido não serve pra nada”.

Além de se valer de técnicas de estímulo visual, os elementos para captação de informações sonoras também são explorados pelo programa. O background, mais conhecido como BG, que representa, no telejornalismo, as músicas e ruídos ambientes existentes na gravação do áudio (SQUIRRA, 1995), é um dos pontos estratégicos utilizados para captar a atenção do telespectador do “Metendo Bronca”.

Ao chamar a primeira matéria, intitulada “Cinco tiros em acerto de contas com o tráfico”, destacamos a trilha sonora escolhida para a reportagem. Trata-se de uma música instrumental pesada, potente e que em alguns momentos compete com o OFF do repórter, que também possui a voz grave, dando um tom quase que sombrio à reportagem.

Os BG’s usados nas matérias do Metendo Bronca e durante as falas dos apresentadores não parecem ser escolhidos de modo aleatório. Tratam-se de músicas que colaboram para a criação do clima de suspense e drama, que se pretende dar às histórias. As imagens da matéria estão levemente distorcidas, de modo que é possível entender toda a situação: o corpo do suspeito está estirado no chão e coberto por muito sangue. O uso da trilha sonora como elemento fundamental na construção do medo e do suspense também pode ser notados na matéria “Traficante preso com pedra de oxi” e na própria escalada do programa.

Durante as reportagens, é possível perceber em vários momentos que não há a participação dos suspeitos na construção das narrativas, ou seja, em poucas matérias eles são convidados a dar sua versão sobre o crime ao qual estão sendo acusados. A ideia de que a polícia é o lado que não possui desvios de conduta e por isso é a única que possui versões que realmente interessam à sociedade fica ainda mais evidente durante as passagens de bloco do programa. Nelas, há imagens em um tom amarelado meio escuro, nas quais policiais em serviço aparecem arrombando casas, sobrevoando de helicóptero e realizando operações nos rios do Estado. De forma geral, são policiais em ação mostrando seu poder de coibir os atos de violência e os crimes dentro da região. Nesse momento, o programa sugere que toma um lado da história: não está interessado em debater os casos, mas sim de transmitir a versão e registrar as operações da polícia.

Ao chamar as matérias “Adolescente apreendida com cocaína” e “Traficante preso com pedra de oxi”, Joaquim Campos tece os seguintes comentários, respectivamente:

Combate ao tráfico de drogas na região metropolitana de Belém. Veja comigo os detalhes da apreensão de uma adolescente [riso irônico]. Tem até que chamar de apreensão... com cocaína e material para o refil de entorpecentes [riso irônico]. Brincadeira, né?

Jovem traficante de 18 anos, graças a Deus já fez 18, [junta as mãos como indicativo de agradecimento] foi preso em flagrante com papelotes de pedra de oxi. Ele teria cometido um homicídio [riso irônico]. Acabou tua carreira! Agora tu fizeste 18, talvez tu ‘passe’ lá uns 6 meses, sei lá.

O formato policesco permite ao apresentador tecer comentários a respeito das notícias. Entretanto, os discursos de ódio e o descaso com os direitos humanos ou grupos minoritários não são perceptíveis somente nas falas, mas também em gestos e outros detalhes, a exemplo do riso irônico dado pelo apresentador. Ao fazê-lo, por duas vezes, Joaquim deixa evidente não concordar com os direitos dos acusados por serem ainda adolescentes. Nesse momento, o apresentador despreza o Estatuto da Criança e do Adolescente, o ECA, que garante o sigilo da imagem dos jovens infratores e que estes devem ser considerados como infratores e não como criminosos. É importante ressaltar que, somente com um riso, o âncora faz uma espécie de juízo de valor, subvertendo o papel social da mídia, já que não cabe ao jornalismo ou ao entretenimento exercer a função de julgador ao divulgar notícias como a destacada acima.

Após alguns blocos, Joaquim Campos chama a matéria intitulada “Quadrilha presa na Folha 23”. Nela, sete jovens da periferia de Marabá são acusados de roubo e assaltos à mão armada pela região. Um pequeno comércio foi assaltado e a população que percebeu o que estava acontecendo ligou para a polícia. Ao chegar ao local, a polícia entrou no lugar indicado pela população, no qual estariam os criminosos. A casa foi revistada e foram encontrados objetos eletrônicos, uma pequena quantia de dinheiro e uma arma. Os jovens foram levados à delegacia. Nenhum deles tinha passagem pela polícia, segundo o delegado. A reportagem traz imagens levemente distorcidas, mas que mostram nitidamente jovens negros, magros, de estatura mediana, com os cabelos pintados de loiro e que regulam ter entre 13 e 17 anos de idade. Quando a reportagem encerra, a câmera retorna ao apresentador no estúdio que tece o seguinte comentário:

Vem pra mim, vem pra mim [chamando a câmera para si]. Até quando a gente vai fazer parte dessa cretinice, desse universo cretino? A repórter coitadinha ‘ah o garotinho, o jovem, os jovens’. São bandidos! São criminosos! Esse maior de idade que aí estava tem que entrar na formação de bando ou quadrilha e tem também que colocar ele na corrupção de ‘menores’ [fazendo sinal de aspas com as mãos]. Mostra pra mim os holandeses que prenderam aí, por que eu só vi aí holandeses e alemães. Não eram alemães, holandeses e austríacos? Cadê os louros? Mostra pra mim. Eu não acredito que nasceram no país. Nesse país aqui pra nascer com a cabeça dessa cor, o cara tem que nascer lá no Sul, no meio da colônia alemã [...]. Olha só essa bandinhagem de imundices, que se juntar tudo e enterrar num buraco só não nasce nem grama mais lá. Não servem pra nada. Olha a cara desses imbecis! Adolescentes protegidos por uma lei caótica, mal feita, corrupta. Tira essas merdas daí que eu não aguento nem olhar pra cara dessas imundices. Isso aí é formação de bando e/ou quadrilha, se não mexer na ‘merda’ da Constituição até o 665 [...]. Isso aí é bandido, não serve pra nada. A senhora que é mãe ou pai, a senhora pariu errado, vá cuidar do seu filho pra lá. Você viu o abuso do moleque dizendo ‘eu roubei’. Minha diretora tá aqui falando pra eu me acalmar...

Ao fazer esse comentário, Joaquim perde um pouco da postura e exalta a voz. A postura do apresentador é oposta à apontada pelos autores Barbeiro e Lima (2002) como adequada, pois afirmam que o âncora não deve transmitir uma aparência agressiva ao Telespectador.

Outro elemento comentado por Barbeiro e Lima é a manipulação das câmeras. Conforme os autores, “a movimentação delas não é problema do apresentador” (BARBEIRO; LIMA, 2002, p.79), porém, reiteradas vezes, durante a exibição do programa, o apresentador Joaquim Campos dá ordens com relação à forma que a câmera deve se posicionar. Um dos recursos da linguagem televisual mais utilizados por ele é o movimento ótico, realizado com os jogos de lentes da câmera, chamado de “zoom”, mais especificamente o *zoom-in*, usado para aproximar uma imagem (SQUIRRA, 1995), como, por exemplo, na fala: “Vem pra mim, vem pra mim [chamando a câmera para si]”.

Assim, notamos que o âncora tem conhecimento dos movimentos de câmera e não dosa palavras para demonstrar que, naquele momento, ele é quem dita as regras, trazendo para si uma função que costuma ser de responsabilidade do

diretor da atração. Joaquim Campos, de forma sensacionalista, utiliza a linguagem visual do zoom para dar veemência a comentários fortes, como na fala destacada acima, na qual relaciona atos criminosos cometidos por adolescentes a um universo cretino. Por duas vezes o apresentador pede que a câmera se aproxime do seu rosto e que em seguida foque nas imagens da reportagem que continuam passando no monitor ao lado.

Não são incomuns os casos em que o apresentador se altera, mas são poucas as vezes que ele demonstra que alguém dos bastidores recomenda que ele se acalme. Ter a fala exaltada, usar muitos gestos, direcionar a câmera pedindo que ela se aproxime do rosto ou foque em algum objeto ou, ainda, usar barulhos de armas e sirenes como BG, fazem parte do espetáculo e da cena criada pelo apresentador. Percebe-se até uma espécie de teatralidade feita pelos apresentadores, em que a performance aparece como elemento. Para alimentar a ideia de que Joaquim é um homem sério e bravo em algumas situações, após sua fala, colocam o BG de um cachorro rangendo os dentes associando-o a um animal selvagem.

Assim, podemos relacionar o cenário do programa “Metendo Bronca”, o BG, bem como a linguagem não-verbal exacerbada dos apresentadores como elementos pertencentes a um espetáculo. Requena (1995) explica que o espetáculo é constituído por dois fatores: uma determinada atividade que se oferece e um determinado sujeito que a contempla.

Dessa forma, a relação espetacular é definida como uma interação, originada pela existência de um espectador e uma exibição a ele oferecida, e a visão, mais do que todos os outros sentidos, é a que constitui o espectador. O espetáculo também é relacionado por Requena (1995) como uma operação de sedução, um exercício de poder sobre o desejo do outro. Assim, o desejo sai do campo da necessidade e só faz sentido quando tem a conformação da sociedade, perfilando uma relação mercantil.

Perfecto es el acoplamiento entre la economía mercantil y la del deseo. Circulan el deseo y el dinero de manera solidaria: el ojo desea y se apropia de la imagen de su deseo, el cuerpo se apropia del deseo del que mira y la transacción es medida por el dinero que paga el que sustenta la mirada y recibe el cuerpo que la excita (REQUENA, p. 60, 1995).

Para Llosa (2013), a sociedade do espetáculo é relacionada como uma civilização que prioriza o entretenimento para divertir-se e escapar do tédio, fato que gera consequências como a banalização da cultura e a generalização da frivolidade. A frivolidade, conforme Llosa (2013, p. 45), é uma “maneira de entender o mundo, a vida, segundo a qual tudo é aparência, ou seja, teatro, brincadeira e diversão”. Nessa sociedade, o autor aponta que a cultura relega o exercício de pensar e substitui ideias por imagens, característica que podemos relacionar ao programa Metendo Bronca, que reproduz, ao extremo, imagens de violência, e, ao invés de proporcionar um debate profundo sobre ela, incita o discurso de ódio, como também podemos observar no segundo programa que compõe o *corpus* de análise desta pesquisa.

### Programa 2:

O segundo programa analisado foi veiculado em 29 de abril de 2014 e tem cerca de 55 minutos de duração, incluindo os 4 intervalos comerciais e os 2 *merchandisings*. Excepcionalmente, o Metendo Bronca nessa data foi apresentado por Luiz Eduardo Anaice, que, nessa época, já fazia parte da equipe de outro programa da mesma emissora, o “Cidade contra o crime”. O programa desse dia teve a estrutura presente no quadro a seguir:

Ordem das reportagens	Manchetes
Stand up	“Sgt. Haelton do Corpo de Bombeiros é detido”.
1ª Matéria	“Golpe da saidinha bancária dá errado”
Nota coberta	“Câmeras registram assalto em salão”
2ª Matéria	“Assalto com reféns em Ananindeua”
Entrevista ao vivo no estúdio	Luiz Veiga – Fundador do Centro Nova-Vida
3ª Matéria	“Trio assalta locadora em Marituba”
4ª Matéria	“Menor flagrado com drogas e celulares”

Quadro 2 – Ordem das reportagens e manchetes veiculadas no Metendo Bronca em 29 de abril de 2014

Assim como o primeiro programa analisado, este também traz elementos audiovisuais que ajudam na construção dos discursos de ódio. Entretanto, destacamos aqui a forma como a figura do apresentador é construída. Nos dois programas, tanto Joaquim Campos quanto Luiz Eduardo Anaice, estão vestindo ternos. Se estivessem maltrapilhos, sujos ou com algum detalhe não condizente com a imagem de justiceiros que desejam passar, talvez as mensagens e os comentários feitos no programa não tivessem o mesmo efeito. Assim, percebemos a importância da imagem na construção desses personagens. Cada detalhe é colocado propositalmente, para passar veracidade ao público: os cabelos dos apresentadores estão bem arrumados, as roupas bem alinhadas, em cores neutras e sóbrias. Como se trata de vídeo, percebe-se que estão usando um tipo de maquiagem bem leve para esconder pequenas imperfeições.

Anaice, em comparação a Joaquim Campos, apresenta mais trejeitos, usa mais as feições e tem mais oscilações no tom de voz durante o programa. Isso acontece porque, ao anunciar as reportagens, fala como se estivesse contando uma história. Dessa forma, mais uma vez percebemos a teatralidade, ou seja, a transformação de tudo em um verdadeiro espetáculo, na tentativa de cativar o público. Inclusive, as mudanças no tom de voz do apresentador caracterizam bem as situações de raiva, descaso e deboche, como na passagem em que fala com a diretora do programa: “Vá me dirigindo aí ‘diretora’ [tom de sarcasmo]”. Após poucos segundos, Anaice, no que parece ser um diálogo com alguém dos bastidores, responde à direção do programa: “Mas só, ‘querida’, que é um tal de cabeça pra lá, cabeça pra cá [suspiro]”.

Em vários momentos, como no stand up “Sgt. Haelton do Corpo de Bombeiros é detido”, Anaice também pede que a câmera se aproxime e se afaste dele, ou seja, ele abusa dos recursos de *zoom in* ou *zoom out* para conferir mais dinamicidade às histórias. A linguagem grosseira, como no uso dos termos “miserável”, “caceteira” e “canalha” também são características da fala do apresentador. Outro recurso de Anaice que chama a atenção é o uso da onomatopeia, que permite imitar um determinado som por meio de uma palavra ou fonema. Esta figura de linguagem é característica das histórias em quadrinhos, que a utilizam para interpretar os sons emitidos, a partir da interseção dos planos visual e verbal (FIORIN; SAVIOLI, 1992).

Ao se valer da onomatopeia, o âncora do “Metendo Bronca” desvia as características da formalidade e seriedade inerentes ao jornalismo, conferindo ao programa um caráter mais aproximado ao entretenimento, como observamos no comentário de Anaice, na matéria “Golpe da saidinha bancária dá errado”:

Golpe da saidinha minha gente! Mas rapaz de novo? Saidinha bancária, ô miserável! Sabe onde foi? Nazaré, aqui mesmo em Belém. Deu tudo errado pra o canalha que tava lá. Pá pá pá [barulhos e gestos fazendo referência aos tiros de uma arma]. Houve tiroteio. O assaltante quase leva o farelo, já tava no bico do urubu. Foi baleado.

Dessa forma, constatamos que a figura de linguagem faz parte da performance do apresentador, que a utiliza apenas nos comentários relacionados à violência, para potencializar o clímax na narração de crimes e proporcionar uma relação espetacular junto ao espectador.

Atrelada ao cenário e ao BG do Metendo Bronca, consideramos a linguagem não verbal dos apresentadores, tais como a postura e gestuais diante da câmera, um elemento importante nesta análise, visto que também conferem sentido à mensagem. Observamos que os apresentadores Anaice e Joaquim Campos detêm uma postura mais informal: permanecem em pé comentando as notícias durante todo o programa, gesticulam bastante e demonstram expressões faciais fortes, por meio dos olhos, sobrancelhas e lábios.

Kyrillos, Cotes e Feijó (2006, p.67-68) destacam que, segundo estimativas de estudos, cerca de 70% da expressividade da comunicação está relacionada à comunicação não-verbal:

o que realmente prende a atenção de um ouvinte não é tanto o que se diz, mas como se diz. [...] Num meio audiovisual, a comunicação não-verbal envolve também a expressividade do corpo, transmitida por gestos, expressões faciais, mudança de postura corporal, aparência física e até pela roupa que usamos.

A expressão facial é tida como uma fonte de informações não-verbais, devido ao seu potencial comunicativo que revela estados emocionais (KYRILLOS; COTES; FEIJÓ, 2006). Os olhos, por exemplo, demonstram uma forte expressividade e, ao atuarem em conformidade com as sobrancelhas, transmitem quase todos os sentimentos:

Sobrancelhas abaixadas demonstram concentração, reflexão e seriedade, enquanto sobrancelhas elevadas demonstram surpresa, espanto, indignação ou alegria. Portanto, no telejornalismo, olhos e sobrancelhas devem transmitir o sentimento da mensagem no momento da ênfase (KYRILLOS; COTES; FEIJÓ, 2006, p.83).

O movimento da boca e dos lábios também são elementos atrativos, porém, segundo os autores, devem ser dosados, pois a articulação exagerada desvia a atenção do telespectador. Junto a eles, os sutis ou bruscos movimentos com a cabeça e os gestos das mãos podem abrir ou fechar canais de comunicação, reverberando a mensagem em um processo de interação que expõe manifestações afetivas (KYRILLOS; COTES; FEIJÓ, 2006).

Dessa forma, com narrativas preconceituosas e sensacionalistas, por meio de bruscos movimentos: dos gestos, boca e lábios, os apresentadores do Metendo Bronca ignoram um aspecto inerente ao jornalismo: a isenção, que, segundo Barbeiro e Lima (2002), é a melhor forma de divulgar informações para que o telespectador chegue às suas próprias conclusões sobre o fato enfocado. Os autores afirmam que o apresentador de programa jornalístico na TV não deve ser a notícia ou o artista da programação, e sim apenas trabalhar com os fatos. O que não ocorre no Metendo Bronca, por meio do qual os apresentadores, com atos e declarações exacerbadas, que incitam a violência e reverberam o discurso de ódio, tornam-se as estrelas de um espetáculo.

## CONCLUSÃO

Concluimos que o gênero jornalístico policial do programa Metendo Bronca nem sempre tem compromisso com a ética e o respeito com o outro. Incitar palavras de ódio, sem medir as consequências desse ato, seja em médio ou longo prazo, caracteriza uma irresponsabilidade desmedida, principalmente em um meio de comunicação como a TV, que por ter o alcance que tem, deve se comprometer responsabilidade social.

O “Metendo Bronca” constrói sua narrativa apropriando-se da violência para estabelecer uma relação espetacular; valendo-se da criminalidade não sob uma perspectiva de análise e debate na esfera pública, a partir de suas reais causas e consequências, e sim como uma maneira de entretenimento, banalizando-a; primando por aspectos audiovisuais, por representações teatrais dos apresentadores, sem ceder espaço às compreensões calcadas na racionalidade.

O programa alega a defesa da comunidade, porém, devemos questionar sempre: que defesa é essa que justifica a violência e estimula o preconceito? Formatos de entretenimento como o Metendo Bronca, que apesar de se valerem dos recursos jornalísticos não exercem o jornalismo, já não assustam mais e por isso não são questionados como deveriam ser. Esses programas são usados como ferramenta por aqueles que procuram “provas” para justificar os próprios absurdos. O público acaba sendo instigado a consumir cada vez mais a violência, que é naturalizada, e a reproduzir os discursos de ódio. Cabe à sociedade compreender quais as consequências de um programa dessa natureza e se perguntar até quando vamos naturalizar o ódio uns dos outros.

## BIBLIOGRAFIA BIBLIOGRÁFICA

- BARBEIRO, H; LIMA, P. R. de. **Manual de telejornalismo: os segredos da notícia na TV**. Elsevier, 2002.
- BELLENGER, Lionel. **A persuasão e suas técnicas**. Tradução: Waltensir Dutra, Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1987.
- BOURDIEU, Pierre. **O Poder Simbólico**. Rio de Janeiro, Bertrand Brasil, 1989.
- COSTA, Alda. A violência e os modelos midiáticos de espetáculo. In: MALCHER et al. **Comunicação Midiatizada na e da Amazônia**. Belém: FADESP, 2011.
- Estatuto da criança e do adolescente**. Disponível em: <[http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/leis/L8069Compilado.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/L8069Compilado.htm)>. Acesso em: 13 de outubro de 2016.
- FIORIN, J., SAVIOLI, F. P. **Para entender o texto: leitura e redação**. São Paulo: Ática, 1992.
- FOUCAULT, M. **A arqueologia do saber**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1997.
- GUIMARÃES, Cristina. O jornalismo policial no túnel do tempo. In: **A criança e o adolescente na mídia**. Minas Gerias: Oficina de Imagens. Ano 3, n. 3, jun. 2002.
- KYRILLOS, L.; COTES, C.; FEIJÓ, D. **Voz e corpo na TV - a Fonoaudiologia a Serviço da Comunicação**. São Paulo: Globo; 2003.
- LLOSA, Mário Vargas. **A civilização do espetáculo. Uma radiografia do nosso tempo e da nossa cultura**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2012.
- MARSHALL, L. **O jornalismo na era da publicidade**. São Paulo: Summus, 2003.
- MEYER-PFLUG, Samantha Ribeiro. **Liberdade de Expressão e Discurso do Ódio**. Prefácio Ives Gandra da Silva Martins; Apresentação Ney Prado. São Paulo; Editora Revista dos Tribunais, 2009.
- PORTO, Maria Stela Grossi. Violência e meios de comunicação de massa na sociedade contemporânea. In: **Sociologias**, Porto Alegre, ano 4, nº 8, jul/dez: 2002.
- <<http://www.tvrba.com.br/programa.php?idprograma=273>>; Acesso em: 16 ago. 2016.
- REQUENA, Jesús González. **El discurso televisivo: Espectáculo de la posmodernidad**. Madrid: Catedra, 1988.
- SCHUTZ, Alfred. **Sobre fenomenologia e relações sociais**. Helmut T. R. Wagner (Org.); Tradução: Raquel Weiss. Petrópolis, RJ: Vozes; 2012.
- SQUIRRA, S. **Aprender telejornalismo: produção e técnica**. São Paulo: Brasiliense, 1995.
- VARJÃO, Suzana. **Violações de direitos na mídia brasileira: Pesquisa detecta quantidade significativa de violações de direitos e infrações a leis no campo da comunicação de massa**. / Suzana Varjão. Brasília, DF: ANDI, 2016.

Israel Martins Araújo  
Vitória Mendes Alves  
Alda Cristina Costa

## TATEANDO AS QUESTÕES INICIAIS

O jornalismo contemporâneo tem sido colocado constantemente no foco de análise dos estudiosos, considerando que as informações produzidas influenciam a formação de opinião dos indivíduos, assim como geram mecanismos de debates no cenário social.

Não é possível falar de jornalismo sem incluir no debate os veículos de comunicação, que são empresas aliadas à lógica capitalista. No estado do Pará, o grande anunciante publicitário dos veículos ainda é o governo, uma vez que o Estado, mesmo considerando todas suas riquezas minerais e potenciais, ainda carece de um número maior de grandes empresas ou indústrias para manter em circulação esse mercado. Essa lógica de funcionamento acaba fazendo com que os jornais locais se “partidarizem”, no sentido de criar alianças políticas e ideológicas, a fim de manter a lógica comercial que sustenta o mercado jornalístico.

Constatamos, a partir de leitura diária dos jornais locais, uma diferença de cobertura nos assuntos que envolvem a participação do Estado. As notícias publicadas ganham destaques e enfoques diferenciados de acordo com as alianças políticas. No momento em que há ruptura política, automaticamente, acontece também ruptura comercial entre veículos e partidos políticos que estão ocupando, no momento, o poder. Essa ruptura provoca de imediato uma mudança no tratamento jornalístico, que passa a reiterar insistentemente, de forma negativa, os problemas da administração pública. Isso não seria negativo se de fato os veículos estivessem preocupados com os interesses coletivos. Tais conflitos fazem com que se questione a qualidade e a credibilidade do que é noticiado, bem como, seja levantado o debate sobre os limites entre os interesses políticos e comerciais dos veículos, assim como o interesse público.

O presente artigo tem como objetivo analisar as narrativas jornalísticas do jornal Diário do Pará sobre a temática segurança pública<sup>1</sup>. Como objeto de análise, selecionamos a matéria publicada no jornal Diário do Pará, no dia 15 de janeiro de 2014, intitulada “Terra sem lei! Violência dispara no Governo Jatene” em que o veículo utiliza desenhos e infográficos para demarcar o aumento da violência no estado do Pará, evidenciando uma disputa política<sup>2</sup> em detrimento do interesse público.

## CONTEXTO PARAENSE

O panorama das empresas de comunicação se configura do seguinte modo no Pará, sendo que dois grandes grupos dominam o mercado da comunicação: as Organizações Rômulo Maiorana (ORM), da família Maiorana e a Rede Brasil Amazônia de Comunicação (RBA), da família Barbalho. Ambas possuem jornais impressos, rádios, filiações a canais

nacionais de televisão (Globo e Bandeirantes, respectivamente) e outros produtos midiáticos. Os interesses econômicos e políticos dos dois grupos têm sido diretamente confrontados ao longo do tempo. Segundo Socorro Veloso,

Mantidos por oligarquias empresariais e políticas, os veículos de comunicação regionais sofisticaram-se na forma, mas se mantêm conservadores na concepção do conteúdo. Neles predomina a visão hegemônica, que superficializa os acontecimentos, submetendo-os ao chamado “pensamento único”, em contraponto a um mundo cada vez mais complexo e plural. (VELOSO, 2008)

Nesse artigo, trabalharemos apenas com o jornal Diário do Pará ligado à Rede Brasil Amazônia de Comunicação, que nasceu para sustentar a trajetória política de seus proprietários, a família Barbalho. O jornal foi fundado em 1982, mesmo ano em que o político Jader Barbalho foi eleito governador do estado do Pará, pelo Movimento Democrático Brasileiro (MDB). Na década de 1990, quando Jader exerceu o cargo de senador (1994-2001), o grupo RBA viveu um momento de ascensão.

Atualmente, Jader Barbalho ocupa a vaga de senador pelo MDB e o seu filho, Helder Barbalho foi prefeito do segundo maior colégio eleitoral do Estado, município de Ananindeua de 2005 a 2012. E, seguindo a lógica que sustenta a linha editorial do jornal Diário ao longo dos anos, os interesses políticos da família são o pano de fundo ideológico das publicações do jornal.

A linha editorial dos periódicos locais conduz invariavelmente à conclusão de que os interesses de seus dirigentes são tratados como prioridade absoluta. Esses interesses, obviamente, estão muito distantes do conceito de informação como um bem social, ao qual todos poderiam ter acesso, indiscriminadamente. (VELOSO, 2008)<sup>3</sup>.

No contexto dos últimos dois anos, constatamos que o periódico declarou uma espécie de “guerra” à administração estadual, comandada por Simão Jatene, do Partido da Social Democracia Brasileira (PSDB), adversário do MDB. Não são poucos os exemplos de notícias, reportagens e séries do Diário que reiteram a noção de um interesse político se sobressaindo aos interesses públicos.

Para este artigo, foi selecionada a matéria publicada no dia 15 de janeiro de 2014, intitulada “Terra sem lei! Violência dispara no Governo Jatene”. Ela foi capa do jornal e publicada em uma página inteira no caderno principal. Ela é assinada por Cintia Magno e seu conteúdo é a divulgação de dados sobre os índices de criminalidade no ano de 2013, fornecidos pelo Sistema Integrado de Segurança Pública (SISP), obtidos através do Sindicato de Servidores da Polícia Civil (SINDPOL).

Entre os crimes, estão homicídios, latrocínios e roubos. Ao longo do texto, os dados são destrinchados através de comparações entre os índices de 2012 e também de 2011. Há, também, declarações de Rubens Teixeira, presidente do SINDPOL. O texto termina com a observação, sustentada pela entrevista, de que o há um déficit de policiais no Pará.

A ilustração que acompanha o texto é o desenho de um homem, cuja pele está marcada pelos números de furtos e roubos nos anos de 2011, 2012 e 2013; além de gráficos que comparam os índices somados deste período. Há, também, outro gráfico localizado em seu braço que mostra o número total de homicídios somados aos latrocínios nos últimos três anos.





Figura 1 – Capa da edição do dia 15 de janeiro de 2014.

É importante destacar que o problema percebido não está na divulgação das informações, mas na construção do jornal ao redor dos fatos, que é permeada de intencionalidades políticas. Levamos em conta que o bom exercício da atividade jornalística implica, inevitavelmente, em isenção e pluralidade ao divulgar a notícia, para o bem da sociedade. No entanto, não é desta forma que as notícias do periódico em questão têm sido construídas. Os interesses da esfera privada se sobrepõem ao que é de interesse público.

## ENTRE O ESPAÇO PÚBLICO E O PRIVADO

As ideias e opiniões, no que concerne a sociedade, são formadas no seio da esfera pública, ou espaço público; tais pensamentos constitutivos da opinião pública são construídos por processos interacionais que a comunicação [no caso específico: os jornais] elabora e estabelece. A esfera pública é, portanto, o espaço onde tudo é ouvido e se é visto.

Hannah Arendt, pensadora que viveu e trouxe como experiência, uma sociedade moderna que irrompia a era com um regime, o qual usava da comunicação e mídia como formas de dominação do pensamento comum, define:

A realidade da esfera pública conta com a presença simultânea de inúmeros aspectos e perspectivas nos quais o mundo comum se apresenta (...). É este o significado da vida pública, em comparação com a qual até mesmo a mais fecunda e satisfatória vida familiar pode oferecer somente o prolongamento ou a multiplicação de cada indivíduo, com seus respectivos aspectos e perspectivas. A subjetividade da privacidade pode prolongar-se e multiplicar-se na família; pode até mesmo tornar-se tão forte que o seu peso é sentido na esfera pública; mas esse mundo familiar jamais pode substituir a realidade resultante da soma total de aspectos apresentados por um objeto a uma multidão de espectadores. (ARENDR, 1981, p. 67).

A relação do público com a sociedade é entendida, pois, como a construção de um espaço ou mundo comum, ou seja, a construção de meios articulados nos quais os indivíduos compartilham interesses comuns. Arendt (2008) vai além, e define espaço público como “o próprio mundo, na medida em que é comum a todos nós”. Marcada por um regime totalitário, é compreensível o pensamento da autora ao afirmar que este espaço público e representativo do real, só é fiel e de fato, representativo, quando explanado e posto sob os diferentes ângulos de observação humana:

Somente quando as coisas podem ser vistas por muitas pessoas, numa variedade de aspectos, sem mudar de identidade, de sorte que os que estão à sua volta sabem que veem o mesmo na mais completa diversidade, pode a realidade do mundo manifestar-se de maneira real e fidedigna. (ARENDR, 2008, p.67).

A elaboração desse espaço, então, é constituída das mais diversas opiniões. A esfera pública seria o arcabouço de ideias que se estabelece no mundo a partir dos vários pontos de vista, conceituada exemplarmente Esteves (1995) como não mais um espaço físico ou palpável, mas algo mais simbólico, virtual e reticular. Ou como define Telles (1990)<sup>4</sup>: é um “espaço da deliberação conjunta, através da qual os homens, na medida em que capazes de ação e opinião tornam-se interessados e responsáveis pelas questões que dizem respeito a um destino comum”.

O que se define por espaços aqui é o conjunto imaginário e social onde habitam as construções das ideias, nas quais a mídia possui aguda influência. O cume da discussão e conflito entre público e privado na mídia, instaura-se quando a subjetividade emerge de interesses particulares e polariza a formação da realidade, ou seja, “os homens só terão confiança em suas subjetividades e tenderão sempre a fazer de seus interesses privados e particulares, a medida de todas as coisas.” (Telles, 1990). Isso se aplica, minuciosamente, aos editoriais jornalísticos, que transitam da sua obrigação pública, para interesses privados.

Nesse retraimento para a subjetividade, Hannah Arendt localiza o perigo de uma projeção na esfera pública de critérios que só podem ter validade na experiência privada. Nesse caso, o risco é o de comprometimento do juízo público, pois é a própria veracidade e objetividade dos fatos e da realidade que se encontra comprometida. (Telles, 1990)

O indivíduo que compartilhava da esfera pública, agora, está isolado e submetido à esfera particular do pensamento, ou de formação da opinião; esta, articulada por jornais, ao passo que os mesmos possuem uma grande voz, a qual é poderosa e ecoa no imaginário popular. Então que, segundo Arendt (1981a, p. 67-68) o sujeito é amarrado e reduzido à subjetividade da vida privada, dos interesses privados de cunho moral e político.

Ou como melhor define a autora (Arendt, 1993, p. 67) o mundo comum, ou a esfera comum e pública da circulação de ideias acaba, quando é vista somente sob um ângulo de observação. No caso específico deste artigo, quando ele é polarizado em um ponto de vista.

Eles tendem então, a calcular como sua notícia será dada e passada aos leitores que lhe dão credibilidade como veículo de notícia, para então substituir a visão plural que Arendt defendia como constituidora do espaço público, para configurar agora a visão subjetiva e orientada do fato.

Em suma, a relação de rivalidade política do impresso para com certo partido, neste caso, o PSDB, confere mais ainda autoridade ao jornal que, dissolve a esfera pública e plural do pensamento, para resguardar suas notícias (formadoras da opinião pública) no seio dos interesses subjetivos, alterando então suas narrativas de acordo com suas demandas.

## **ANÁLISE DA NARRATIVA JORNALÍSTICA**

Analisar a narrativa jornalística da matéria objeto de nosso artigo é, em última instância, investigar as intenções na produção de efeitos sobre os leitores a partir do discurso midiático do Diário do Pará. Segundo Luiz Gonzaga Motta,

A organização narrativa do discurso midiático, ainda que espontânea e intuitiva, não é aleatória, portanto. Realiza-se em contextos pragmáticos e políticos e produzem certos efeitos (consciente ou inconscientemente desejados). Quando o narrador configura um discurso na sua forma narrativa, ele introduz necessariamente uma força ilocutiva responsável pelos efeitos que vai gerar no seu destinatário. (MOTTA, 2005, pág. 2)

Como consequência de uma investigação das estratégias narrativas que estão presentes no texto da matéria, podemos identificar as intenções motivadoras da divulgação dos índices de criminalidade no Pará. Corrobora-se, neste caso, a hipótese de que o principal fator por trás da matéria é o interesse político do jornal.

## O TÍTULO



Figura 2 – Título da matéria que ganhou destaque na capa.

A escolha do título “Terra Sem Lei! Violência dispara no governo Jatene” é possivelmente, o indicativo narrativo mais notável das intenções políticas por trás da divulgação de dados no texto. Para dar sustentação ao posicionamento de rivalidade em relação à atual gestão estadual que o jornal adota, apenas indicar o aumento do índice de criminalidade em determinado período não é o suficiente.

Ao afirmar que o Pará é uma “terra sem lei”, percebe-se a crítica implícita à falta de comando e de gestão do partido que está no poder (PSDB). Cria-se a imagem de um governo negligente e sem capacidade de conter a violência no estado. Não se deve esquecer que 2014 é um ano de eleições, portanto este ataque é, ao mesmo tempo, uma forma de se colocar como uma opção melhor para assumir o governo do estado.

Também é necessário para a o jornal atribuir culpados pelos índices que aparecem na matéria. Com o destaque do nome do governador e adversário político no título infere-se que há a intenção de apontar Jatene como responsável direto pelos números.

## O USO DE DADOS ESTATÍSTICOS NO TEXTO

Segundo Leonarda Musumeci, o uso de estatísticas em matérias sobre criminalidade, violência e segurança pública contextualiza fatos específicos narrados na matéria; qualificam o tratamento jornalístico na medida em que o afasta do sensacionalismo, além de afirmar que

Os números são importantes para se saber, por exemplo, se os níveis de criminalidade estão melhorando ou piorando, se as políticas de segurança estão dando certo ou não, se a propaganda oficial sobre as realizações nessa área é fidedigna ou enganosa. Eles fornecem uma referência para que os cidadãos, bem informados, possam participar, pressionar as autoridades e cobrar soluções reais para os problemas.” (MUSUMECI, p. 151, 2007)

No caso da matéria, as vantagens de se utilizar dados estatísticos foram mais uma das estratégias narrativas para legitimar o posicionamento do jornal em relação ao governo. Motta (2005) também afirma que os números causam a sensação de rigor e precisão. O uso de dados divulgados por uma fonte externa ao Diário, o Sistema Integrado de Segurança Pública (SISP), cria a ilusão de uma suposta isenção de intencionalidade por parte do jornal, conferindo aos leitores maior credibilidade sobre o que é dito.

## AS ASPAS COMO RECURSO DE DISTANCIAMENTO

O único entrevistado no texto é o responsável, na construção, pela crítica direta ao poder público. Rubens Teixeira, presidente do Sindicato dos Servidores Públicos da Polícia Civil (SINDPOL), afirma na entrevista o seguinte: “O que precisa, de quem está à frente, é compromisso de ter iniciativa para mudar isso. A gente percebe que os índices só crescem, então, até agora ninguém teve essa iniciativa. Com certeza esse cenário poderia ter sido diferente se o poder público tivesse agido”

Destaca Motta (2005),

As citações freqüentes, por exemplo, conferem veracidade. São utilizadas para dar a impressão de que são as pessoas reais que falam, que o jornalista não está intervindo. Observe, porém, que ao citar, o jornalista pinça da fala da fonte aspectos que pretende ressaltar dando outra dimensão ao discurso, dirigindo a leitura. As citações encobrem muito bem a subjetividade porque o leitor supõe que elas reproduzem literalmente o que a fonte disse e quis destacar. Produzem a sensação de uma proximidade entre a fonte e o leitor. Dissimulam a mediação. (MOTTA, 2005, p. 10)

Na construção narrativa, o jornal atribui a uma pessoa “de fora” a opinião crítica, causando a falsa sensação de objetividade e imparcialidade jornalística. Afasta do narrador, portanto, a responsabilidade sobre a crítica proferida. Sustenta-se, dessa forma, a impressão de objetividade, um valor caro ao jornalismo de qualidade.

## A ILUSTRAÇÃO

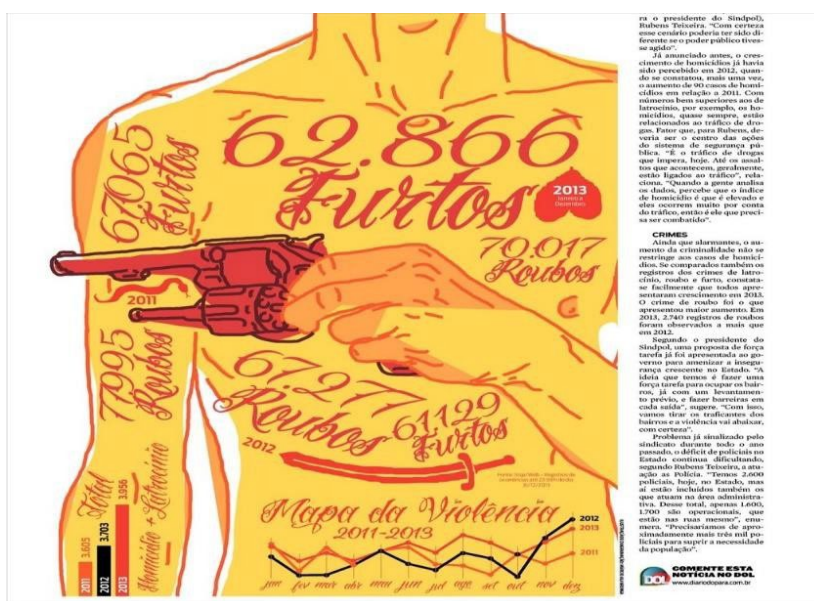


Figura 3 – ilustração composta por infográficos e dados sobre o avanço da violência.

Os números inseridos no corpo do desenho causam a ideia de que a violência é algo que vitima o ser humano; eles mostram que tais dados não se referem a algo que é de uma realidade distante, mas “vivido na pele”. O uso do corpo que abriga os dados não é uma escolha aleatória, mas um destaque de quem é a vítima de todos esses crimes: o ser humano.

As cores vivas e chamativas combinadas com números muito grandes, quando colocadas em destaque, são uma estratégia para causar impacto sobre os leitores, já que os dados aparentam ser muito mais preocupantes agrupados.

## INTERFERÊNCIAS POLÍTICAS

Alguns fatos que circundam a esfera pública, muito geralmente, tendem a ganhar notoriedade e abordagens específicas em jornais diferentes. As narrativas são construídas de formas diferentes, mesmo abordando o mesmo fato, e no caso em questão, no objeto de análise utilizado, constatou-se que há simbiose entre O Diário do Pará o PMDB, além da demonstração de rivalidade política com o PSDB.

Segundo Seymour-Ure, o Paralelismo Político está presente quando existem laços entre jornais e partidos políticos. Isso existe na sua mais forte forma quando cada jornal apóia um partido que é altamente visível nas principais colunas e em sessões editoriais do jornal - mas por vezes, também, nas próprias notícias<sup>5</sup>.

Seymour-Ure estabeleceu também níveis de interações entre esses dois polos, os quais podem atingir explícitas relações entre os mesmos, ou disfarçadas e escondidas, ou até mesmo subentendidas relações entre jornal e partido. No caso analisado, d'O Diário do Pará, é perceptível como este, narra ou informa os índices da violência, compondo uma ideia do terror ou do horror que se instaura no Estado.

A discussão então proposta, é como existe uma relação clara e cruzada entre o jornal em questão, e um partido [PMDB] ou ideologia partidária, e como isso afeta a construção da sua narrativa acerca da imagem do Estado; pelo fato de o periódico possuir grande visibilidade midiática, podendo, portanto, alterar fatos da esfera pública, à medida que lhe torna convencional e interessante repassar ao público, sob suas perspectivas particulares. Gomes esclarece esse esquema de relações:

Quando os interesses da política, do mundo dos negócios e dos agentes do mundo da comunicação de algum modo convergem haverá sempre quem destrave uma janela, ou finja dormir no seu turno de guarda, ou encabece sublevações internas para se entregar ao adversário. E os interesses do campo político são poderosos e persistentes. (GOMES, 2004, p. 173)

Wilson Gomes (2004) também abre um debate o qual se encaixa com veemência na situação em que O Diário do Pará se porta frente à esfera pública e como é coordenado para construir suas narrativas. O autor aborda e lista três formas de intervenções e configurações do interesse político na imprensa, porém, o que realmente importa à discussão no momento é o terceiro meio desenvolvido, que reside no fato de um grupo ou sujeito político controlar ou deliberar acerca de meios de comunicação, ou como em específico da análise: jornais, para através deles, adquirirem vantagens no campo político.

Reiterando a análise de Seymour-Ure que definia níveis de atrelamento político ou *press-party*, acabamos por convergir e interligar então com a terceira forma e definição de insurgência de interesses políticos na mídia, definido por Wilson Gomes, ou seja, O Diário do Pará se encontra na terceira forma de intervenção política na mídia, e apresenta um nível de paralelismo político com o partido PMDB.

É perceptível então, explicitando no caso da matéria, que há sim a questão de informar o público acerca dos índices da violência. Porém, pela sua forma de abordagem e construção da narrativa, é notável um estabelecimento de nível de paralelismo político entre O Diário do Pará e a ideologia partidária ou grupo político que servia de oposição ao PSDB.

Essas empresas no Brasil são muito mais agências de chantagens políticas do que realmente empresas que vendem o produto da sociedade capitalista, que é a informação. Estão muito mais preocupadas com os anúncios que recebem para obter as suas atividades, com os editoriais, com a seleção de informações que fazem e publicam para fazer a sua pressão sobre o poder público, com o objetivo de obter vantagens para os seus proprietários ou para os seus amigos e anunciantes.(...) A preocupação é aumentar a estrutura tal como está e participar desse jogo em relação ao poder público. (MELO, apud PEDROSO, p. 28, 2001).

Melo (2001) define com excelência o padrão de ação da imprensa brasileira e o seu agir corporativo. Gomes (2004) determina pontualmente que a obrigação do meio comunicativo de massa [apesar do seu agir corporativo-capitalista] em questão, o jornal, tem por égide do seu comportamento o comprometimento em informar e formar a opinião pública

livre de coações, seguido por preceitos democráticos fundamentais, os quais levam em consideração a cidadania, ou o interesse público, um bem maior e inabalável:

Por isso mesmo, objetividade, imparcialidade e neutralidade só aparecem como princípios em uma forma de vida social em que o interesse da cidadania, o interesse público, é considerado um altíssimo valor (...). Cada jornal, telejornal ou revista representa também, de algum modo, arenas discursivas da política, onde as vozes e posições no campo político – mas também da esfera civil – possam se apresentar, interpretar-se, discutir, rebater e praticar todas essas ações típicas das discussões públicas. (GOMES, 2004, p. 185)

Em tese, Wilson Gomes, redesenha e esclarece a função do jornal enquanto meio de comunicação. Sua análise compõe a principal relação estabelecida e explicitada na capa e matéria d'O Diário do Pará ao afirmar que o Pará é terra sem lei: ele cria, molda, forma opiniões e impressões, e por último, informa a situação do Estado. Ele constrói uma narrativa que não aborda e nem discute a violência, pelo contrário, através de seus recursos e artifícios, conta uma narrativa que forma uma opinião pública, e do público. Para ele (2004, p. 186) "permitir o controle político particular da comunicação política é tornar privada, particular, a arena política onde se joga o interesse público".

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Dessa forma, onde há tantos conflitos entre interesses políticos há uma fragilização do jornalismo. Tais disputas implicam em diversas questões práticas inevitáveis: a adequação na seleção de conteúdo a ser publicado, o uso de poucas fontes para as matérias, a falta de espaço para a diversidade de ideias e opiniões, o desrespeito ao interlocutor. O interesse da sociedade é colocado em segundo plano, fazendo com que ela seja a maior vítima dos conflitos travados entre interesses públicos e privados.

As possíveis interpretações que o público do jornal faz a respeito da violência (no caso de nosso objeto) se encontram atingidas pela disputa política que se instaura e se desenvolve como pano de fundo das publicações do Diário do Pará. O verdadeiro exercício jornalístico sai de foco. O ideal da atividade como um bem público a serviço dos interesses da sociedade é uma concepção muito distante do que ocorre na realidade paraense.

## BIBLIOGRAFIA BIBLIOGRÁFICA

ALBUQUERQUE, Afonso de. **O Paralelismo Político em Questão** In: Revista Compólitica. Compólitica, v. 2, n. 1, p. 6-28, julho/agosto. 2012.

ESTEVES, João Pissarra. **Novos desafios para uma teoria crítica da sociedade**: a questão política da comunicação moderna In: Revista de Comunicação e Linguagens. Lisboa: Cosmos, 1995

GOMES, Wilson. **Transformações da política na Era da comunicação de massa**. São Paulo: Paulus, 2004.

KEMPEN, Van H.M.A. Media-party parallelism and its effects: A cross-national comparative study In: Context in political communication: measurement and effects on political behavior. Amsterdam: UvA-DARE, 2008.

MOTTA, L.G.. A Análise Pragmática da Narrativa Jornalística. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO, 28., 2005. Rio de Janeiro. Anais do XXVIII INTERCOM, Rio de Janeiro, 05-09/setembro, 2005. São Paulo: Intercom, 2005.

TELLES, Vera da Silva. **Espaço público e espaço privado na constituição do social**: notas sobre o pensamento de Hannah Arendt. Tempo Social, v. 2, n. 1, 1990.

VELOSO, Maria do Socorro Furtado. **Jornal como empresa e política como negócio**: um perfil do patronato de mídia no Pará. In: VI SBPJOR, 2005. Anais do VI Encontro Nacional de Pesquisadores em Jornalismo UMESP (Universidade Metodista de São Paulo) novembro, 2008. São Paulo: SBPJor, 2008.

João de Jesus dos Santos Loureiro  
Sergio do Espírito Santo Ferreira Junior  
Alda Cristina Costa

## ALGUMAS REFLEXÕES PRELIMINARES

O acontecimento chacina em Belém do Pará. Este é o enfoque deste capítulo, a partir das categorias de análises identificadas no projeto de pesquisa “Mídia e Violência: narrativas midiáticas na Amazônia Paraense”<sup>1</sup>. O elemento chacina apresenta um forte demarcador jornalístico com características próprias, entre elas, o número e o tipo de mortes. Ou seja, não a morte qualquer, mas assassinatos em quantidade, brutalidade e terror, mesmo espaço ou local, quase sempre, a partir de um evento que desencadeia outros, por retaliação ou vingança.

Aqui, são analisadas a produção e a difusão de representações da violência pelos usuários do Twitter, partindo de mensagens publicadas com a #ChacinaEmBelem. Considera-se que há uma multiplicidade de representações a respeito da violência urbana como fenômeno e ligações com outras representações midiáticas. A #ChacinaEmBelem é elemento constituinte das representações, em torno das quais as interações ocorrem e abrem espaço para a concorrência e tensionamentos entre as mensagens simbólicas sobre o evento. Há uma mobilização emocional caracterizada pelo esvaziamento das informações mais relevantes sobre a chacina e a violência e pela apropriação informal dos fatos, com opiniões se sobrepondo às informações.

No dia 4 de novembro de 2014, às 19 horas, o cabo da Polícia Militar e ex-membro da Ronda Ostensiva Tática Metropolitana (Rotam), Antônio Marcos da Silva Figueiredo, era assassinado ao chegar à sua residência, no bairro do Guamá, em Belém, capital do Estado do Pará. Ainda na noite de sua morte, o sargento Rossicley Silva, membro da mesma Rotam e presidente da Associação dos Praças do Estado do Pará, postou em seu perfil no Facebook a seguinte mensagem: “Convocação geral! Amigos, o nosso irmãozinho PET (cabo Figueiredo) acabou de ser assassinado no Guamá. Estou indo. Espero contar com o máximo de amigos. Vamos dar a resposta” (FURTADO, 2014). Após a mensagem do sargento, na noite do dia 4 e na madrugada do dia 5, nove assassinatos são cometidos nos bairros periféricos da Terra Firme, Jurunas, Guamá, Marco, Tapanã e Conjunto Sideral. Além das nove pessoas que morreram no dia 5, outra vítima, que havia sido hospitalizada, morreu na manhã do dia 6 (PARÁ, 2015, p. 5-6). Logo após a chacina, o sargento Rossicley se manifestou dizendo que as mortes aconteceram em razão do confronto de milícias e facções criminosas, que aproveitaram o clima tenso na cidade para acerto de contas. Em virtude dos boatos e do pânico ocasionados na capital, o sargento defendeu-se, ponderando que sua postagem no Facebook foi feita em um momento de tensão, quando ainda estava abalado com a morte do cabo Figueiredo. Portanto, a mensagem postada teria sido “mal interpretada pelos internautas”. De imediato a postagem foi apagada, mas considerando a instantaneidade e acesso dos usuários, vários portais de notícias reproduziram imagens da postagem (*prints*).

A proporção e a gravidade dos acontecimentos, cujas consequências resultaram em dez mortes e a suspeita de ligação do policial morto a milícias, levaram a Assembleia Legislativa do Estado do Pará (Alepa) a criar uma Comissão Parlamentar de Inquérito para apurar a ação de milícias e grupos de extermínio no Estado e na região metropolitana e Belém.

De acordo com o relatório resultante das investigações (PARÁ, 2015), o policial morto, cabo Figueiredo, não apenas estava envolvido com milícias, mas era mandante de uma milícia composta por mais três polícias militares. Confirmada, também, a existência de cinco grupos de milícias que atuam no Estado do Pará, com um considerável contingente de policiais militares, sendo duas nos municípios de Marabá (Sudeste) e Igarapé-Miri (Baixo Tocantins) e três na região metropolitana de Belém (Distrito de Icoaraci e nos bairros do Guamá e Canudos). (PARÁ, 2015, p. 154-164).



Em abril de 2015, a Promotoria Militar do Estado do Pará indiciou 14 policiais militares por crime de homicídio no caso da chacina dos dias 4 e 5 de novembro de 2014. No relatório, há a confirmação de que os policiais indiciados foram coniventes com dez assassinatos ocorridos depois da morte do cabo Figueiredo (PINTO, 2015).

De acordo com a denúncia, os policiais indiciados não prestaram socorro às vítimas e não perseguiram os verdadeiros culpados pela morte do cabo Figueiredo. Paralela e concomitantemente à chacina dos dias 4 e 5 de novembro, outro fenômeno, de ordem midiática, delineou-se, com particular ocorrência, nas mídias sociais<sup>2</sup>, como Facebook, Twitter e WhatsApp, em descompasso com as mídias tradicionais, que não dispunham de informações sobre a chacina. Nas mídias sociais na internet, circularam informações de toda ordem, vindo supostamente da polícia, dos moradores e dos “bandidos”. Ficção e realidade se misturaram nas postagens. À circulação de mensagens, com suposta relação a grupos autores das mortes e relatos de moradores das áreas onde as execuções estavam ocorrendo, juntou-se uma série de boatos, na rede, sobre a possível ocorrência de mais mortes em outros bairros. As localidades sitiadas, em virtude das mortes, e as mensagens difundidas sobre a presença dos executores e de outras violências, ampliaram o pânico e o medo a outras regiões da capital.

Os fatos passaram a repercutir para além de sua ocorrência, provocando reações e posturas diversas dos indivíduos nas redes sociais digitais, numa fusão de realidade, indignação, brincadeiras, humor e ironias. O objetivo deste é analisar as representações sobre a violência construídas pelos usuários do Twitter sobre a chacina em Belém, ocorrida na noite do dia 4 e na madrugada do dia 5 de novembro de 2014. Como metodologia, foi aplicada a extração de dados de redes sociais digitais, tendo como corpus de análise a *#ChacinaEmBelem*<sup>3</sup>. Foram rastreadas as publicações realizadas no período de 10 horas, ou seja, das 22 horas ao meio-dia do dia 5 de novembro de 2014, computando um total de 593 *tweets* publicados. Desses foram selecionadas as 30 postagens com mais *retweets*, nas seguintes categorias de análise: opinião, humor, indignação, informação, ironia, meios (institucionais), medo e outros (sem uma definição clara ou várias juntas). Na análise, não se estabeleceu hierarquização das postagens, mas levou-se em consideração o conteúdo da manifestação.

Tabela 1 – Identificação dos tweets por categoria

<b>Categorias</b>	<b>Total de retweets</b>
Opinião	449
Humor	191
Indignação	157
Informação	136
Ironia	103
Meios (institucionais)	27
Medo	21
Outros	23
<b>Total:</b>	<b>1107</b>

Fonte: Elaborada pelos pesquisadores.

Nossa intenção, ao selecionar as postagens, foi refletir sobre as manifestações e mobilização das pessoas ao tratar sobre esse acontecimento que paralisou parte das atividades na cidade de Belém, produzindo um medo e insegurança generalizados.

## **A CIDADE SITIADA:** terror nas mídias e nas ruas de Belém

Todas as áreas da sociedade têm sido afetadas com o impacto dos avanços tecnológicos. Transformações que têm reconfigurado a área da comunicação e da informação, seja pelas ambivalências da rede em uma sociedade global que nos oferecem igualmente esperanças e riscos (CEBRIÁN, 1999), seja pela compreensão dos meios de comunicação como ferramentas de compartilhamento de informação e conhecimento ou como extensões do homem por intermédio das



mídias (MCLUHAN, 1977), seja, ainda, pela mídia, como expressão da nossa cultura, que passa a funcionar principalmente por meio dos materiais fornecidos e propiciados por essa mesma mídia. (CASTELLS, 2013).

Os estudos de McLuhan (2011a, 2011b) sobre os meios de comunicação permitem trazer à luz essa perspectiva, que consiste em transformações sociais muito mais profundas do que aquelas que os conteúdos transmitidos poderiam causar, além de provocar efeitos e possibilidades diferenciados pelas quantidades de informações que organizam. Para o autor canadense, estávamos nos aproximando da “simulação tecnológica da consciência, onde o processo criativo do conhecimento seria estendido coletiva e corporativamente ao todo da sociedade humana” (MCLUHAN, 2011b, p. 5).

Afirma o autor que a tecnologia do meio, não importa quão extraordinária seja, desaparece por detrás do que flui por meio dele – fatos, entretenimentos, instrução, conversa. O que importa é o conteúdo. “Os efeitos da tecnologia não ocorrem no nível das opiniões ou conceitos”, antes, os meios alteram “os padrões de percepção continuamente e sem qualquer resistência”, escreve McLuhan (2011b, p. 31) Nessa perspectiva, foram analisados os acontecimentos conhecidos como “chacina em Belém”, ocorridos na capital paraense nos dias 4 à noite e 5 da madrugada de novembro de 2014, conforme descrito acima. Dois eventos, no entanto, delineiam-se: um nas ruas da capital paraense e outro, como consequência do primeiro, nas ruas virtuais. Concomitantemente e após as mortes, uma avalanche de informações, confusas e sem precisão, começaram a ser difundidas nas mídias sociais, Facebook e Twitter, e em aplicativos móveis de mensagens instantâneas como o WhatsApp. Vários conteúdos como mensagens, fotos, áudios e vídeos eram compartilhados em tempo real, simultaneamente aos eventos, por meio dessas mídias. Realidade e ficção tomaram conta da rede e assustaram a população.

Os áudios postados apresentavam conteúdos diversos, desde supostos policiais militares recomendando à população que ficasse em casa, usuários relatando o terror que estava acontecendo nos bairros e supostos bandidos comemorando a morte do policial Figueiredo (ÁUDIOS..., 2014).

Na manhã do dia 5, como as informações oficiais eram escassas e sem pronunciamento oficial do Governo do Estado sobre as mortes, algumas instituições de ensino, dentre elas a Universidade Federal do Pará (UFPA), ficaram esvaziadas, pois, mesmo oficialmente não suspendendo suas atividades, considerável parte dos alunos da instituição não compareceu às aulas. Um dos colégios particulares, localizado em bairro nobre da cidade, Colégio Marista Nossa Senhora de Nazaré, suspendeu as aulas na tarde do dia 5, em razão de uma suposta ameaça recebida por telefone, em que crianças seriam baleadas. O caos tomou conta da cidade. Informações desconhecidas e até as mídias tradicionais, como jornais e emissoras de televisão e rádio, valeram-se dos fatos divulgados nas mídias sociais na internet para divulgar o acontecimento para a sociedade. Na manhã do dia 5, a #ChacinaEmBelem ficava entre os principais assuntos comentados no Twitter, fato relevante, uma vez que indica a ampliação da repercussão e o engajamento dos usuários em torno desse fato.

## MÍDIA SOCIAL E A EXTENSÃO DA REALIDADE

Algumas considerações sobre a especificidade da mídia social devem ser postas em análise. O Twitter é uma mídia social e uma ferramenta e microblog em que os internautas são representados por seus perfis, interagindo por meio de mensagens de 140 caracteres. As relações entre os usuários não têm necessariamente o caráter de reciprocidade e eles se denominam “seguidos” e “seguidores” (RECUERO; ZAGO, 2009). As informações são repassadas de seguidos a seguidores, em tempo real, fazendo com que possam atuar como influenciadores, “viralizando” na mídia social (CARDOZO, 2009). As atualizações dos outros contatos são exibidas em tempo real. Usuários podem receber atualizações de um perfil pelo site oficial ou por aplicativos de dispositivos móveis. O Twitter foi selecionado porque ele é considerado uma das mídias sociais precursoras, que definiu o conceito, as novas possibilidades e a nova forma de irrigar o mundo com conteúdo, conforme o afirma Seixas (2009, p. 45).

Essa mídia social apresenta dados, características e estrutura particulares e com diferenças, se comparada a outras mídias sociais na internet. Na análise, alguns aspectos importantes devem ser considerados, entre eles: a) a *Bio*, identificação do perfil do usuário. A apresentação é livre; b) *Following*, perfis que o usuário segue; c) *Followers*, perfis

que seguem o usuário; d) *Trending topics*, assuntos mais comentados no momento, filtrados como locais, nacionais ou globais (#*ChacinaEmBelem* e #*Guamá* #*Belém* permaneceram por horas, no dia 5 de novembro de 2014, nos *Trend Topics* de Belém e do Brasil); e) *Direct message (DM)*, espaço em que o usuário pode mandar uma mensagem privada para outro usuário, contanto que o outro o siga de volta; f) *Reply*, ou seja, réplica ou resposta ao comentário postado por algum usuário; g) *Retweet*, ou republicação automática de uma postagem de outro usuário, sem adição de mais caracteres à publicação (em abril de 2015, o *Twitter* lançou um recurso novo, em que se pode republicar determinada postagem, assim como fazer um comentário); h) *RT*, modo em que o usuário reproduz alguma postagem manualmente, podendo inserir comentários ao original; i) *Hashtags (#)*, termo que serve para situar o seguidor sobre o que o usuário fez um *tweet*. *Hashtag* significa relacionar uma palavra ou frase com determinado conteúdo, para que posteriormente possa ser encontrado por outras pessoas.

Assim, compreendemos o *Twitter* como “uma verdadeira arena digital global: universidade, clube de entretenimento, ‘termômetro’ social e político, instrumento de resistência civil, palco cultural, arena de conversações contínuas” (SANTAELLA; LEMOS, 2010, p. 66). Ainda assim, deve-se ter em mente que essas tecnologias inserem “uma transformação das formas tradicionais de sociabilização, além de uma nova tecnologia perceptiva e mental. Portanto, um novo tipo de relacionamento do indivíduo com referências concretas” (SODRÉ, 2010, p. 27).

Implica, ainda, o adensamento das noções de comunicação mediada, presentes em Thompson (1998). Mesmo que o autor não se refira à comunicação em rede, sua postura ajuda a pensá-la, pois a comunicação mediada está calcada na captação e na circulação de valores, símbolos e representações. Trata-se de um processo comunicacional entre indivíduos, por meio de um suporte técnico, em uma relação em que não há copresença, caracterizada por níveis diferenciados de simetria, tanto na produção quanto na recepção de formas simbólicas. A noção de desencaixe, relacionada “ao ‘deslocamento’ das relações sociais de contextos locais de interação e sua reestruturação através de extensões indefinidas de tempo-espaço” (GIDDENS, 1991, p. 29), também ajuda a compreender o tipo de relação que se delinea nesse espaço midiático, em que o deslocamento e a descontextualização (ou recontextualização) condicionam o tipo de mensagem que será produzida e a própria interação a ser ali estabelecida.

## REPRESENTAÇÕES DA VIOLÊNCIA

A compreensão da violência passa pela discussão de fenômeno social, que se inscreve como uma questão complexa na realidade, advindo de um contexto sócio-histórico de cotidianidades, que influi na interpretação dos indivíduos sobre a realidade social e se apresenta mesmo como problemática social. De acordo com Porto (2014), a violência adquire estatuto de categoria analítico-explicativa somente recentemente. A violência urbana, por mais que, às vezes, pareça igual, apresenta-se em contextos específicos nacional e localmente. Escreve Porto (2014, p. 60) que “face às significações culturais das distintas sociedades nas quais se manifesta, caracteriza-se por seu caráter polissêmico, o que implica dizer que não se trata de fenômeno uniforme [...]”. Por isso, compreende-se a diferenciação entre fenômeno e representação (DRAWIN, 2011; PORTO, 2014) como o modo de considerar a complexidade da relação entre os dois, ao mesmo tempo em que se focalizam, nas representações, formas de conhecimento socialmente partilhadas, considerando seu conceito e aspectos centrais da análise.

Nessa articulação, portanto, pensa-se a construção das representações sobre o fenômeno da violência partindo da produção de mensagens e representações sobre a chacina em Belém pelos usuários do *Twitter*. Em relação a elementos constituintes de um contexto, uma vez que o acontecimento já se encontra esclarecido, cumpre destacar algumas questões de pano de fundo, como a violência policial, que, de acordo com Adorno (2002), é uma das tendências da violência urbana no Brasil, a partir da década de 1980 e 1990, podendo ser identificada até hoje. Essa violência, que redundava em práticas policiais agressivas e mortes, atinge populações de regiões periféricas ou assim identificadas pelo sociólogo como “classes populares”. As mortes decorrentes desse tipo de violência estão assentes em uma ideia de rigorosidade de cumprimento do dever ou mesmo de “fazer justiça”, como também foi detectado pela CPI já citada no

caso das ações de milícias na região. Além disso, há a já institucionalização policial de padrões de suspeitos criminais, baseados em estereótipos do que sejam, por exemplo, jovens da periferia.

De acordo com Souza, Cardoso e Brito (2013), por um lado, a Polícia Militar no Pará define como padrões de potenciais suspeitos e mais passíveis de práticas de abordagem, aqueles que tenham as consideradas as marcas da periferia, como cortes de cabelo e uso de determinadas vestimentas. Por outro lado, jovens e adolescentes dos contextos periféricos da cidade de Belém afirmam que sofrem abordagens e ações truculentas por parte da Polícia Militar. Esse tipo de cultura policial, que chega mesmo a constituir violação aos direitos humanos, alimenta-se, em parte, das representações oriundas de uma

veiculação [midiática] constante de imagens dos bairros pesquisados como violentos e perigosos [que] cria no imaginário social, e não apenas no senso comum dos policiais, a noção de que todos devem redobrar os cuidados quando estiverem em suas proximidades, pois qualquer indivíduo daquele lugar é potencialmente criminoso. Construída e veiculada esta visão negativa a respeito dos bairros, tem-se a impressão de que qualquer lugar naquele ambiente oferece mais perigos do que outras regiões da cidade, gerando a pré-noção de que a atuação policial terá que ser necessariamente mais truculenta para não dar sinais de fraqueza (SOUZA; CARDOSO; BRITO, 2013, p. 149).

Nesse sentido, há intersecção entre fenômenos e representações, uma vez que interpretações sobre a violência, seus espaços de ocorrência, seus agentes e pacientes alimentam-se de um processo em que (mesmo com concorrência entre outras representações) as representações midiáticas difundem socialmente a ideia de um crescimento da violência, passando a

buscar por atestá-lo com uma grande quantidade de registros e reiterar que a morte na periferia passa a fazer parte do cotidiano, do comum, porque os indivíduos dessas regiões estejam envolvidos direta ou indiretamente com as ordens do crime e do tráfico. (FERREIRA JUNIOR; MENEZES, 2014, p. 68).

Essas representações (suas significações e implicações), assim, passam a fazer parte de uma complexa rede representacional, em que elas podem ser reafirmadas, tensionadas e resignificadas. Desse modo, no contexto que envolve fenômeno (chacina e violência policial) e representação (repercussão nas mídias noticiosas e nas mídias sociais digitais), o Twitter pode ser considerado espaço de produção e difusão de representações, sobretudo de representações sociais.

De acordo com Porto (2009), as representações sociais sobre a violência constituem um dos problemas para o qual se deve atentar quando há um quadro definidor da violência, levando-se em conta que serão amalgamados elementos objetivos e subjetivos. Ou seja, sob essa perspectiva, será parcial a abordagem de violência que se ativer aos chamados “dados objetivos”, sem incorporar, além dos fatos e das estatísticas, a subjetividade das representações sociais, orientadoras de conduta (PORTO, 2009, p. 218).

Nessa perspectiva, constatou-se que houve uma “agenda diferenciada dos acontecimentos” entre as representações das mídias noticiosas ou tradicionais e a das mídias sociais sobre a chacina em Belém. As informações não dispunham de fontes credíveis, assim como os fatos eram relacionados de maneira difusa e sem sentido entre essas mídias e o que os usuários relatavam em seus *tweets*, havendo marcadamente tensionamentos. Porto (2009, p. 220) aponta também que, “se em paralelo a tais diagnósticos alguma manifestação brutal de violência provoca estados de choque e/ou de comoção popular, reaviva-se o debate entre barbárie e civilização, com reivindicações em termos de solução”. Essas reivindicações podem ser percebidas na *#ChacinaEmBelem* muito mais do que no âmbito das práticas das mídias noticiosas.

### **#CHACINAEMBELEM E MINERAÇÃO DE DADOS DO TWITTER**

Esta análise é parte dos resultados da terceira etapa do projeto de pesquisa *Mídia e violência: as narrativas midiáticas da Amazônia paraense*. Nessa terceira fase, tomou-se como objeto de discussão a chacina do dia 4 de novembro de 2014, que aconteceu nas periferias da cidade de Belém. Na realização da coleta de dados, foram tomados como objeto de pesquisa os *tweets* postados com a *#ChacinaEmBelem*, usando uma ferramenta de busca

da própria mídia social. É importante destacar que somente a mídia social Twitter oferece gratuitamente o resultado de buscas avançadas. Dada a temporalidade do evento e de suas repercussões, foi definido para a coleta dos *tweets* postados o período que compreende 4 a 6 de novembro de 2014.

Baseando-se nas noções de representações sociais, as representações subjacentes aos *tweets* foram compreendidas constituindo uma “forma de conhecimento socialmente elaborada e compartilhada, com um objetivo prático, cujas definições construídas interferem nas práticas frente a um dado objeto social” (PORTO, 2014, p. 62). Portanto, essas mensagens difundidas no âmbito dessa mídia social e relativamente ao evento da chacina em Belém são capazes de produzir e fazer circular representações sobre a violência e o evento.

## AS MANIFESTAÇÕES DOS TWEETS

Quando se clica no ícone de busca do site e digita-se qualquer palavra no canto esquerdo, observa-se uma coluna com várias categorias do que buscar, dentre elas a categoria “Busca Avançada”, espaço que foi utilizado para a coleta dos dados. Nesse espaço aparecem opções de buscas específicas, tais como Palavras, Pessoas, Locais, Data e outros. No resultado da pesquisa, aparecem duas opções: os *tweets* na aba “Top”, que são os *tweets* que tiveram mais relevância; e os *tweets* na aba “Todos”, que são todos os *tweets* que foram postados com a *hashtag* ao longo desse período. Escolheu-se coletar os *tweets* da aba “Todos”. A seleção dessa opção se deu em virtude da maior abrangência do que foi comentado a respeito da chacina em Belém.

De acordo com a ferramenta, o último *tweet* com a *hashtag* foi postado às 21h44m do dia 5 de novembro de 2014, ou seja, percebe-se que não houve *tweets* do dia 6 de novembro com a #ChacinaEmBelem. Ao longo da coleta, rastreamos os *tweets* apresentados na ordem decrescente, indo do mais recente até o mais antigo, por conta da própria ferramenta do Twitter, que só disponibiliza os *tweets* dessa forma. Dada a quantidade de postagens *tweetadas* com a #ChacinaEmBelem, decidiu-se, então, neste primeiro momento, finalizar a análise no último *tweet*, postado às 12h do dia 5 de novembro de 2014.

Nesse sentido, para esta escrita, foram selecionados os 30 *tweets* mais *retwittados*. Foram levadas em consideração as postagens com mais de 10 *retwittes*. Para a análise, foram criadas categorias, conforme o sentido simbólico, o caráter ou a expressão manifestado(a) nos *tweets*, assim definidos: Opinião, Humor, Informação, Ironia, Indignação, Meios, Outros e Medo, conforme a Tabela 2.

Tabela 2 – Identificação dos *tweets* por categoria

<b>Categorias</b>	<b>Total de <i>tweets</i></b>
Opinião	04
Humor	04
Indignação	08
Informação	05
Ironia	06
Meios (institucionais)	01
Medo	01
Outros	01
<b>Total:</b>	<b>30</b>

Fonte: Elaborado pelos pesquisadores.

Na categoria “Opinião”, foram selecionados os *tweets* que apresentavam um parecer pessoal sobre a chacina. Nessa categoria observamos quatro *tweets*, e dentre eles está o que teve o maior número de *retweets*, o *tweet* da ex-candidata à presidência da República, Luciana Genro:

**@lucianagenro:** Esta #ChacinaEmBelem é uma tragédia que mostra a necessidade de desmilitarizar a polícia. Exigimos apuração e punição! Chega de violência! (GENRO, 2014).

O *twitter* de Luciana Genro foi o mais *retwittado*, no período coletado, com mais de 404 *retweets*, dentre as 30 mensagens postadas. A postagem apresenta um repúdio de Genro à violência e advoga uma condição, a desmilitarização da polícia. Na categoria “Ironia”, foram selecionados *twittes* que apontavam o sentido oposto do que queriam dizer, com a construção de enunciados difusos ou polifônicos. Para Brait (1996, p. 15), a ironia pode ser pensada “como uma estratégia de linguagem que, participando da constituição do discurso como fato histórico e social, mobiliza diferentes vozes, instaura a polifonia [...]”; ou seja, pode apresentar aspectos e significados diversos daquilo que está sendo dito ou construído. Nessa categoria foram analisados seis *twittes*. O mais *retwittado* foi o do usuário “Sr. Bocó”:

**@pai\_vieira:** #ChacinaEmBelem, segundo a contagem de corpos do Twitter, toda a população do Pará está morta. (VIEIRA, 2014).

A postagem teve 30 *retwittes*. O usuário ironiza a divergência entre o que a imprensa oficial falava e os boatos que ganhavam as mídias sociais sobre chacina. Na categoria “Humor”, foram selecionados os *tweets* que apresentavam traços de comicidade e que de certa forma, espetacularizavam os acontecimentos da chacina. Mas ao mesmo tempo, essa categoria se intercepta com a da “Ironia”, uma vez, que na postagem, o usuário está questionando o repórter sobre a tranquilidade das ruas em Belém. Nessa categoria houve quatro *tweets* e o segundo mais *retwittado* dentre os 30. O usuário intitulado “Conexão Jamaica” *twittou* a seguinte mensagem – ver Figura 2 – Humor na rede:

Figura 2 – Humor na rede: PrintScreen do tweet do usuário **@eujamaica** “look do dia para hoje #ChacinaEmBelem”



Fonte: JAMAICA, 2014.

O *tweet* do usuário @eujamaica teve 140 *retwittes*. Constatou-se, também, o tom irônico e cômico, ao mesmo tempo, com que o usuário se refere à chacina. A expressão “look do dia” é usada para demonstrar a roupa que alguém está usando em determinado momento. Nesse caso, a usuária a usa em tom irônico: o colete à prova de balas que o repórter da TV Liberal, afiliada da Rede Globo, está usando para “tranquilizar” a população de que tudo estaria normal nas ruas da cidade. A internauta usou o humor para *twittar* sobre a chacina, apresentando personagens do programa Chaves, conforme Figura 3 – Humor e chacina.

Figura 3 – Humor e chacina: PrintScreen do *tweet* do usuário **@\_waitygor**: “Segue imagens de ontem, mataram uma criança numa vila, muito triste #ChacinaEmBelem #impuniade”.



Fonte: SOUZA, 2014.

A postagem teve 21 *retweets* e constatou-se o tom cômico e de humor com que o usuário trabalha um fenômeno social de gravidade, em que dez pessoas foram mortas nos bairros periféricos. A violência ganha características de brincadeira e espetáculo, como bem escreve Sontag (2003, p. 92), ao analisar as fotografias de guerra: “Toda situação tem de se transformar em espetáculo para ser real [...]”. Na categoria “Indignação”, foram selecionadas as postagens que manifestavam descontentamento com a “onda” de violência na capital paraense. Observou-se, um desabafo dos usuários na rede com relação à segurança pública. “Indignação” foi a categoria que mais teve postagens. Das 30 mensagens selecionadas, 8 expressavam sentimentos de indignação e revolta com a situação. A postagem mais *retwissada* foi a do usuário Wilson Rebelo:

**@WilsonRebelo:** “Pronto! Belém é sucesso no twitter! #ChacinaEmBelem entre os 3 primeiros nos tt’s! Triste sina paraense: só vira notícia na hora da desgraça.” (REBELO, 2014).

O *tweet* teve 29 *retweets*. O usuário demonstra sua indignação com o fato da #ChacinaEmBelem ter ficado entre os assuntos mais comentados nos *Trend Topics* do Twitter. Na categoria “Informação” selecionadas postagens que apresentavam notícias de caráter relevante, da perspectiva de entendimento sobre a chacina. As informações *twittadas* foram reproduzidas de matérias já divulgadas nas mídias. Nessa categoria houve cinco *tweets*. O mais *retwissado* foi o do usuário Maurício Santoro:

**@msantoro1978:** “Nota da Anistia Internacional sobre #ChacinaEmBelem: policiais fecharam bairros onde ocorreram assassinatos”. (SANTORO, 2014)

A postagem teve 41 *retweets*. O usuário apenas compartilha um link do site da Anistia Internacional, onde a entidade publicou uma nota pedindo a investigação imediata da chacina ocorrida em Belém (ANISTIA INTERNACIONAL, 2014). Na categoria “Meios” (institucionais), foram selecionados *tweets* provenientes de informações oficiais ou dados sobre a chacina. Nessa categoria, houve um único perfil que usou o a *hashtag*: a BBC Brasil:

**@bbcbrasil:** O programa @BBCtrending quer falar com pessoas que foram avisadas da #ChacinaEmBelem via Whatsapp, por policiais. Você foi uma delas? (BBC BRASIL, 2014).

O *tweet* teve 27 *retweets*. A postagem foi uma resposta ou pergunta aos boatos que se espalharam nas mídias sociais e os supostos áudios de policiais que estavam sendo espalhados pelo WhatsApp, inclusive com a divulgação desse material pelos meios de comunicação, que publicaram nos seus portais de notícias. Na categoria “Medo”, foram

selecionadas postagens em que os usuários manifestaram sentimentos de insegurança, desconforto, intranquilidade e medo. Nessa categoria houve apenas um *tweet*: o da usuária YZE:

**@flymodinha:** “Com essas coisas no tt’s: #ChacinaEmBelem’ ‘Guamá’ ‘Belém’ Já tá até me dando medo de morar aqui mano”. (MONIZE, 2014).

O *tweet* teve 21 *retweets*. A usuária demonstra seu temor de os fatos das *tags* envolvendo assuntos relacionados à chacina estarem nos *TrendingTopics* do Twitter. Na categoria “Outros”, foram selecionadas postagens diferenciadas, que não se encaixaram em nenhuma das categorias acima listadas, mas que tiveram relação com a chacina em Belém. Nessa categoria, identificou-se apenas um perfil que usou a *hashtag*: o do usuário “rafucko”:

**@rafucko:** Relato de Belém #ChacinaEmBelem. <https://www.facebook.com/harrison.lopes1/posts/982087128475412?fref=nf> (PUETTER, 2014).

O *tweet* teve 23 *retweets*. O usuário compartilha o relato de um perfil no Facebook, em que um morador da periferia de Belém conta como foi chegar a sua residência à noite, no momento em que estava acontecendo a chacina. Constatou-se que o *post* teve aproximadamente 303 curtidas e 59 compartilhamentos.

## REFLEXÕES AQUI E PARA ALÉM

Alguns aspectos principais precisam ser considerados no uso do Twitter como mídia informativa e de relação com a sociedade, especificamente no caso da chacina em Belém. Essa mídia tem-se constituído importante espaço de construção de “vozes coletivas” (CARDOZO, 2014). Quando usada estrategicamente, pode possibilitar um engajamento e visibilidade maior dos problemas sociais, ampliando, assim, o poder de interferência da sociedade nas decisões (CASTELLS, 2013).

Constatou-se, assim, que o movimento em torno da #ChacinaEmBelem consistiu em uma mobilização emocional desencadeada pela indignação, mas, ao mesmo tempo, como um espaço sem preocupação com as informações mais relevantes sobre a chacina e a violência. O Twitter foi utilizado como um espaço de desabafo, subsumido com os inúmeros boatos postados, em que a sociedade ficou mais assustada do que esclarecida sobre o que realmente estava acontecendo em Belém. Isso implica, ainda, uma apropriação informal dos fatos, com a opinião se sobrepondo às informações, considerando também a omissão do governo do Estado em fornecer dados sobre as mortes no dia 4 para 5 de novembro de 2014.

Esse evento no Twitter, portanto, permite pensar, como em McLuhan (1997), que os meios não são meramente canais de informação. Fornecem o material para o pensamento, mas também moldam o processo de pensamento. Nesse sentido, tal fenômeno midiático suscita preocupação à medida que uma mídia de alcance realmente global, independentemente de espaço físico, constrói as representações da violência, não fugindo dos estereótipos já bastante combatidos dos cadernos de polícia e dos inúmeros programas de narrativas populares existentes na mídia brasileira.



## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- #CHACINAEMBELEM on Twitter. Disponível em: <<https://twitter.com/hashtag/chacinaembelem>>. Acesso em: 30 jun. 2015.
- ADORNO, Sérgio. Exclusão socioeconômica e violência urbana. *Sociologias*, Porto Alegre, ano 4, n. 8, p. 84-135, jul./dez. 2002.
- ANISTIA INTERNACIONAL. *Nota pública*: Anistia Internacional pede investigação imediata da chacina que ocorreu ontem, 04/11, em Belém (PA). 2014. Disponível em: <<https://anistia.org.br/noticias/nota-publica-anistia-internacional-pede-investigacao-imediata-da-chacina-que-ocorreu-ontem-0411-em-belem-pa/>>. Acesso em: 30 jun. 2015.
- ÁUDIOS acusam que a ordem é para “limpar as ruas”. *DOL*: diário online, Pará, 5 nov. 2014. Disponível em: <<http://www.diarioonline.com.br/noticias/policia/noticia-308100-.html>> Acesso em: 30 jun. 2015.
- BBC BRASIL. O programa @BBCtrending quer falar com pessoas que foram avisadas da #ChacinaEmBelem via Whatsapp, por policiais. Você foi uma delas? Disponível em: <<https://twitter.com/bbcbrasil/status/530041325597786112>>. Acesso em: 30 jun. 2015.
- BELCHIOR, Douglas. Após morte de policial, madrugada de chacina em Belém do Pará. Disponível em: <<http://negrobelchior.cartacapital.com.br/policiais-visam-e-cumprem-chacinamento-em-belem-do-para/>>. Acesso em: 30 jun. 2015.
- BRAIT, Beth. *Ironia em perspectiva polifônica*. Campinas: Editora da Unicamp, 1996. CARDOZO, Missila Lourdes. Twitter: microblog e rede social. *Caderno.Com*, São Caetano do Sul, v. 4, n. 2, p. 24-38, 2009.
- CASTELLS, Manuel. *Redes de indignação e esperança*. Rio de Janeiro: Zahar, 2013.
- CEBRIÁN, Juan Luis. *A rede: como nossas vidas serão transformadas pelos novos meios de comunicação*. São Paulo: Summus, 1999.
- DRAWIN, Carlos Roberto. O paradoxo antropológico da violência. In: ROSÁRIO, Ângela Buciano; KYRILLOS NETO, Fuad; MOREIRA, Jacqueline de Oliveira (Org.). *Faces da violência na contemporaneidade: sociedade e clínica*. Barbacena: EdUEMG, 2011. p. 12-32.
- FERREIRA JUNIOR, Sergio; MENEZES, Alana. Individualização do acontecimento e mortes violentas: as narrativas policiais da mídia impressa paraense. *Temática*, João Pessoa, n. 11, p. 55-70, nov. 2014.
- FURTADO, Victor. Chacina após morte de policial leva pânico aos moradores de Belém (PA). *O Globo*, 5 nov. 2014. Disponível em: <<http://oglobo.globo.com/brasil/chacina-apos-morte-depolicial-leva-panico-aos-moradores-de-belem-pa-14469777>>. Acesso em: 30 jun. 2015.
- GENRO, Luciana. “Esta #ChacinaEmBelem é uma tragédia que mostra a necessidade de desmilitarizar a polícia. Exigimos apuração e punição! Chega de violência!” 2014. Disponível em: <<https://twitter.com/lucianagenro/status/530031541653897216>>. Acesso em: 30 jun. 2015.
- GIDDENS, Anthony. *As conseqüências da modernidade*. São Paulo: Ed. Unesp, 1991.
- JAMAICA, Conexão (@eujamaica): “Look do dia para hoje #ChacinaEmBelem”. 5 nov. 2014, 14:10. Tweet. Disponível em: <<https://twitter.com/eujamaica/status/530029475762024451>>. Acesso em: 30 jun. 2015.
- LOUREIRO, João de Jesus dos Santos; FERREIRA JUNIOR, Sérgio do Espírito Santo; COSTA Alda Cristina. Polícia, mocinhos e vilões: informalidade no Twitter: #ChacinaEmBelém. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO, 38, 2015, Rio de Janeiro, RJ. *Anais...*, Rio de Janeiro: Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação, 2015. Disponível em: <<http://portalintercom.org.br/anais/nacional2015/resumos/R10-1190-1.pdf>>. Acesso em: 30 mar. 2015.
- MCLUHAN, Marshall. *A galáxia de Gutenberg: a formação do homem tipográfico*. São Paulo: Cia. Editora Nacional, 1977.
- MCLUHAN, Marshall. *O meio é a mensagem*. Rio de Janeiro: Imã, 2011a.



- MCLUHAN, Marshall. *Os meios de comunicação como extensões do homem*. 12. ed. São Paulo: Cultrix, 2011b.
- MONIZE (@flymodinha): "Com essas coisas no tt's: #ChacinaEmBelem' 'Guamá' 'Belém' Já tá até me dando medo de morar aqui mano". 5 nov. 2014, 13:01. Tweet. Disponível em: <<https://twitter.com/flymodinha/status/530011944439525376>>. Acesso em: 30 jun. 2015.
- PARÁ. Assembleia Legislativa Estado do Pará. *Comissão Parlamentar de Inquérito para apuração da atuação de grupos de extermínio e milícias no Estado do Pará*: relatório final. Belém: Assembleia Legislativa do Estado do Pará, 2015. Disponível em: <<http://www.movimentodeemaus.org/data/material/RELATORIO-FINAL-CPI-das-Milicias-versao-de-entrega-na-grafica3.pdf>>. Acesso em: 6 jul. 2015.
- PINTO, Lúcio Flávio. Chacina: silêncio de oito meses. *Jornal Pessoal*, 5 jul. 2015. Disponível em: <<https://lucioflaviopinto.wordpress.com/2015/07/05/1610/>> Acesso em: 6 jul. 2015.
- PORTO, Maria Stela Grossi. Mídia, segurança pública e representações sociais. *Tempo Social: Revista de Sociologia da USP*, São Paulo, v. 21, n. 2, p. 211-233, jan. 2009.
- PORTO, Maria Stela. Violência e representações sociais. In: LIMA, Renato Sérgio de; RATTON, José Luiz; AZEVEDO, Rodrigo Ghiringhelli de (Org.). *Crime, polícia e justiça no Brasil*. São Paulo: Contexto, 2014. p. 60-70.
- PUETTER, Rafael. (@rafucko): Relato de Belém #ChacinaEmBelem. 5 nov. 2014, 14:18. Tweet. Disponível em: <<https://twitter.com/rafucko/status/530031352595632128>>. Acesso em: 30 jun. 2015.
- REBELO, Wilson (@WilsonRebelo): "Pronto! Belém é sucesso no Twitter! #ChacinaEmBelem entre os 3 primeiros nos tt's! Triste sina paraense: só vira notícia na hora da desgraça." 5 nov. 2014, 12:47. Tweet. Disponível em: <<https://twitter.com/WilsonRebelo/status/530008558818320385>>. Acesso em: 30 jun. 2015.
- RECUERO, Raquel. *Redes sociais na internet*. Porto Alegre: Sulina, 2009.
- RECUERO, Raquel; ZAGO, Gabriela. Em busca das "redes que importam": redes sociais e capital social no Twitter. *Líbero*, São Paulo, v. 12, n. 24, p. 81-94, dez. 2009.
- SANTAELLA, Lúcia; LEMOS, Renata. *Redes sociais digitais: a cognição conectiva do Twitter*. São Paulo: Paulus, 2010.
- SANTORO, Maurício (@msantoro1978). "Nota da Anistia Internacional sobre #ChacinaEmBelem: policiais fecharam bairros onde ocorreram assassinatos". 5 nov. 2014, 17:07. Tweet. Disponível em: <<https://twitter.com/msantoro1978/status/530074057958776832>>. Acesso em: 30 jun. 2015.
- SEIXAS, Fábio. Micro-blogging. In: SPYER, Juliano (Org.). Para entender a internet: noções, práticas e desafios da comunicação em rede. [S.l.]: NãoZero, 2009. Disponível em: <<http://stoa.usp.br/oerworkshop/files/1333/7925/Para+entender+a+Internet.pdf>>. Acesso em: 6 jul. 2015.
- SODRÉ, Muniz. *Antropológica do espelho: uma teoria da comunicação linear em rede*. 5. ed. Petrópolis: Vozes, 2010.
- SONTAG, Susan. *Diante da dor dos outros*. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.
- SOUZA, Jaime Luiz; CARDOSO, Luiz Fernando; BRITO, Daniel Chaves. Imagens borradas: jovens da periferia de Belém e seus encontros com a polícia. In: BRITO, Daniel Chaves; SOUZA, Jaime Luiz (Org.). *Na periferia do policiamento: direitos humanos, violência e práticas policiais*. Belém: Paka-Tatu, 2013. p. 139-164.
- SOUZA, Ygor (@\_waitygor): "Segue imagens de ontem, mataram uma criança em uma vila, muito triste #ChacinaEmBelem #impunidade". 5 nov. 2014, 13:44. Tweet. Disponível em: <[https://twitter.com/\\_waitygor/status/530022737520381952](https://twitter.com/_waitygor/status/530022737520381952)>. Acesso em: 30 jun. 2015.
- THOMPSON, John B. *A mídia e a modernidade: uma teoria social da mídia*. Petrópolis: Vozes, 1998.

## QUEM SÃO OS AUTORES E AS AUTORAS:

- **Alda Cristina Costa** – professora da Faculdade de Comunicação (Jornalismo e Publicidade e Propaganda) e do Programa de Pós-Graduação Comunicação, Cultura e Amazônia da Universidade Federal do Pará (PPGCom/UFGPA) – Linha 01 - Comunicação, Cultura e Socialidades na Amazônia. Doutora em Ciências Sociais (UFGPA) e Pós-Doutora em Comunicação, Linguagens e Cultura pela Universidade da Amazônia (UNAMA); Coordenadora dos projetos de pesquisa “Mídia e Violência: sentidos e significados na Amazônia” e “Hermenêutica Comunicativa: estudos da Mídia na Amazônia”; uma das coordenadoras do Grupo de Pesquisa Narrativas Contemporâneas na Amazônia Paraense (Narramazônia) e coordenadora do grupo de pesquisa “Hermenêutica e Comunicação – HERMENECOM. E-mail: [aldacristinacosta@gmail.com](mailto:aldacristinacosta@gmail.com).
- **Alana da Silva de Menezes** – Graduada em Comunicação Social – Jornalismo pela Universidade Federal do Pará. Foi bolsista de Iniciação Científica do projeto de pesquisa Mídia e Violência: As Narrativas Midiáticas na Amazônia Paraense. E-mail: [alanadmenezs@gmail.com](mailto:alanadmenezs@gmail.com).
- **Ana Caroliny do Nascimento Pinho** – mestra em Comunicação, Cultura e Amazônia pela Universidade Federal do Pará (UFGPA), especialista em Jornalismo, Cidadania e Políticas Públicas e graduada em Comunicação Social, com habilitação em Jornalismo, ambos pela Universidade da Amazônia (Unama). Possui experiência em rádio, televisão e assessoria de comunicação. No mestrado desenvolveu pesquisa sobre a construção do ódio líquido em veículos de comunicação paraenses. Atualmente, é jornalista do projeto Academia Amazônia (Facom/UFGPA). Email: [anacarolinypinho@gmail.com](mailto:anacarolinypinho@gmail.com)
- **Ana Paula Mesquita** – Mestra pelo Programa de Pós-Graduação em Comunicação, Cultura e Amazônia (PPGCom) da Universidade Federal do Pará (2016-2018), foi bolsista pela Fundação Amazônia de Amparo a Estudos e Pesquisas (Fapespa). Com graduação em comunicação social habilitação em jornalismo pela Universidade da Amazônia (Unama). Atualmente é integrante dos projetos de pesquisas Mídia e Violência: sentidos e significados na Amazônia, e do grupo de pesquisa Narrativas Contemporâneas na Amazônia Paraense (Narramazônia). Doutorando do Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais da Universidade Federal do Pará. E-mail: [anapazmesquita@gmail.com](mailto:anapazmesquita@gmail.com)
- **Erica Marques Dias** – mestranda Programa de Pós-Graduação em Comunicação, Cultura e Amazônia (PPGCom) da Universidade Federal do Pará. Graduada no curso de Comunicação Social, com habilitação em Jornalismo, pela Universidade Federal do Pará (UFGPA), foi bolsista de Iniciação Científica do projeto de pesquisa Mídia e Violência: As Narrativas Midiáticas na Amazônia Paraense (2012) e trabalhou na redação do jornal O Liberal, exercendo a função de repórter estagiária dos cadernos de Polícia e Cidades (2013). Integra os projetos de pesquisa “Mídia e Violência: sentidos e significados na Amazônia” e “Hermenêutica Comunicativa: estudos da Mídia na Amazônia”; e os grupos de pesquisa Narrativas Contemporâneas na Amazônia Paraense (Narramazônia) e “Hermenêutica e Comunicação – HERMENECOM. E-mail: [ericamarquesd@gmail.com](mailto:ericamarquesd@gmail.com)
- **Israel Martins Araújo** foi colaborador do projeto Mídia e Violência durante o ano de 2014, onde se dedicou nas análises de matérias jornalísticas em versão física. Durante seu tempo no projeto objetivou contribuir com sua formação, na época em andamento, em ciências sociais para propor debates que considerassem perspectivas políticas e sociológicas sobre violências nos jornais. Atualmente é mestrando do programa de antropologia social da Universidade de Brasília, onde tem interesses nas temáticas de antropologia da técnica e aprendizagem. email: [israelmacs@gmail.com](mailto:israelmacs@gmail.com)

- **Ivana Claudia Guimarães de Oliveira** - professora de Jornalismo e Publicidade e Propaganda e do Programa de Pós-Graduação Comunicação, Linguagens e Cultura (PPGCLC) da Universidade da Amazônia (UNAMA) – Linha Sociedade, Representação e Tecnologias. Doutora pelo Núcleo de Altos Estudos da Amazônia (NAEA/UFGA). Vice-coordenadora dos projetos de pesquisa Mídia e Violência: sentidos e significados na Amazônia” e Hermenêutica Comunicativa: estudos da Mídia na Amazônia”; e dos Grupos de Pesquisa Narrativas Contemporâneas na Amazônia Paraense (Narramazônia) e “Hermenêutica e Comunicação – HERMENECOM. E-mail: [ivana.professora@gmail.com](mailto:ivana.professora@gmail.com)
- **Kristopher-Jon Peter Samuel** – Graduado em Comunicação Social – Jornalismo pela Universidade Federal do Pará. Foi bolsista de Iniciação Científica do projeto de pesquisa Mídia e Violência: As Narrativas Midiáticas na Amazônia Paraense. E-mail: [kristopher.samuel@hotmail.com](mailto:kristopher.samuel@hotmail.com)
- **João de Jesus dos Santos Loureiro** – Graduado em Comunicação Social – Publicidade e Propaganda pela Universidade Federal do Pará. Foi bolsista de Iniciação Científica do projeto de pesquisa Mídia e Violência: As Narrativas Midiáticas na Amazônia Paraense. E-mail: [joao\\_loureirof@hotmail.com](mailto:joao_loureirof@hotmail.com)
- **Monique Igreja Hadad** – mestra em Comunicação, Cultura e Amazônia pela Universidade Federal do Pará (UFGA), especialista em Comunicação Corporativa pela Escola Superior da Amazônia (Esamaz) e graduada em Comunicação Social, com habilitação em Jornalismo, pela Universidade da Amazônia (Unama). Tem experiência na produção de reportagens televisivas, assessoria de comunicação e produção de conteúdo jornalístico para a Internet. Desenvolveu pesquisa sobre a relação entre tecnologia e interações junto a jovens moradores da ilha de Murutucu, Belém-PA. Atualmente, é assessora de comunicação da Agência de Defesa Agropecuária do Estado do Pará (Adepará). E-mail: [moniredacao@gmail.com](mailto:moniredacao@gmail.com)
- **Nathan Nguangu Kabuenge** é doutorando em Ciências da Comunicação no Programa de Pós-Graduação Comunicação, Cultura e Amazônia da Universidade Federal do Pará (PPGCom/UFGA) - Linha 01 - Comunicação, Cultura e Socialidades na Amazônia. Mestre em Ciências da Comunicação (PPGCom/UFGA). Integrante dos projetos de pesquisa Mídia e Violência: sentidos e significados na Amazônia” e “Hermenêutica Comunicativa: estudos da Mídia na Amazônia”; Integrante dos Grupos de Pesquisa Narrativas Contemporâneas na Amazônia Paraense (Narramazônia) e “Hermenêutica e Comunicação – HERMENECOM. do Grupo de Pesquisa Narrativas Contemporâneas na Amazônia Paraense (Narramazônia). Bolsista da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes). E-mail: [nathannguangu@yahoo.fr](mailto:nathannguangu@yahoo.fr).
- **Sérgio do Espírito Santo Ferreira Júnior** – Doutorando em Comunicação no Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade Federal do Pernambuco (UFPE). Mestre em Ciências da Comunicação pelo Programa de Pós-Graduação Comunicação, Cultura e Amazônia da Universidade Federal do Pará (PPGCom/UFGA). Graduado em Comunicação Social - Jornalismo pela Universidade Federal do Pará (UFGA), com período sanduíche na Universidade do Porto (U.Porto), Portugal. Realizou, em 2017, estágio de pesquisa no Núcleo de Estudos Tramas Comunicacionais: Narrativa e Experiência do Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade Federal de Minas Gerais (PPGCOM/UFMG). Durante a graduação, desenvolveu atividades em projetos de pesquisa, como bolsista PIBIC, e de extensão. É também vencedor do Prêmio Destaque da Iniciação Científica e Tecnológica UFGA 2016 - Grande Área de Ciências Humanas e Sociais, Letras e Artes, promovido pela Pró-Reitoria de Pesquisa e Pós-Graduação da Universidade Federal do Pará.
- **Vitória Mendes Alves** foi colaboradora do projeto Mídia e Violência durante o ano de 2014, período em que foi bolsista de extensão no Academia Amazônia e cursou a graduação em Comunicação Social- Jornalismo. Atualmente é mestra em Planejamento do Desenvolvimento pelo Programa de Pós Graduação em Desenvolvimento Sustentável do Trópico Úmido, do Núcleo de Altos Estudos Amazônicos da Universidade Federal do Para e trabalha com os temas campesinato e sociobiodiversidade amazônica. E-mail: [vimendesalv@gmail.com](mailto:vimendesalv@gmail.com)

## ORGANIZADORAS:

- **Alda Cristina Costa** – professora da Faculdade de Comunicação (Jornalismo e Publicidade e Propaganda) e do Programa de Pós-Graduação Comunicação, Cultura e Amazônia da Universidade Federal do Pará (PPGCom/UFGPA) – Linha 01 - Comunicação, Cultura e Socialidades na Amazônia. Doutora em Ciências Sociais (UFGPA) e Pós-Doutora em Comunicação, Linguagens e Cultura pela Universidade da Amazônia (UNAMA); Coordenadora dos projetos de pesquisa “Mídia e Violência: sentidos e significados na Amazônia” e “Hermenêutica Comunicativa: estudos da Mídia na Amazônia”; uma das coordenadoras do Grupo de Pesquisa Narrativas Contemporâneas na Amazônia Paraense (Narramazônia) e coordenadora do grupo de pesquisa “Hermenêutica e Comunicação – HERMENECOM. E-mail: [aldacristinacosta@gmail.com](mailto:aldacristinacosta@gmail.com)
- **Celia Regina Trindade Chagas Amorim** – Pós-doutora pelo Centro de Estudos Sociais da Universidade de Coimbra (CES/UC), Portugal (2018-2019). Possui doutorado (2008) e mestrado (2002) em Comunicação e Semiótica pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP), com bolsas do CNPq-Brasil. Formada em Comunicação Social/Jornalismo pela Universidade Federal do Pará (1992) com atuação na área. Professora Associada I da Faculdade de Comunicação Social da Universidade Federal do Pará e do Programa de Pós-Graduação em Comunicação, Cultura e Amazônia (PPGCOM) da mesma instituição. Coordena o Grupo de Pesquisa e projeto Mídias Alternativas na Amazônia (CNPq-UFGPA) e o projeto de pesquisa Cidadania comunicativa: desafios, lutas e direitos compartilhados na Amazônia. É co-editora do Alice News CES/UC, pertencente ao grupo de pesquisa liderado pelo professor Boaventura de Sousa Santos. E-mail: [celia.trindade.amorim@gmail.com](mailto:celia.trindade.amorim@gmail.com)
- **Ivana Claudia Guimarães de Oliveira** – professora de Jornalismo e Publicidade e Propaganda e do Programa de Pós-Graduação Comunicação, Linguagens e Cultura (PPGCLC) da Universidade da Amazônia (UNAMA) – Linha Sociedade, Representação e Tecnologias. Doutora pelo Núcleo de Altos Estudos da Amazônia (NAEA/UFGPA). Vice-coordenadora dos projetos de pesquisa Mídia e Violência: sentidos e significados na Amazônia” e “Hermenêutica Comunicativa: estudos da Mídia na Amazônia”; e dos Grupos de Pesquisa Narrativas Contemporâneas na Amazônia Paraense (Narramazônia) e “Hermenêutica e Comunicação – HERMENECOM. E-mail: [ivana.professora@gmail.com](mailto:ivana.professora@gmail.com)

## PREFÁCIO

- **Kátia Marly Leite Mendonça** – Bolsista de Produtividade do CNPq. Professora Titular da UFGPA- Universidade Federal do Pará. Possui Doutorado em Ciência Política pela Universidade de São Paulo. Realizou Pós-Doutorado em Ética na Universidad Pontificia Comillas. Pesquisadora associada do grupo de pesquisa Fundamentos filosóficos de la idea de solidaridad: alteridad, diálogo, barbarie (Universidad Pontificia Comillas/Madrid). Membro do PPG- Programa de Pós Graduação em Ciências da Religião da UEPA - Universidade do Estado do Pará e do PPGSA- Programa de Pós-Graduação em Sociologia e Antropologia da UFGPA - Universidade Federal do Pará. Trabalha no momento com estudos voltados para a relação entre ética, arte e sociedade. E-mail: [guadalupelourdes@hotmail.com](mailto:guadalupelourdes@hotmail.com)

**MÍDIA E VIOLÊNCIA:  
AS NARRATIVAS MUDIÁTICAS NA AMAZÔNIA PARAENSE**

# **ANEXO I**

Profa. Alda Cristina Costa

**Bolsistas:**

Alana Menezes  
Érica Marques  
Kristopher Jon-Peter Samuel  
Nathan Nguangu Kabuenge  
Sergio Ferreira do Espírito Santo

**GRÁFICOS E TABELAS - 1ª ETAPA DO PROJETO**  
**MÍDIA E VIOLÊNCIA: As narrativas midiáticas na Amazônia Paraense**

**DADOS DO MAPEAMENTO DO JORNAL AMAZÔNIA**

Manchetes	
Tipo	Quantidade
Agressivas	102
Irônicas e preconceituosas	-
Irônicas	20
Diversas	139
Aspeadas	6

Tabela 1: Tipos de manchete registrados no Amazônia Jornal, mai. 2013.  
 Fonte: Amazônia Jornal

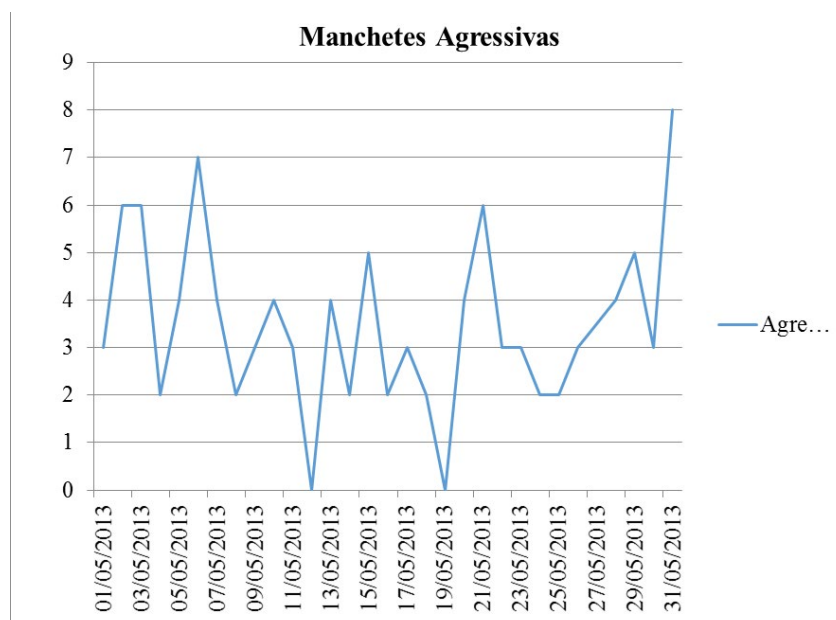


Gráfico 1: Tipos de manchete registrados no Amazônia Jornal registrados por dia, mai. 2013.  
 Fonte: Amazônia Jornal

Fotos Violentas	58
Fotos dos Acusados	133
Ilustrações	2
Fotos Diversas	286
Sem Fotos	69

Gráfico 2: Fotos violentas no Amazônia Jornal registrados por dia, mai. 2013.  
Fonte: Amazônia Jornal

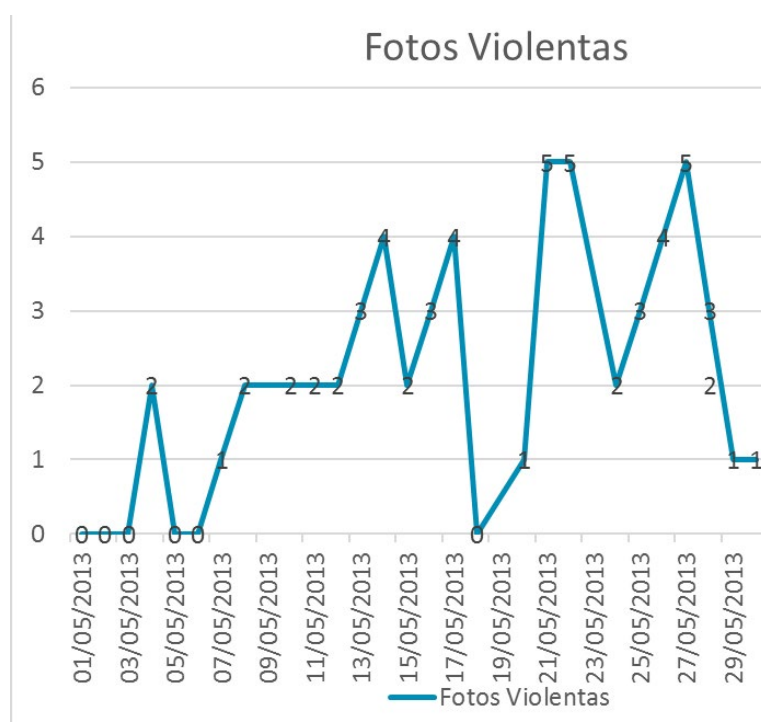


Gráfico 2: Fotos violentas no Amazônia Jornal registrados por dia, mai. 2013.  
Fonte: Amazônia Jornal

Fontes	
Tipo	Quantidade
Polícia Civil	83
Polícia Militar	94
Testemunhas	44
Outros	182
Corpo dos Bombeiros	5
Sem Fontes	6

Tabela 3 Tipos de fontes registradas no Amazônia Jornal, mai. 2013.  
Fonte: Amazônia Jornal

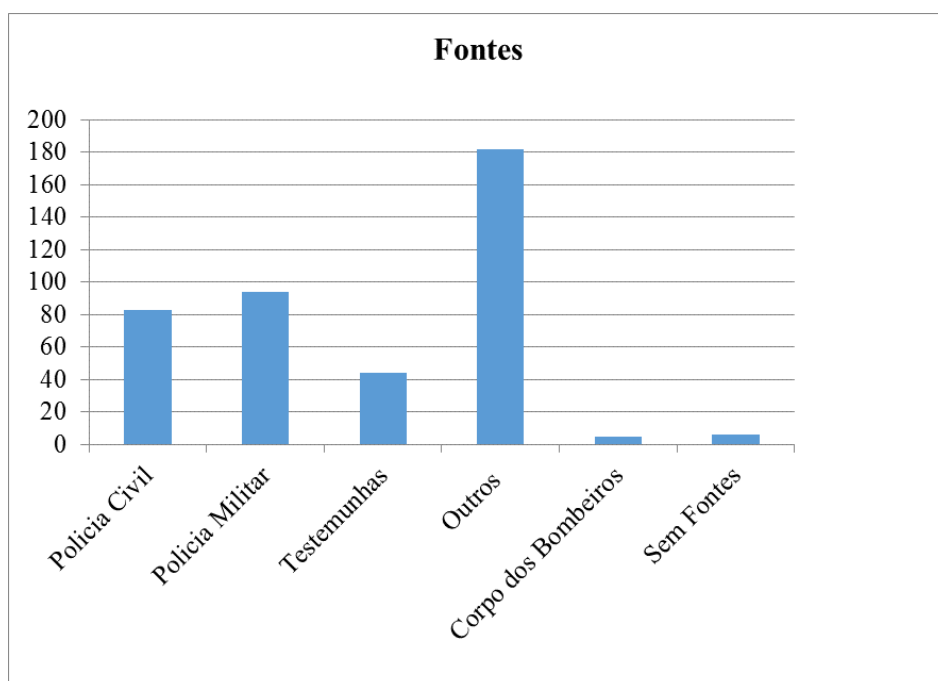


Gráfico 3: Tipos de fontes registradas no Amazônia Jornal, mai. 2013.  
Fonte: Amazônia Jornal



<b>Tipos de crime</b>	
<b>Tipo</b>	<b>Quantidade</b>
Tráfico de drogas	24
Homicídio	21
Roubo	26
Assalto	22
Acidente de Transito	29
Porte ilegal de arma	15
Assassinato	44
Agressão física	13

Tabela 4: Principais tipos de crime registrados no Amazônia Jornal, mai. 2013.  
Fonte: Amazônia Jornal

Estupro de vulnerável	Cárcere privado
Formação de Quadrilha	Abuso Sexual
Tentativa de Homicídio	Exercício ilegal de medicina
Latrocínio	Latrocínio
Injúria	Furto qualificado
Invasão de terra pública	Foragido de justiça
Associação ao tráfico de drogas	Formação de quadrilha
Assédio sexual	Tentativa de Roubo
Acidente domestico	Tentativa de Assalto
Porte ilegal de munição de uso restrito	Tentativa de Assassinato
Furto qualificado	Tentativa de homicídio
Falsidade Ideológica	Tentativa de estupro
Não identificado	Violência domestica
Estrupo de vulnerável	Sequestro
Estrupo	Recepção dolosa do veículo
Linchamento	Ameaça de morte
Contrabando	Associação ao tráfico de drogas
Corrupção	Sequestro
Crime fundiário	Cárcere privado
Falsificação ideológica	Abuso de poder
Violência escolar	Violência urbana
Recepção de objeto Roubado	Recepção dolosa de veículo

Tabela 5: Demais tipos de crime registrados no Amazônia Jornal, mai. 2013.  
Fonte: Amazônia Jornal

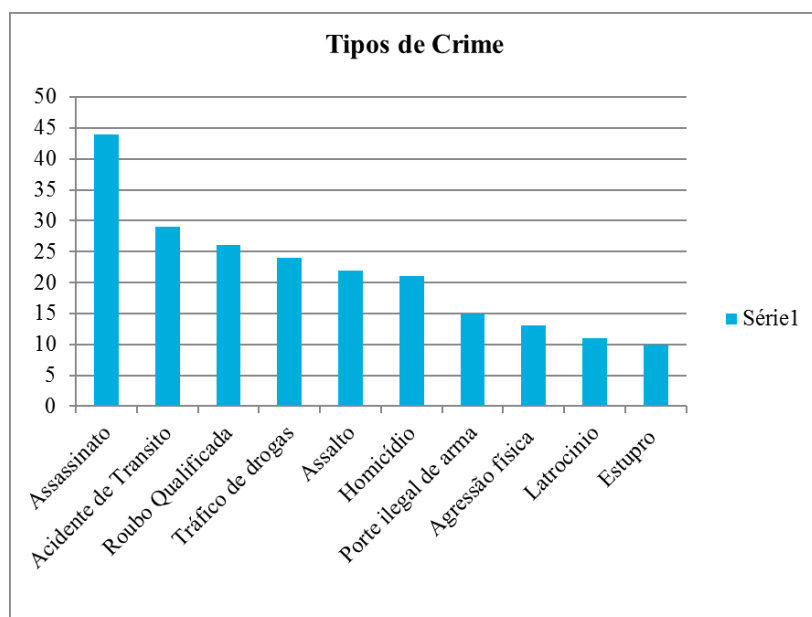


Gráfico 4: Principais tipos de crime registradas no Amazônia Jornal, mai. 2013.  
Fonte: Amazônia Jornal

Acusado	Não Ident.	0-14	15-20	21-25	26-30	31-35	36-40	41-45	46-50	51-55	56-60	61-65
<b>Homem</b>	258	6	41	27	16	13	10	3	11	1	1	1
<b>Mulher</b>	22		5	1	2	3						
<b>Não Ident.</b>	48											

Tabela 6: Faixa etária dos acusados registrados no Amazônia Jornal, mai. 2013.  
Fonte: Amazônia Jornal

<b>Branco</b>	-
<b>Negro</b>	13
<b>Pardo</b>	125
<b>Índio</b>	0
<b>Oriental</b>	0
<b>Não identificado</b>	183
<b>Total</b>	321

Tabela 7: Etnia dos acusados registrados no Amazônia Jornal, mai. 2013.  
Fonte: Amazônia Jornal

Vítima	Não Ident.	0-14	15-20	21-25	26-30	31-35	36-40	41-45	46-50	51-55	56-60	61-65	66-70	71-75	76-80
Homem	123	6	15	16	9	10	4	2	3	4	2			3	1
Mulher	62	18	4	3	3	2			2	1	1	3	1		
Não Ident.	107														
H. de 80 anos	1														

Tabela 8: Faixa etária das vítimas registrada no Amazônia Jornal, mai. 2013.

Fonte: Amazônia Jornal

Branco	-
Negro	9
Pardo	20
Índio	0
Oriental	0
Não identificado	257
Total	286

Tabela 9: Etnia das vítimas registrada no Amazônia Jornal, mai. 2013.

Fonte: Amazônia Jornal

Belém	112
Ananindeua	32
Icoaraci e Uruará	6
Marituba	12
Castanhal	8
Não identificado	8
Mosqueiro	3
São Miguel do Guamá	3
Marabá	4
Santarém	7

Tabela 10: Municípios do Pará com mais ocorrências de crimes registrados no Amazônia Jornal, mai. 2013.

Fonte: Amazônia Jornal

Outeiro	Abaetetuba
Barcarena	Acará
Brasil Novo	Água Azul do Norte
Benevides	Alenquer
Florianópolis	Almerim
Igarapé-miri	Anapu
Ipixuna do Pará	Itaúna
Jacareacanga	Nova Esperança
Mãe do Rio i	Nova Ipixuna
Marajó	Obidos
Moraes Almeida	Paragominas
Redenção	Peixe-Bo
Salinópolis	Santa Isabel
Santa Bárbara	Santa Maria das Barreiras
Santa Maria do Pará	Senador José Porfírio
Tucuruí	

Tabela 11: Demais municípios do Pará com ocorrências de crimes registrados no Amazônia Jornal, mai. 2013.  
Fonte: Amazônia Jornal

Não identificado	82
Barreiro	8
Marco	8
Marambaia	9
Icuí-Guajará	
Pedreira	7
Guamá	6
Tapanã	6
Cremação	6
Cabanagem	5
Batista Campos	4
São Brás	4
Terra Firme	4
Águas Lindas	3
Distrito Industrial	3
Pratinha II	3
Sacramenta	3

Tabela 12: Bairros de municípios do Pará com mais ocorrências de crimes registrados no Amazônia Jornal, mai. 2013.  
Fonte: Amazônia Jornal

Aguas Lindas	Almir Gabriel
Ariramba	Amapá
Aurá	Condor
Bengui	Dom Aristides
Batista Campos	Bengui
Bairro Centro	Brasília
Boa Esperança	Cidade Nova
Cidade Velha	Coqueiro
Comercio	Paar
Cremação	Pedreira
Campina	Cabanagem
Capanema	Sideral
Canudos	Terra Firme
Canaã	Condor
Coqueiro	Cutijuba
Cidade Nova	Cariri
Cidade Nova 4	Cidade Nova 5
Cidade Velha	Cidade Nova 6
Aeroporto	Cidade Nova 2
Dom Aristides	Jurunas

Jardim Sideral	Jaderlândia
Jiboia Branca	Pinheirinho
Levilândia	Prai alta-Piranheira
Moacir	Parque Guajará
Maracacuera	São João
Marex	São Félix
Mirizal	São Manoel
Maracacuera	Sideral
Nova Brasil	Velha Marabá
Nova Olinda	Vila Alvorada
Paar	Vila France
Patauateua	Vila Nova
Ramal Curuperé	Vila
Reduto	Val de Cães
Souza	Umarizal
Telegrafo	
Tenoné	
Vila Munguba	

Tabela 13: Demais bairros de municípios do Pará com ocorrências de crimes registrados no Amazônia Jornal, mai. 2013.  
Fonte: Amazônia Jornal

Agressivas	128
Irônicas e preconceituosas	0
Irônicas	0
Diversas	109
Aspeadas	2

Tabela 14: Tipos de manchete registrados no Amazônia Jornal, jun. 2013.  
Fonte: Amazônia Jornal

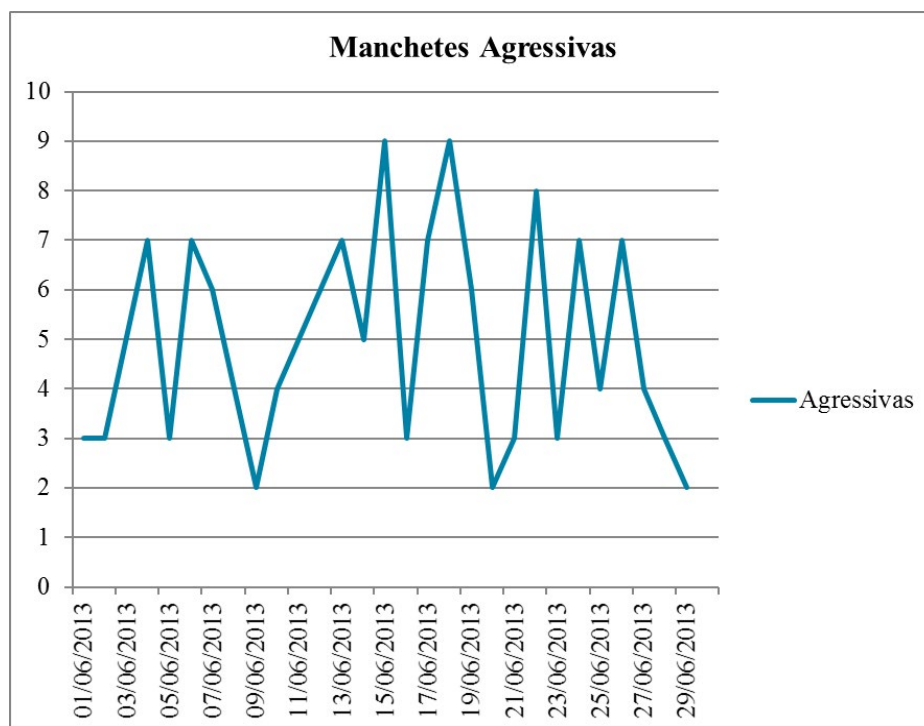


Gráfico 5: Manchetes agressivas registradas no Amazônia Jornal por dia, jun. 2013.  
Fonte: Amazônia Jornal

Fotos violentas	62
Fotos dos Acusados	133
Ilustrações	0
Fotos Diversas	270
Sem Fotos	0

Tabela 14: Tipos de fotos registradas no Amazônia Jornal, jun. 2013.  
Fonte: Amazônia Jornal

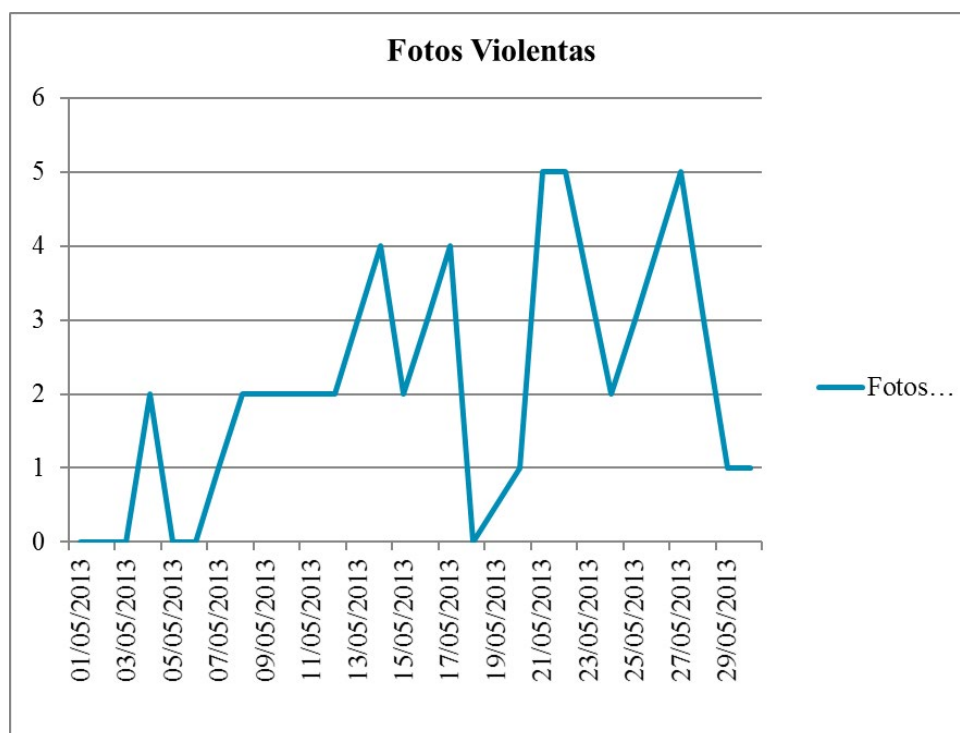


Gráfico 6: Fotos violentas no Amazônia Jornal registrados por dia, jun. 2013.  
Fonte: Amazônia Jornal

Polícia Civil	72
Polícia Militar	84
Testemunhas	81
Outros	93
Corpo de Bombeiros	2
Sem Fonte	7

Tabela 15: Tipos de fontes registradas no Amazônia Jornal, jun. 2013.  
Fonte: Amazônia Jornal

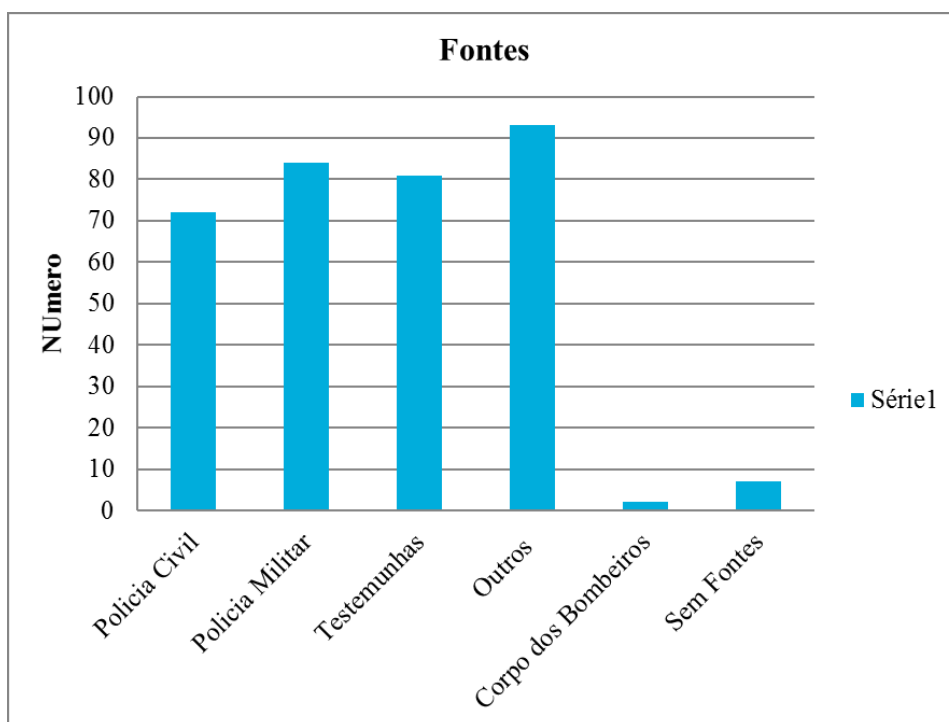


Gráfico 7: Tipos de fontes registradas no Amazônia Jornal, jun. 2013.  
Fonte: Amazônia Jorna

Homicídio	25
Tráfico de drogas	29
Assalto	36
Roubo	21
Porte ilegal de arma	6
Assassinato	24
Acidente de trânsito	25
Não identificado	3

Tabela 16: Principais tipos de crime registrados no Amazônia Jornal, jun. 2013.  
Fonte: Amazônia Jornal



Estupro
Sequestro
Agressão
Exercício ilegal da profissão
Furto
Ameaça de morte
Maus tratos
Recepção Qualificada
Tráfico Humano
Estelionato
Desacato a autoridade
Tentativa de assassinato
Tentativa de roubo
Latrocínio
Suicídio

Tabela 17: Demais tipos de crime registrados no Amazônia Jornal, jun. 2013.  
 Fonte: Amazônia Jornal

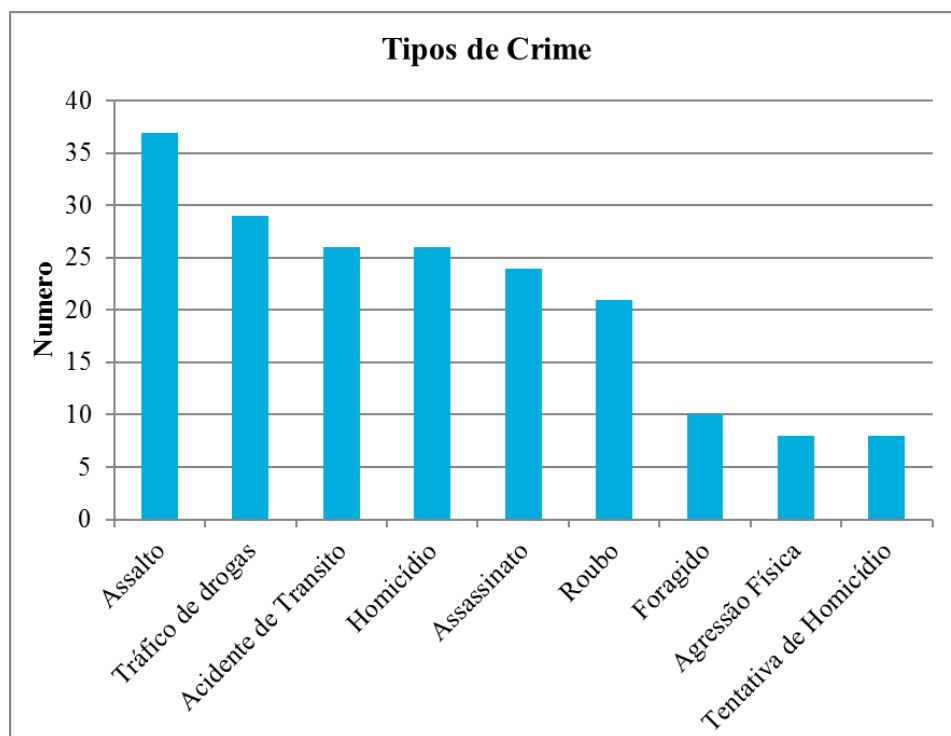


Gráfico 8: Principais tipos de crime registradas no Amazônia Jornal, jun. 2013.  
 Fonte: Amazônia Jornal

<b>Acusado</b>	<b>Não Ident.</b>	<b>0-14</b>	<b>15-20</b>	<b>21-25</b>	<b>26-30</b>	<b>31-35</b>	<b>36-40</b>	<b>41-45</b>	<b>46-50</b>	<b>51-55</b>	<b>56-60</b>	<b>61-65</b>	<b>66-70</b>	<b>71-74</b>	<b>75-79</b>
<b>Homem</b>	76	1	53	33	19	11	4	2	2	0	0	0	1		
<b>Mulher</b>	8		2	3	1	1	1						1		1
<b>Não ident.</b>	38														

Tabela 18: Faixa etária dos acusados registrados no Amazônia Jornal, jun. 2013.  
Fonte: Amazônia Jornal

Branco	0
Negro	16
Pardo	123
Índio	0
Oriental	0
Não identificado	200
Total	339

Tabela 19: Etnia dos acusados registrados no Amazônia Jornal, jun. 2013.  
Fonte: Amazônia Jornal

<b>Vítima</b>	<b>Não Ident.</b>	<b>0-14</b>	<b>15-20</b>	<b>21-25</b>	<b>26-30</b>	<b>31-35</b>	<b>36-40</b>	<b>41-45</b>	<b>46-50</b>	<b>51-55</b>	<b>56-60</b>	<b>61-65</b>	<b>66-70</b>	<b>71-75</b>	<b>76-80</b>	<b>81-85</b>	<b>86-90</b>	<b>91-95</b>
<b>Homem</b>	47	3	8	14	11	11	2	4	3	0	2	1	1	0	0	0	0	0
<b>Mulher</b>	30	4	3	3	1	2	0		2	0	1	0	0	1	2	0	0	0
<b>Não ident.</b>	92																	

Tabela 20: Faixa etária das vítimas registrada no Amazônia Jornal, jun. 2013.  
Fonte: Amazônia Jornal

Branco	0
Negro	6
Pardo	28
Índio	0
Oriental	0
Não identificado	209
Total	243

Tabela 21: Etnia das vítimas registrada no Amazônia Jornal, jun. 2013.  
Fonte: Amazônia Jornal

Belém	115
Ananindeua	31
Castanhal	5
Marituba	9
Icoaraci	1
Marabá	1
Santa Izabel do Pará	2
Outeiro	0

Tabela 22: Municípios do Pará com mais ocorrências de crimes registrados no Amazônia Jornal, jun. 2013.  
Fonte: Amazônia Jornal

Uruará	Rondon do Pará
Barcarena	Aurora do Pará
Benevides	Pau D'arco
Itaituba	Jacundá
Ulianópolis	Água Azul do Norte
Rurópolis	São João de Pirabas
Altamira	Igarapé- Açu
Mãe do Rio	Marambaia
Tucuruí	Salinópolis
Redenção	Jacareacanga
Paragominas	Vigia de Nazaré
Boa Vista do Gurupi	Tailândia
Santo Antônio do Tauá	Canaã dos Carajás
Vigia	Santarém
Colares	São João de Pirabas
Soure	Abaetetuba
Parauapebas	
Almerin	
São Félix do Xingu	

Tabela 23: Demais municípios do Pará com ocorrências de crimes registrados no Amazônia Jornal, jun. 2013.  
Fonte: Amazônia Jornal

Não identificado	84
Distrito Industrial	0
Coqueiro	3
Marco	3
Curuçamba	2
Marambaia	1
Bengui	2
Barreiro	7

Tabela 24: Bairros de municípios do Pará com mais ocorrências de crimes registrados no Amazônia Jornal, jun. 2013.

Fonte: Amazônia Jornal

Tapanã	Juazeiro	40 Horas
Sacramenta	Vila Munguba	Bom Jesus
Pedreira	Nova Marába	Ianetama
São Brás	Alça Viária	Novo
Jurunas	Pratinha II	Fama
Telégrafo	Cabanagem	Boa Esperança
PAAR	São Francisco	Castanheira
Jaderlândia	UMA	Uruará
Comércio	Guamá	Icuí-Guajará
Cruzeiro	Cidade Nova IV	Dom Aristides
Maguari	Batista Campos	Paracuri
Decouville	Doca	Cremação
Águas Lindas	Cidade Nova	Utinga
Cidade Velha	Caiçaras	
Tenoné	Santa Lídia	
Sideral	Entrocamento	
Campina	Guanabara	
São João	Imperial	
Pratinha	Augusto Montenegro	
Igarapé do Tucundumba	Val-de-Cans	

Tabela 25: Demais bairros de municípios do Pará com ocorrências de crimes registrados no Amazônia Jornal, jun. 2013.

Fonte: Amazônia Jornal

Agressivas	46
Irônicas e preconceituosas	18
Irônicas	12
Diversas	57
Aspeadas	-----

Tabela 26: Tipos de manchete registrados no Amazônia Jornal, set. 2013.  
Fonte: Amazônia Jornal

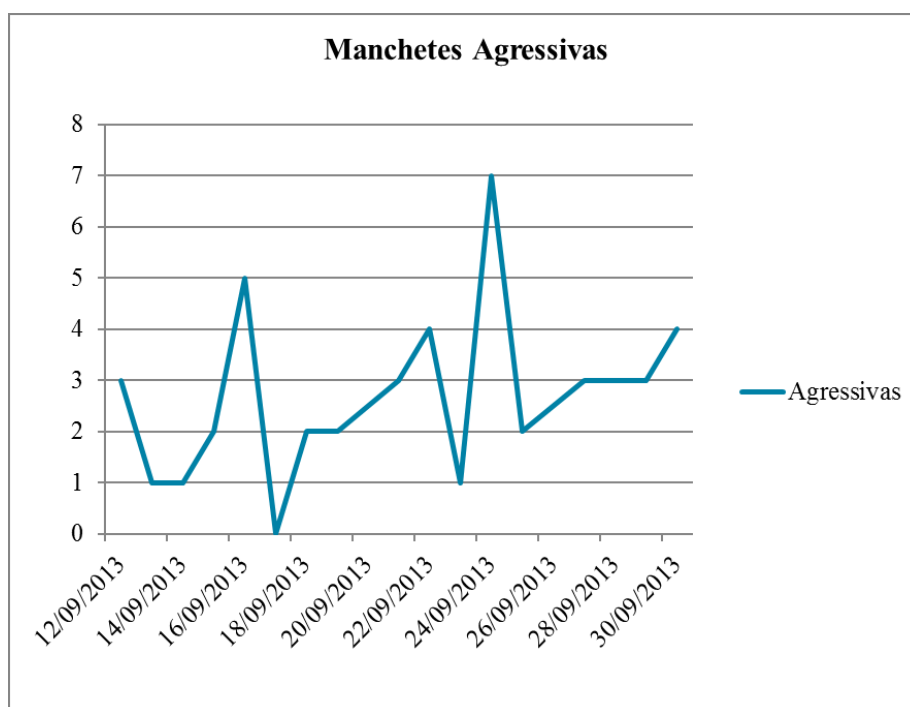


Gráfico 9: Manchete agressivas registradas no Amazônia Jornal registradas por dia, set. 2013.  
Fonte: Amazônia Jornal

Fotos Violentas	40
Fotos dos Acusados	123
Ilustrações	-----
Fotos Diversas	197
Sem Fotos	31

Tabela 27: Fotos violentas no Amazônia Jornal registradas por dia, set. 2013.  
Fonte: Amazônia Jornal

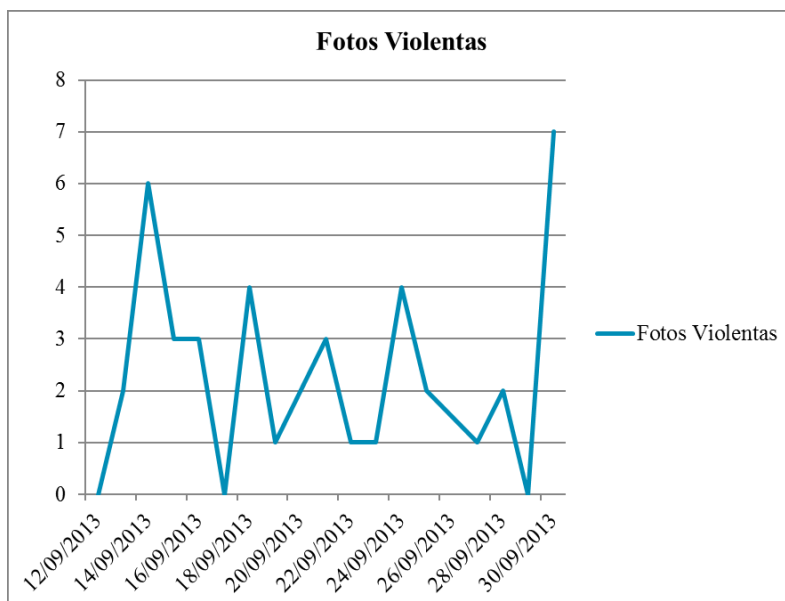


Gráfico 10: Fotos violentas no Amazônia Jornal registrados por dia, set. 2013.  
Fonte: Amazônia Jornal

Polícia Civil	41
Polícia Militar	63
Testemunhas	31
Outros	45
Corpo dos Bombeiros	2
Sem Fontes	4

Tabela 28: Tipos de fontes registradas no Amazônia Jornal, set. 2013.  
Fonte: Amazônia Jornal

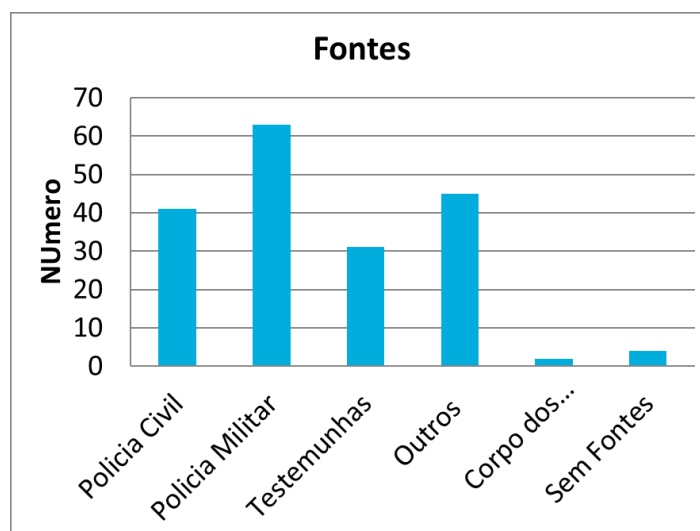


Gráfico 11: Tipos de fontes registradas no Amazônia Jornal, set. 2013.  
Fonte: Amazônia Jornal

Tráfico de drogas	18
Homicídio	7
Roubo	14
Assalto	5
Acidente de Transito	12
Porte ilegal de arma	6
Assassinato	32
Furto e Estelionato	4

Tabela 29: Principais tipos de crime registrados no Amazônia Jornal, set. 2013.  
Fonte: Amazônia Jornal

Acidente domestico	Cárcere privado
Acidente Fluvial	Abuso Sexual
Ameaça	Arrombamento
Latrocínio	"Asfixiação"
Agressão à Mulher	Envenenamento
Afogamento	Suicídio
Associação ao tráfico de drogas	Violência Doméstica
Crime ambiental	Castração
Danificação do Patrimônio Publico	Assalto com refém
Estelionato	Recepção dolosa do veículo
Furto qualificado	Disparo de arma de fogo
Lesão Corporal	Corrupção Ativa e Passiva
Corrupção de menor de idade	Piratearia
Falsidade Ideológica	Posse de munição de uso restrito
Sequestro	Não identificado
Embriaguez	Destruição de patrimônio privado
Estupro	Conjunção carnal
Estupro de vulnerável	Falsificação de documento
Formação de Quadrilha	Exercício ilegal da profissão
Tentativa de assalto	Recepção de objetos roubados
Tentativa de Infanticídio	

Tabela 30: Demais tipos de crime registrados no Amazônia Jornal, set. 2013.  
Fonte: Amazônia Jornal

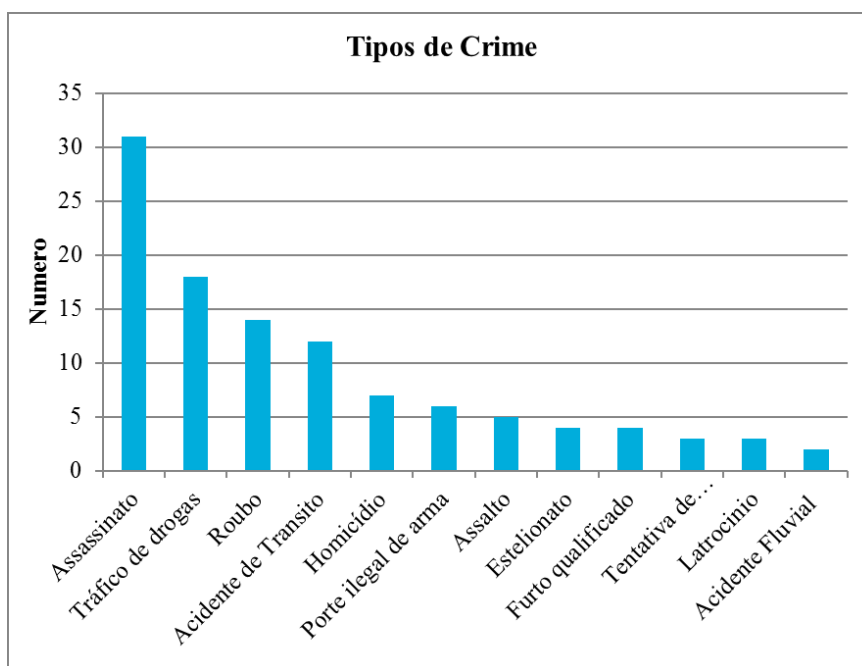


Gráfico 12: Principais tipos de crime registradas no Amazônia Jornal, set. 2013.  
Fonte: Amazônia Jornal

Acusado	Não Ident.	0-14	15-20	21-25	26-30	31-35	36-40	41-45	46-50	51-55	56-60	61-65
Homem	171	3	33	18	7	5	4	1	1	1		
Mulher	14		2	1	1							
Não Ident.	27											

Tabela 31: Faixa etária dos acusados registrados no Amazônia Jornal, set. 2013.  
Fonte: Amazônia Jornal

Branco	-----
Negro	7
Pardo	74
Índio	0
Oriental	0
Não identificado	120
Total	201

Tabela 32: Etnia dos acusados registrados no Amazônia Jornal, set. 2013.  
Fonte: Amazônia Jornal



Vítima	Não Ident	0-14	15-20	21-25	26-30	31-35	36-40	41-45	46-50	51-55	56-60	61-65	66-70	71-75	76-80
Homem	74	2	12	8	6	6	4	3		2			1		
Mulher	60	2	1		2	1	1								
Não Ident.	60														

Tabela 33: Faixa etária das vítimas registrada no Amazônia Jornal, set. 2013.  
Fonte: Amazônia Jornal

Branco	-----
Negro	9
Pardo	19
Índio	0
Oriental	0
Não identificado	114
Total	142

Tabela 34: Etnia das vítimas registrada no Amazônia Jornal, set. 2013.  
Fonte: Amazônia Jornal

Belém	43
Ananindeua	20
São Miguel do Guamá, Uruará	2
Marituba	5
Não Identificado	19
Viseu, Benevides	2
Santa Isabel	2
Santarém	5

Tabela 35: Municípios do Pará com mais ocorrências de crimes registrados no Amazônia Jornal, set. 2013.  
Fonte: Amazônia Jornal

Outeiro	Mosqueiro
Barcarena	Rondônia
Marabá	Rurópolis
Brasil Novo	São Caetano de Odivelas
Oriximiná	São Félix do Xingu
Igarapé-miri	Tirarão
Jacundá	São João da Ponta
Moju	Ilha do Cotijuba

Almeirim	Ourém
Altamira	Capitão Poço
Rondon do Pará	Ipixuna do Pará
Salinópolis	Marudá
Santa Barabara	Benevides
Soure	Mocajuba
Tucuruí	Itupiranga
Aurora do Pará	Xinguara
Vigia	Itaituba
Tailandia	Uruará
Abaetetuba	Igarapé-Açu

Tabela 36: Demais municípios do Pará com ocorrências de crimes registrados no Amazônia Jornal, set. 2013.  
Fonte: Amazônia Jornal

Não Identificado	36
Paar	3
Tapanã	3
Marco	5
Cremação	5
Jurunas	5
Sacramenta	3
40 Horas	3
Icuí-Guajara	3
Val-de-cães	3

Tabela 37: Bairros de municípios do Pará com mais ocorrências de crimes registrados no Amazônia Jornal, set. 2013.  
Fonte: Amazônia Jornal

Cidade Nova	Condor
Coqueiro	Dom Aristides
Cremação	Canudos
Guanabara	Nazaré
Jurunas	Cidade Nova 5
Tenoné	Cidade Nova 6
Benfica	Terra Firme
Agua Brancas	Ariramba
Barreiro	Aurá
Bairro Novo	Umarizal
Florestal	Alto Município

Miranda	Julio Seffer
Souza	Telégrafo
Utinga	Cruzeiro
Cidade Nova 8	Curió-Utinga
	Guajará
Guamá	Jardim de Santarém
Independência	Pedreirerinha
Marambaia	Outeiro
Paracuri	Reduto
Pratinha	Utinga

Tabela 38: Demais bairros de municípios do Pará com ocorrências de crimes registrados no Amazônia Jornal, set. 2013.  
Fonte: Amazônia Jornal

Agressivas	125
Irônicas e preconceituosas	0
Irônicas	3
Diversas	107
Aspeadas	4

Tabela 39: Tipos de manchete registrados no Amazônia Jornal, out. 2013.  
Fonte: Amazônia Jornal

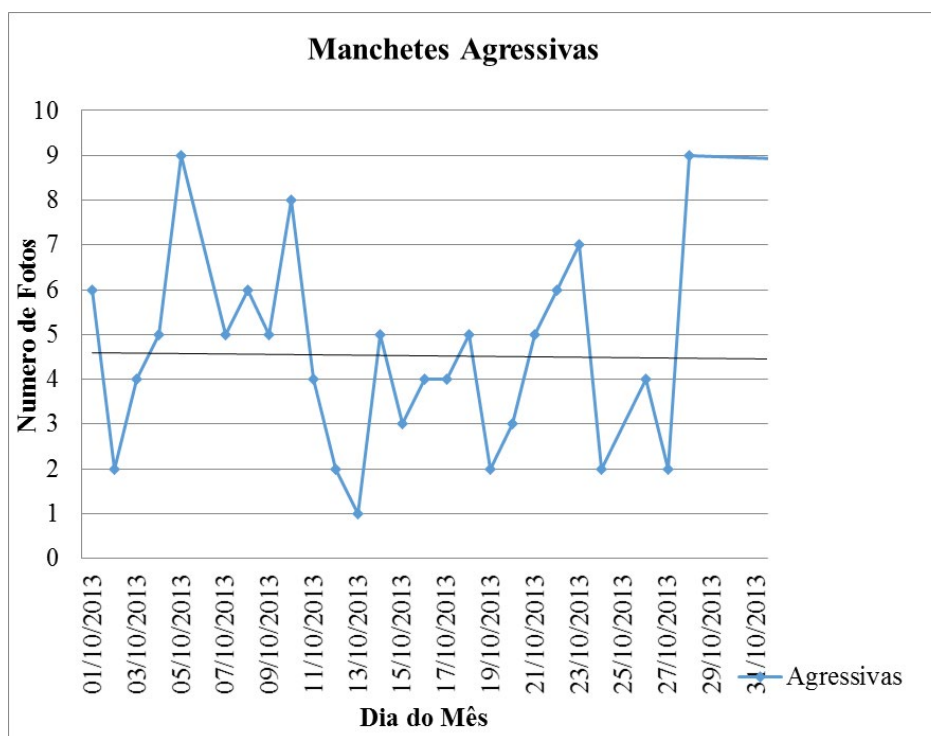


Gráfico 13: Manchetes agressivas registradas no Amazônia Jornal registrados por dia, out. 2013.  
Fonte: Amazônia Jornal

Fotos Violentas	64
Fotos dos Acusados	160
Ilustrações	1
Fotos Diversas	273
Sem Fotos	0

Tabela 40: Fotos violentas no Amazônia Jornal registrados por dia, out. 2013.  
Fonte: Amazônia Jornal

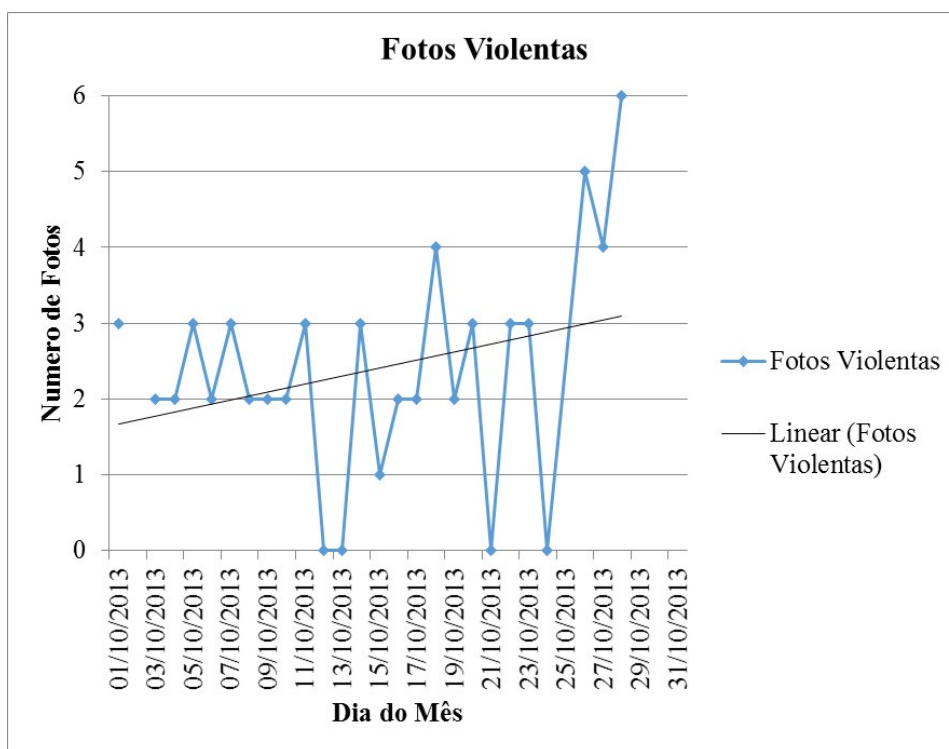


Gráfico 14: Fotos violentas no Amazônia Jornal registrados por dia, out. 2013.  
Fonte: Amazônia Jornal

Polícia Civil	92
Polícia Militar	84
Testemunhas	54
Outros	84
Corpo de bombeiros	5
Sem fontes	3

Tabela 41: Tipos de fontes registradas no Amazônia Jornal, out. 2013.  
Fonte: Amazônia Jornal

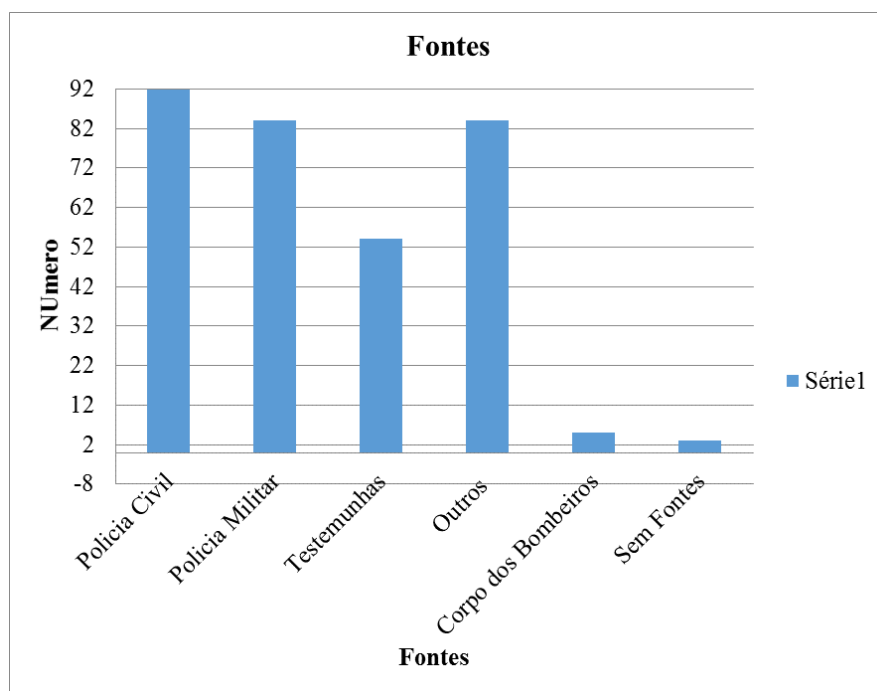


Gráfico 15: Tipos de fontes registradas no Amazônia Jornal, out. 2013.  
Fonte: Amazônia Jornal

Homicídio	32
Tráfico de drogas	38
Assalto	15
Roubo	19
Porte ilegal de arma	13
Assassinato	18
Acidente de trânsito	18
Não identificado	12

Tabela 42: Principais tipos de crime registrados no Amazônia Jornal, out. 2013.  
Fonte: Amazônia Jornal

Estupro	Ameaça de morte	Desacato a autoridade
Sequestro	Maus tratos	Tentativa de assassinato
Agressão	Recepção Qualificada	Tentativa de roubo
Exercício ilegal da profissão	Tráfico Humano	Latrocínio
Furto	Estelionato	Suicídio

Tabela 43: Demais tipos de crime registrados no Amazônia Jornal, out. 2013.  
Fonte: Amazônia Jornal

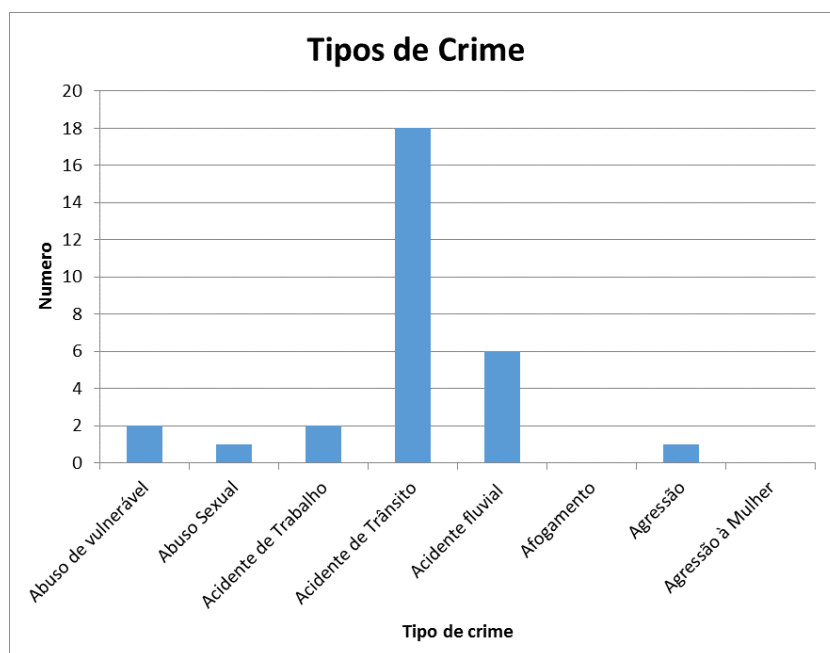


Gráfico 16: Principais tipos de crime registradas no Amazônia Jornal, out. 2013.  
Fonte: Amazônia Jornal

Acusado	Não Ident.	0-14	15-20	21-25	26-30	31-35	36-40	41-45	46-50	51-55	56-60	61-65	66-70
Homem	214	1	43	36	16	14	8	10	4	2	1	0	0
Mulher	8	0	1	2	2	1	1	0	0	0	0	0	0
Não ident.	39	0	0	1	0	0	0	0	0	0	0	0	0

Tabela 44: Faixa etária dos acusados registrados no Amazônia Jornal, out. 2013.  
Fonte: Amazônia Jornal

Branco	1
Negro	7
Pardo	74
Índio	1
Oriental	0
Não identificado	183
Total	266

Tabela 45: Etnia dos acusados registrados no Amazônia Jornal, out. 2013.  
Fonte: Amazônia Jornal

<b>Vítima</b>	<b>Não Ident.</b>	<b>0-14</b>	<b>15-20</b>	<b>21-25</b>	<b>26-30</b>	<b>31-35</b>	<b>36-40</b>	<b>41-45</b>	<b>46-50</b>	<b>51-55</b>	<b>56-60</b>	<b>61-65</b>	<b>66-70</b>	<b>71-75</b>	<b>76-80</b>	<b>81-85</b>	<b>86-90</b>	<b>91-95</b>
<b>Homem</b>	42	10	18	15	9	6	6	1	1	1	2	0	1	1	0	0	0	0
<b>Mulher</b>	25	9	3	1	3	0	3	0	0	1	0	0	1	0	0	0	0	0
<b>Não ident</b>	104	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0

Tabela 46: Faixa etária das vítimas registrada no Amazônia Jornal, out. 2013.  
Fonte: Amazônia Jornal

Branco	0
Negro	5
Pardo	28
Índio	0
Oriental	0
Não identificado	192
Total	225

Tabela 47: Etnia das vítimas registrada no Amazônia Jornal, out. 2013.  
Fonte: Amazônia Jornal

Belém	51
Ananindeua	24
Castanhal	6
Marituba	10
Icoaraci	8
Marabá	1
Santa Izabel do Pará	2
Outeiro	0

Tabela 48: Municípios do Pará com mais ocorrências de crimes registrados no Amazônia Jornal, out. 2013.  
Fonte: Amazônia Jornal

Uruará	Rondon do Pará
Barcarena	Aurora do Pará
Benevides	Pau D'arco
Itaituba	Jacundá
Ulianópolis	Água Azul do Norte
Rurópolis	São João de Pirabas
Altamira	Igarapé- Açu
Mãe do Rio	Marambaia
Tucuruí	Salinópolis
Redenção	Jacareacanga
Paragominas	Vigia de Nazaré
Boa Vista do Gurupi	Tailândia
Santo Antônio do Tauá	Canaã dos Carajás
Vigia	Santarém
Colares	São João de Pirabas
Soure	Abaetetuba
Parauapebas	
Almerin	
São Félix do Xingu	

Tabela 49: Demais municípios do Pará com ocorrências de crimes registrados no Amazônia Jornal, out. 2013.  
Fonte: Amazônia Jornal

Não identificado	83
Distrito Industrial	2
Coqueiro	3
Marco	5
Curuçamba	2
Marambaia	1
Bengui	5
Barreiro	1

Tabela 50: Bairros de municípios do Pará com mais ocorrências de crimes registrados no Amazônia Jornal, out. 2013.  
Fonte: Amazônia Jornal



Tapanã	Juazeiro	40 Horas
Sacramenta	Vila Munguba	Bom Jesus
Pedreira	Nova Marába	Ianetama
São Brás	Alça Viária	Novo
Jurunas	Pratinha II	Fama
Telégrafo	Cabanagem	Boa Esperança
PAAR	São Francisco	Castanheira
Jaderlândia	UNA	Uruará
Comércio	Guamá	Icuí-Gujará
Cruzeiro	Cidade Nova IV	Dom Aristides
Maguari	Batista Campos	Paracuri
Decouville	Doca	Cremação
Águas Lindas	Cidade Nova	Utinga
Cidade Velha	Caiçaras	
Tenoné	Santa Lúdia	
Sideral	Entrocamento	
Campina	Guanabara	
São João	Imperial	
Pratinha	Augusto Montenegro	
Igarapé do Tucunduba	Val-de-Cans	

Tabela 51: Demais bairros de municípios do Pará com ocorrências de crimes registrados no Amazônia Jornal, out. 2013.

Fonte: Amazônia Jornal

## MAPEAMENTO JORNAL O LIBERAL

DADOS QUANTITATIVOS DOS JORNAIS MAPEADOS NO MÊS DE MAIO – O LIBERAL

Agressivas	47
Irônicas e preconceituosas	0
Irônicas	2
Diversas	129
Aspeadas	0

Tabela 1: Tipos de manchete registrados no O Liberal, mai. 2012.  
Fonte: O Liberal

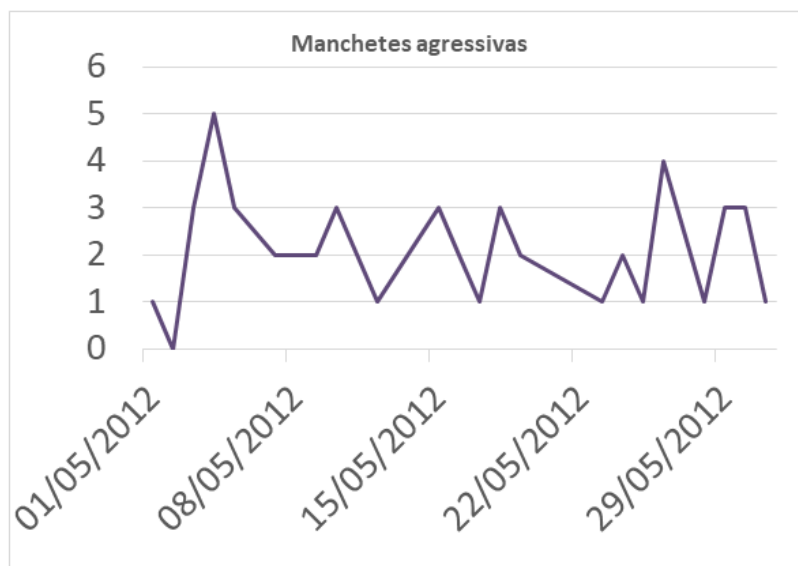


Gráfico 1: Tipos de manchete registrados no O Liberal registrados diariamente, mai. 2012.  
Fonte: O Liberal

Fotos Violentas	37
Fotos dos Acusados	99
Ilustrações	13
Fotos Diversas	185
Sem Fotos	48

Tabela 2: Fotos violentas no O Liberal registrados por dia, mai. 2012.  
 Fonte: O Liberal

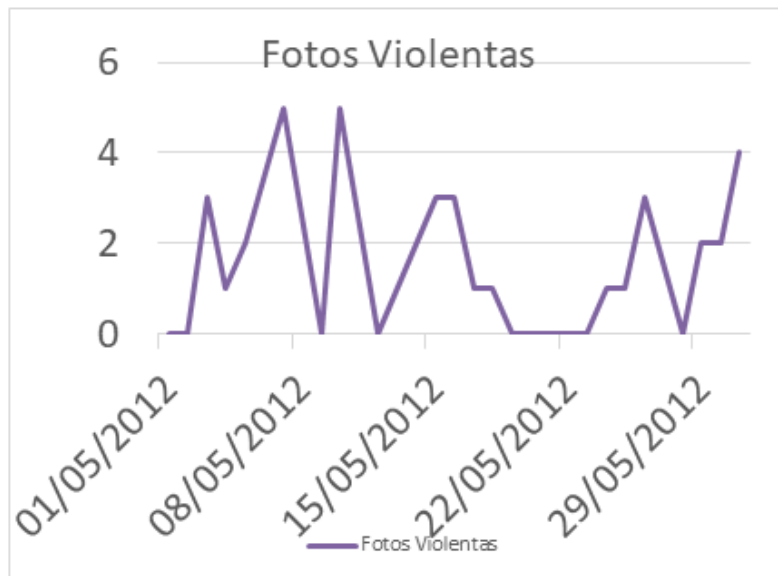


Gráfico 2: Fotos violentas no O Liberal registrados por dia, mai. 2012.  
 Fonte: O Liberal

Polícia Civil	83
Polícia Militar	38
Testemunhas	30
Outros	89
Corpo de Bombeiros	0
Sem Fontes	4

Tabela 3 Tipos de fontes registradas no O Liberal, mai. 2012.  
Fonte: O Liberal

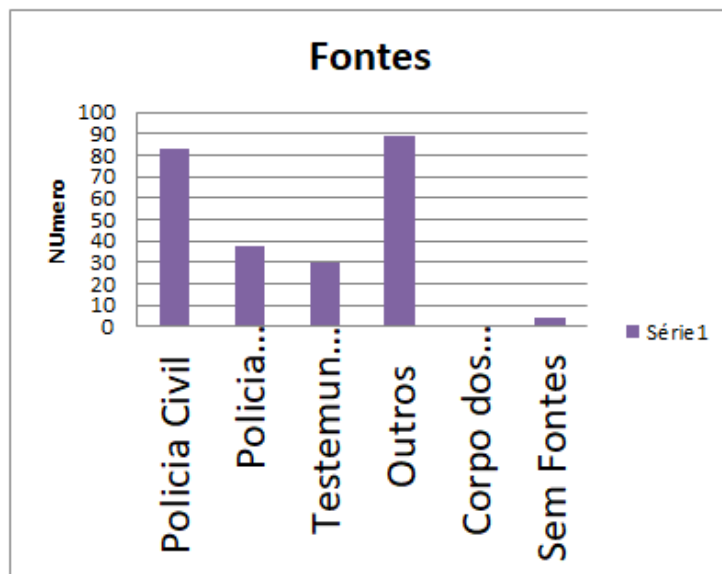


Gráfico 3: Tipos de fontes registradas no O Liberal, mai. 2012.  
Fonte: O Liberal

Assassinato	28
Tráfico de drogas	28
Assalto	25
Acidente de Transito	15
Homicídio	14
Porte ilegal de arma	7
Roubo	7
Não Identificado	6

Tabela 4: Principais tipos de crime registrados no O Liberal, mai. 2012.  
Fonte: O Liberal

Estupro de vulneravel
Execução
Formação de Quadrilha
Agressão
Estelionato
Tentativa de Homicídio
Acidente de Trabalho
Latrocínio
Lesão Corporal
Tentativa de roubo
Abuso Sexual
Estupro
Extorsão
Falsidade Ideologica
Falsa identidade
Falsificação de documento de identidade
Homicídio Culposo
Lesão Corporal Culposa
Pirataria
Rufianismo
Tentativa de estupro
Uso de documento público falso
Violencia Domestica
Violência Sexual mediante fraude

Tabela 5: Demais tipos de crime registrados no O Liberal, mai. 2012.  
 Fonte: O Liberal

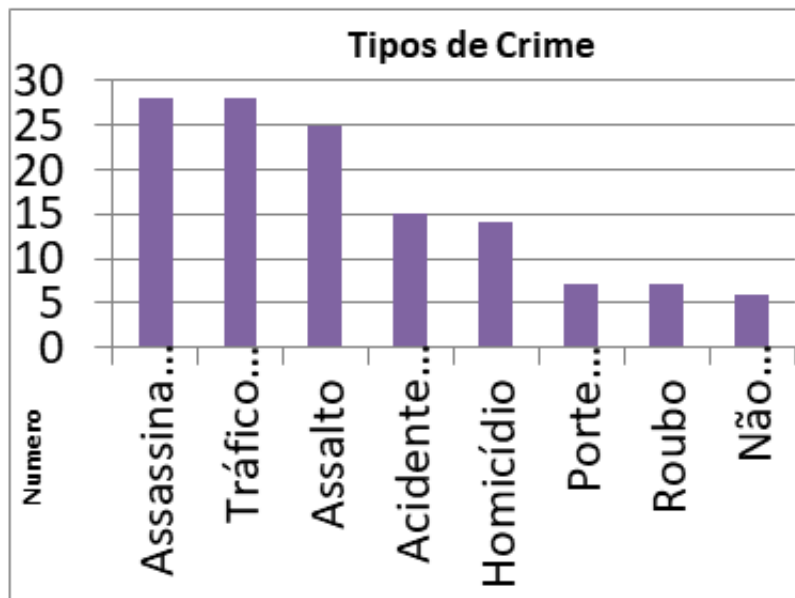


Gráfico 4: Principais tipos de crime registradas no O Liberal, mai. 2012.  
 Fonte: O Liberal

## ACUSADOS

Acusado	Não Identificado	0-14	15-20	21-25	26-30	31-35	36-40	41-45	46-50	51-55	56-60	61-65	70-75
Homem	131	3	32	24	18	5	4	1		2	1	2	1
Mulher	11		2		3	2	3	2	1				
Não Identificado	6												

Tabela 6: Faixa etária dos acusados registrados no O Liberal, mai. 2012.  
Fonte: O Liberal

Branco	7
Negro	17
Pardo	45
Índio	0
Oriental	0
Não identificado	181

Tabela 7: Etnia dos acusados registrados no O Liberal, mai. 2012.  
Fonte: O Liberal

## VÍTIMAS

Vítima	Não Ident.	0-14	15-20	21-25	26-30	31-35	36-40	41-45	46-50	51-55	56-60	61-65	66-70	71-75	76-80
Homem		32	6	8	12	5	7	2	3		2	2		1	1
Mulher		31	6	1	2	1	1	1		1	1			1	
Não Identificado	8														

Tabela 8: Faixa etária das vítimas registrada no O Liberal, mai. 2012.  
Fonte: O Liberal

Branco	3
Negro	4
Pardo	4
Índio	0
Oriental	0
Não identificado	121

Tabela 9: Etnia das vítimas registrada no O Liberal, mai. 2012.  
Fonte: O Liberal



Belém	69
Ananindeua	27
Não Identificado	10
Marituba	7
Castanhal	6
Icoaraci	6
Outeiro	4

Tabela 10: Municípios do Pará com mais ocorrências de crimes registrados no O Liberal, mai. 2012.  
Fonte: O Liberal

Rurópolis	Paragominas
Santarém	Parauapebas
Moju	Salvaterra
Novo Repartimento	Santa Maria do Pará
Santa Isabel do Pará	Santana do Araguaia
Altamira	São Domingos do Capim
Anápolis (GO)	São João da Ponta
Barcarena	Sul e Sudeste do Pará
Benevides	Tucumã
Cachoeira do Arari	Tucuruí
Cametá	Ulianópolis
Concórdia do Pará	Vigia
Dom Eliseu	
Igarapé-Açu	
Itupiranga	
Jacundá	
Microrregiões do Salgado	
Oeste do Pará	
Ourilândia	

Tabela 11: Demais municípios do Pará com ocorrências de crimes registrados no O Liberal, mai. 2012.  
Fonte: O Liberal

Não Identificado	63
Sacramenta	7
Marambaia	5
Bengui	4
Icuí-Guajara	4
Jurunas	4
Marco	4
Aguas Lindas	3
Coqueiro	3
Cremação	3
Pedreira	3
Tapanã	3

Tabela 12: Bairros de municípios do Pará com mais ocorrências de crimes registrados no O Liberal, mai. 2012.  
Fonte: O Liberal

Agua Boa	Condor
Barreiro	Conjunto Carlos Mariguella
Cabanagem	Doca
Cidade Nova	Fatima
Cidade Velha	Fidelis
Distrito Industrial	Guamá
Jaderlândia	Guanabara
Paar	Maguari
São Brás	Pratinha 2
Telegrafo	Samamutama
Terra Firme	Santana
Umarizal	São Francisco
Val de Cães	Tenoné
Agrovia Ferreira Pena	Vila Permanente
Aurá	Vila do Carmo
Bairro Novo	40 horas
Castanheira	
Centro	
Comercio	

Tabela 13: Demais bairros de municípios do Pará com ocorrências de crimes registrados no O Liberal, mai. 2012.  
Fonte: O Liberal

## DADOS QUANTITATIVOS DOS JORNAIS MAPEADOS NO MÊS DE AGOSTO – O LIBERAL

Agressivas	47
Ironicas e preconceituosas	0
Irônicas	0
Diversas	128
Aspeadas	0

Tabela 14: Tipos de manchete registrados no O Liberal, ago. 2012.  
Fonte: O Liberal

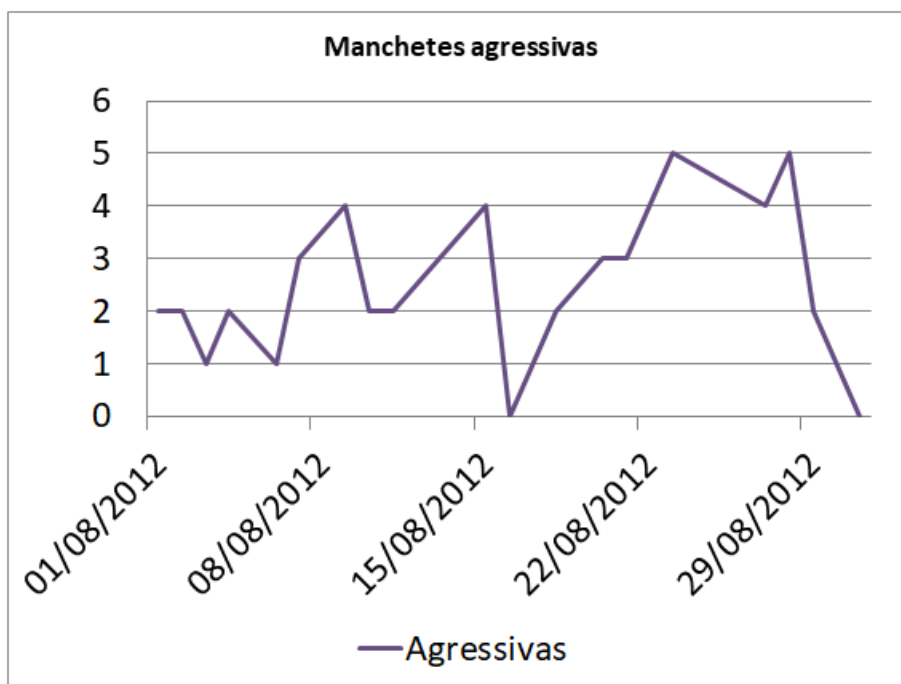


Gráfico 5: Manchetes agressivas registradas no O Liberal por dia, ago. 2012.  
Fonte: O Liberal

Fotos Violentas	32
Fotos dos Acusados	89
Ilustrações	7
Fotos Diversas	177
Sem Fotos	35

Tabela 14: Tipos de fotos registradas no O Liberal, ago. 2012.  
 Fonte: O Liberal

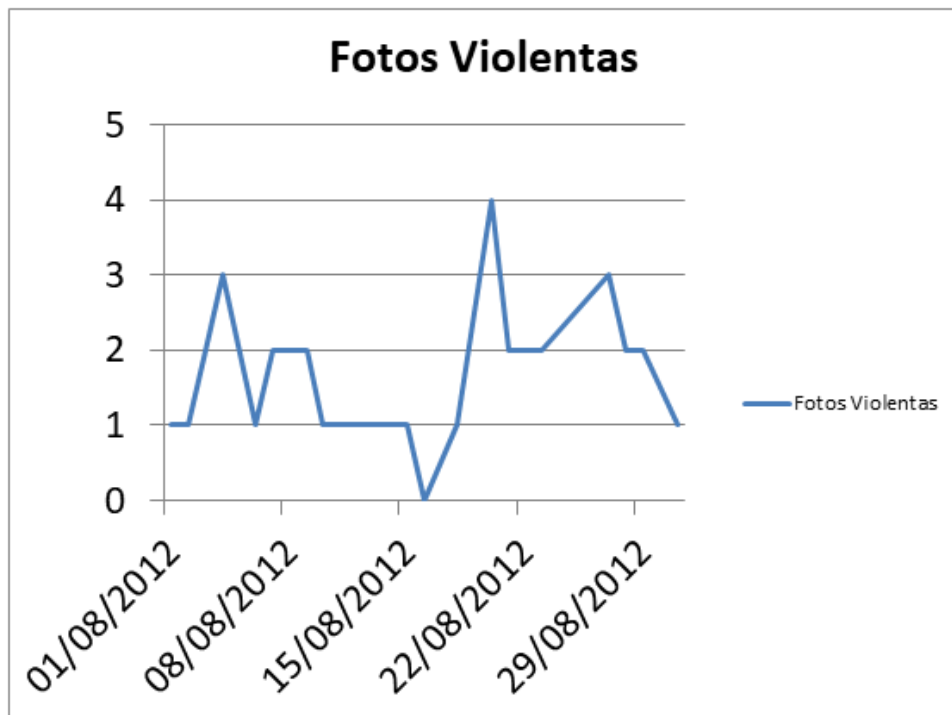


Gráfico 6: Fotos violentas no O Liberal registrados por dia, ago. 2012.  
 Fonte: O Liberal

Polícia Civil	83
Polícia Militar	38
Testemunhas	30
Outros	89
Corpo de Bombeiros	0
Sem Fontes	4

Tabela 15: Tipos de fontes registradas no O Liberal, ago. 2012.  
Fonte: O Liberal

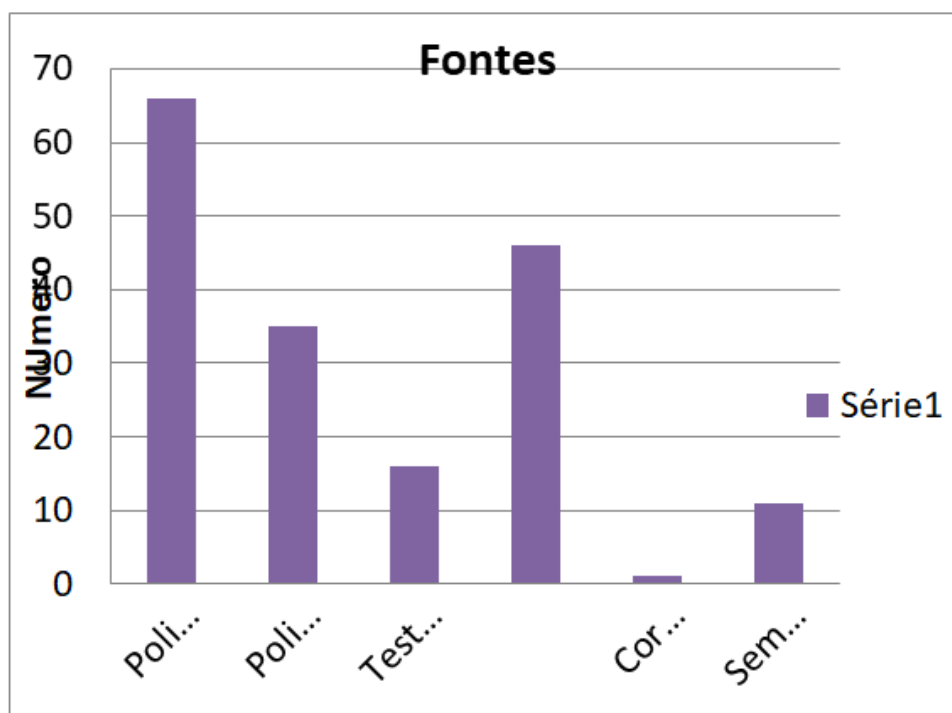


Gráfico 7: Tipos de fontes registradas no O Liberal, ago. 2012.  
Fonte: O Liberal

Tráfico de drogas	21
Assassinato	18
Homicídio	18
Acidente de Transito	11
Não Identificado	11
Roubo	9
Assalto	8
Tentativa de Homicídio	7

Tabela 16: Principais tipos de crime registrados no O Liberal, ago. 2012.  
Fonte: O Liberal

Formação de Quadrilha
Porte ilegal de arma
Agressão
Estupro de vulneravel
Execução
Roubo qualificado
Assalto com refem
Associação ao tráfico de drogas
Estelionato
Estupro
Linchamento
Adulteração de sistema identificador de veículo
cárcere privado
Contravenção de jogos de azar
Corrupção
Crimes Sexuais
Falsidade Ideologica
Falsificação de documento de identidade
Fraude em concurso
Latrocinio
Ocultação de cadáver
Receptação qualificada
Receptação de entorpecentes
"Saidinha"
Sequestro

Tabela 17: Demais tipos de crime registrados no O Liberal, ago. 2012.  
Fonte: O Liberal

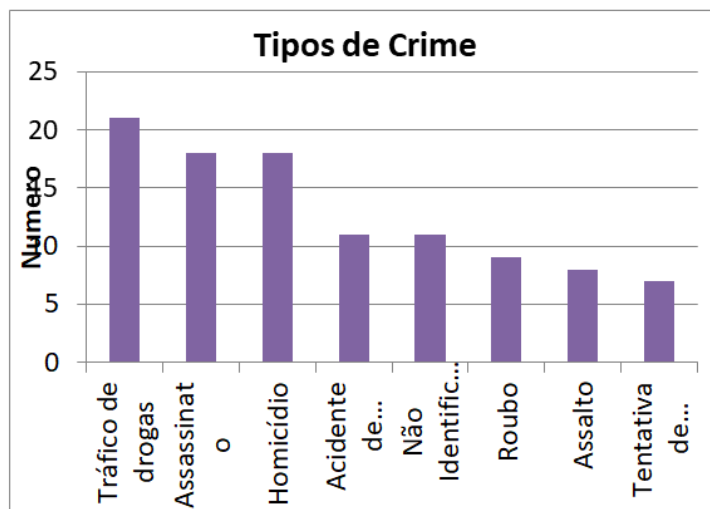


Gráfico 8: Principais tipos de crime registradas no O Liberal, ago. 2012.  
Fonte: O Liberal

	Não Ident	0-14	15-20	21-25	26-30	31-35	36-40	41-45	46-50	51-55	56-60	61-65	70-75
Acusado													
Homem		123		35	20	11	10	3	4	1	3	1	
Mulher		4			8	1	1						
Não Identificado	6												

Tabela 18: Faixa etária dos acusados registradas no O Liberal, ago. 2012.  
Fonte: O Liberal

Branco	6
Negro	20
Pardo	55
Índio	0
Oriental	0
Não identificado	147

Tabela 19: Etnia dos acusados registrados no O Liberal, ago. 2012.  
Fonte: O Liberal

Vítima	Não Ident	0- 14	15- 20	21- 25	26- 30	31- 35	36- 40	41- 45	46- 50	51- 55	56- 60	61- 65	66- 70	71- 75	76- 80
Homem	31	3	7	5	6	3	2	3	4		1	1		1	
Mulher	11	3	3	1						4					
Não Identificado	7														

Tabela 20: Faixa etária das vítimas registrada no O Liberal, ago. 2012.  
Fonte: O Liberal



Branco	2
Negro	0
Pardo	7
Índio	0
Oriental	0
Não identificado	87

Tabela 21: Etnia das vítimas registrada no O Liberal, ago. 2012.  
Fonte: O Liberal

Belém	30
Ananindeua	16
Não Identificado	12
Marituba	10
Icoaraci	9
Castanhal	8
Altamira	4

Tabela 22: Municípios do Pará com mais ocorrências de crimes registrados no O Liberal, ago. 2012.  
Fonte: O Liberal

Santarém	Dom Eliseu
Benevides	Ourlândia
Marajó	Primavera
Moju	Salinópolis
Outeiro	Santa Bárbara
Rurópolis	Santa Isabel do Pará
Santa Maria do Pará	Santa Luzia
São Miguel do Guamá	Tracuateua
Soure	Uruará
Xinguara	
Abaetetuba	
Almerim	
Anapu	
Barcarena	
Benfica	
Bragança	
Cotijuba	
Curionópolis	
Curuçá	

Tabela 23: Demais municípios do Pará com ocorrências de crimes registrados no O Liberal, ago. 2012.  
Fonte: O Liberal

Não Identificado	61
Marambaia	5
Jurunas	3
Aurá	2
Cabanagem	2
Castelo dos Sonhos	2
Cidade Nova	2
Comercio	2
Distrito Industrial	2
Guamá	2
Guanabara	2
Icuí-Gujara	2
Parque Verde	2
Pedreira	2
Tapanã	2
União	2

Tabela 24: Bairros de municípios do Pará com mais ocorrências de crimes registrados no O Liberal, ago. 2012.  
Fonte: O Liberal

Águas Negras	Nova República
Agulha	Novo Horizonte
Almir Gabriel	Paracuri 2
Bairro Novo	Parque Guajará
Barreiro	Pratinha
Benfica	Sacramenta
Campina	Santa Lídia
Cidade Nova II	Saudade
Cidade Nova V	Saudade - Cotijuba
Cidade Nova VII	Selecta
Cidade Nova VIII	Sideral
Cremação	Val de Cães
Curuçamba	Vila de Caratateua
Decouville	Vila de Serra Pelada
Itaitueua	Vila dos Cabanos
Jaderlândia	40 horas
Jardim Tropical	
Maguari	
Marco	

Tabela 25: Demais bairros de municípios do Pará com ocorrências de crimes registrados no O Liberal, ago. 2012.  
Fonte: O Liberal

### DADOS QUANTITATIVOS DOS JORNAIS MAPEADOS NO MÊS DE SETEMBRO – O LIBERAL

Agressivas	68
Ironicas e econceituosas	0
Irônicas	0
Diversas	203

Tabela 26: Tipos de manchete registrados no O Liberal, set. 2012.  
Fonte: O Liberal

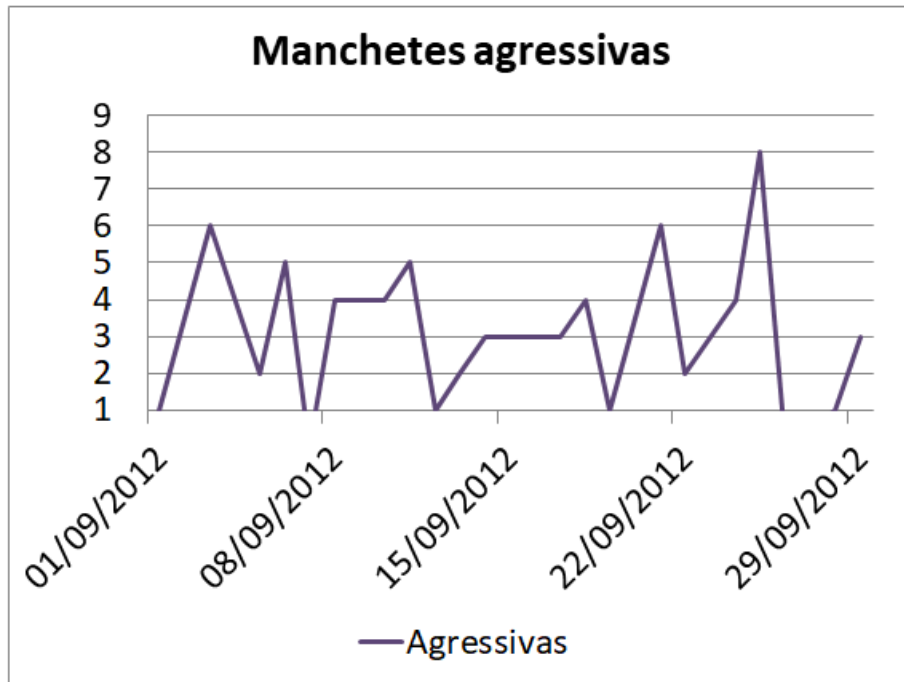


Gráfico 9: Manchete agressivas registradas no O Liberal registradas por dia, set. 2012.  
Fonte: O Liberal

Fotos Violentas	22
Fotos dos Acusados	117
Ilustrações	5
Fotos Diversas	256
Sem Fotos	37

Tabela 27: Fotos violentas no O Liberal registradas por dia, set. 2012.  
Fonte: O Liberal

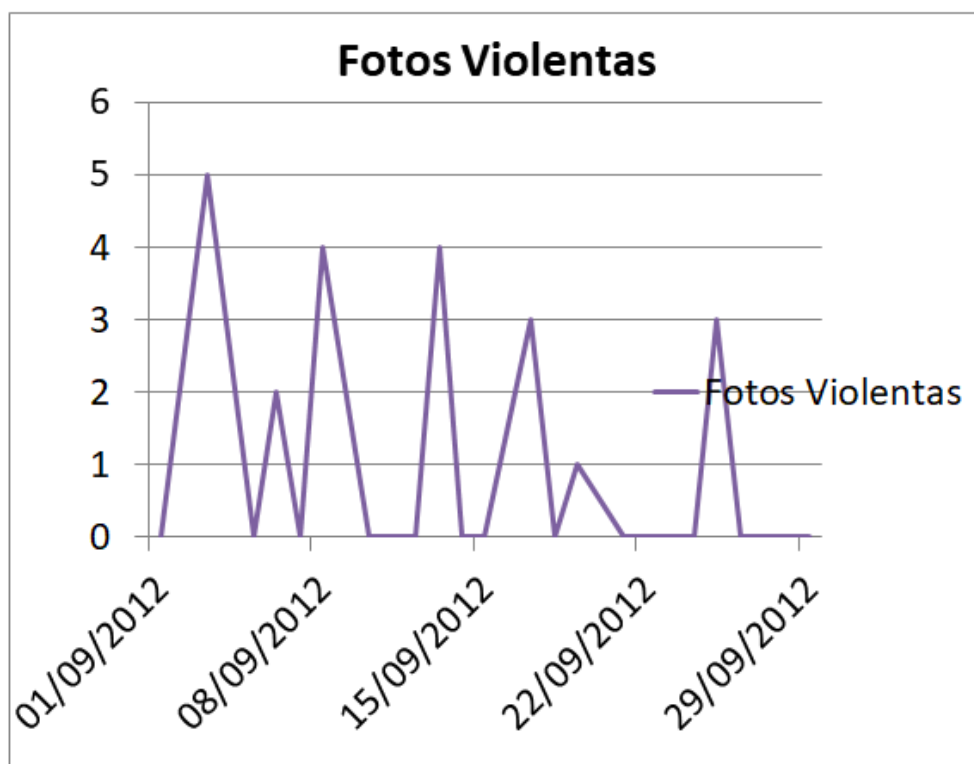


Gráfico 10: Fotos violentas no O Liberal registrados por dia, set. 2012.  
Fonte: O Liberal

Policia Civil	57
Policia Militar	46
Testemunhas	13
Outros	70
Corpo dos Bombeiros	1
Sem Fontes	19

Tabela 28: Tipos de fontes registradas no O Liberal, set. 2012.  
Fonte: O Liberal

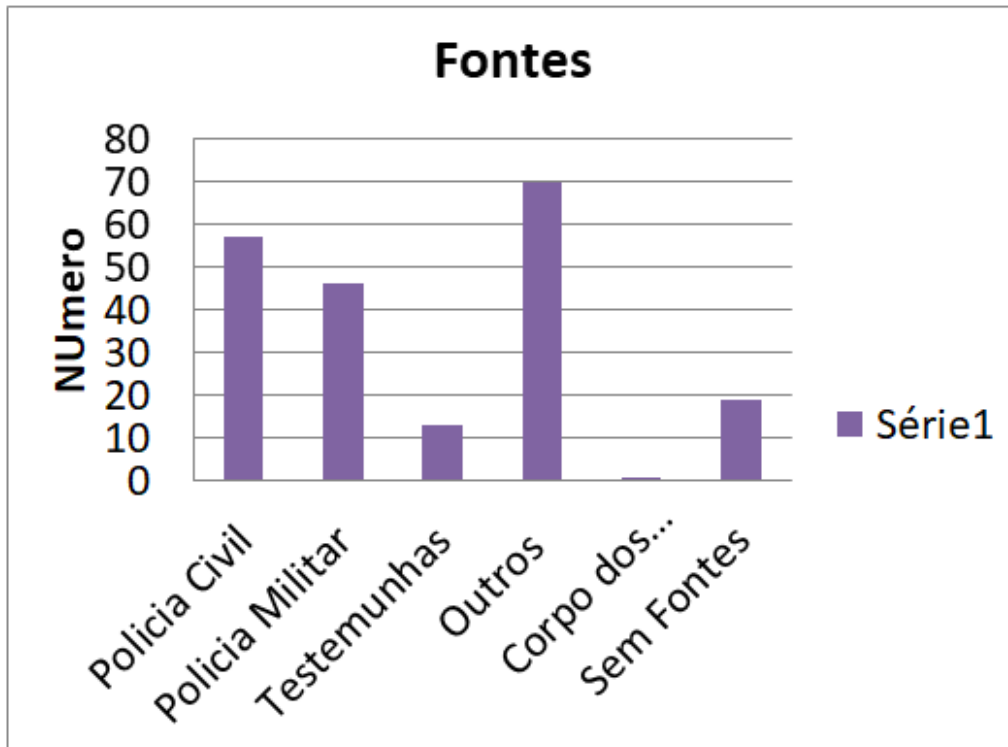


Gráfico 11: Tipos de fontes registradas no O Liberal, set. 2012.  
Fonte: O Liberal

Assassinato	27
Tráfico de drogas	17
Homicídio	15
Acidente de Transito	11
Não Identificado	11
Assalto	10
Formação de Quadrilha	6
Porte ilegal de arma	6
Roubo	6

Tabela 29: Principais tipos de crime registrados no O Liberal, set. 2012.  
Fonte: O Liberal

Tentativa de Homicídio	cárcere privado
Estupro	Crime ambiental
Estupro de vulnerável	Estelionato
Roubo qualificado	Execução
Associação ao tráfico de drogas	Exploração Sexual
Corrupção de menor	Falsificação de moeda
Furto	Favorecimento à prostituição
Latrocínio	Invasão de Domicílio
Crime de Trânsito	recetapção dolosa do veículo
Esfaqueamento	Receptação
Furto qualificado	Rufianismo
Lesão Corporal	Tentativa de estupro
Sequestro	Tortura
Abandono Material	
Abuso de poder	
Abuso Sexual	
Acidente de Trabalho	
Ameaça de morte	
Assalto com refem	

Tabela 30: Demais tipos de crime registrados no O Liberal, set. 2012.

Fonte: O Liberal

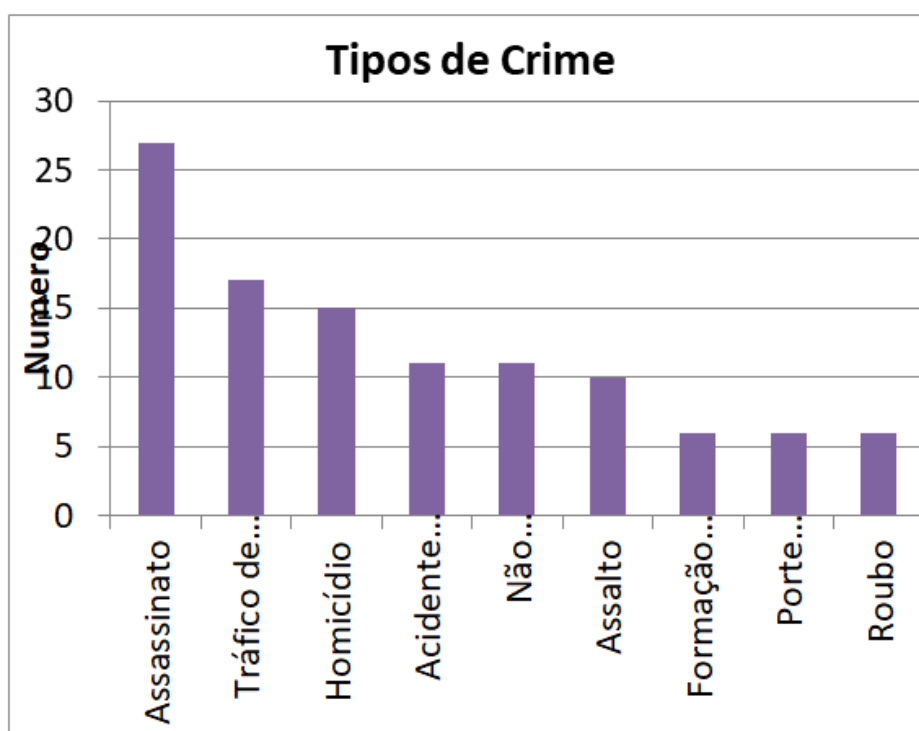


Gráfico 12: Principais tipos de crime registradas no O Liberal, set. 2012.

Fonte: O Liberal

Acusado	Não Ident	0-14	15-20	21-25	26-30	31-35	36-40	41-45	46-50	51-55	56-60	61-65	70-75	76-80
Homem	123	1	35	17	10	9	4	1	3	2	2			1
Mulher	7	1	2	2		4	1	1		2	1			
Não Identificado	33													

Tabela 31: Faixa etária dos acusados registrados no O Liberal, set. 2012.  
Fonte: O Liberal

Branco	10
Negro	9
Pardo	63
Índio	0
Oriental	0
Não identificado	181

Tabela 32: Etnia dos acusados registrados no O Liberal, set. 2012.  
Fonte: O Liberal



Vítima	Não Ident	0-14	15-20	21-25	26-30	31-35	36-40	41-45	46-50	51-55	56-60	61-65	66-70	71-75	76-80
Homem		31	2	19	11	4	4	5	5	2		1	1		1
Mulher		20	10	3		2	1								
Não Identificado	45														

Tabela 33: Faixa etária das vítimas registrada no O Liberal, set. 2012.  
Fonte: O Liberal

Branco	0
Negro	2
Pardo	8
Índio	0
Oriental	0
Não identificado	156

Tabela 34: Etnia das vítimas registrada no O Liberal, set. 2012.  
Fonte: O Liberal

Ananindeua	31
Belém	29
Não Identificado	27
Marituba	6
Icoaraci	5
Castanhal	3
Santa Isabel do Pará	3

Tabela 35: Municípios do Pará com mais ocorrências de crimes registrados no O Liberal, set. 2012.  
Fonte: O Liberal

Abaetetuba	Moju
Benevides	Mosqueiro
Mãe do Rio	Nova Esperança do Piriá
Marabá	Nova Timboteua
Outeiro	Parauapebas
Rurópolis	Redenção
Santa Maria do Pará	Santa Cruz do Arari
Santarém	Santo Antônio do Tauá
São Miguel do Guamá	São João da Pirabas
Vigia	Senador José Porfírio
Almerim	Soure
Altamira	Tomé Açu
Aurora do Pará	Uruará
Brasil Novo	Viseu
Dom Eliseu	
Ipixuna do Pará	
Itaituba	
Marajó	
Medicilândia	

Tabela 36: Demais municípios do Pará com ocorrências de crimes registrados no O Liberal, set. 2012.  
Fonte: O Liberal

Não Identificado	69
Guamá	5
Curuçamba	4
Jurunas	4
Coqueiro	3
Cremação	3
Sacramenta	3
Aguas Brancas	2
Aguas Lindas	2
Barreiro	2
Cabanagem	2
Cidade Nova VIII	2
Guanabara	2
Icuí-Guajara	2
Marambaia	2
Parque Verde	2
Tapanã	2
Tenoné	2

Tabela 37: Bairros de municípios do Pará com mais ocorrências de crimes registrados no O Liberal, set. 2012.  
Fonte: O Liberal

Agua Boa	Parque Guajará
Agulha	Pedreira
Algadoal	Pina
Areia Branca	Pratinha
Aurá	Pratinha 1
Batista Campos	Pratinha 2
Bengui	Reduto
Cidade Nova V	Ressaca
Cidade Nova	São Brás
Cidade Velha	São José
Curió-Utinga	Sol Nascente
Distrito Industrial	40 horas
Estrada de Caruara	
Guajará II	
Maguari	
Marco	
Muririm	
Novo Horizonte	
Paar	

Tabela 38: Demais bairros de municípios do Pará com ocorrências de crimes registrados no O Liberal, set. 2012.  
Fonte: O Liberal

## DADOS QUANTITATIVOS DOS JORNAIS MAPEADOS NO MÊS DE OUTUBRO – O LIBERAL

Agressivas	85
Ironicas e preconceituosas	0
Irônicas	0
Diversas	153
Aspeadas	1

Tabela 39: Tipos de manchete registrados no O Liberal, out. 2012.  
Fonte: O Liberal

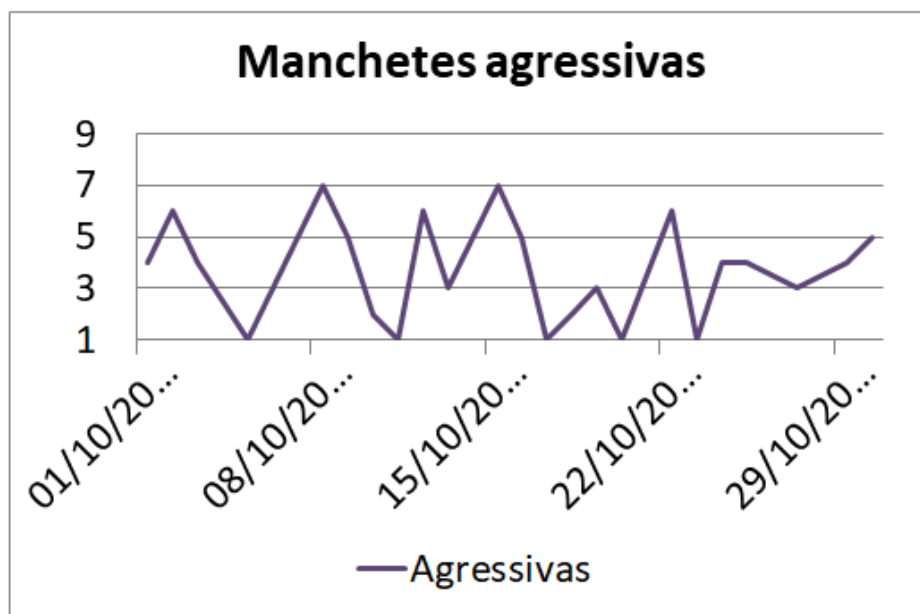


Gráfico 13: Manchete agressivas registradas no O Liberal registradas por dia, out. 2012.  
Fonte: O Liberal

Fotos Violentas	43
Fotos dos Acusados	88
Ilustrações	15
Fotos Diversas	221
Sem Fotos	39

Tabela 40: Fotos violentas no O Liberal registrados por dia, out. 2013.  
Fonte: O Liberal

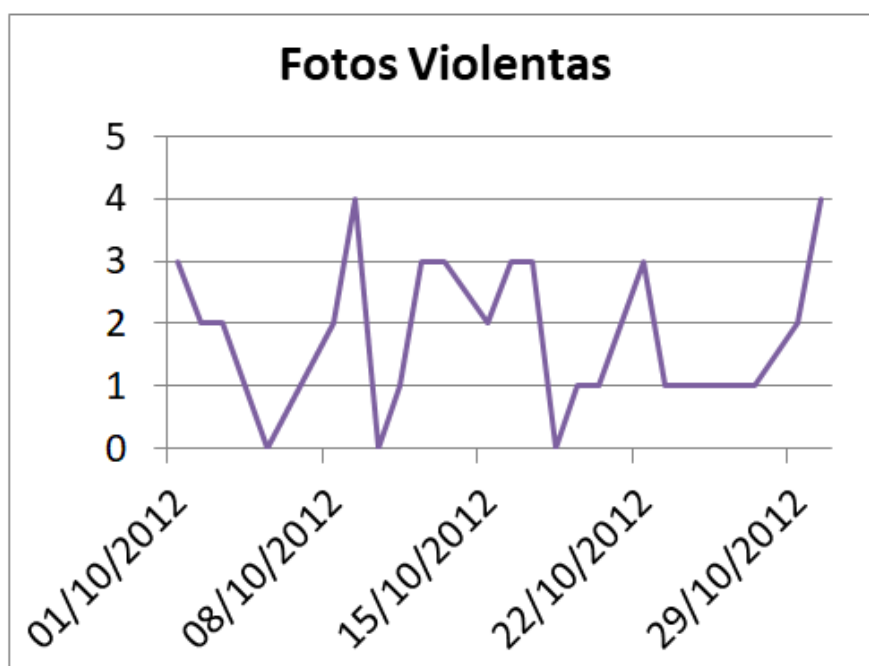


Gráfico 14: Fotos violentas no O Liberal registrados por dia, out. 2012.

Fonte: O Liberal

Policia Civil	65
Policia Militar	34
Testemunhas	24
Outros	74
Corpo dos Bombeiros	1
Sem Fontes	14

Tabela 41: Tipos de fontes registradas no O Liberal, out. 2012.  
Fonte: O Liberal

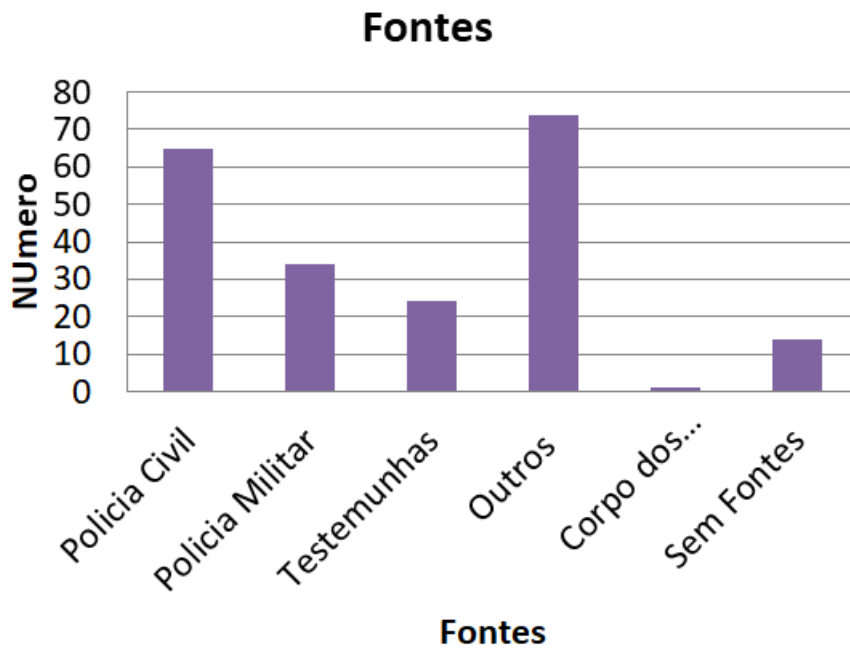


Gráfico 15: Tipos de fontes registradas no O Liberal, out. 2012.  
Fonte: O Liberal

Homicídio	28
Tráfico de drogas	20
Acidente de Transito	19
Assassinato	17
Porte ilegal de arma	10
Roubo	9
Assalto	8
Formação de Quadrilha	6
Não Identificado	6

Tabela 42: Principais tipos de crime registrados no O Liberal, out. 2012.  
Fonte: O Liberal

Agressão Física	Apropriação indébita
Estupro de vulnerável	Clonagem de moto
Furto	Contrabando
Latrocínio	Corrupção de menor
Roubo qualificado	Dano a patrimônio privado
Tentativa de assalto	Desvio e venda ilegal de produto
Associação ao tráfico de drogas	Estelionato
Crime ambiental	Furto qualificado
Crime de Trânsito	Homicídio Culposo
Estupro	Pirataria
Execução	Receptação de objetos roubados
Receptação qualificada	Tentativa de roubo
Sequestro	Transporte ilegal de madeira
Tentativa de Homicídio	Uso de moeda falsa
Abuso de poder	Violencia Domestica
Abuso Sexual	Violência Patrimonial
Acidente	
Agressão	
Agressão Verbal	

Tabela 43: Demais tipos de crime registrados no O Liberal, out. 2012.  
Fonte: O Liberal

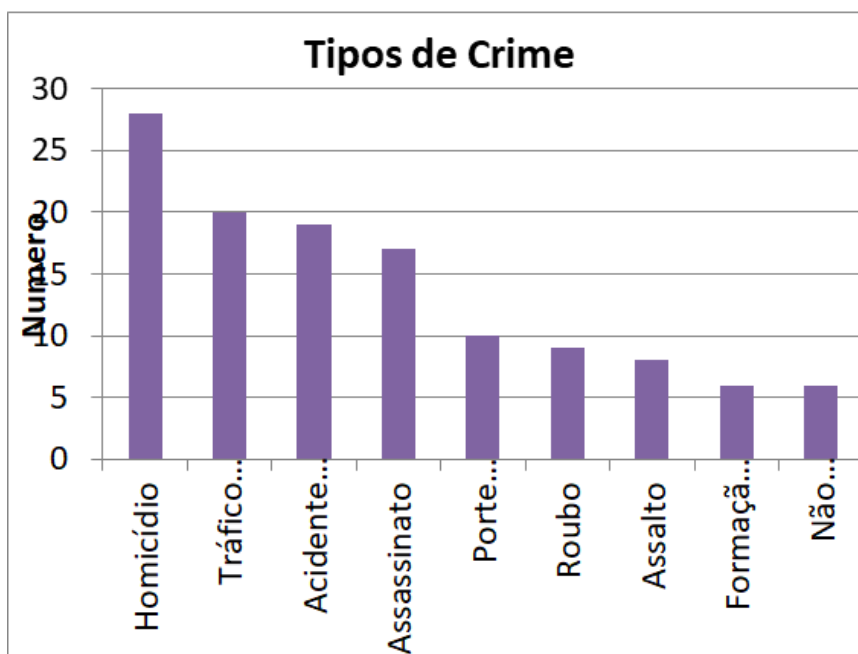


Gráfico 16: Principais tipos de crime registradas O Liberal, out. 2012.  
Fonte: O Liberal

Acusado	Não Ident	0-14	15-20	21-25	26-30	31-35	36-40	41-45	46-50	51-55	56-60	61-65	70-75	76-80
Homem	133	1	30	20	5	9	5	4	1	1	2		1	
Mulher	10		3	1	2	2		1	1			1		
Não Identificado	53													

Tabela 44: Faixa etária dos acusados registrados no O Liberal, out. 2012.  
Fonte: O Liberal



Branco	7
Negro	33
Pardo	47
Índio	0
Oriental	0
Não identificado	203

Tabela 45: Etnia dos acusados registrados no O Liberal, out. 2012.  
Fonte: O Liberal

Vítima	Não Ident	0-14	15-20	21-25	26-30	31-35	36-40	41-45	46-50	51-55	56-60	61-65	66-70	71-75	76-80
Homem		35	4	11	9	7	4	10	3	2	2	1	1		1
Mulher		11	7	2	2			3	1	1					
Não Identificado	114														

Tabela 46: Faixa etária das vítimas registrada no O Liberal, out. 2012.  
Fonte: O Liberal

Branco	0
Negro	1
Pardo	18
Índio	0
Oriental	0
Não identificado	213

Tabela 47: Etnia das vítimas registrada no O Liberal, out. 2012.  
Fonte: O Liberal

Não Identificado	33
Belém	31
Ananindeua	24
Icoaraci	10
Benevides	6
Marituba	6
Outeiro	4
Mãe do Rio	3
Inhangapi	2
Ipixuna do Pará	2
Marajó	2
Salvaterra	2
Santa Maria do Pará	2
Tomé Açu	2
Xinguara	2

Tabela 48: Municípios do Pará com mais ocorrências de crimes registrados no O Liberal, out. 2012.  
Fonte: O Liberal

Abaetetuba	Soure
Bom Jesus do Tocantins	Tucumã
Bragança	
Cametá	
Capanema	
Capitão Poço	
Castanhal	
Curionópolis	
Garrafão do Norte	
Marabá	
Maracanã	
Marapanim	
Mosqueiro	
Muaná	
Nova Timboteua	
Redenção	
Rio Maria	
Santarém	
São Miguel do Guamá	

Tabela 49: Demais municípios do Pará com ocorrências de crimes registrados no O Liberal, out. 2012.  
Fonte: O Liberal

Não Identificado	54
Jurunas	6
Icuí-Guajará	4
Pedreira	4
Sacramenta	4
Val de Cães	4
Agua Lindas	3
Flores	3
Guanabara	3
Marambaia	3
Marco	3
Tapanã	3
Telegrafo	3
Terra Firme	3

Tabela 50: Bairros de municípios do Pará com mais ocorrências de crimes registrados no O Liberal, out. 2012.  
Fonte: O Liberal

Água Boa	Cidade Nova
Batista Campos	Cidade Velha
Bengui	Cremação
Cabanagem	Curió-Utinga
Cidade Nova VI	Cutilândia
Guamá	Dom Aristides
Jaderlândia	Fazendinha
Mangueirão	Guajará II
Paar	Jibóia Branca
Tenoné	Julia Seffer
Umarizal	Maguari
Águas Negras	Maracangalha
Agulha	Nazaré
Araticum Mirim	Novo Horizonte - BJT
Aurá	Paracuri
Bairro do Amor	São Brás
Barreiro	Umarizal (? Soure)
Campina - Icoaraci	Una
Campina	União
Cidade Nova VIII	Vila Nova

Tabela 51: Demais bairros de municípios do Pará com ocorrências de crimes registrados no O Liberal, out. 2012.  
Fonte: O Liberal

## DADOS QUANTITATIVOS DOS JORNAIS MAPEADOS NO MÊS DE ABRIL – O LIBERAL

Agressivas	39
Irônicas e preconceituosas	0
Irônicas	0
Diversas	145
Aspeadas	0

Tabela 52: Tipos de manchete registrados no O Liberal, abr. 2012.  
Fonte: O Liberal

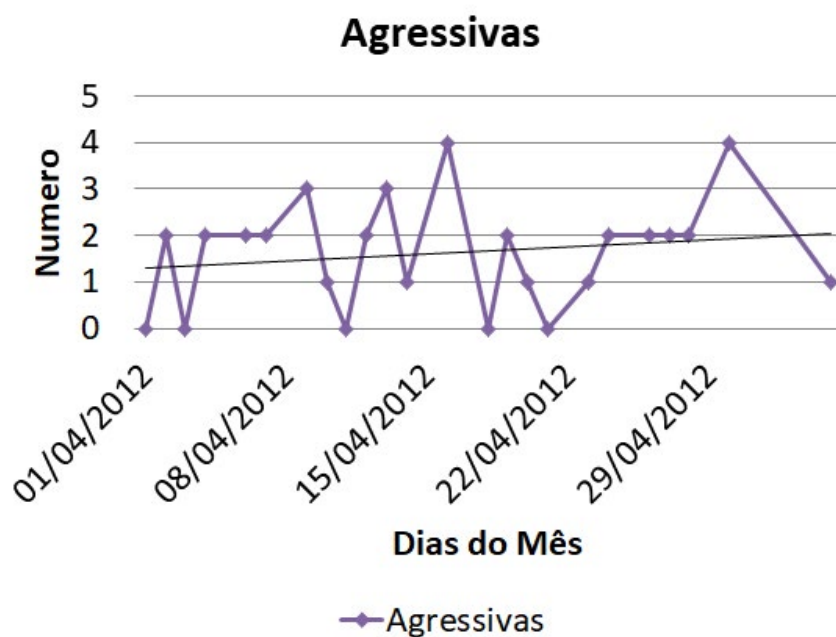


Gráfico 16: Manchete agressivas registradas no O Liberal registradas por dia, abr. 2012.  
 Fonte: O Liberal

Fotos Violentas	41
Fotos dos Acusados	73
Ilustrações	0
Fotos Diversas	78
Sem Fotos	51

Tabela 53: Fotos violentas no O Liberal registradas por dia, abr. 2012.  
 Fonte: O Liberal

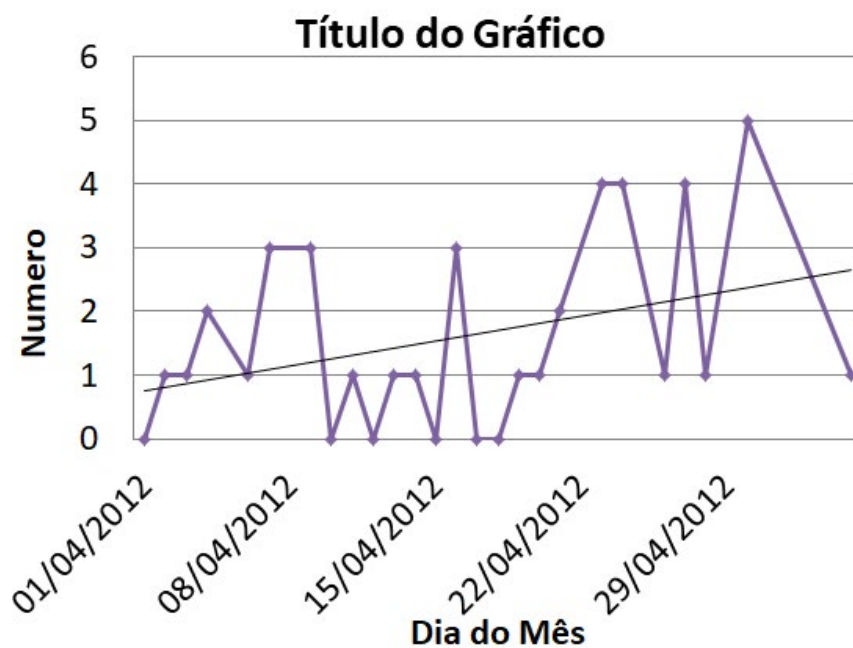


Gráfico 17: Fotos violentas no O Liberal registrados por dia, abr. 2012.  
Fonte: O Liberal

Policia Civil	82
Policia Militar	120
Testemunhas	94
Outros	26
Corpo dos Bombeiros	3
Sem Fontes	51

Tabela 54: Tipos de fontes registradas no O Liberal, out. 2012.  
Fonte: O Liberal

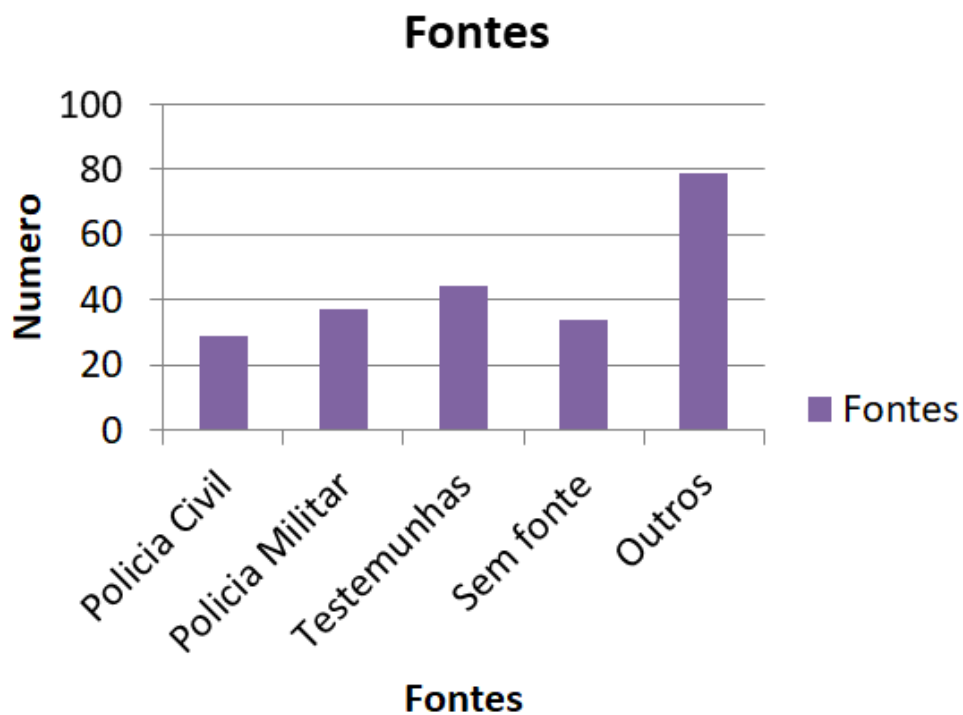


Gráfico 18: Tipos de fontes registradas no O Liberal, abr. 2012.  
 Fonte: O Liberal

Homicídio	35
Tráfico de drogas	30
Assalto	23
Roubo	19
Porte ilegal de arma	16
Assassinato	14
Acidente de trânsito	11
Não identificado	9

Tabela 55: Principais tipos de crime registrados no O Liberal, abr. 2012.  
 Fonte: O Liberal

Estupro
Sequestro
Agressão
Exercimento ilegal da profissão
Furto
Ameaça de morte
Mal-trato
Recepção Qualificada
Tráfico Humano
Estelionato
Desacato a autoridade
Tentativa de assassinato
Tentaiva de roubo
Latrocínio
Suicídio

Tabela 56: Demais tipos de crime registrados no O Liberal, abr. 2012.  
Fonte: O Liberal



Gráfico 19: Principais tipos de crime registradas no O Liberal, out. 2012.  
Fonte: O Liberal



Acusado	Não Ident.	Faixa etária										
		0-14	15-20	21-25	26-30	31-35	36-40	41-45	46-50	51-55	56-60	61-65
Homem	118	1	29	25	15	7	6	6	11	1	1	1
Mulher	16		1	3		1						1
Não ident.	25											

Tabela 57: Faixa etária dos acusados registrados no O Liberal, abr. 2012.  
Fonte: O Liberal

Branco	6
Negro	23
Pardo	64
Índio	2
Oriental	0
Não identificado	168
Total	263

Tabela 58: Etnia dos acusados registrados no O Liberal, abr. 2012.

Fonte: O Liberal

Vítima	Não Ident.																
	0-14	15-20	21-25	26-30	31-35	36-40	41-45	46-50	51-55	56-60	61-65	66-70	71-75	76-80	81-85	86-90	91-95
Homem	39	7	18	5	5	7	5	4	3	2		2					
Mulher	16	2	3	1	1	3			1				1				1
Não ident	71																

Tabela 59: Faixa etária das vítimas registrada no O Liberal, abr. 2012.  
Fonte: O Liberal

Branco	2
Negro	2
Pardo	5
Índio	0
Oriental	0
Não identificado	177
Total	186

Tabela 60: Etnia das vítimas registrada no O Liberal, abr. 2012.  
Fonte: O Liberal

Belém	53
Ananindeua	28
Castanhal	10
Marituba	9
Icoaraci	7
Marabá	5
Santa Izabel do Pará	4
Outeiro	4

Tabela 61: Municípios do Pará com mais ocorrências de crimes registrados no O Liberal, abr. 2012.  
Fonte: O Liberal

Uruará	Rondon do Pará
Barcarena	Aurora do Pará
Benevides	Pau D'arco
Itaituba	Jacundá
Ulianópolis	Água Azul do Norte
Rurópolis	São João de Pirabas
Altamira	Igarapé- Açu
Mãe do Rio	Marambaia
Tucuruí	Salinópolis
Redenção	Jacareacanga
Paragominas	Vigia de Nazaré
Boa Vista do Gurupi	Tailândia
Santo Antônio do Tauá	Canaã dos Carajás
Vigia	Santarém
Colares	São João de Pirabas
Soure	Abaetetuba
Parauapebas	
Almerim	
São Félix do Xingu	

Tabela 62: Demais municípios do Pará com ocorrências de crimes registrados no O Liberal, abr. 2012.  
Fonte: O Liberal

Não identificado	37
Distrito Industrial	8
Coqueiro	4
Marco	4
Curuçamba	4
Marambaia	4
Bengui	3
Barreiro	3

Tabela 63: Bairros de municípios do Pará com mais ocorrências de crimes registrados no O Liberal, abr. 2012.  
 Fonte: O Liberal

Tapanã	Juazeiro
Sacramenta	Vila Munguba
Pedreira	Nova Marába
São Brás	Alça Viária
Jurunas	Pratinha II
Telégrafo	Cabanagem
PAAR	São Francisco
Jaderlândia	UNA
Comércio	Guamá
Cruzeiro	Cidade Nova IV
Maguari	Batista Campos
Decouville	Doca
Águas Lindas	Cidade Nova
Cidade Velha	Caiçaras
Tenoné	Santa Lídia
Sideral	Entrocamento
Campina	Guanabara
São João	Imperial
Pratinha	Augusto Montenegro
Igarapé do Tucundumba	Val-de-Cans

40 Horas
Bom Jesus
Ianetama
Novo
Fama
Boa Esperança
Castanheira
Uruará
Icuí-Guajará
Dom Aristides
Paracuri
Cremação
Utinga

Tabela 64: Demais bairros de municípios do Pará com ocorrências de crimes registrados no O Liberal, abr. 2012.  
Fonte: O Liberal

## DADOS QUANTITATIVOS DOS JORNAIS MAPEADOS DO MÊS DE MARÇO – O LIBERAL

### O LIBERAL

Agressivas	83
Irônicas e preconceituosas	0
Irônicas	5
Diversas	90
Aspeadas	4

Tabela 65: Tipos de manchete registrados em O Liberal, mar. 2012.  
Fonte: O Liberal

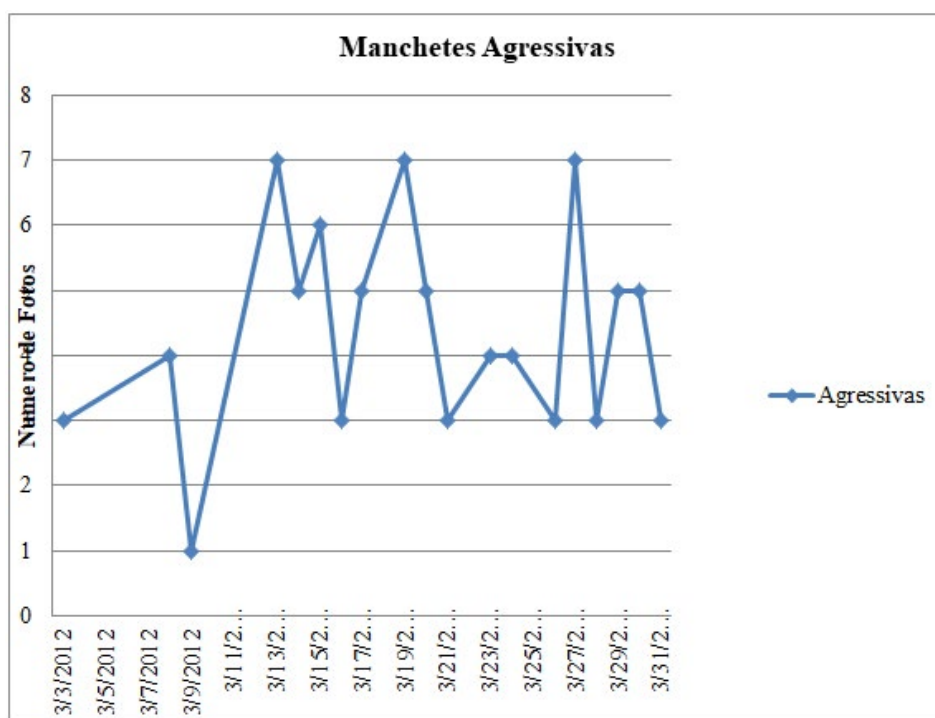


Gráfico 20: Manchetes agressivas registradas em O Liberal registrados por dia, mar. 2012.  
Fonte: O Liberal

Fotos Violentas	40
Fotos dos Acusados	70
Ilustrações	0
Fotos Diversas	24
Sem Fotos	48

Tabela 66: Fotos violentas em O Liberal registrados por dia, mar. 2012.  
Fonte: O Liberal

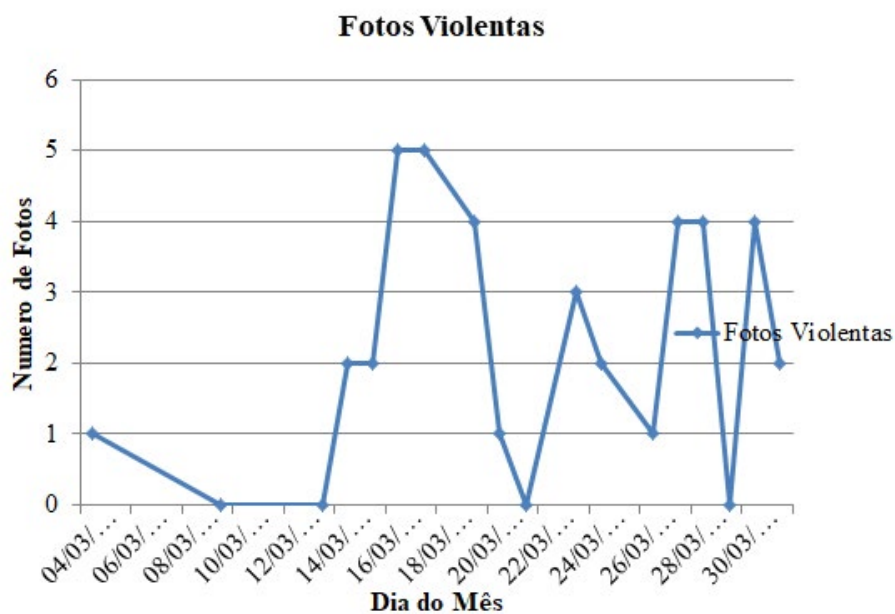


Gráfico 21: Fotos violentas em O Liberal registrados por dia, mar. 2012.  
Fonte: O Liberal

Polícia Civil	92
Polícia Militar	83
Testemunhas	30
Outros	2
Corpo dos Bombeiros	0
Sem Fontes	8

Tabela 67: Tipos de fontes registradas em O Liberal, mar. 2012.  
Fonte: O Liberal

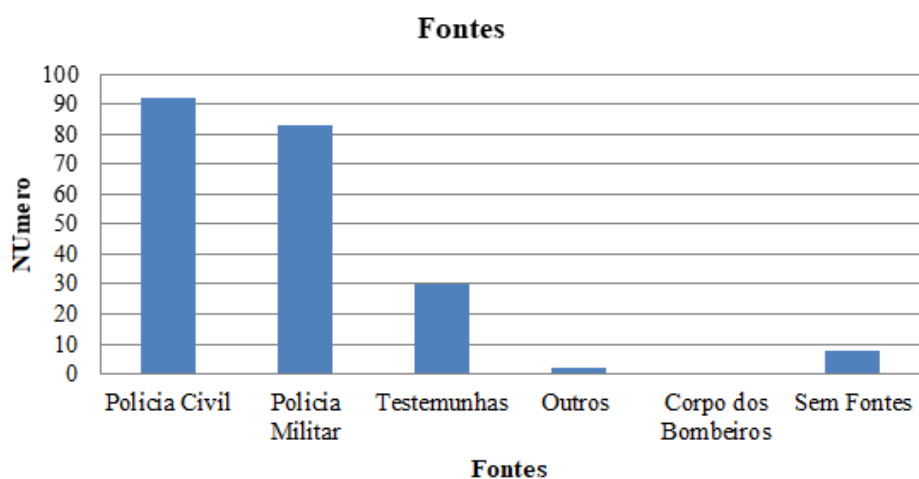


Gráfico 22: Tipos de fontes registradas em O Liberal, mar. 2012.  
Fonte: O Liberal

Tráfico de drogas	40
Homicídio	23
Roubo	21
Assalto	10
Acidente de Transito	17
Porte ilegal de arma	11
Assassinato	18
Não Identificado	5

Tabela 68: Principais tipos de crime registrados em O Liberal, mar. 2012.  
Fonte: O Liberal

Estupro de vulnerável
Estelionato
Tentativa de Homicídio
Assalto com refém
Falsidade Ideológica
Formação de Quadrilha
Danificação do Patrimônio Publico
Furto qualificado
Lesão Corporal
Associação ao tráfico de drogas
Abuso Sexual

Tabela 69: Demais tipos de crime registrados em O Liberal, mar. 2012.  
Fonte: O Liberal

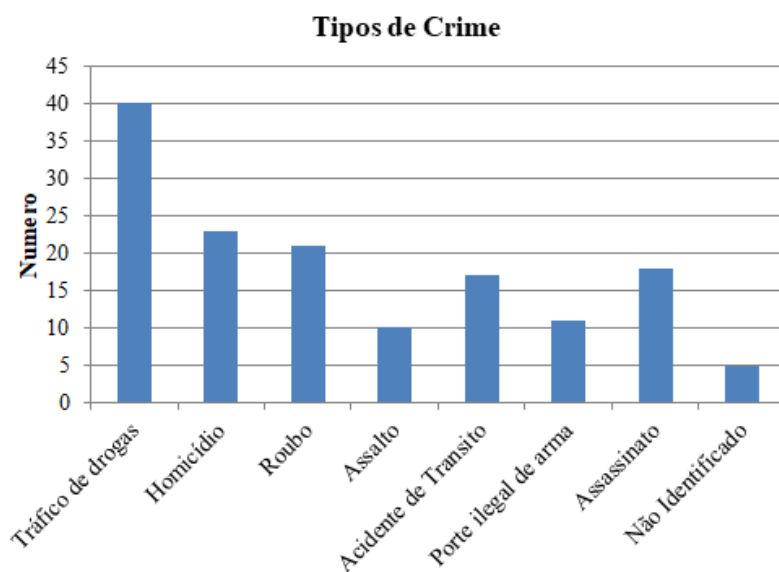


Gráfico 23: Principais tipos de crime registradas em O Liberal, mar. 2012.  
Fonte: O Liberal



Acusado	Não Ident.	0-14	15-20	21-25	26-30	31-35	36-40	41-45	46-50	51-55	56-60	61-65
Homem	77		35	29	15	9	6	4	3	2	2	2
Mulher	13		4		2		1		1	1		
Não Identificado												

Tabela 70: Faixa etária dos acusados registrados em O Liberal, mar. 2012.

Fonte: O Liberal

Branco	10
Negro	21
Pardo	37
Índio	0
Oriental	0
Não identificado	112
Total	180

Tabela 71: Etnia dos acusados registrados em O Liberal, mar. 2012.

Fonte: O Liberal

Vítima	Não Ident.	0-14	15-20	21-25	26-30	31-35	36-40	41-45	46-50	51-55	56-60	61-65	66-70	71-75	76-80
Homem	24	3	7	6	6	3	2	1	1	4	2				
Mulher	11	3	3	2			1								
Não Identificado															

Tabela 72: Faixa etária das vítimas registrada em O Liberal, mar. 2012.

Fonte: O Liberal

Branco	0
Negro	0
Pardo	5
Índio	0
Oriental	0
Não identificado	73
Total	78

Tabela 72: Etnia das vítimas registrada em O Liberal, mar. 2012.

Fonte: O Liberal

Belém	75
Ananindeua	25
Marituba	12
Castanhal	7
Marabá	7
Icoaraci	6
Almerim	4
Não Identificado	4
Santa Isabel	3

Tabela 73: Municípios do Pará com mais ocorrências de crimes registrados em O Liberal, mar. 2012.  
Fonte: O Liberal

São Félix do Xingu
Altamira
Benevides
Capitão Poço
Novo Progresso
Outeiro
Santo Antonio de Taua
Santarém
Tucuruí
Vigia
Alvorada
Bragança
Canãa de Carajas
Colares
Divinópolis
Ipixuna do Pará
Iritua
Itaituba
Mae do Rio
Mocajuba
Mosqueiro
Rondon do Pará
Rurópolis
Salinópolis
Uruará
Xinguara

Tabela 74: Demais municípios do Pará com ocorrências de crimes registrados em O Liberal, mar. 2012.  
Fonte: O Liberal

Não Identificado	63
Cremação	7
Guamá	7
Telegrafo	7
Icuí-Guajará	5
Cabanagem	4
Jurunas	4
Marco	4
Pedreira	4
Umarizal	4

Tabela 75: Bairros de municípios do Pará com mais ocorrências de crimes registrados em O Liberal, mar. 2012.  
Fonte: O Liberal

Bengui	Bairro Novo
Coqueiro	Barreiro
Distrito Industrial	Brasília
Guanabara	Campina
Sacramenta	Comercio
São Brás	Dom Aristides
Aguas Lindas	Inatema
Aurá	Jaderlândia
BR 316	Laércio Cabeline
Cidade Nova	Liberdade
Condor	Mangueirão
Parque Verde	Mirizal
Pratinha	Nova Marabá
São José	Nova União
Terra Firme	Nova Vida
União	Parque das Palmeiras
40 Horas	Val de Cães
Águas Brancas	Vila do Carmo
Almir Gabriel	Guajará-Açu

Tabela 76: Demais bairros de municípios do Pará com ocorrências de crimes registrados em O Liberal, mar. 2012.  
Fonte: O Liberal

## MAPEAMENTO JORNAL DIÁRIO DO PARÁ

### GRÁFICOS E TABELAS SOBRE A PRIMEIRA ETAPA DO PROJETO DE PESQUISA "MÍDIA E VIOLÊNCIA"

#### DIÁRIO DO PARÁ

Agressivas	98
Irônicas e preconceituosas	3
Irônicas	11
Diversas	135
Aspeadas	30

Tabela 1: Tipos de manchete registrados no Diário do Pará, mar. 2012.  
Fonte: Diário do Pará

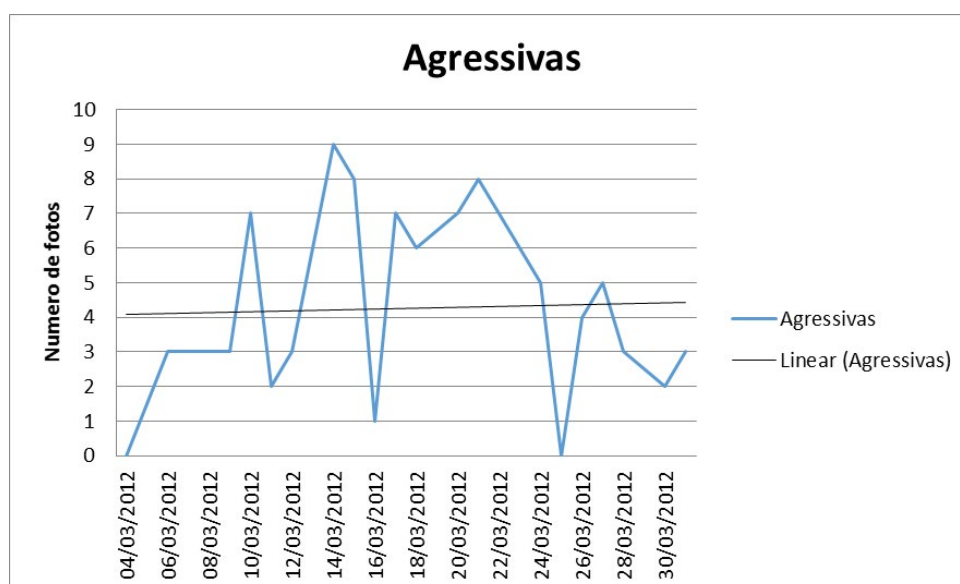


Gráfico 1: Manchetes agressivas registradas no Diário do Pará registrados por dia, mar. 2012.  
Fonte: Diário do Pará

Fotos Violentas	56
Fotos dos Acusados	115
Ilustrações	0
Fotos Diversas	38
Sem Fotos	32

Tabela 2: Fotos violentas no Diário do Pará registrados por dia, mar. 2012.  
Fonte: Diário do Pará

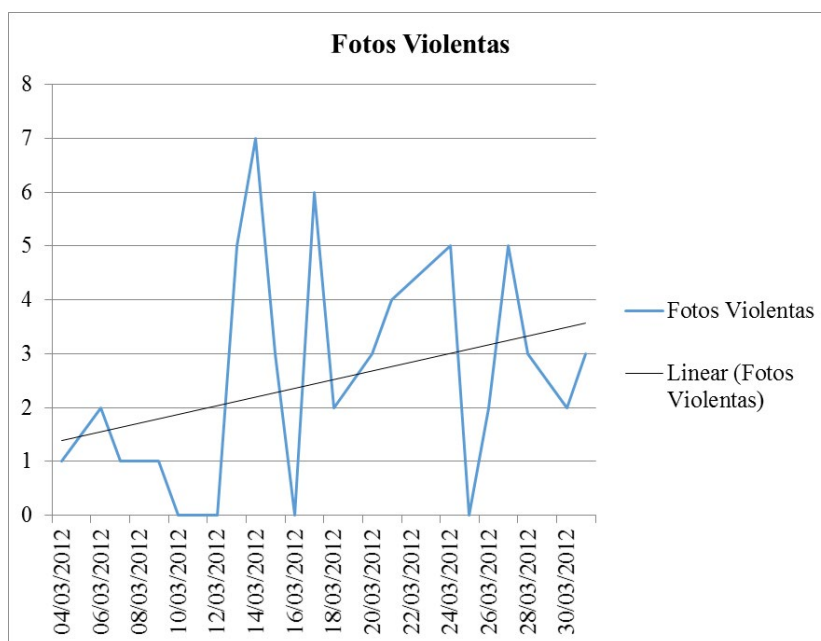


Gráfico 2: Fotos violentas no Diário do Pará registrados por dia, mar. 2012.  
Fonte: Diário do Pará

Polícia Civil	103
Polícia Militar	99
Testemunhas	63
Outros	17
Corpo dos Bombeiros	3
Sem Fontes	5

Tabela 3 Tipos de fontes registradas no Diário do Pará, mar. 2012.  
Fonte: Diário do Pará

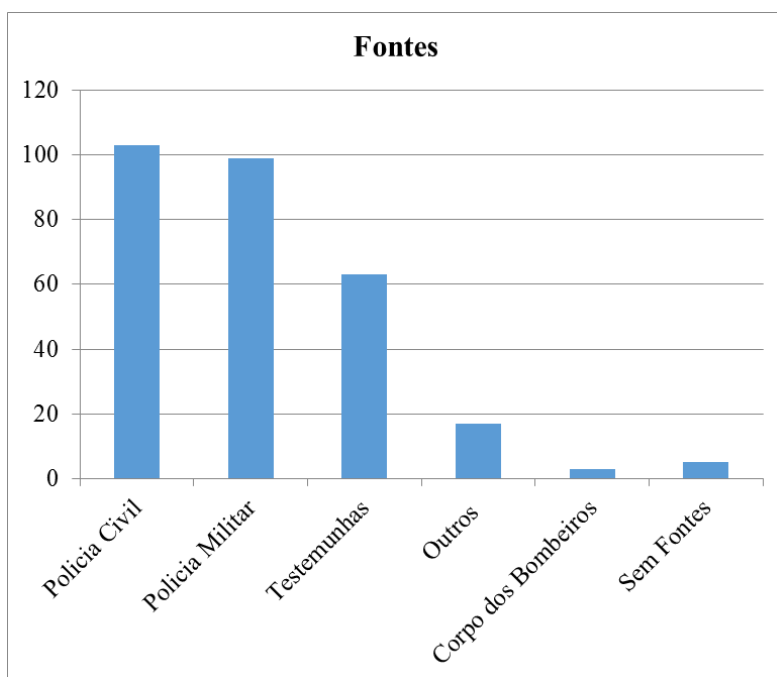


Gráfico 3: Tipos de fontes registradas no Diário do Pará, mar. 2012.  
Fonte: Diário do Pará

Tráfico de drogas	69
Roubo	30
Homicídio	23
Assalto	21
Assassinato	20
Acidente de Transito	18
Porte ilegal de arma	9
Formação de Quadrilha	8
Tentativa de Homicídio	6
Estelionato	6

Tabela 4: Principais tipos de crime registrados no Diário do Pará, mar. 2012.  
Fonte: Diário do Pará

Agressão física
Não identificado
Latrocínio
Danificação do Patrimônio Publico
Furto qualificado
Assalto com refém
Pirataria
Estupro
Tentativa de Assalto
Pedofilia
Acidente Doméstico
Agressão à Mulher
Afogamento
Associação ao tráfico de drogas
Corrupção de menor de idade
Sequestro
Abuso Sexual
Arrombamento
Violência Doméstica
Assalto Sexual
Incêndio
Tentativa de Fuga
Fraude

Tabela 5: Demais tipos de crime registrados no Diário do Pará, mar. 2012.  
Fonte: Diário do Pará

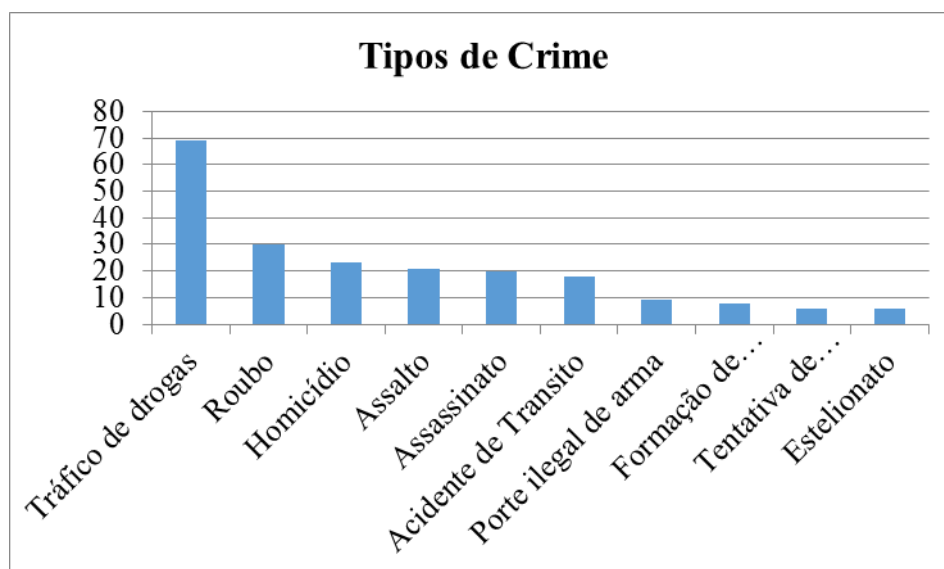


Gráfico 4: Principais tipos de crime registradas no Diário do Pará, mar. 2012.  
Fonte: Diário do Pará

Acusado	Não Ident.	0-14	15-20	21-25	26-30	31-35	36-40	41-45	46-50	51-55	56-60	61-65
Homem	136	3	76	35	45	15	10	7	10	1	1	
Mulher	9		6	4	1	4				1		
Não Identificado	22											

Tabela 6: Faixa etária dos acusados registrados no Diário do Pará, mar. 2012.  
Fonte: Diário do Pará

Branco	16
Negro	24
Pardo	72
Índio	0
Oriental	0
Não identificado	260

Tabela 7: Etnia dos acusados registrados no Diário do Pará, mar. 2012.  
Fonte: Diário do Pará

Vitima	Não Ident.	0-14	15-20	21-25	26-30	31-35	36-40	41-45	46-50	51-55	56-60	61-65	66-70	71-75	76-80
Homem	30	3	11	10	4	7	2	3	1	2					
Mulher	16	2	5	4	1	1		1	1						
Não Identificado	11														

Tabela 8: Faixa etária das vítimas registrada no Diário do Pará, mar. 2012.  
Fonte: Diário do Pará

Branco	2
Negro	2
Pardo	3
Índio	0
Oriental	0
Não identificado	107

Tabela 9: Etnia das vítimas registrada no Diário do Pará, mar. 2012.  
Fonte: Diário do Pará



Belém	95
Ananindeua	35
Icoaraci	15
Marituba	15
Castanhal	9
Não Identificado	6
Santa Isabel	6
Marabá	5
Mosqueiro	5
Outeiro	5

Tabela 10: Municípios do Pará com mais ocorrências de crimes registrados no Diário do Pará, mar. 2012.

Fonte: Diário do Pará

Abaetetuba
Altamira
Benevides
Bragança
Cachoeira do Arari
Capitão Poço
Colares
Conceição do Araguaia
Guajarina do Pará
Ipixuna do Pará
Itaituba
Itupiranga
Jacundá
Moju
Muaná
Placas
Redenção
Rurópolis
Salvaterra
Santarém
Santo Antônio do Tauá
São Félix do Xingu
Tucumã
Uruará
Vigia
Tucuruí

Tabela 11: Demais municípios do Pará com ocorrências de crimes registrados no Diário do Pará, mar. 2012.

Fonte: Diário do Pará

Não identificado	90
Jurunas	8
Bengui	6
Cremação	6
Guamá	6
Sacramenta	6
Terra Firme	6
Marco	5
Pedreira	5
Umarizal	5

Tabela 12: Bairros de municípios do Pará com mais ocorrências de crimes registrados no Diário do Pará, mar. 2012.  
Fonte: Diário do Pará

Águas Lindas	Canudos	União
BR 316	40 Horas	Parque Palmeira
Cidade Nova	Colônia	Piscinão
Icuí-Guajará	Choque	Cohab
Pratinha	Boa Esperança	Belo Horizonte
Curuçambá	Águas Brancas	Una
Guanabara	Barreiro	Riacho Doce
Nazaré	Campina	Algodual
Parque Verde	Fatima	Alvorada
Cabanagem	Florestal	Moacir Jurandir
Comercio	Imperador	Santa Catarina
Condor	Maguari	Maracajá
Coqueiro	Marambaia	São Sebastião
Distrito Industrial	Nova Marabá	Parquelândia
Paracuri	Ponta Grossa	Coutelândia
São Brás	São José	Cabelo Seco
Sideral	Almir Gabriel	Alegre
Tapanã	Val de Cães	Jardim Tropical
Telegrafo	Jaderlândia	Brasília
Tenoné	Santa Lucia	Xurupita
		Reduto

Tabela 13: Demais bairros de municípios do Pará com ocorrências de crimes registrados no Diário do Pará, mar. 2012.  
Fonte: Diário do Pará

Agressivas	41
Irônicas e preconceituosas	3
Irônicas	11
Diversas	220
Aspeadas	58

Tabela 14: Tipos de manchete registrados no Diário do Pará, abr. 2012.  
Fonte: Diário do Pará

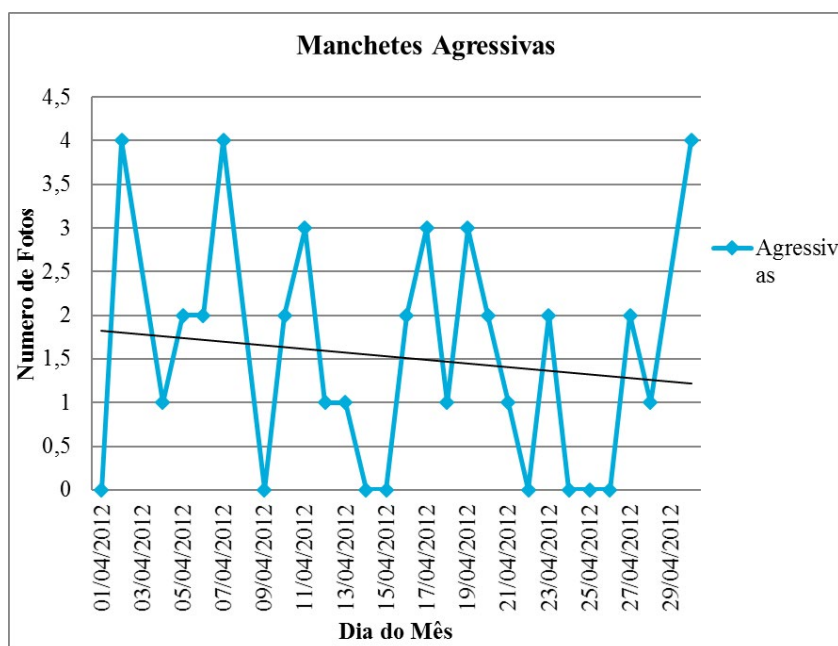


Gráfico 5: Manchetes agressivas registradas no Diário do Pará por dia, abr. 2012.  
Fonte: Diário do Pará

Fotos Violentas	74
Fotos dos Acusados	164
Ilustrações	4
Fotos Diversas	101
Sem Fotos	55

Tabela 14: Tipos de fotos registradas no Diário do Pará, abr. 2012.  
Fonte: Diário do Pará

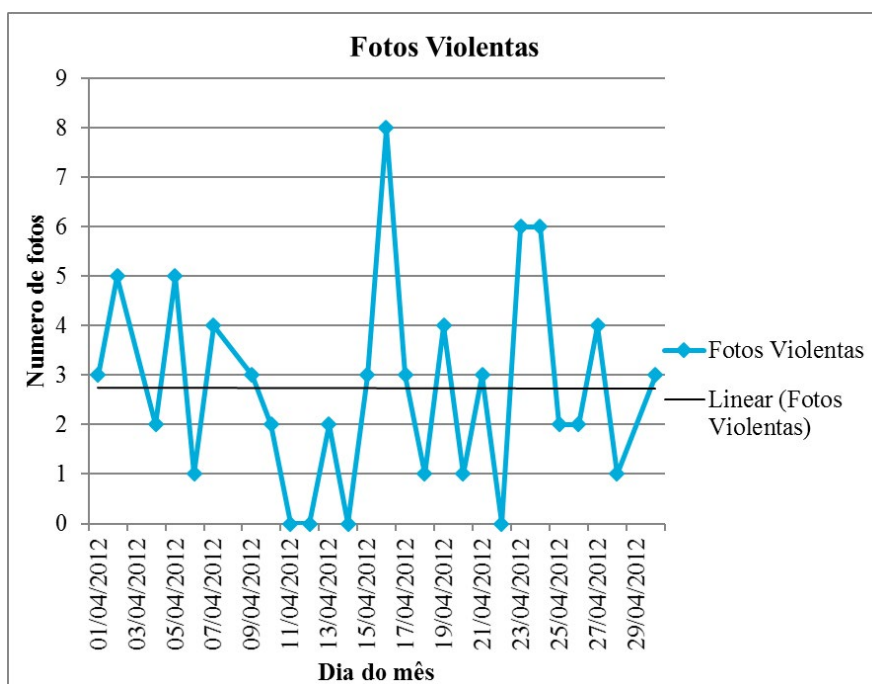


Gráfico 6: Fotos violentas no Diário do Pará registrados por dia, abr. 2012.  
 Fonte: Diário do Pará

Polícia Civil	82
Polícia Militar	120
Testemunhas	94
Outros	26
Corpo dos Bombeiros	3
Sem Fontes	51

Tabela 15: Tipos de fontes registradas no Diário do Pará, abr. 2012.  
 Fonte: Diário do Pará

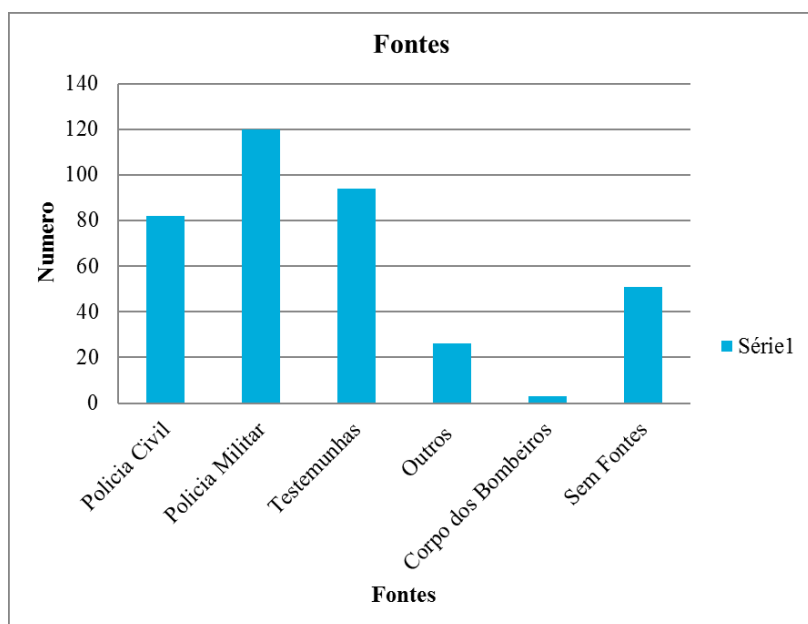


Gráfico 7: Tipos de fontes registradas no Diário do Pará, abr. 2012.  
Fonte: Diário do Pará

Tráfico de drogas	72
Homicídio	52
Roubo	37
Assalto	32
Acidente de Trânsito	28
Porte ilegal de arma	21
Assassinato	15
Não identificado	14

Tabela 16: Principais tipos de crime registrados no Diário do Pará, abr. 2012.  
Fonte: Diário do Pará

Estupro de vulnerável	Cárcere privado
Formação de Quadrilha	Abuso Sexual
Tentativa de Homicídio	Arrombamento
Latrocínio	“Asfixiação”
Agressão à Mulher	Envenenamento
Afogamento	Suicídio
Associação ao tráfico de drogas	Violência Doméstica
Crime ambiental	Castração
Danificação do Patrimônio Público	Assalto com refém
Estelionato	Recepção dolosa do veículo
Furto qualificado	Disparo de arma de fogo
Lesão Corporal	Corrupção Ativa e Passiva
Corrupção de menor de idade	Piratearia
Falsidade ideológica	
Sequestro	

Tabela 17: Demais tipos de crime registrados no Diário do Pará, abr. 2012.

Fonte: Diário do Pará

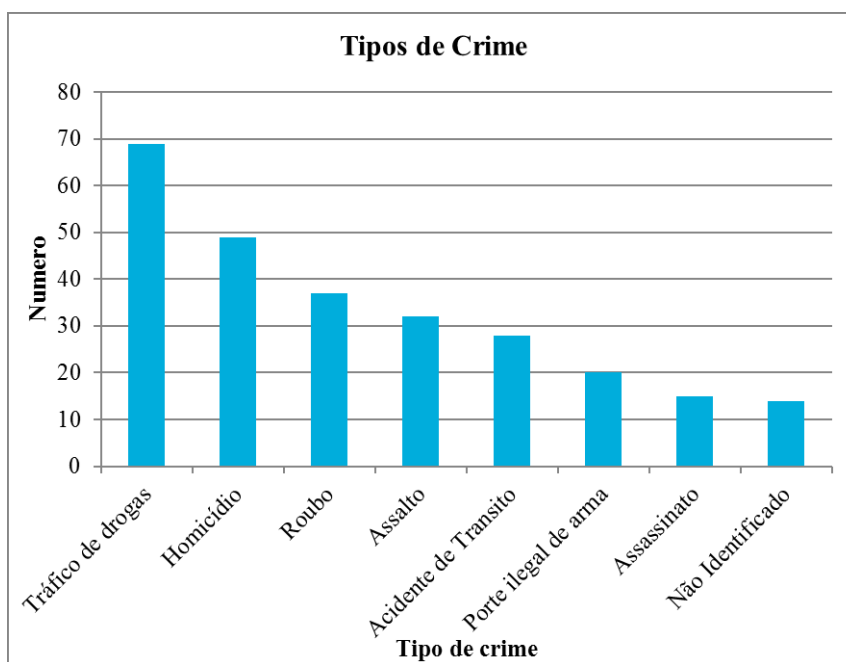


Gráfico 8: Principais tipos de crime registradas no Diário do Pará, abr. 2012.

Fonte: Diário do Pará

Acusado	Não Ident.	0-14	15-20	21-25	26-30	31-35	36-40	41-45	46-50	51-55	56-60	61-65
Homem	168	2	87	64	33	11	13	7	7	1		1
Mulher	24		6	6	4	3		1			1	
Não Ident.	59											

Tabela 18: Faixa etária dos acusados registrados no Diário do Pará, abr. 2012.  
Fonte: Diário do Pará

Branco	8
Negro	35
Pardo	142
Índio	0
Oriental	0
Não identificado	301
Total	486

Tabela 19: Etnia dos acusados registrados no Diário do Pará, abr. 2012.  
Fonte: Diário do Pará

Branco	8
Negro	35
Pardo	142
Índio	0
Oriental	0
Não identificado	301
Total	486

Tabela 20: Faixa etária das vítimas registrada no Diário do Pará, abr. 2012.  
Fonte: Diário do Pará

Branco	2
Negro	1
Pardo	17
Índio	0
Oriental	1
Não identificado	268
Total	289

Tabela 21: Etnia das vítimas registrada no Diário do Pará, abr. 2012.  
Fonte: Diário do Pará

Belém	111
Ananindeua	43
Icoaraci	20
Marituba	14
Não Identificado	13
Castanhal	11
Santa Isabel	8
Santarém	6

Tabela 22: Municípios do Pará com mais ocorrências de crimes registrados no Diário do Pará, abr. 2012.  
Fonte: Diário do Pará



Outeiro	Mosqueiro
Barcarena	Rondônia
Marabá	Rurópolis
Brasil Novo	São Caetano de Odivelas
Oriximiná	São Félix do Xingu
Igarapé-miri	Tirarão
Jacundá	São João da Ponta
Moju	Ilha do Cotijuba
Almeirim	Ourém
Altamira	Capitão Poço
Rondon do Pará	Ipixuna do Pará
Salinópolis	Marudá
Santa Bárbara	Benevides
Soure	Mocajuba
Tucuruí	Itupiranga
Aurora do Pará	Xinguara
Vigia	Itaituba
Tailandia	Uruará
Abaetetuba	Igarapé-Açu

Tabela 23: Demais municípios do Pará com ocorrências de crimes registrados no Diário do Pará, abr. 2012.  
Fonte: Diário do Pará

Não Identificado	100
Tapanã	10
Marambaia	9
Marco	8
Paracuri	8
Guamá	7
São Bras	7
Distrito Industrial	6

Tabela 24: Bairros de municípios do Pará com mais ocorrências de crimes registrados no Diário do Pará, abr. 2012.  
Fonte: Diário do Pará

Águas Lindas	BR 316
Comércio	Centro
Augusto Montenegro	Condor
Bengui	Dom Aristides
Cidade Nova	Icuí-Guajará
Cidade Velha	Maguari
Coqueiro	Nazaré
Cremação	Nova Marabá
Curuçambá	Paar
Guanabara	Pedreira
Jurunas	Pratinha
Tenoné	Sideral
Batista Campos	Terra Firme
Cabanagem	Área Verde
Campina	Parque Verde
Nova União	Agulha
Sacramenta	Água Boa
Águas Brancas	Ariramba
Barreiro	Aurá

Bairro Novo	Diamantino
Baixada	Umarizal
Centro (Barcarena)	São João
Cidade Nova (Oriximiná)	São José
Cordeiro de Farias	Almir Gabriel
Fátima	Alto Município
Florestal	Bom Jesus
Imperador	Nova Estrela
Maracacuera	Pioneiro
Miranda	Julio Seffer
Periferia	Piracaná
Ponta Grossa	Fama
Propira	Val de Cães
Souza	Ianetama
Telegrafo	Jaderlândia
Utinga	Cinco Bocas
Vila Munguba	África
Novo Caiçara	Padre Emílio
Urumanduba	Cruzeiro

Tabela 25: Demais bairros de municípios do Pará com ocorrências de crimes registrados no Diário do Pará, abr. 2012.

Fonte: Diário do Pará

Agressivas	85
Irônicas e preconceituosas	0
Irônicas	35
Diversas	178
Aspeadas	5

Tabela 26: Tipos de manchete registrados no Diário do Pará, mai. 2012.  
Fonte: Diário do Pará

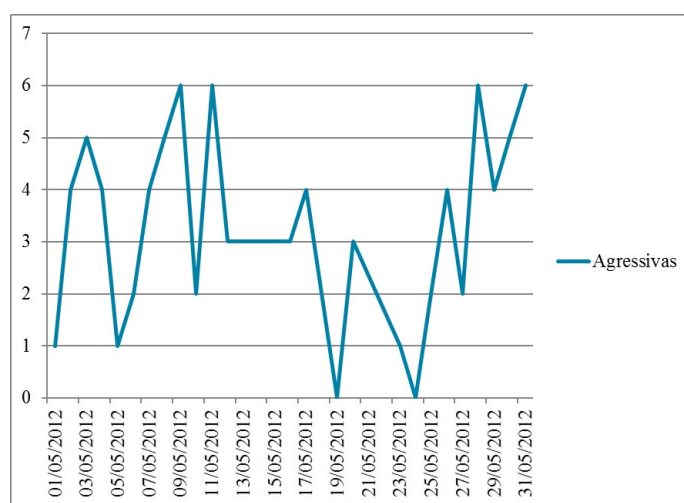


Gráfico 9: Manchete agressivas registradas no Diário do Pará registradas por dia, mai. 2012.  
Fonte: Diário do Pará

Fotos Violentas	87
Fotos dos Acusados	205
Ilustrações	3
Fotos Diversas	162
Sem Fotos	

Tabela 27: Fotos violentas no Diário do Pará registrados por dia, mai. 2012.  
Fonte: Diário do Pará

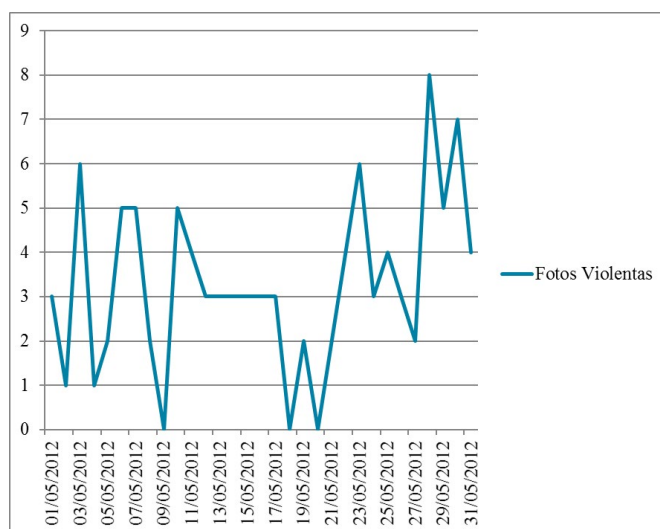


Gráfico 10: Fotos violentas no Diário do Pará registrados por dia, mai. 2012.  
Fonte: Diário do Pará

Polícia Civil	116
Polícia Militar	86
Testemunhas	64
Outros	140
Corpo dos Bombeiros	2
Sem Fontes	18

Tabela 28: Tipos de fontes registradas no Diário do Pará, mai. 2012.  
Fonte: Diário do Pará

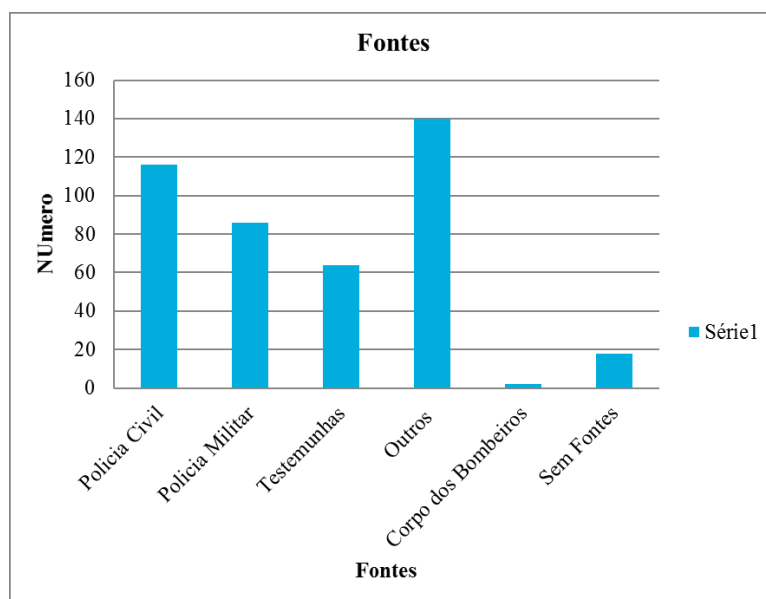


Gráfico 11: Tipos de fontes registradas no Diário do Pará, mai. 2012.  
Fonte: Diário do Pará

Tráfico de drogas	62
Assalto	36
Acidente de Transito	35
Homicídio	29
Assassinato	19
Não Identificado	14
Estupro de vulnerável	13
Porte ilegal de arma	13
Roubo	11
Execução	10

Tabela 29: Principais tipos de crime registrados no Diário do Pará, mai. 2012.  
Fonte: Diário do Pará

Agressão física	Corrupção Ativa e Passiva
Assalto com refém	Falsidade ideológica
Agressão à Mulher	Furto qualificado
Assalto a banco	Incêndio
Associação ao tráfico de drogas	Invasão de propriedade
Estelionato	Latrocínio
Lesão Corporal	Porte de munição de uso proibido
Abuso Sexual	Roubo qualificado
Concussão	Sequestro
Corrupção de menor de idade	Sequestro mediante extorsão
Disparo de arma de fogo	Tentativa de estupro a vulnerável
Formação de Quadrilha	Tráfico de pessoas
Furto	Violência Doméstica
Tentativa de assalto	
Tentativa de Homicídio	
Acidente	
Acidente de Trabalho	
Cárcere privado	
Consumo de entorpecentes	

Tabela 30: Demais tipos de crime registrados no Diário do Pará, mai. 2012.  
Fonte: Diário do Pará

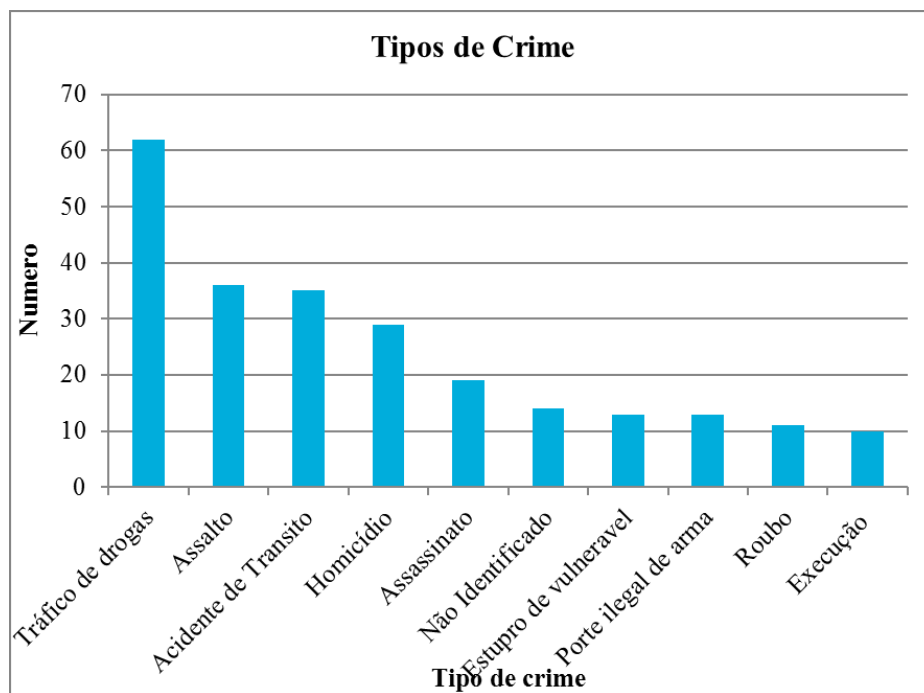


Gráfico 12: Principais tipos de crime registradas no Diário do Pará, mai. 2012.  
Fonte: Diário do Pará

Acusado	Não Ident.	0-14	15-20	21-25	26-30	31-35	36-40	41-45	46-50	51-55	56-60	61-65	66-70
Homem	147	3	52	56	24	25	14	4	3	2	2		1
Mulher	16		5	3	5	2	1	2					
Não Identificado	42		1										

Tabela 31: Faixa etária dos acusados registrados no Diário do Pará, mai. 2012.  
Fonte: Diário do Pará

Branco1	19
Negro	42
Pardo	117
Índio	1
Oriental	0
Não identificado	233
Total	

Tabela 32: Etnia dos acusados registrados no Diário do Pará, mai. 2012.  
Fonte: Diário do Pará

Vítima	Não Ident.	0-14	15-20	21-25	26-30	31-35	36-40	41-45	46-50	51-55	56-60	61-65	66-70	71-75	76-80
<b>Homem</b>	44	3	17	15	10	9	4	4	2	2	1			1	
<b>Mulher</b>	18	13	4	2	3	2				2			2		
<b>Não Identificado</b>	21	5													

Tabela 33: Faixa etária das vítimas registrada no Diário do Pará, mai. 2012.  
Fonte: Diário do Pará

Branco	7
Negro	1
Pardo	13
Índio	0
Oriental	0
Não identificado	168
Total	

Tabela 34: Etnia das vítimas registrada no Diário do Pará, mai. 2012.  
Fonte: Diário do Pará

Belém	108
Ananindeua	45
Icoaraci	15
Não Identificado	15
Marituba	11
Castanhal	8
Santa Izabel do Pará	8
Benevides	7
Outeiro	6

Tabela 35: Municípios do Pará com mais ocorrências de crimes registrados no Diário do Pará, mai. 2012.  
Fonte: Diário do Pará

Outeiro	Mosqueiro
Barcarena	Rondônia
Marabá	Rurópolis
Brasil Novo	São Caetano de Odivelas
Oriximiná	São Félix do Xingu
Igarapé-miri	Tirarão
Jacundá	São João da Ponta
Moju	Ilha do Cotijuba
Almeirim	Ourém
Altamira	Capitão Poço
Rondon do Pará	Ipixuna do Pará
Salinópolis	Marudá
Santa Bárbara	Benevides
Soure	Mocajuba
Tucuruí	Itupiranga
Aurora do Pará	Xinguara
Vigia	Itaituba
Tailândia do Pará	Uruará
Abaetetuba	Igarapé-Açu

Tabela 36: Demais municípios do Pará com ocorrências de crimes registrados no Diário do Pará, mai. 2012.  
Fonte: Diário do Pará



Não Identificado	100
Tapanã	10
Marambaia	9
Marco	8
Paracuri	8
Guamá	7
São Brás	7
Distrito Industrial	6

Tabela 37: Bairros de municípios do Pará com mais ocorrências de crimes registrados no Diário do Pará, mai. 2012.  
Fonte: Diário do Pará

Mosqueiro	Eldorado dos Carajás
Marabá	Moju
Itaituba	Nova Ipixuna
Jacundá	Oriximiná
Novo Repartimento	Região do Salgado
Parapuebas	Rurópolis
Santarém	Rurópolis-Santarém (BR-316)
Santo Antônio do Tauá	Salva Terra
Alça Viária	Santa Cruz do Arari
Almerim	Santa Terezinha
Anápolis	Santana do Araguaia
Barcarena	São Domingos do Capim
Benfica	São João da Ponta
Bragança	São Miguel do Guamá
Cachoeira do Arari	Trajeto Manaus-Belém

Cametá	Uruará
Conceição do Araguaia	Vigia
Curralinho	Xinguara
Distrito do Campo Verde	

Tabela 38: Demais bairros de municípios do Pará com ocorrências de crimes registrados no Diário do Pará, mai. 2012.

Fonte: Diário do Pará

Agressivas	90
Irônicas e preconceituosas	0
Irônicas	45
Diversas	142
Aspeadas	2

Tabela 39: Tipos de manchete registrados no Diário do Pará, ago. 2012.

Fonte: Diário do Pará

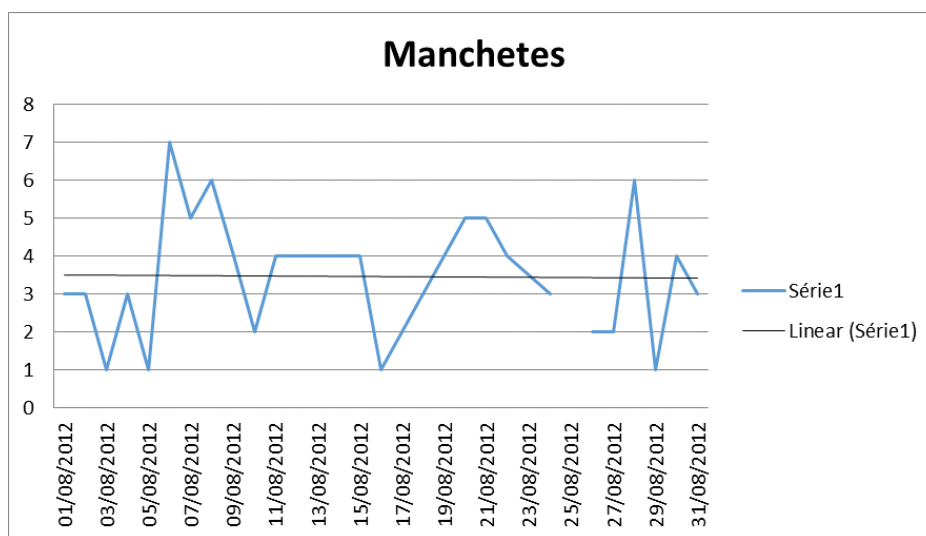


Gráfico 13: Manchete agressivas registradas no Diário do Pará registradas por dia, ago. 2012.

Fonte: Diário do Pará

Fotos Violentas	105
Fotos dos Acusados	210
Ilustrações	1
Fotos Diversas	136
Sem Fotos	23

Tabela 40: Fotos violentas no Diário do Pará registradas por dia, ago. 2012.

Fonte: Diário do Pará

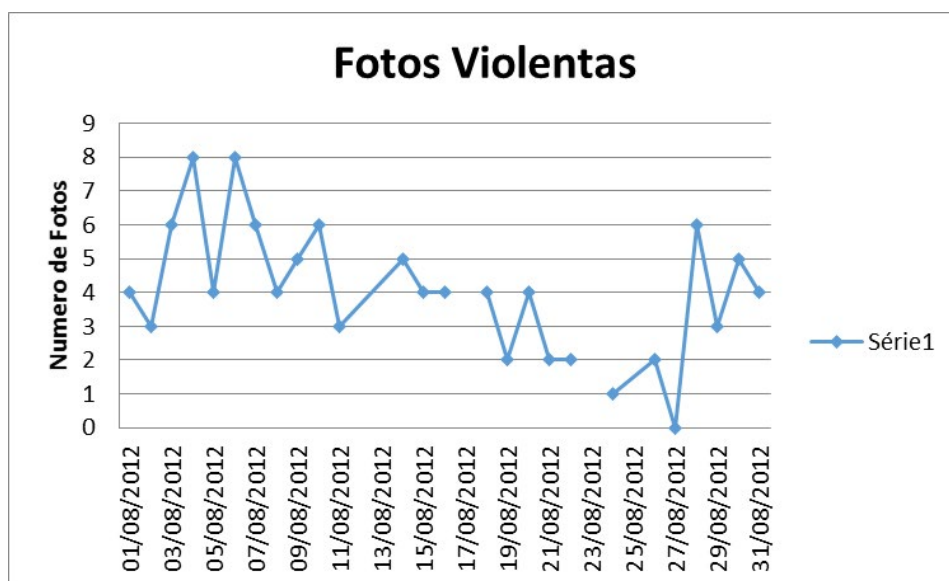


Gráfico 14: Fotos violentas no Diário do Pará registrados por dia, ago. 2012.  
Fonte: Diário do Pará

Polícia Civil	88
Polícia Militar	128
Testemunhas	52
Outros	110
Corpo dos Bombeiros	1
Sem Fontes	14

Tabela 41: Tipos de fontes registradas no Diário do Pará, ago. 2012.  
Fonte: Diário do Pará

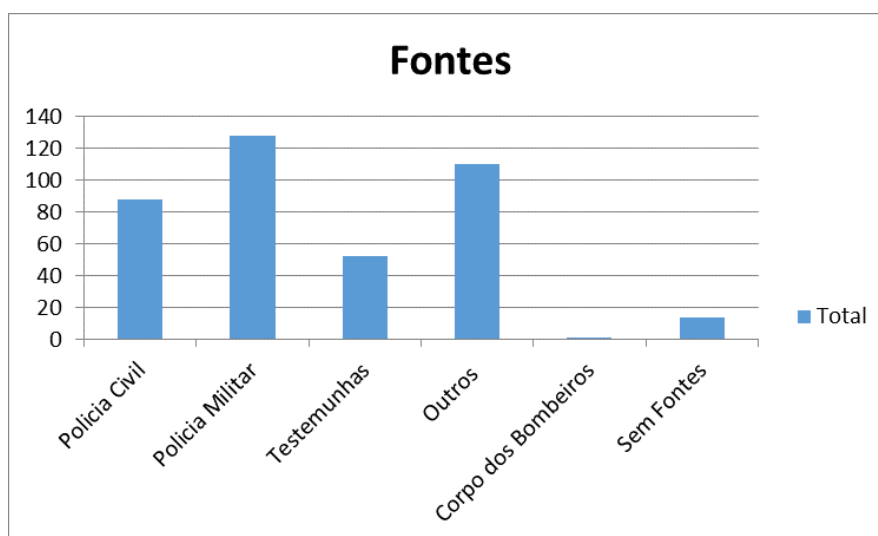


Gráfico 15: Tipos de fontes registradas no Diário do Pará, ago. 2012.  
Fonte: Diário do Pará

Tráfico de drogas	47
Não Identificado	41
Roubo	22
Assalto	21
Homicídio	21
Acidente de Transito	18
Assassinato	17
Porte ilegal de arma	10
Execução	7
Estupro de vulnerável	5
Tentativa de Homicídio	5

Tabela 42: Principais tipos de crime registrados no Diário do Pará, ago. 2012.  
Fonte: Diário do Pará

Abuso Sexual
Acidente
Adulteração de sinal qualificado
Agressão física
Agressão Verbal e Injúria
Aliciação de crianças
Arrombamento
Associação ao tráfico de drogas
Atropelamento
Consumo de entorpecentes
Corrupção de menor de idade
Corrupção Ativa e Passiva
Danificação do Patrimônio Público
Depredação
Duplo homicídio
Esfaqueamento
Estupro
Falsidade ideológica
Formação de Quadrilha
Furto
Homicídio qualificado
Latrocínio
Receptação qualificada
Roubo qualificado
Sequestro
Tentativa de execução
Tiro nas costas

Tabela 43: Demais tipos de crime registrados no Diário do Pará, ago. 2012.  
Fonte: Diário do Pará

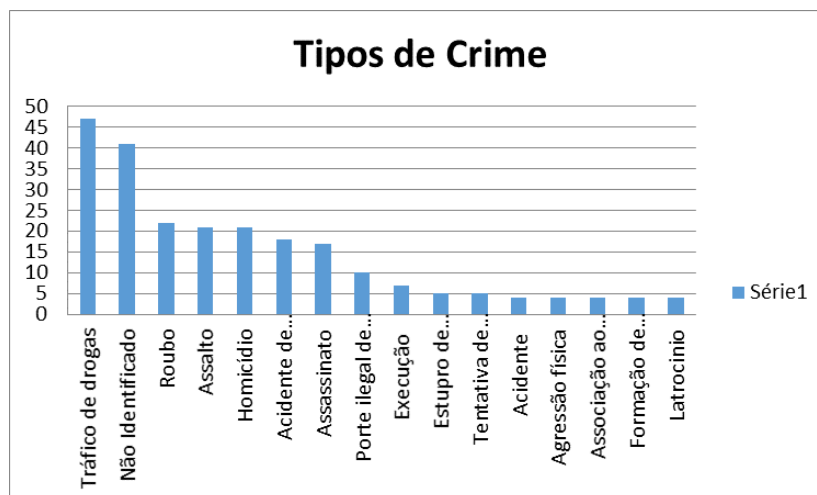


Gráfico 16: Principais tipos de crime registradas no Diário do Pará, ago. 2012.  
Fonte: Diário do Pará

Acusado	Não Ident.	0-14	15-20	21-25	26-30	31-35	36-40	41-45	46-50	51-55	56-60	61-65	66-70
<b>Homem</b>	143	5	70	54	29	16	12	4		3			1
<b>Mulher</b>	19		11	2	4	3		3	1				
<b>Não Identificado</b>	18												

Tabela 44: Faixa etária dos acusados registrados no Diário do Pará, ago. 2012.  
Fonte: Diário do Pará

Branco	10
Negro	57
Pardo	138
Índio	0
Oriental	0
Não identificado	189

Tabela 45: Etnia dos acusados registrados no Diário do Pará, ago. 2012.  
Fonte: Diário do Pará

Vitima	Não Ident.	0-14	15-20	21-25	26-30	31-35	36-40	41-45	46-50	51-55	56-60	61-65	66-70	71-75	76-80	81-86
<b>Homem</b>	38	7	16	14	12	4	26	3	10	4	2	2	1	4		
<b>Mulher</b>	41	3	8	1	4	3		3	3	2		1				1
<b>Não Identificado</b>	24															

Tabela 46: Faixa etária das vítimas registrada no Diário do Pará, ago. 2012.  
Fonte: Diário do Pará

Branco	3
Negro	4
Pardo	16
Índio	0
Oriental	0
Não identificado	192

Tabela 47: Etnia das vítimas registrada no Diário do Pará, ago. 2012.  
Fonte: Diário do Pará

Belém	69
Ananindeua	42
Não Identificado	42
Marituba	13
Abaetetuba	9
Castanhal	8
Santa Izabel do Pará	8
Benevides	7
Icoaraci	7
Santarém	5

Tabela 48: Municípios do Pará com mais ocorrências de crimes registrados no Diário do Pará, ago. 2012.  
Fonte: Diário do Pará

Altamira/Castelo dos Sonhos	Marajó
Aurora do Pará	Moju
Baião	Mosqueiro
Barcarena	Ourilândia
Bragança	Outeiro
Conceição do Araguaia	Planalto Santareno
Concordia do Pará	Redenção
Curuça	Santa Barbara
Dom Eliseu	Santa Luzia do Pará
Eldorado dos Carajás	Santa Maria do Pará
Itaituba	Santo Antonio do Tauá
Jacundá	São Félix do Xingu
Marabá	São Miguel do Guamá

Tabela 49: Demais municípios do Pará com ocorrências de crimes registrados no Diário do Pará, ago. 2012.  
Fonte: Diário do Pará

Não Identificado	96
Pedreira	13
Guamá	7
Jurunas	7
Marambaia	6
Tapanã	6
Aurá	4
Bengui	4
Cidade Nova	4
Distrito Industrial	4
Jaderlândia	4
Sacramenta	4

Tabela 50: Bairros de municípios do Pará com mais ocorrências de crimes registrados no Diário do Pará, ago. 2012.  
Fonte: Diário do Pará

Águas Lindas	Cidade Nova 7
Cabanagem	Cidade Nova V
Cidade Nova 8	Cidade Velha
Marco	Comercio
Paar	Comunidade Estrada Nova
Parque Verde	Condor
Val de Cães	Coqueiro
40 Horas	Cremação
Deucouville	Curuçambá
Icuí-Guajará	Distrito de Americano
Maracacuera	Fé em Deus
Pina	Floresta Park
São Brás	Guanabara
Sideral	Jardim Tropical
Telégrafo	Madre Teresa
Umarizal	Marituba
Una	Mini Industria
Águas Negras	Morada Nova
Alter do Chão	Nova União
Amparo	Novo
Aviação	Ourilândia do Norte
Barreiro	Paracuri III
Benfica	Pau D'arco
Canudos	Pérola do Moicá
Castanheira	Pratinha
Chapéu Virado	Pratinha II
Cidade Nova 2	Santa Lúcia
Cidade Nova 4	Santa Maria
	Saudade I

Sudam II
Terra Firme
Vila de Americano
Vila Nova

Saudade II
União
Matagal
São Jeronimo

Tabela 51: Demais bairros de municípios do Pará com ocorrências de crimes registrados no Diário do Pará, ago. 2012.

Fonte: Diário do Pará

Agressivas	67
Ironicas e preconceituosas	1
Irônicas	23
Diversas	161
Aspeadas	

Tabela 52: Tipos de manchete registrados no Diário do Pará, set. 2012.

Fonte: Diário do Pará

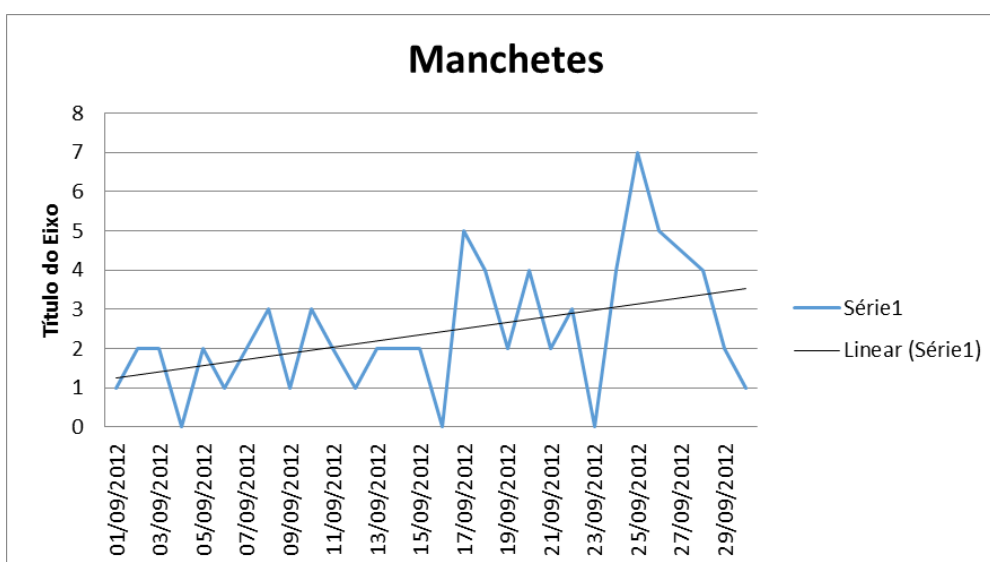


Gráfico 16: Manchetes agressivas registrados no Diário do Pará registrados por dia, set. 2012.

Fonte: Diário do Pará

Fotos Violentas	98
Fotos dos Acusados	179
Ilustrações	6
Fotos Diversas	175
Sem Fotos	17

Tabela 53: Fotos violentas no Diário do Pará registrados por dia, set. 2012.

Fonte: Diário do Pará



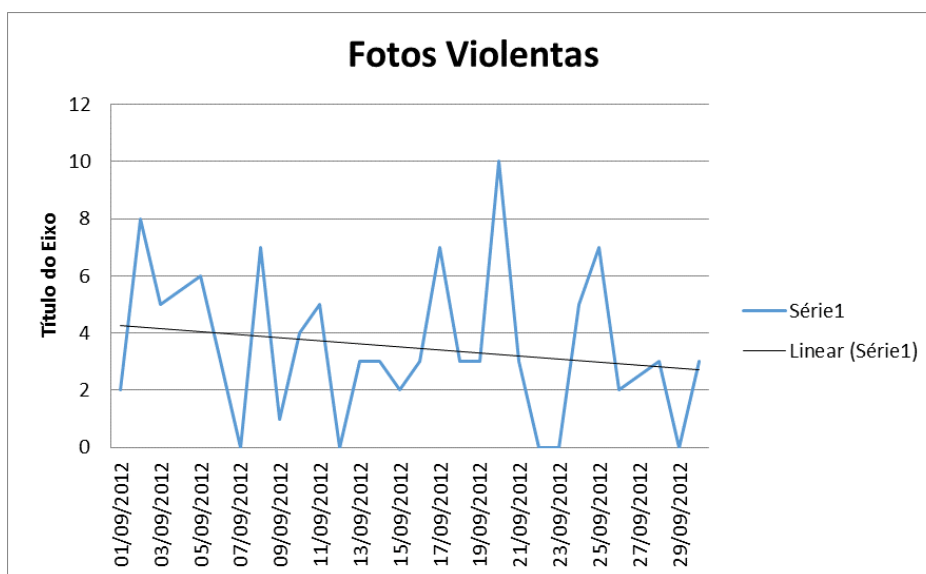


Gráfico 17: Fotos violentas no Diário do Pará registrados por dia, set. 2012.  
Fonte: Diário do Pará

Polícia Civil	61
Polícia Militar	99
Testemunhas	32
Outros	88
Corpo dos Bombeiros	2
Sem Fontes	22

Tabela 54: Tipos de fontes registradas no Diário do Pará, set. 2012.  
Fonte: Diário do Pará

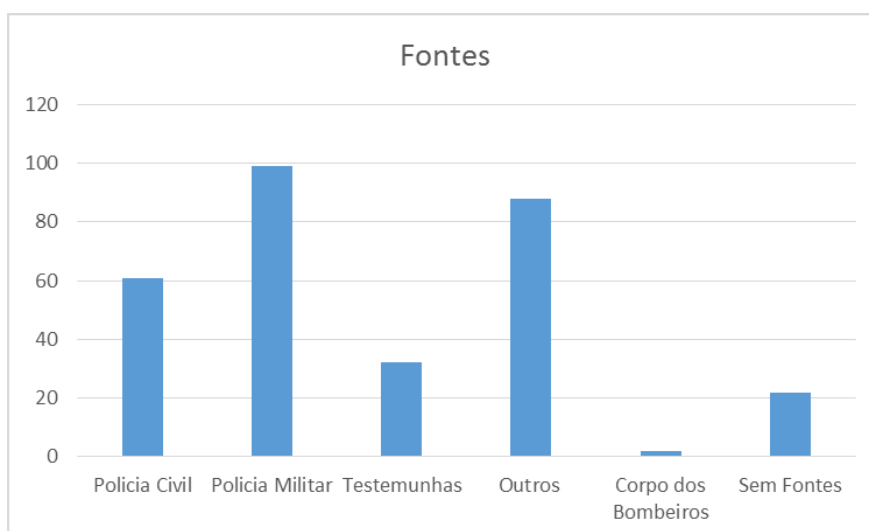


Gráfico 18: Tipos de fontes registradas no Diário do Pará, set. 2012.  
Fonte: Diário do Pará

Tráfico de drogas	39
Não identificado	25
Assassinato	22
Homicídio	20
Assalto	16
Roubo	12
Roubo qualificado	9
Porte ilegal de arma	8
Acidente de Transito	7
Estupro de vulnerável	6

Tabela 55: Principais tipos de crime registrados no Diário do Pará, set. 2012.  
Fonte: Diário do Pará

Abuso Sexual	Estelionato
Acidente	Estupro
Acidente de Trabalho	Execução
Acidente de trânsito	Extorsão
Agressão	Falsidade ideológica
Agressão à Mulher	Formação de Quadrilha
Agressão física	Furto
Aliciamento de menor	Furto qualificado
Apropriação indébita de valores	Latrocínio
Associação ao tráfico de drogas	Lesão Corporal
Atropelamento	Porte de munição de uso proibido
Cárcere privado	Recepção dolosa do veículo
Corrupção de menor de idade	Resistência à prisão
Crime ambiental	Sequestro
Crime de Ameaça	Suspeita de homicídio
Esfaqueamento	Tentativa de assalto
	Tentativa de Homicídio

Tabela 56: Demais tipos de crime registrados no Diário do Pará, set. 2012.  
Fonte: Diário do Pará

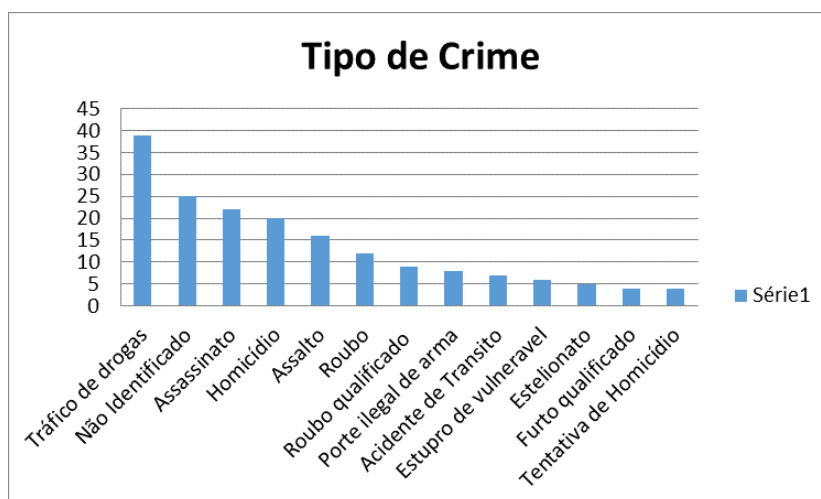


Gráfico 19: Principais tipos de crime registradas no Diário do Pará, set. 2012.  
Fonte: Diário do Pará

Acusado	Não Ident.	0-14	15-20	21-25	26-30	31-35	36-40	41-45	46-50	51-55	56-60	61-65	66-70	71-80
<b>Homem</b>	139	1	45	45	22	14	10	4	2		1			1
<b>Mulher</b>	10	1	6	3	1	2	1				1			
<b>Não Identificado</b>	16													

Tabela 57: Faixa etária dos acusados registrados no Diário do Pará, set. 2012.  
Fonte: Diário do Pará

Branco	10
Negro	38
Pardo	84
Índio	0
Oriental	0
Não identificado	187

Tabela 58: Etnia dos acusados registrados no Diário do Pará, set. 2012.  
Fonte: Diário do Pará

Vítima	Não Ident.	0-14	15-20	21-25	26-30	31-35	36-40	41-45	46-50	51-55	56-60	61-65	66-70	71-75	76-80
<b>Homem</b>	39	4	17	9	8	6	10	4			5		1		
<b>Mulher</b>	28	5	4	4	4	2		1	1						
<b>Não Identificado</b>	16					1									

Tabela 59: Faixa etária das vítimas registrada no Diário do Pará, set. 2012.  
Fonte: Diário do Pará

Branco	1
Negro	4
Pardo	18
Índio	4
Oriental	0
Não identificado	135

Tabela 60: Etnia das vítimas registrada no Diário do Pará, set. 2012.  
Fonte: Diário do Pará

Não Identificado	55
Belém	40
Ananindeua	26
Icoaraci	10
Marituba	9
Abaetetuba	7
Santa Izabel do Pará	6
Redenção	4
Benevides	3
Castanhal	3
Marudá	3
Santarém	3

Tabela 61: Municípios do Pará com mais ocorrências de crimes registrados no Diário do Pará, set. 2012.  
Fonte: Diário do Pará

Conceição do Araguaia
Alça Viária
Altamira
Brasil Novo
Bujaru
Ipixuna do Pará
Itaituba
Itupiranga
Mãe do Rio
Maracanã
Mosqueiro

Muaná
Paraupébas
Santa Maria das Barreiras
Santa Maria do Pará
Santana do Araguaia
Santo Antônio do Tauá
São João de Pirabas
São Miguel do Guamá
Senador José Porfírio
Ulianópolis
Vigia

Tabela 62: Demais municípios do Pará com ocorrências de crimes registrados no Diário do Pará, set. 2012.  
Fonte: Diário do Pará

Não Identificado	75
Guamá	9
Sacramenta	6
Tapanã	6
Pedreira	5
Jurunas	4
Pratinha II	4
Centro	3
Curuçambá	3
Distrito Industrial	3
Marambaia	3
Nazaré	3
Parque Verde	3
Tenoné	3

Tabela 63: Bairros de municípios do Pará com mais ocorrências de crimes registrados no Diário do Pará, set. 2012.  
Fonte: Diário do Pará

Cidade Nova 6	Pratinha
Cremação	Reduto
Icuí-Guajara	Salgadinho
Jaderlândia	São Bras
Paar	São João
Cidade Nova 8	Telegrafo
40 Horas	Una
Aguas Lindas	Umarizal
Agulha	Utinga
Aurá	Parque Guajará
Barreiro	Comunidade Paraíso
Batista Campos	Francilândia
Bengui	Curió-Utinga
Cabanagem	São Sebastião
Campina	Algoodoal
Cidade Nova	Cariri
Cidade Velha	Pantanal
Condor	Buraco fundo
Coqueiro	São Domingos
Deucouville	Canudos
Guanabara	Cidade Nova 3
Julio Seffer	Paracuri II
Levilândia	Vilarejo Casa de Tabuás
Maguari	Muririm
Maracangalha	Cidade Nova 4
Marco	Santa Clara
Outeiro	Área Rural

Parque Guajará	Novo Horizonte
Jaderlândia II	Santos Dumont
Florestal	Mucajá
Santarenzinho	Ressaca

Tabela 64: Demais bairros de municípios do Pará com ocorrências de crimes registrados no Diário do Pará, set. 2012.

Fonte: Diário do Pará

Agressivas	102
Irônicas e preconceituosas	1
Irônicas	11
Diversas	223
Aspeadas	0

Tabela 65: Tipos de manchete registrados no Diário do Pará, out. 2012.

Fonte: Diário do Pará

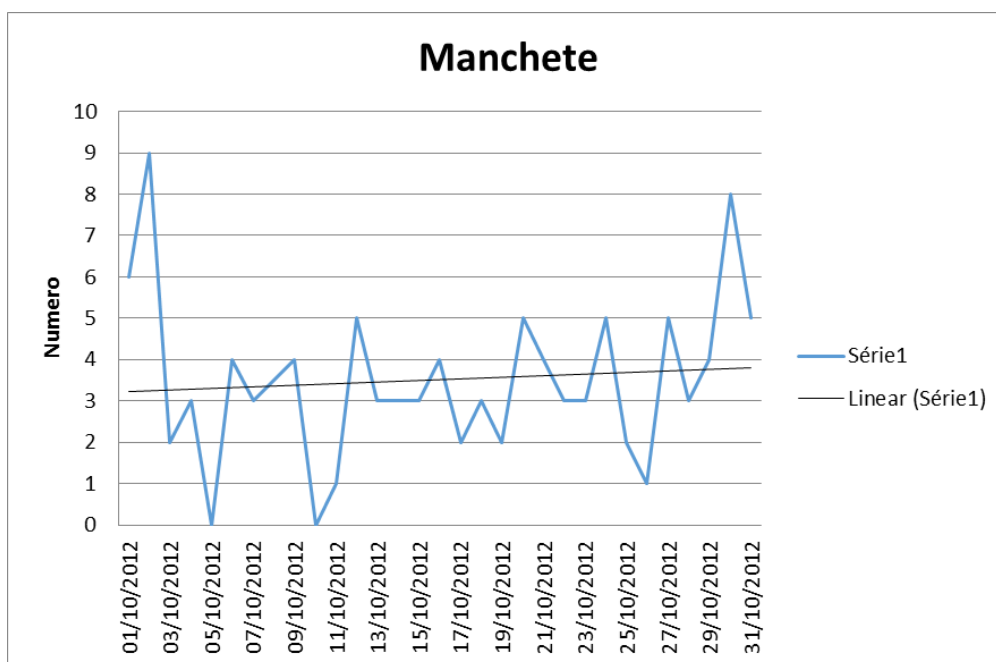


Gráfico 20: Manchetes agressivas registradas no Diário do Pará registradas por dia, out. 2012.

Fonte: Diário do Pará

Fotos Violentas	127
Fotos dos Acusados	148
Ilustrações	3
Fotos Diversas	201
Sem Fotos	19

Tabela 66: Tipos de fotos no Diário do Pará registrados por dia, out. 2012.

Fonte: Diário do Pará

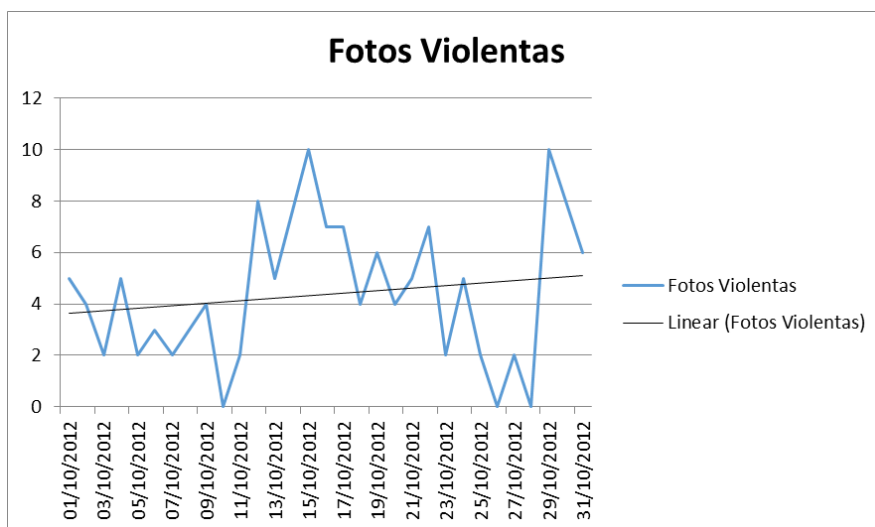


Gráfico 21: Fotos violentas no Diário do Pará registrados por dia, out. 2012.

Fonte: Diário do Pará

Polícia Civil	73
Polícia Militar	106
Testemunhas	44
Outros	121
Corpo dos Bombeiros	1
Sem Fontes	12

Tabela 67: Tipos de fontes registradas no Diário do Pará, out. 2012.

Fonte: Diário do Pará

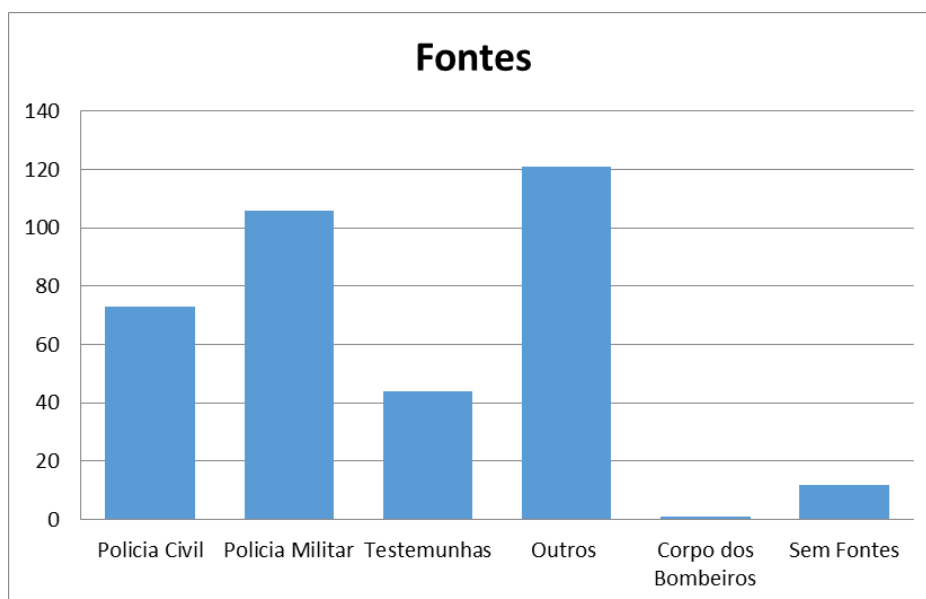


Gráfico 22: Tipos de fontes registradas no Diário do Pará, out. 2012.

Fonte: Diário do Pará

Tráfico de drogas	39
Homicídio	33
Assassinato	28
Assalto	18
Acidente de Transito	17
Porte ilegal de arma	16
Não Identificado	13
Roubo qualificado	9
Acidente	7
Agressão física	6

Tabela 68: Principais tipos de crime registrados no Diário do Pará, out. 2012.

Fonte: Diário do Pará



Ameaça	Furto
Associação ao tráfico de drogas	Furto qualificado
Atentado	Homicídio qualificado
Atropelamento	Latrocínio
Ausência de socorro imediato	Lesão Corporal
Cárcere privado	Porte de munição de uso proibido
Contrabando	Receptação
Corrupção de menor de idade	Receptação de produto roubado
Crime ambiental	Receptação qualificada
Crime de trânsito	Roubo
Descaminho	Sequestro
Duplo assassinato	Tentativa de assalto
Embriaguez ao volante	Tentativa de estupro a vulnerável
Estupro de vulnerável	Tentativa de furto
Execução	Tentativa de Homicídio
Falsidade ideológica	Tortura
Formação de Quadrilha	

Tabela 69: Demais tipos de crime registrados no Diário do Pará, out. 2012.

Fonte: Diário do Pará

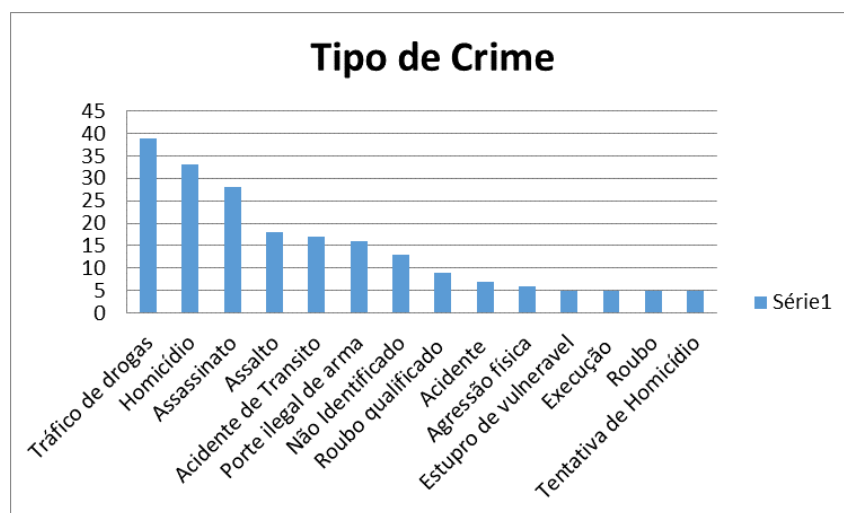


Gráfico 23: Principais tipos de crime registradas no Diário do Pará, out. 2012.

Fonte: Diário do Pará

Acusado	Não Ident.	0-14	15-20	21-25	26-30	31-35	36-40	41-45	46-50	51-55	56-60	61-65	66-70	71-76
Homem	118	3	51	39	10	16	12	5	2	2	1	1		1
Mulher	8		7	4	6	3	2	2						
Não Identificado	6													

Tabela 70: Faixa etária dos acusados registrados no Diário do Pará, out. 2012.

Fonte: Diário do Pará

Branco	14
Negro	25
Pardo	93
Índio	0
Oriental	0
Não identificado	166

Tabela 71: Etnia dos acusados registrados no Diário do Pará, out. 2012.

Fonte: Diário do Pará

Vítima	Não Ident.	0-14	15-20	21-25	26-30	31-35	36-40	41-45	46-50	51-55	56-60	61-65	66-70	71-75	76-80
Homem	46	5	23	17	17	5	6	4	3	2	7	2	2		1
Mulher	13	6	1	6	2	1	4	2			1				
Não Identificado	36														

Tabela 72: Faixa etária das vítimas registrada no Diário do Pará, out. 2012.

Fonte: Diário do Pará

Branco	7
Negro	5
Pardo	34
Índio	0
Oriental	0
Não identificado	165

Tabela 73: Etnia das vítimas registrada no Diário do Pará, out. 2012.

Fonte: Diário do Pará

Belém	62
Não identificado	40
Ananindeua	28
Icoaraci	12
Benevides	9
Marituba	8
Abaetetuba	7
Castanhal	6
Outeiro	5
Marabá	4
Santa Izabel do Pará	4

Tabela 74: Municípios do Pará com mais ocorrências de crimes registrados no Diário do Pará, out. 2012.

Fonte: Diário do Pará

Alter do Chão
Aurora do Pará
Barcarena
Benfica
Cachoeira do Arari
Cametá
Conceição do Araguaia
Curionópolis
Floresta do Araguaia
Igarapé-Açu
Ilha de Maritubinha I
Inhangapi
Itaituba
Jacundá
Mãe do Rio
Marapanim
Moju
Mosqueiro
Nova Marabá
Redenção
Rurópolis
Salinópolis
Santana do Araguaia
Santarém
Soure
Tailândia do Pará
Tomé-Açu
Tucumã
Uruará
Vigia

Tabela 75: Demais municípios do Pará com ocorrências de crimes registrados no Diário do Pará, out. 2012.  
Fonte: Diário do Pará

Não identificado	68
Pedreira	7
Jurunas	6
Aguas Lindas	5
Tapanã	5
Cabanagem	4
Campina	4
Marambaia	4
Sacramenta	4
São Brás	4

Tabela 76: Bairros de municípios do Pará com mais ocorrências de crimes registrados no Diário do Pará, out. 2012.  
Fonte: Diário do Pará

Água Boa
Agulha
Aurá
Barreiro
Batista Campos
Bengui
Cidade Nova
Cidade Nova 6
Cidade Velha
Comercio
Condor
Cremação
Curuçamba
Distrito Industrial
Dom Aristides
Eletronorte
Fatima
Florestal
Guamá
Guanabara
Icuí-Guajara
Jaderlândia
Julio Seffer
Maguari
Maracacuera
Marco
Nazaré
Outeiro
Parque Verde
Pratinha
Pratinha II
São José
Sideral
Telegrafo
Tenoné

Tabela 77: Demais bairros de municípios do Pará com ocorrências de crimes registrados no Diário do Pará, out. 2012.  
 Fonte: Diário do Pará

# **ANEXO II**

**RELATÓRIO DA 2ª E 3ª ETAPAS**

**MÍDIA E VIOLÊNCIA:** as narrativas midiáticas na Amazônia Paraense

**ELEMENTOS DO FORMULÁRIO ONLINE – TELEVISÃO  
- RELATÓRIO CNPQ - (2013-2014)**

**RELATÓRIO DA 2ª E 3ª ETAPAS**  
**MÍDIA E VIOLÊNCIA:** as narrativas midiáticas na Amazônia Paraense

**ELEMENTOS DO FORMULÁRIO ONLINE – TELEVISÃO**  
**- RELATÓRIO CNPQ - (2013-2014)**

## **PESQUISA DE CAMPO**

Desde dezembro de 2013, iniciamos um diagnóstico preliminar dos programas realizados nas emissoras de televisão de Belém que dão destaque à temática violência. Mapeamos os programas produzidos em quatro emissoras (SBT, TV Liberal, Record Belém e RBATV) e os respectivos programas e horários com base em informações disponíveis nos websites das emissoras. Constatamos os seguintes aspectos: a RBATV, pertencente a Rede Brasil Amazônia de Comunicação (RBA), aborda a violência por meio de matérias de crimes em todos os seus programas (que são seis), e tem como hábito cobrir assaltos, prisões, apreensões de tráfico e homicídios, ridicularizando os envolvidos e mostrando cadáveres; a TV Record, da Rede Record, tem uma cobertura muito mais intensa sobre a violência, não dando destaque à outras temáticas, produzindo seis programas nessa linha editorial; a TV Liberal, das Organizações Rômulo Maiorana (ORM), aborda a violência de maneira mais esporádica, priorizando de acordo com o acontecimento, assaltos a banco, ocorrências que envolvem instâncias administrativas da área de segurança pública e de ações desse mesmo sistema; e o SBT, que possui um perfil populareco, com matérias sobre crimes, como tráfico, assalto e com a produção factual da violência.

## **LISTA DE PROGRAMAS DE TV LOCAIS PROGRAMAS DA RBATV**

- **Metendo Bronca:** O Metendo Bronca é um programa policial que utiliza uma linguagem informal e dinâmica para interagir com o público. Com estilo bem peculiar, o programa apresentado por Joaquim Campos atrai o interesse de muitos telespectadores. Horário de exibição: Segunda a Sexta às 13:30.
- **Barra pesada:** O Barra Pesada é um programa jornalístico - policial que tem como proposta divulgar os acontecimentos da comunidade, além da prestação de serviços de utilidade pública. Denúncias, oferta de emprego e atendimento às pessoas carentes fazem parte do cotidiano do Barra. Agora, apresentado por Agenor Santos, o programa está entre os líderes de audiência. A edição de sábado tem a apresentação de Isidoro Calixto. Horário de exibição: Segunda a Sexta às 12:30 e Sábado às 12h.
- **Brasil Urgente:** O formato de jornal que faz sucesso em todo o Brasil, agora é também local. E a apresentação é de quem você já conhece e confia: Ronaldo Porto. O programa tem ainda o reforço do especialista em segurança pública, Dorivaldo Belém. Jornalismo sério e comprometido com a verdade. Horário de exibição: Segunda a Sexta às 16:50.
- **Cidade contra o crime:** Atender as demandas de segurança da população é o princípio desse programa. A apresentação é de Isidoro Calixto que tem a oportunidade de comentar as primeiras notícias do dia. Tudo com um estilo próprio e irreverente que faz a alegria do público. Horário de exibição: Segunda a sexta às 7:15.
- **Rota cidadã 190:** Apresentado por Joaquim Campos é o primeiro *reality*-policial da TV paraense. Mostra a realidade sem maquiagens. O imprevisível é a palavra de ordem nesse programa com inúmeras perseguições à criminalidade. Tudo pode acontecer. Horário de exibição: Sábado às 11h.

## PROGRAMAS DA TV RECORD

- **Balanço geral (Manhã e Pará):** Prestação de serviços, entretenimento, jornalismo policial e comunitário. Há quatro anos, o Balanço Geral é sucesso na programação da Record Belém. De segunda à sexta-feira, a partir do meio dia e meia, o programa traz os principais fatos da capital paraense e do interior do estado. O público tem voz e vez no programa, que dispõe de ferramentas de interação direto com a produção através de telefone, e-mail e redes sociais. Quadros como o Chutando o Balde e a Praça do Povo também aproximam o telespectador da emissora. Jornalismo sério e comprometido com a verdade, com 64 irreverência e participação da comunidade garantem a fórmula de uma audiência consolidada. O Apresentador: René Marcelo começou a carreira no rádio no interior de São Paulo passando por diversas emissoras. Estreou na televisão em 1997. Foi apresentador na extinta Rede Mulher e na Rede Família. Desde 2010 está na Record como apresentador do Balanço Geral. Passou por Bauru (SP) e há mais de um ano é o apresentador pelo programa na Record Belém. Horário de exibição: Segunda a Sexta às 06:30 e às 12:30.
- **Cidade alerta Pará:** Prestação de serviços, entretenimento, jornalismo policial e comunitário. Sucesso na programação da Record Belém. De segunda à sexta-feira às 18h15, o programa traz os principais fatos da capital paraense e do interior do estado. O público tem voz e vez no programa, que dispõe de ferramentas de interação direto com a produção através de telefone, e-mail e redes sociais. O Apresentador: Raphael Polito é formado em Comunicação Social com habilitação em Jornalismo pela Fundação Universidade do Vale do Itajaí (SC) e fez cursos na New York Film Academy. Passou por produtoras no Sul e Sudeste do Brasil. Foi duas vezes finalista no Festival de Cinema de Gramado (RS) como diretor e roteirista. Depois de passar pelo rádio e jornais impressos, entrou para a Record onde trabalhou como repórter e apresentador em várias emissoras da Rede no Sul e no Sudeste. Foi repórter da Record São Paulo, passou pela Record News, e desde 2010 está em Belém, onde atua como editor- chefe, repórter e apresentador. Horário de exibição: Segunda a Sexta às 18:15.
- **Balanço geral casos de polícia:** “A luta do bem, contra o mal”. O slogan traduz a intenção do programa de forma fiel: mostrar o mundo policial na batalha diária entre o certo e o errado na sociedade. O Casos de Polícia é o pioneiro no Brasil. Todo sábado, às treze horas, sem intervalos, o telespectador assiste a reportagens especiais, carregadas de suspense, drama e ação. Tudo sem abrir mão da realidade nua e crua. O cenário escuro gera adrenalina ao conteúdo e faz o telespectador mergulhar nas histórias e nas cenas dos crimes. É como ler um bom livro policial e ter a comodidade de não precisar virar a página. O Apresentador: Raphael Polito é formado em Comunicação Social com habilitação em Jornalismo pela Fundação Universidade do Vale do Itajaí (SC) e fez cursos na New York Film Academy. Passou por produtoras no Sul e Sudeste do Brasil. Foi duas vezes finalista no Festival de Cinema de Gramado (RS) como diretor e roteirista. Depois de passar pelo rádio e jornais impressos, entrou para a Record onde trabalhou como repórter e apresentador em várias emissoras da Rede no Sul e no Sudeste. Foi repórter da Record São Paulo, passou pela Record News, e desde 2010 está em Belém, onde atua como editor- chefe, repórter e apresentador. Horário de exibição: Sábado às 13h.
- **Pará Record:** Jornalismo ágil, reportagens exclusivas e prestação de serviços. Esse é o Pará Record. De Segunda à sexta-feira, às dezenove e cinquenta e cinco da noite nossas equipes na capital e no interior mostram os principais acontecimentos de todas as regiões do estado. Os assuntos que fazem parte da 65 vida do telespectador são prioridade: saúde, educação, segurança, meio ambiente. No jornalismo verdade do Pará Record, a população denuncia e discute o que realmente interessa. Os Apresentadores: Rogério Spinelli iniciou sua carreira no rádio, em 1996, em Mirangá (PR), como locutor e repórter. Jornalista profissional desde 2002, foi repórter e apresentador em Macapá (AP) por quase seis anos. Desde 2008 é âncora e editor do Pará Record e faz parte do grupo de apresentadores da Rede Record que, aos finais de semana, se reveza em São Paulo na apresentação do Hora News, da Record News. Vanessa Libório é formada em Publicidade e Propaganda pela Universidade da Amazônia e Jornalismo pela Estácio, sendo Pós Graduada em Gestão Cultural pela Instituto Politécnico do

Porto em Portugal. Começou sua carreira na Record em 2007, como repórter do Tudo a Ver Pará. Depois, passou a integrar a equipe de repórteres e atuou como apresentadora do Fala Pará. Atualmente, além de apresentar o Pará Record, é repórter de Rede, fazendo reportagens para os principais telejornais da emissora como Jornal Record e Domingo Espetacular

- **Fala Pará:** Responsabilidade a serviço da informação. Um Telejornal completo, onde as notícias de Belém e todo interior do Pará são destaque. De segunda à sexta-feira, às sete e quinze da manhã, o Fala Pará traz os principais fatos do dia anterior e as principais informações da madrugada e da manhã. O telejornal também mostra os problemas das comunidades, entrevistas ao vivo com especialistas e a participação de Leandro Santiago com o noticiário esportivo. O Apresentador: A jornalista Márcia Dantas iniciou a carreira em 2007 como repórter do Tudo a Ver Pará. Depois de atuar como apresentadora em outra emissora, voltou para Record Belém em 2010 como repórter, atuando nos principais telejornais da casa. Dez meses após o retorno, assumiu a apresentação do Fala Pará.

## PROGRAMAS DA TV LIBERAL

- **Bom Dia Pará:** É o primeiro jornal do dia da TV Liberal e, por isso, exibe notícias quentinhas para os telespectadores, mostrando reportagens de interesse da comunidade, com ênfase maior para a política e economia. O Bom Dia Pará tem entrevistas sobre temas de destaque e é essencial para quem quer sair bem informado de casa. Horário de exibição: 06h30.
- **Jornal Liberal 1ª Edição:** É um jornal factual, prioriza o que está ocorrendo no dia, no Estado, com grande impacto nas comunidades. A análise das notícias, através de entrevistas e de entradas ao vivo, garante um maior entendimento ao telespectador. Horário de exibição: 12h00.
- **Jornal Liberal 2ª Edição:** É um telejornal voltado para notícias factuais, que prioriza o chamado “hard news”, ou seja, os fatos novos. O jornal sempre faz um resumo das principais notícias do dia, mas procura avançar na informação para manter o telespectador atualizado. O JL 2 tem o desafio diário de manter o telespectador 66 da TV Liberal em sintonia com os fatos que ocorrem no Estado do Pará, já que diariamente nossos correspondentes do interior também contribuem com o nosso telejornalismo. Horário de exibição: 19h05.

## PROGRAMA DO SBT

- **SBT Pará:** Ao apostar em um cenário mais moderno, sem a tradicional bancada e que permite a movimentação das câmeras e do apresentador. O conteúdo também ficou mais dinâmico e a comunidade ganhou mais voz. Horário de exibição: 12h30.



## QUADRO DESCRITIVO DOS PROGRAMAS DE TV LOCAL

Quadro dos programas de Televisão					
Emissoras	Programas	Matérias sobre violência	Elementos de entretenimento	Comentário	Observações
SBT	SBT Pará	Sempre	Sim	Sim	Matérias sobre apreensão de drogas, assaltos e prisões; comentários superficiais; apresentador como agente principal que julga e opina
TV Liberal	Bom Dia Pará	Pouco comuns	Não	Não	Matérias que envolvem violência apresentadas de maneira contextualizada em casos de assalto a bancos e crimes envolvendo instâncias administrativas como fraudes; acontecimentos pontuais
	Jornal Liberal 1ª Edição	Pouco comuns	Não	Não	Matérias que envolvem violência apresentadas de maneira contextualizada em casos de assalto a bancos e crimes envolvendo instâncias administrativas como fraudes; acontecimentos pontuais
	Jornal Liberal 2ª Edição	Pouco comuns	Não	Não	Matérias que envolvem violência apresentadas de maneira contextualizada em casos de assalto a bancos e crimes envolvendo instâncias administrativas como fraudes; acontecimentos pontuais

Quadro dos programas de Televisão					
Emissoras	Programas	Matérias sobre violência	Elementos de entretenimento	Comentário	Observações
SBT	SBT Pará	Sempre	Sim	Sim	Matérias sobre apreensão de drogas, assaltos e prisões; comentários superficiais; apresentador como agente principal que julga e opina
TV Liberal	Bom Dia Pará	Pouco comuns	Não	Não	Matérias que envolvem violência apresentadas de maneira contextualizada em casos de assalto a bancos e crimes envolvendo instâncias administrativas como fraudes; acontecimentos pontuais
	Jornal Liberal 1ª Edição	Pouco comuns	Não	Não	Matérias que envolvem violência apresentadas de maneira contextualizada em casos de assalto a bancos e crimes envolvendo instâncias administrativas como fraudes; acontecimentos pontuais
	Jornal Liberal 2ª Edição	Pouco comuns	Não	Não	Matérias que envolvem violência apresentadas de maneira contextualizada em casos de assalto a bancos e crimes envolvendo instâncias administrativas como fraudes; acontecimentos pontuais

audiovisual					
Emissoras	Programas	Matérias sobre violência	Elementos de entretenimento	Comentário	Observações
RBATV	Cidade Contra o Crime	Sempre	Sim	Sim	Matérias sobre crimes; centralidade da violência; comentários superficiais; presença de jocosidade;
	Barra Pesada	Sempre	Sim	Sim	Matérias sobre crimes; comentários superficiais; críticas sobre a gestão pública (Prefeitura e Governo)
	Metendo Bronca	Sempre	Sim	Sim	Matérias sobre crimes; centralidade da violência; comentários superficiais; presença de jocosidade;
	Brasil Urgente Pará	Sempre	Sim	Sim	Matérias sobre crimes; centralidade da violência; comentários superficiais;
	Jornal RBA	Pouco comuns	Não	Não	Matérias sobre crimes; assuntos em geral
	Rota Cidadão 190	Sempre	Sim	Sim	Matérias sobre crimes; centralidade da violência; comentários superficiais; presença de jocosidade; desrespeito ao acusado; valorização da ação policial; presença autoritária dos apresentador e repórteres; Jornalismo apresentado como agente de combate à violência

## PROGRAMAS SELECIONADOS PARA ANÁLISE DA TV

Quadro dos Programas de TV						
Tv Record			RBATV			
Segunda a sexta						
	Programa	Duração	Publicidade	Programa	Duração	Publicidade
06:30	Balanço Geral Manhã	1h20	não	-	-	-
07:00	-	-	-	Cidade Contra o Crime	1h	sim
07:40	Fala Pará	1h	não	-	-	-
12:00	Balanço Geral	2h30min	sim	-	-	-
12:30	-	-	-	Barra Pesada	1h	sim
13:30	-	-	-	Metendo Bronca	1h	sim
16:40	-	-	-	Brasil Urgente	1h	sim
18:40	Cidade Alerta Pará	1h	sim	-	-	-
18:50	-	-	-	Jornal RBA	30min	não
20:40	Pará Record	1h	não	-	-	-

Sábado						
11:00	-	-	-	Rota Cidadã 190	1h	sim
12:00	-	-	-	Barra Pesada	1h	sim
12:30	Balanço Geral Casos de Polícia	1h	sim	-	-	-
19:05	-	-	-	-	-	-

### DEFINIÇÃO E REALIZAÇÃO DE ENTREVISTAS COM PROFISSIONAIS DE JORNALISMO E GRAVAÇÃO DOS TELEJORNALS LOCAIS E DOS PROGRAMAS DE CARÁTER POLICIAL E QUE TRATAM DA TEMÁTICA VIOLÊNCIA

Devido ao volume de dados que requereu nossa análise, as entrevistas com os profissionais acabaram por não ser realizadas, de modo que demos mais relevância aos próprios programas, suas narrativas e suas performances. Foi feita a seleção dos programas que seriam viáveis aos estudos do projeto. Definimos, então, que as emissoras a ser analisadas seriam Record e RBATV, devido ao tipo de tratamento dado por elas sobre as notícias de crime e violência, que foca, principalmente, na exposição do crime e dos envolvidos de modo esvaziado e reforçando estigmas de espaços e indivíduos, bem como pela presença dos apresentadores para ordenar os programas, por meios de chamadas e comentários, e caracterizá-los, por meio de ações, afirmações, bordões, entre outros. Deste modo, gravamos e analisamos os seguintes programas de cada emissora: Cidade contra o crime, Metendo Bronca, Brasil Urgente Pará, e Rota Cidadã 190, da RBATV; e Balanço Geral Manhã, Balanço Geral, Cidade Alerta Pará, e Balanço Geral Casos de Polícia, entre os meses de fevereiro e maio de 2014, uma edição por mês.

## TRANSCRIÇÃO, TABULAÇÃO E ANÁLISE DE DADOS COLETADOS

Assim como nos impressos, foi realizado um mapeamento descritivo, que além dos elementos relativos às notícias, como dados do acusado e da vítima, local das ocorrências, etc., abrange os aspectos específicos da televisão, como o uso de imagens em movimento e outros recursos imagético-textuais, e a ação e comentários dos apresentadores. Esse processo ocorreu juntamente com a decupagem e observações sobre como a violência é enquadrada e narrada na TV. Nesse percurso, foi importante o registro e transcrição das narrativas elaboradas pelos apresentadores, que se sobrepõe às notícias e define os sentidos das ocorrências apresentadas. Esse processo também resultou em dados tabulados em 2 planilhas, uma para cada emissora, que compõem nosso banco de dados sobre os programas e jornais que fazem parte do corpus do projeto.

## MÍDIAS SOCIAIS

Nesta 3ª etapa do projeto, nossas fontes de pesquisa foram as redes sociais na internet, Facebook e Twitter. Realizamos alterações nas metodologias e perspectivas analíticas, devido à diferença entre a narrativização da violência pelos meios de comunicação e pelos indivíduos no cotidiano da mídia social. Assim, ao trabalhar com Twitter e Facebook como fontes, realizamos um recorte para cada uma delas. No Twitter, realizamos um recorte a um acontecimento, a Chacina em Belém, ocorrida em 5 de novembro de 2014. Para o Facebook e para o Twitter, o projeto, em parceria com o Laboratório de Engenharia de Software (Labes/Ufpa), os integrantes do foram condicionados a utilizar ferramentas como NetVizz, entre outras, que permitem a extração de dados dessas mídias. Atualmente, o projeto já escreveu um artigo sobre o acontecimento da chacina em Belém, tendo como corpus de análise as postagens de Twitter. O artigo foi apresentado no XXXVIII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação e nesse período, o artigo relativo à pesquisa no Twitter, de autoria de Sergio Ferreira Junior e João Loureiro, foi aceito para publicação na revista Mediação (Qualis B3). Os dados referentes a parceria com o Labes/Ufpa estão em processo de diagnóstico.

Entre os dias 25 e 28 de fevereiro de 2015, aconteceu em Belém uma grande onda de incêndios em ônibus da região. De acordo com o Sindicato das Empresas de Transportes de Belém (Setransbel), houve nove ônibus atacados, dos quais cinco foram incendiados e quatro sofreram tentativas de incêndio. Entre os incendiados, três faziam linhas regulares da Região Metropolitana de Belém, e tinham ligação com a Setransbel, e dois faziam parte de linhas de transportes alternativos. Entre os outros quatro, dois eram ligados a Setransbel e os outros dois eram transportes alternativos. Os incêndios estavam ligados a motins de presidiários em Belém.

## CATEGORIAS MÍDIAS SOCIAIS

Os sentidos subjetivos e representações sociais difundidos nas mensagens simbólicas que circulam nas redes sociais. Há especificidades do ponto da estruturação, da interface de cada uma das redes sociais na internet (marcadamente, Twitter e Facebook). Os dados abrangem a difusão cotidiana de mensagem (em posts, comments, tweets) sobre eventos, temáticas, perspectivas relativos direta ou indiretamente à violência urbana na região.

- **Engajamento:** é uma categoria criada no projeto “Mídia e Violência” para tomar conta dos posts em Facebook, twitters e mensagens do Whatsapp que expressam a adesão da população com a narrativa de violência dos veículos de comunicação paraense e da ação policial no “combate” do crime. Esta engajamento se define por um apoio aos agentes de segurança e da mídia mesmo que estes infringem os direitos dos acusados de cometer o crime de um lado e de outro, incita aos outros cidadãos à violência através de mensagens ou posts, ou seja, advoga a uma postura radical de punição judiciária que pode ser a encarceramento do acusado até a sua morte que em várias vezes, por não ser permitido pela legislação brasileira e praticada de maneira arbitrária sob a bandeira de legítimo defesa por parte dos agentes de segurança. Esta categoria foi sugerida a partir do jargão da marketing digital que se refere a um envolvimento ou a uma interação ou também um relacionamento com uma determinada marca que não só se limita ao número de seguidores numa das redes sociais analisadas nem

dos likes sobre a tal marca. Então, entendendo a violência como uma marca no fazer jornalísticos paraense, esta categoria se justificou através da paixão interacional com que estes cidadãos lidavam com a produção jornalística diária sobre a violência e com a atuação policial.

- **Políticos:** é uma categoria criada também para tomar conta da fala dos políticos sobre os ocorrências de violência na sociedade paraense. Observa-se que os políticos usam as redes sociais para expressar suas opiniões como atores políticos geralmente contra a política de segurança pública implementada no Estado do Pará e como lugar para interagir com a população para veicular suas ideias sobre a ocorrência. Durante as análises, observou-se que a maioria dos políticos paraenses utilizam menos ou quase não utilizam as redes sociais para interagir com os cidadãos paraenses. Esta categoria se justificou na medida em que se buscava observar como os autores paraense se posicionavam diante da temática de violência no cotidiano dos cidadãos no Estado do Pará.
- **Outros:** esta categoria foi sugerida pela presença de vários tipos de expressão da população em geral que não eram considerados ne nenhuma categorias definidas nesta pesquisa, mas que de alguma maneira, encontram-se ligada à ocorrência analisada. A determinação desta categoria se justificou por uma razão metodológica de delimitação de temática a ser analisadas em relação as ocorrências de violências visibilizadas seja individualmente ou institucionalmente.
- **Informação:** postagens ou comentários que apresentam notícias de caráter relevante, da perspectiva de entendimento sobre o evento ocorrido. Nesta categoria pudemos perceber que os usuários, na maioria das vezes replicavam ou compartilhavam notícias já postadas em outros portais de informação.
- **Meio (institucional):** postagens ou comentários provenientes de informações oficiais ou dados sobre a chacina. Nesta categoria poucas instituições se referiram ao evento como chacina, a maioria se manifestou como um evento de alta violência urbana na cidade de Belém.
- **Medo:** postagens ou comentários em que os usuários manifestaram sentimentos de insegurança, desconforto, desespero, e medo. Nesta categoria, muitos usuários usaram as redes sociais na internet para compartilharem seus sentimentos com relação a chacina, de insegurança, desconforto, intranquilidade e medo.
- **Outros:** Postagens ou comentários que não se encaixam em nenhuma das categorias acima listadas, mas que tem direta ou indiretamente alguma relação com o evento.
- **Opinião:** nesta categoria é analisado como os usuários expressam suas opiniões nas redes sociais sobre fatos violentos ocorridos na cidade.
- Muitas das opiniões postadas nas redes são extremamente pessoais a ponto de deixar de lado as provas, análises e discursos oficiais sobre o caso posteriormente.
- A mensagem, reproduzida por vários dias, acaba distorcendo o real teor do fato. Desse modo, a violência urbana acaba sendo mais fragilizada do que já é nos veículos de comunicação do Estado.
- **Ironia:** nesta categoria as postagens possuem um conteúdo diferente ou condizente com o fato ocorrido.
- Contudo, é analisado que as mensagens contêm um teor de deboche ou de zombaria e por conta dessa característica, esse tipo de conteúdo acaba sendo compartilhado e disseminado diversas vezes.
- Esse discurso disseminado acaba destruindo o real significado do fato, dando lugar ao escárnio e a contradição.
- **Humor:** categoria criada para analisar os traços cômicos encontrados em postagens de assuntos sério e relevantes da problemática social da região.
- **Indignação:** nesta categoria está inserido as postagens da população que publicam o seu descontentamento com a situação em que o Estado se encontra, resultando na violência urbana vista atualmente.

Nas postagens, são identificadas manifestações de descontentamento ou desconforto sobre um determinado caso ou do modo como ele foi abordado por um determinado veículo de comunicação. A partir desse ponto, é possível identificar também críticas contra a ineficiência de políticas públicas e atuação do Estado diante desses problemas.

Dependendo do autor da publicação, a postagem é reproduzida diversas vezes, em várias redes sociais.

## FORMAÇÃO DO GRUPO E REALIZAÇÃO DE ESTUDOS DIRIGIDOS E LEVANTAMENTO BIBLIOGRÁFICOS

Nesse período, o grupo de pesquisa já se encontrava consolidado e contava com a participação de 6 colaboradores do curso de Jornalismo, um colaborador de Publicidade e Propaganda, 1 colaborador de Ciências Sociais e 1 colaborador mestre em Sociologia. Nesse período, mantiveram-se as reuniões semanais, em que a ênfase era a ampliação da compreensão da violência como fenômeno, do ponto de vista objetivo e subjetivo, já com a consideração sobre a circulação das representações em redes sociais, marcadamente o Twitter. Houve debates orientados, com a apresentação dos textos pelos bolsistas e colaboradores, além da produção de resenhas das devidas leituras. Também foram realizados levantamentos bibliográficos sobre violência, mídias sociais, internet, e textos das Ciências Sociais que discutem os temas acima e suas relações com o cotidiano e experiência social. Todas as referências localizadas serviram como base às discussões semanais e produções de artigos apresentados em eventos regionais e nacionais ou submetidos em revistas.

## PESQUISA DE CAMPO

As fontes de pesquisa desta etapa são as redes sociais na internet, de modo que houve alterações nas metodologias e nossas perspectivas analíticas, devido à diferença entre a narrativização da violência pelos meios de comunicação e pelos indivíduos no cotidiano da mídia social. Assim, ao trabalhar com Twitter e Facebook como fontes, aplicamos filtros e palavras chave, realizando um recorte específico para cada uma dessas mídias. No Twitter, realizamos um recorte a um acontecimento, a Chacina em Belém, ocorrida em 4 de novembro de 2014. O que foi a chacina de Belém? Na noite do dia 4 o policial militar Antônio Marcos da Silva Figueiredo, de 43 anos, da Ronda Ostensiva Tática Metropolitana - ROTAM, ao chegar em casa, no bairro Guamá, foi abordado por três homens e assassinado a tiros por volta das 19h30. Após a morte do policial foram registradas nove mortes em Belém: quatro assassinatos ocorreram no bairro da Terra Firme e outros nos bairros Guamá, Jurunas, Marco e Sideral. As mortes geraram pânico na população de Belém, com relatos dos moradores de diversos bairros nas redes sociais sobre o clima de insegurança que se espalhou pela cidade, assim como a ocorrência de tiroteios no bairro do Guamá. Da mesma forma, foram compartilhados áudios em que supostos policiais informavam que estavam no bairro e pediam que a população se recolhesse. As *hashtags* #ChacinaEmBelem, #Guamá e #Belém foram as mais mencionadas no Twitter.

*“Senhores, sério, por favor, façam o que for preciso, mas não vão para o Guamá nem para Canudos nem para o Terra Firme hoje à noite. É uma questão de segurança dos senhores, tá? Mataram um policial nosso, e vai ter uma limpeza na área. Ninguém segura ninguém, nem o coronel das galáxias”.*

*“Galera, a polícia tá matando todo mundo nos bairros do Guamá e Terra Firme, fiquem nas suas casas”,* escreveu no Twitter Osmar Campbell. *“Tiro correndo solto. Vários eliminados”,* disse no Twitter Denise Quaresma.

Um outro internauta informou que as ruas do bairro amanheceram desertas e que era *“estranho andar pelo Guamá e não ter ninguém na rua às 9 da manhã... Estamos vivendo um pesadelo”,* escreveu Adriano Alves.

*“Em função do clima de insegurança na cidade, especialmente no Guamá e respeitando o medo dos alunos e familiares, cancelo a reunião de hoje”,* informou o professor da Universidade Federal do Pará Pedro Loureiro.

Dados da Ouvidoria de Segurança Pública paraense mostram que, em 2013, foram identificados 135 homicídios cometidos por agentes de segurança pública, sendo 122 realizados por PMs, 12 por policiais civis e um por Bombeiro Militar. Segundo informações no documento, o Pará é o sétimo estado mais violento do Brasil, com um índice de homicídios de 41,7 mortes a cada 100 mil habitantes.

## **ANÁLISE DOS BLOGS**

À medida que voltamos nosso olhar para as mídias sociais, a nossa análise ocorreu lançando também ferramentas de coleta e análise de dados da internet. Isso foi realizado por meio de uma parceria com o Laboratório de Engenharia de Software (Labes/UFPa), em que os integrantes do projeto foram condicionados a utilizar ferramentas como NetVizz, entre outras, que permitem a extração de dados dessas mídias. Relativamente, ao Twitter, foram registrados 593 tweets publicados com a *hashtag* #ChacinaEmBelem, das 22 horas ao meio dia do dia 05 de novembro de 2014, que foram categorizados.

## **TRANSCRIÇÃO, TABULAÇÃO E ANÁLISE DE DADOS COLETADOS**

Para essa etapa, esse processo foi imprescindível para um efetivo manuseio dos dados. No caso do Twitter, os dados obtidos pelo uso dos programas de extração de dados foram organizados a partir dos sentidos das ações e reações relativos ao acontecimento da chacina. Dentre as categorias identificadas pelos integrantes do projeto, estão: opinião, humor, indignação, informação, ironia, meios (institucionais), medo e outros (sem uma definição clara ou várias juntas). O objetivo era justamente sondar as representações feitas circular na mídia social, pensada como âmbito de uma cotidianidade contemporânea.

## **DIVULGAÇÃO E SOCIALIZAÇÃO DE RESULTADOS (REALIZAÇÃO DE SEMINÁRIO, PALESTRAS OU OUTROS: APRESENTAÇÃO DE TRABALHOS EM EVENTOS CIENTÍFICOS, PUBLICAÇÃO DE ARTIGOS E OUTROS)**

Nesse período, os resultados das outras etapas ainda estavam em processo de divulgação, em eventos sobretudo. Houve a apresentação pelo colaborador Sergio Ferreira Junior de resumo no *8th Meeting of Young Researchers of University of Porto*, em Portugal, em coautoria com Kristopher-Jon Samuel e a coordenadora do projeto.

Houve apresentação de Nathan Kabuenge, em coautoria com Kristopher-Jon Samuel, João Loureiro e Alana Menezes, no XIV Congresso de Ciências da Comunicação na Região Norte. Houve também apresentação de trabalhos por Alana Menezes, em coautoria com Ana Paula Azevedo, de Kristopher-Jon Samuel, de Nathan Kabuenge, de Sergio Ferreira Junior, e de João Loureiro em coautoria com Sergio Ferreira Junior, no XXXVIII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação. Também houve a apresentação de trabalhos por Sergio Ferreira Junior em coautoria com a coordenadora, e de Kristopher-Jon Samuel em coautoria com Sergio Ferreira Junior e Alda Costa, no I Seminário Internacional de América Latina: políticas e conflitos contemporâneos. Nesse período, o artigo relativo à pesquisa no Twitter, de autoria de Sergio Ferreira Junior e João Loureiro, foi aceito para publicação na revista *Mediação* (Qualis B3).

## **ELABORAÇÃO DE RELATÓRIO FINAL (?)**

O relatório apresentado após esse período aponta para um percurso consolidado dentro do âmbito da pesquisa na UFPa, com contribuições relevantes para a pesquisa na Amazônia e suas questões específicas. Houve considerável produção bibliográfica no período do projeto, que dá conta de análises sobre as narrativas midiáticas elaboradas pelos meios e de uma série de repercussões simbólicas, como a ação dos indivíduos de difundir informações, opiniões entre outras mensagens simbólicas, a que subjazem representações da violência, recorrentes na sociedade. O projeto buscou abranger um processo de mediação, pensando a circulação e difusão dessas representações simbólicas nesse contexto

local. Desse período foram preparadas ainda outras escritas, que não foram socializadas, tanto relativamente a essa etapa quanto às anteriores. O projeto pretende seguir suas atividades, porém, dando ênfase às vítimas de violência e aos estudos de recepção sobre essas mensagens midiáticas.

No Facebook trabalhamos com o acontecimento da Queima de ônibus, ou seja, entre os dias 25 e 28 e de fevereiro de 2015, houve em Belém uma grande onda de incêndios em ônibus da região metropolitana. De acordo com o Sindicato das Empresas de Transportes de Belém (Setransbel), houve nove ônibus atacados, dos quais cinco foram incendiados e quatro sofreram tentativas de incêndio. Entre os incendiados, três faziam linhas regulares da Região Metropolitana de Belém, e tinham ligação com a Setransbel, e dois faziam parte de linhas de transportes alternativos. Entre os outros quatro, dois eram ligados a Setransbel e os outros dois eram transportes alternativos. Os incêndios estavam ligados a motins de presidiários em Belém.

## CONTRIBUIÇÃO DO PROJETO PARA INOVAÇÃO DE PRODUTOS, PROCESSOS OU POLÍTICAS PÚBLICAS

O presente projeto de pesquisa buscou produzir materiais que ajudassem a academia, os alunos, professores e a sociedade a refletir sobre o modo como os veículos de comunicação abordam o fenômeno da violência a partir das notícias, que, como, afirmado antes, desrespeitam o caso, a vítima, o acusado e a família de ambos. Esse tipo de modelo midiático do espetáculo mostra a violência pelo viés da banalização e pela negação de debates, comum aos principais jornais impressos e de televisão do Estado do Pará. A relevância das pesquisas desenvolvidas no âmbito desta pesquisa consiste na contribuição das informações produzidas sobre a cobertura de violência nesse contexto local, identificando vícios e deslocamentos, que possibilita pensar essa cobertura por outros vieses, que não somente a jornalismo performático e sensacionalista. A exposição de trabalhos e a presença dos bolsistas e da coordenadora do projeto em palestras como expositores sobre o assunto, ajuda na divulgação dos trabalhos fora do campo acadêmico, produzindo diálogos sobre as possibilidades de mudança em políticas públicas, sobretudo de segurança, com profissionais da área da comunicação, dos órgãos de segurança pública estaduais, além de com a coordenação de diversos programas políticos e sociais. Dentre eles, houve debate promovido pela Rádio Web UFPA, em que o tema de mídia e violência foi abordado, com debate entre a coordenadora do projeto, Delegado Geral da Polícia Civil do Estado do Pará e Representante da CNBB. Também houve palestra realizada pela ONG Voz Ativa, no 1º Simpósio Sobre Violência e Criminalidade Urbana, em setembro deste ano. O evento contou com a presença da coordenadora do presente projeto de pesquisa, de antropólogo e advogado. Os temas abordados foram os caminhos do direito para a melhoria da segurança pública e a gestão de segurança. Tudo isso sendo questionado sobre como a violência tratada como espetáculo no meio midiático e contribui para a formação do pensamento da sociedade e o seu tratamento como guerra de interesse político e financeiro.

<b>Categoria dos tweets</b>	<b>Número de tweets</b>
Medo	67
Ironia	38
Humor	34
Meios	7
Políticos	2
Indignação	127
Engajamento	12
Informação	102
Outros	178

Tabela 1 : Categorias e quantidade de tweets com a *hashtag* #ChacinaEmBelém

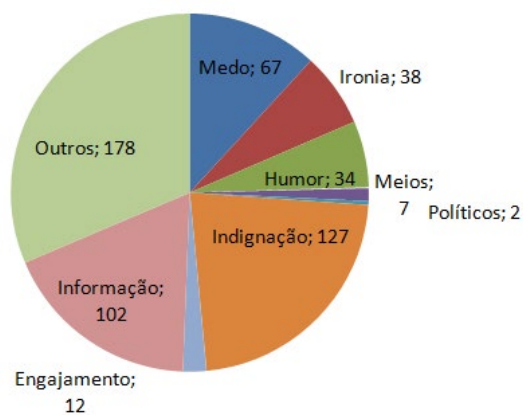


Gráfico 2 : Categorias e quantidade de tweets com a *hashtag* #ChacinaEmBelém

<b>Categoria dos tweets</b>	<b>Número de Retweets</b>
Opinião	449
Humor	191
Indignação	157
Informação	136
Ironia	103
Meios	27
Engajamento	12
Medo	21
Outros	23

Tabela 2: Quantidade de retweets das 30 postagens mais retwittadas com a *hashtag* #ChacinaEmBelém

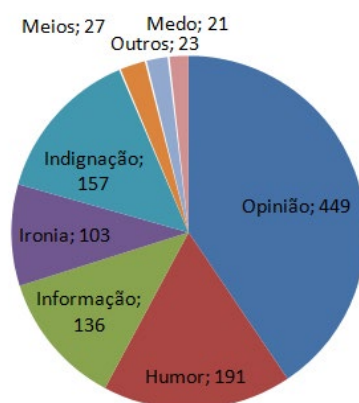


Gráfico 2: Quantidade de retweets das 30 postagens mais retwittadas com a *hashtag* #ChacinaEmBelém





Universidade Federal do Pará  
Instituto de Ciências Exatas e Naturais  
Laboratório de Engenharia de Software



# Análise de Redes Sociais: Dados Quantitativos de Perfis do Twitter e Facebook no período de Novembro / 2014 #ChacinaEmBelém

Armando Alan Ramalho de Almeida (EngeComp – UFPA)  
Profa. Tatiana Nazaré Amaral Ferreira (FEAPA)  
Prof. Rodrigo Quites Reis (LABES-UFPA)



Reunião de Pesquisa – 17/03/2015



1

## Objetivos

- Extrair dados de perfis do Twitter selecionados para analisar os efeitos da onda de violência de 5/11/2014 em Belém



2

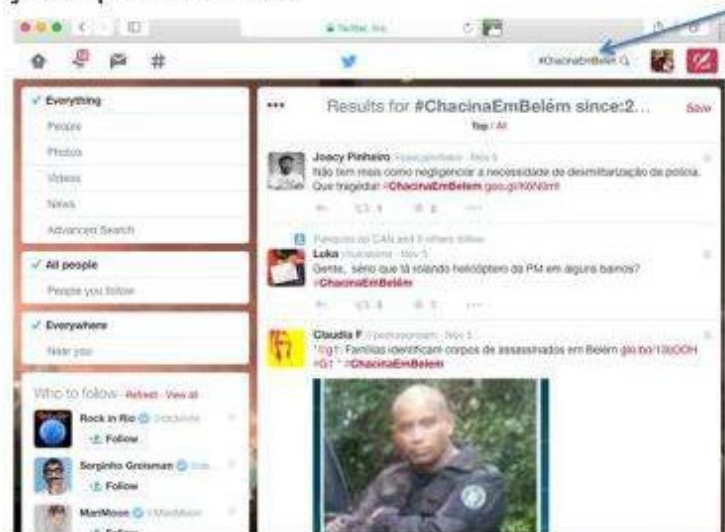
## Twitter

- Ferramentas permitem extrair planilhas contendo:
  - Texto do tweet, data/hora da publicação, autor, qtde de RTs, qtde de respostas, qtde de vezes que foi favorito
- Entretanto, há limitações
  - Para buscas horizontais (em todo o twitter), só se consegue recuperar dos últimos 9 dias
  - Para buscas verticais (em perfis específicos – ex: @belemtransito) são recuperados no máximo os últimos 3200 tweets da conta

3

## Twitter

- Na interface Web – usuário comum – não há limitações para buscas



4

## Twitter

- Exemplo de busca no Twitter
  - #ChacinaEmBelém since:2014-11-04 until:2014-11-06
  - Recupera todos os tweets com o texto #ChacinaEmBelém postados no período entre 4 de novembro e 6 de novembro de 2014



## Facebook

- Não permite buscas horizontais
- As buscas em perfis específicos são, em teoria, ilimitadas
  - Na prática, há algumas limitações / problemas encontrados com alguns perfis no período de 2014

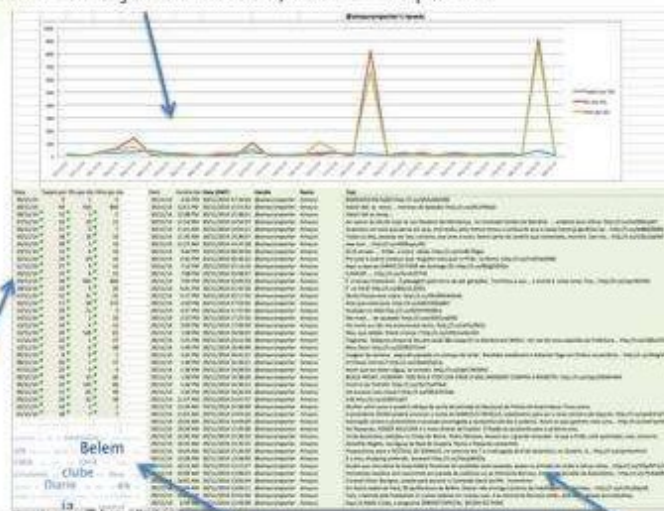
## Alguns perfis analisados

- Twitter – Novembro/2014
  - @AmauryReporter
  - @EdmilsonPSOL
  - @Belem\_Noticias
  - @G1Pará
  - @RClube

7

## Estrutura geral da planilha gerada

Gráfico síntese com evolução de Tweets, RTs e FAVs por dia



Tweets  
extraídos para  
o período de  
novembro de  
2014

Planilha Síntese

(totais numéricos de quantidade  
De tweets, RTs e FAVs organizados  
por dia)

Nuvem de palavras

50 palavras mais frequentes

Planilha detalhada com todos os

Tweets capturados

8



## Planilha Detalhada



Horário De Belém	Data e Hora do Tweet (GMT)	Texto	Link para o tweet na Internet	Retweet	Favorites
Horário	Data	HandName	URL	Platform	Type
30/11/2014	11:30:33	@amauryreporter	Amau BANDIDOS EMAÇÃO	ok	New
30/11/2014	11:36:14	@amauryreporter	Amau morrem.	ok	New
30/11/2014	11:27:14	@amauryreporter	Amau veja isso ...	ok	New
30/11/2014	9:44:14	@amauryreporter	Amau Se tá errado ... Então a luta é válida.	ok	New

## Planilha síntese



Somatório de todos os tweets publicados em um dia

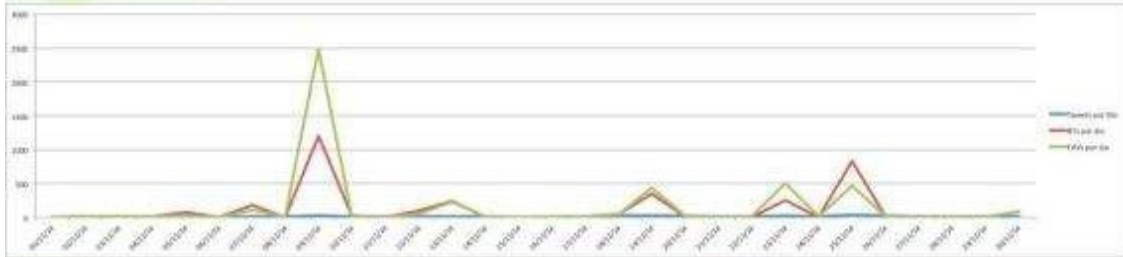
Somatório de todos os RTs e FAVs de outros usuários para todos os Tweets do dia

Data	Tweets por dia	RTs por dia	FAVs por dia
30/11/14	9	1	4
29/11/14	44	914	856
28/11/14	12	3	5
27/11/14	23	10	11
26/11/14	21	0	7
25/11/14	18	16	19
24/11/14	30	5	15
23/11/14	13	6	14
22/11/14	10	29	14
21/11/14	27	9	13
20/11/14	15	9	15

10



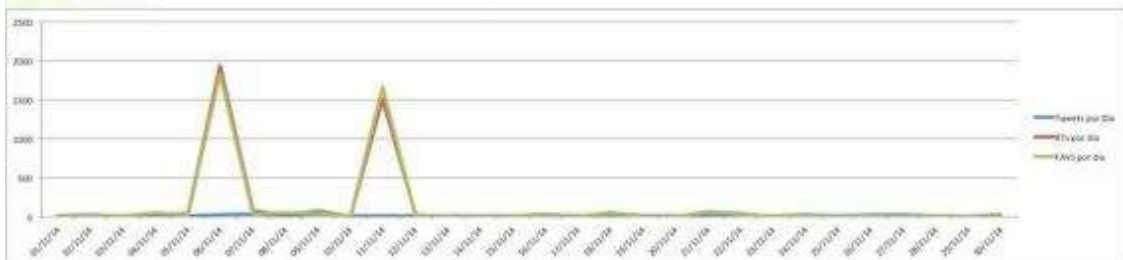
# @edmilsonpsol



Belem  
chacina em belem  
CPI  
deputado Edmilson  
edmilsonpsol  
Rodrigues  
amizade  
assinaturas  
brasil  
facebook  
grupos  
Ministério  
publico  
sabido  
Terra-Feira  
ZapZap

13

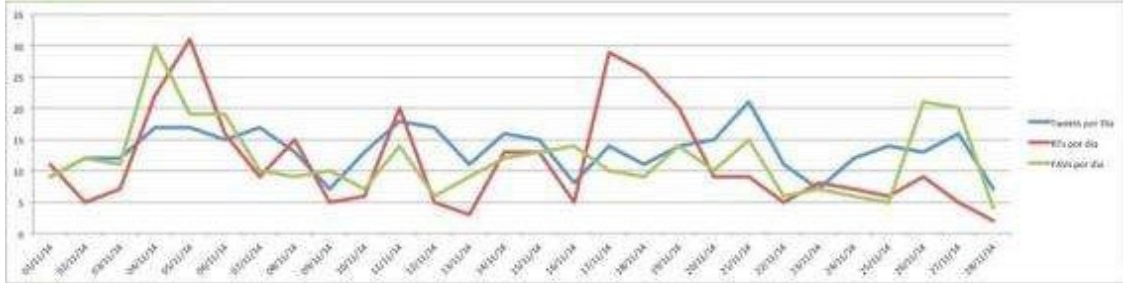
# @Belem\_Noticias



belem  
brasileiro  
campeonato  
confira  
noticias  
perfi  
seguidores  
serie

14

@G1Pará



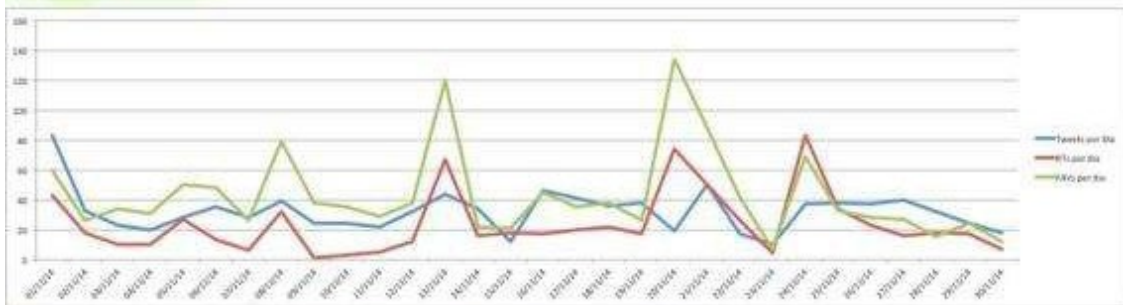
após apresentação do bairro emprego Enem PA preso saído vagas

**Belem**

emprego Enem PA preso saído vagas

15

@RClube



avenida Belem clube intenso lentidão Paulo segue sentido transito

**Belem**

avenida Belem clube intenso lentidão Paulo segue sentido transito

16





Universidade Federal do Pará  
Instituto de Ciências Exatas e Naturais  
Laboratório de Engenharia de Software



# Análise de Redes Sociais: Dados Quantitativos de Páginas do Facebook em torno do tema violência urbana - Extração Vertical

Armando Alan Ramalho de Almeida (EngeComp – UFPA)  
Profa. Tatiana Nazaré Amaral Ferreira (FEAPA)  
Prof. Rodrigo Quitês Reis (LABES-UFPA)



Reunião de Pesquisa



1

## Objetivos

- Extrair dados de páginas do Facebook selecionados para analisar os efeitos das ondas de violência de 5/11/2014 e 26/02/2015



2

## Páginas analisadas



- Belemtransito
- O Liberal
- Amazônia Jornal (\*)
- Governo do Pará
- TV Liberal
- Diário On Line (\*)
- Obs:
  - Foram extraídos os posts dos donos das páginas e de usuários. Os comentários dos usuários foram extraídos também porém apenas quantificados nestas planilhas.

3

## Síntese das páginas extraídas



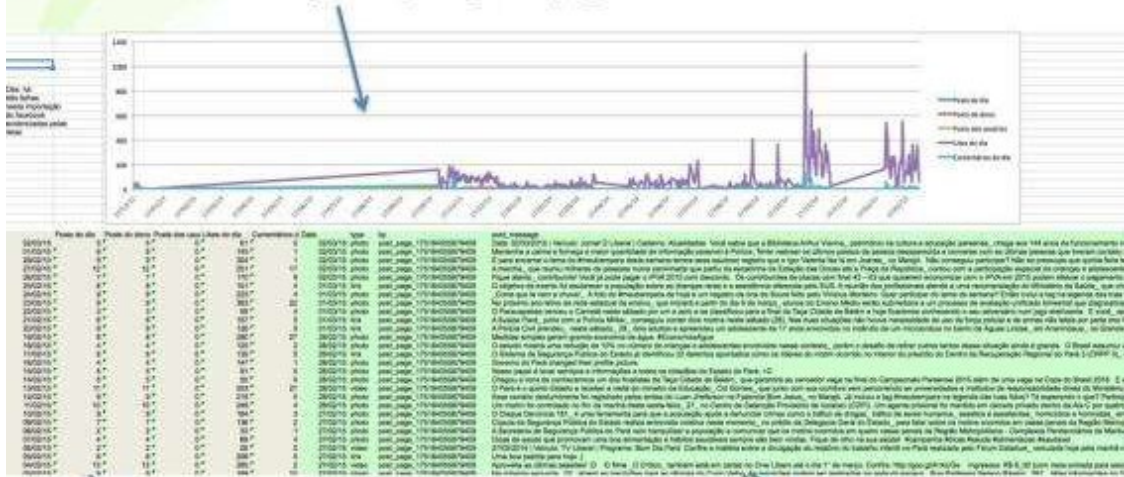
Página	Qtde de Posts capturados	Data do primeiro post capturado	Data do último post capturado	Data criação do página	Total de curtidas da página
Belém Trânsito	853	14/04/2011	02/03/2015		13.278
O Liberal	1.017	14/08/2012	02/03/2015		102.024
Amazônia Jornal					468
Governo do Pará	1.675	17/12/2012	02/03/2015		16.161
Diário On Line					149.337

4

# Estrutura geral da planilha gerada



Gráfico síntese com evolução das postagens na página



**Planilha Síntese**  
(totais numéricos da quantidade de posts, posts do dono, posts dos usuários, Likes e comentários dos usuários organizados por dia)

**Planilha detalhada com todos os Posts capturados**

# Planilha síntese



Quantidade de Likes e Comentários para todos os posts do dia

Somatório de todos os posts publicados em um dia

Somatório de Todos os posts do dono da Página no dia

Somatório de todos os posts dos usuários da Página no dia

	Posts do dia	Posts do dono	Posts dos usu	Likes do dia	Comentários d
04/03/15	3	2	1	67	0
04/03/15	2	1	1	16	0
04/03/15	1	0	1	0	0
03/03/15	11	10	1	656	18
03/03/15	10	9	1	603	18
03/03/15	9	8	1	541	15
03/03/15	8	7	1	477	15
03/03/15	7	6	1	322	5
03/03/15	6	5	1	287	5
03/03/15	5	4	1	206	4





## Planilha Detalhada



- Estrutura da planilha (principais campos)
  - Data
  - Tipo (Photo, link, video ou status)
  - Post\_message
  - Likes
  - Comments
  - Shares
  - Post link
  - Engagement (soma de todos likes, comments\_all e shares de um post)

7

## Planilha Detalhada



- Estrutura da planilha (todos os campos)

file fields (stat file – tsv format – rows are posts):

*type*: Facebook's post classification (e.g. photo, status, etc.)

*by*: either "post\_page\_pageid" (post by page) or "post\_user\_pageid" (post by user)

*post\_message*: text of the post

*picture*: picture URL (if a picture is attached to the post)

*link*: link URL (if the post points to external content)

*link\_domain*: domain name of link

*post\_published*: publishing date

*post\_published\_unix*: publishing date as Unix timestamp (for easy conversion and ranking)

*likes*: number of actually retrieved likes a post received or a user made

*likes\_count\_fb*: Facebook provided like count for posts (can be higher than actually retrieved likes)

*comments\_all*: number of comments made on a post or by a user

*comments\_base*: number of base level comments (in threaded conversations)

*comments\_replies*: number of reply level comments (in threaded conversations)

*shares*: number of shares

*comment\_likes*: number of likes on comments

*engagement*: likes, comments\_all and shares summed

*post\_id*: id of the post

*post\_link*: link of the post

8

# Abas da planilha



- Planilhas adicionais produzidas

28/02/15	3	0	3	0	0
27/02/15	22	10	12	256	40
25/02/15	1	0	1	0	0
24/02/15	1	0	1	0	0
23/02/15	1	0	1	0	0
21/02/15	2	0	2	0	0
14/02/15	1	0	1	0	0
12/02/15	3	0	3	0	0
10/02/15	1	0	1	0	0

Belemtransito Geral | Maior qtde Comentários | Maior qtde Likes

# Planilha ordenada por Comentários



Belemtransito Facebook  
 Postagens individuais ordenadas de forma decrescente em função da quantidade de comentários dos usuários (1o critério), e quantidade de Likes (2o critério)

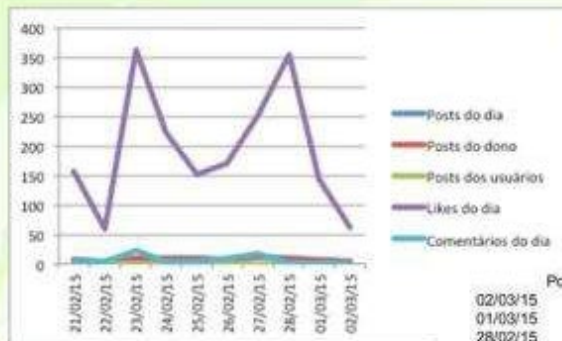
Data	type	by	post_message picture link link_domain	likes	likes_count_fb	comments_all	comments_base	comments_no shares	comment_likes engagement	pos
05/08/14	status	post_page_19-ATENÇÃO: NÃO ENVIEM FOTOS DO ACIDENTE DA ALMIR		883	900	54	46	12	37	1141
02/03/15	status	post_page_19-AGORA LASCOU-SD RT @Planeta190Pais: Sejam bem cor		56	59	15	15	2	19	5
27/02/15	status	post_page_19-ATENÇÃO: EVITEM SAIR DE CARRO EM BELEM- TUDO AI		89	89	13	13	0	0	5
27/02/15	link	post_page_19-RT @omgplm https://belem http://co.1833.com		85	85	13	12	1	30	3
01/11/14	photo	post_user_194 B...	https://fbcdn-sg https://www.facebook.com	9	9	8	8	0	0	5
06/02/12	photo	post_user_194 Issi é derro 1 https://fbcdn-sg https://www.facebook.com		7	8	7	7	0	3	1
31/08/14	photo	post_user_194 Ao estacionar https://belem http://www.facebook.com		3	3	7	7	0	1	4
27/11/11	photo	post_user_194 FLAGRANTE https://fbcdn-sg https://www.facebook.com		3	3	7	7	0	1	0
27/02/15	status	post_page_19-RT @Planeta190Pais: Segundo informações acabaram de at		24	24	8	8	0	0	2
02/03/15	status	post_page_19-RT @Belemtransito: BR fechado! Andares em sentido em sen		18	18	8	4	2	1	5
14/08/14	status	post_user_194 Alguem sabe o que tá acontecendo na Br sentido Belem? Tá		1	1	6	4	2	0	1
16/05/12	status	post_user_194 Bom... ainda não do meu picco sobre a menta do BRT... a a		1	1	6	6	0	0	7
18/09/14	photo	post_user_194 Upa... local de https://fbcdn-sg https://www.facebook.com		8	8	5	5	0	0	5
02/10/12	photo	post_user_194 Ainda quem https://fbcdn-sg https://www.facebook.com		6	7	5	5	0	0	5
05/05/14	status	post_user_194 Bem! Bem! Bem! Bem! Bem! Bem! Bem! Bem! Bem! Bem!		1	1	5	5	0	0	2
21/02/14	status	post_user_194 Alguem sabe o que está acontecendo? Estou a 45min na Rac		1	1	5	5	0	0	0
06/09/13	photo	post_user_194 ATENÇÃO! https://fbcdn-sg https://www.facebook.com		0	0	0	2	3	0	5
29/12/11	photo	post_user_194 Só não viu dt https://fbcdn-sg https://www.facebook.com		3	3	4	4	0	0	1
27/11/11	link	post_user_194 Quando a CTR https://belem http://www.facebook.com		2	2	4	4	0	1	2
18/12/14	status	post_user_194 ATENÇÃO... Equipes estão indo em direção à BR316 na al		1	1	4	4	0	0	3
16/04/11	link	post_user_194 Todos sabem https://belem http://www.ufpa.br		1	2	4	4	0	0	5
27/10/13	status	post_user_194 Tem um veículo obstruindo a saída da minha garagem desde		0	0	4	2	2	0	0
04/07/13	status	post_user_194 Alguem sabe dizer por que não tá comido para os postos		0	0	4	4	0	0	3
04/07/13	status	post_user_194 Quem sair da Augusto Montenegro e tar que voltar para a BR		0	0	4	1	3	0	4
23/11/11	photo	post_user_194 CTR! preta https://fbcdn-sg https://www.facebook.com		0	0	4	4	0	0	4
27/02/15	link	post_page_19-RT @Planeta190Pais: https://belem http://co.1833.com		15	15	3	3	0	0	18
02/03/15	link	post_page_19-RT @Planeta190Pais: https://belem http://co.1833.com		10	11	3	3	0	0	13
08/11/11	status	post_user_194 Alguem viu ontem no JK que forçou a produzir seu proprio		2	2	3	3	0	0	1
09/11/11	photo	post_user_194 Oha essa foto https://belem http://www.facebook.com		2	2	3	3	0	1	7
25/06/13	status	post_user_194 Já começou o protesto na BR 316?		1	1	3	3	0	0	2



# Governo do Pará



11



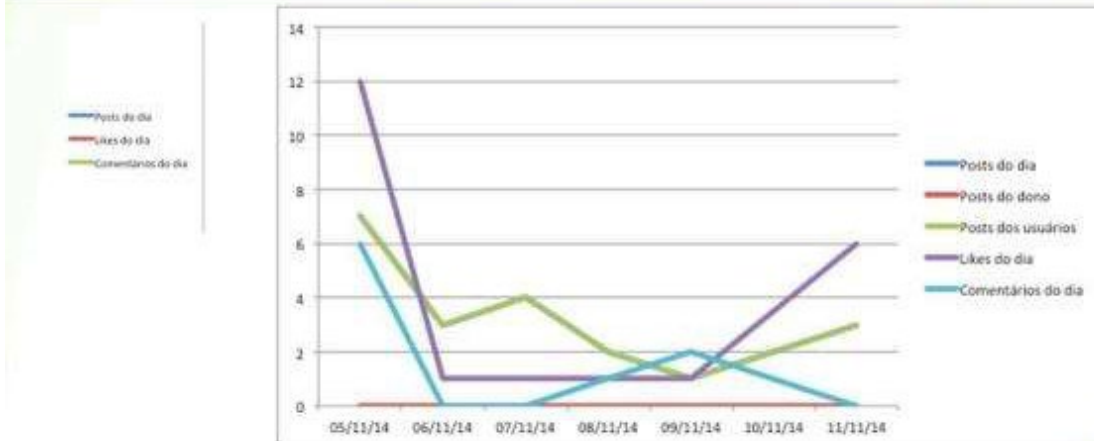
	Posts do dia	Posts do dono	Posts dos usuá	Likes do dia	Comentários di
02/03/15	5	5	0	61	0
01/03/15	6	6	0	145	1
28/02/15	9	9	0	354	1
27/02/15	12	12	0	251	17
26/02/15	7	7	0	170	9
25/02/15	8	8	0	151	4
24/02/15	9	9	0	223	4
23/02/15	9	9	0	363	22
22/02/15	3	3	0	59	4
21/02/15	6	6	0	157	5



28/02/15 Um motim foi controlado no fim da manhã desta sexta-feira\_  
 27/02/15 O Disque Denúncia 181\_ é uma ferramenta para que a popul  
 27/02/15 Cúpula da Segurança Pública do Estado realiza entrevista cc  
 27/02/15 A Secretaria de Segurança Pública do Pará vem tranquilizar  
 27/02/15 Dicas de saúde que promovam uma boa alimentação e hábit

12

# O Liberal



# O Liberal



Data	type	post_message	likes	comments_all
11/11/14	status	OI TURMA DO JORNAL LIBERAL! FAÇAM UMA REPORTAGEM SOBRE UMA GRANDE AREA LOCALIZAD/	0	0
11/11/14	photo	Dia_ leitores. E https://sconten https://www.facebook.com	6	0
11/11/14	status	O PAIS DO FAZ DE CONTA Os condenados do Mensalão_ que estavam _tirando férias_ no Presidio da Papu	0	0
09/11/14	status	OI TURMA DO JORNAL LIBERAL BOA NOITE! FAÇAM UMA REPORTAGEM MOSTRANDO PRO DETRAN (	1	2
08/11/14	status	Um participante do ENEM tirou foto do cartão resposta pouco antes do inicio da prova na escola Graziela Rib	0	0
08/11/14	status	OI TURMA DO JORNAL LIBERAL! FAÇAM UMA REPORTAGEM MOSTRANDO PRA SEMMA ESTADUA E M	1	1
07/11/14	photo	Vamos todos juntos pela Paz. facebook.com	0	0
07/11/14	status	falta no para a liga da justiça	0	0
07/11/14	status	curtiram isso	1	0
07/11/14	status	OBRIGADO PELO APOIO MEU POVO! Se o eleitor de Dilma Rousseff lesse ESSA COLUNA_ ou lhe pergunt	0	0
06/11/14	status	OI TURMA DO JORNAL LIBERAL BOA TARDE! FAÇAM UMA REPORTAGEM MOSTRANDO PRA_ SEMA M	0	0
06/11/14	status	TRABALHAR? EU HEINI! Veja só que interessante_ a PNAD - Pesquisa Nacional de Amostra por Domicilios_	0	0
06/11/14	status	bom dia. falta voces divulgarem a morte de mais uma vitima de baleamento que morreu ontem no hospital me	1	0
05/11/14	status	OI TURMA DO JORNAL LIBERAL! EM VEZ DE MONITORAR AS REDES SOCIAIS A SEGUP DEVERIA COL	0	0
05/11/14	status	todos os alunos da UFPA inclusive eu saimos desesperados da ufpa por volta de meio dia devido a boatos qu	0	0
05/11/14	status	a qualidade de o liberal está deixando a desejar. talvez com sangue novo no jornal tenho certeza que vai melh	0	0
05/11/14	status	...MAIS 4A. PARA UM HOMEM Q NAO TEM A MINIMA CAPACIDADE D CONDUZIR A POPULACAO PARA!	0	0
05/11/14	photo	Que noite Duri https://sconten https://www.facebook.com	10	2
05/11/14	status	COMBUSTIVEL MAIS CARO. Pronto_ com apenas uma _CANETADA_ está resolvido aquele _probleminha	2	4
05/11/14	status	EDUCAÇÃO E UMA BOA INFORMAÇÃO CONTRIBUEM EM MUITO COM A FORMAÇÃO DO HOMEM.	0	0











Universidade Federal do Pará  
Instituto de Ciências Exatas e Naturais  
Laboratório de Engenharia de Software



# Análise de Redes Sociais: Dados Quantitativos de Perfis do Twitter da RMB em torno do tema violência urbana - Extração Horizontal

Armando Alan Ramalho de Almeida (EngeComp –  
UFPA)

Profa. Tatiana Nazaré Amaral Ferreira (FEAPA)

Prof. Rodrigo Quites Reis (LABES-UFPA)



Reunião de Pesquisa

1

## Objetivos



- Realizar a extração horizontal no Twitter nos dias 01/03 e 02/03/2015 como tentativa de análise da repercussão da onda de violência na RMB no dia 26/02/2015

2

## Buscas realizadas



- Belém bandido
- Belém bandidos
- Belém morte
- Belém ônibus
- Belém polícia
- Belém roubo
- Belém terror
- Belém chacina
- Belém violência

3

## Estrutura das planilhas produzidas



Search on "Belém bandido"

Exported on 2 Mar 2015 - 2:25 PM (GMT-3)  
with <http://www.twitonomy.com>

Date (GMT)	HandleName	Text	URL	Platform	Type	Retwee	Favo	rite	cou	cou
01/03/2015	@Yola			Twitter	Retwee	et				
21:16:01	ndiVus	RT @Ciclop: Pra renovar a frota de onibus de	<a href="https://twitter.com/YolandVusser/status/572143271645999104">https://twitter.com/YolandVusser/s</a>	for	{nativ	e]	6	1		
1	0	ser	Fifteen Belem so com os bandido tacando fogo msm ne	Android						

4



## Belém Bandido / total 12 tweets



Date (GMT)	Handle	Name	Text	Type	Retweet count	Favorite count
01/03/2015 12:16:00	@Yolandi Vusser	Fifteen	RT @Cidlop: Pra renovarem a frota de onibus de Belem so com os bandido tacando fogo msm ne	Retweet (native)	6	1
01/03/2015 200:44:12	@pedicog	Pedro Guedes Menino	RT @Cidlop: Pra renovarem a frota de onibus de Belem so com os bandido tacando fogo msm ne	Retweet (native)	6	1
01/03/2015 300:41:48	@Paobola.com.do	doe	RT @Cidlop: Pra renovarem a frota de onibus de Belem so com os bandido tacando fogo msm ne	Retweet (native)	6	1
01/03/2015 400:27:13	@alpin00	André Leão	RT @Cidlop: Pra renovarem a frota de onibus de Belem so com os bandido tacando fogo msm ne	Retweet (native)	6	1
28/02/2015 502:57:56	@Cidlop	Felp	Prarenovarem a frota de onibus de Belem so com os bandido tacando fogo msm ne	New	6	1
27/02/2015 622:16:00	@bizarrau	beatriz araujo	Gente o que e isso que ta acontecendo em Belem. Pelo amor de Deus se nao e uma chacina e bandido tacando fogo no onibus. :(	New	0	0
27/02/2015 715:50:56	@couteira	Frederico	Belem terra sem lei. Bandido queimando onibus, van e mototaxifechando as vias principais, velho assim não tem como!!!	New	0	0
27/02/2015 813:25:46	@naasbal	Lapyerre	Belem Cujubim Cujubim fb.me/3K0J4m13	New	0	0
27/02/2015 904:41:57	@tazdam	Taz	Acho que tão matando pouco bandido em Belem tinham que matar mais	New	0	0
26/02/2015 1002:42:03	@virginia	virginia	belem ta um nojo bandido pra todo canto	New	0	0
25/02/2015 1103:09:54	@junho	Soares	@dioel Aqui em Belém bandido tem aparência #CENTRO DE BELÉM.	Reply (native)	0	0
24/02/2015 1219:50:56	@sgtsilva	sgtsilva	Bandido é preso por policiais militares do 2º BPM em flagrante por roubo. O mesmo no oliveira andara. ... fb.me/73t60U5V	New	0	0

## Belém Bandidos / total 44 tweets



Date (GMT)	Handle	Name	Text	Type	Retweet count	Favorite count
02/03/2015 13:06:23	@Sanche_L	Sanche	RT @bordalo: Nove onibus já foram incendiados por bandidos em uma semana na capital do Pará. Belém vive em estado de pânico.	Retweet (native)	5	5
02/03/2015 12:15:51	@DaisyAnn	Anny :)	RT @bordalo: Nove onibus já foram incendiados por bandidos em uma semana na capital do Pará. Belém vive em estado de pânico.	Retweet (native)	5	5
02/03/2015 12:12:47	@GeizeStella	Stella	Em Palmas tb @bordalo: Nove onibus já foram incendiados por bandidos em uma semana na capital do Pará. Belém vive em estado de pânico."	Reply (native)	0	0
02/03/2015 12:10:26	@Wallysson	Wallysson	RT @bordalo: Nove onibus já foram incendiados por bandidos em uma semana na capital do Pará. Belém vive em estado de pânico.	Retweet (native)	5	5
02/03/2015 11:20:29	@carlosfrank	carlos frank	RT @bordalo: Nove onibus já foram incendiados por bandidos em uma semana na capital do Pará. Belém vive em estado de pânico.	Retweet (native)	5	5
02/03/2015 11:18:39	@bordalo	Bordalo	Nove onibus já foram incendiados por bandidos em uma semana na capital do Pará. Belém vive em estado de pânico.	New	5	5
01/03/2015 21:22:47	@LuisRicardoRV	Luis Ricardo	RT @LuisHenrique58: @euvinaband Aqui em Belem do Para, ligado na band. coloca esse bandidos na cadeia.	Retweet (native)	1	0
01/03/2015 14:59:11	@AmazonBusiness	Han van den Berg	RT @pedidanomund0: mano, esses bandidos de Belem por algum motivo estão botando fogo em todos os onibus possiveis de Belem	Retweet (native)	2	0
01/03/2015 14:58:21	@AmazonBusiness	Han van den Berg	RT @cameraviva: Sr. Governador tome uma providência. A população de Belém tá em pânico. Não pode nem sair pra trabalhar. Bandidos tocando f...	Retweet (native)	1	0
28/02/2015 23:13:12	@cameraviva	Rodrigue	Sr. Governador tome uma providência. A população de Belém tá em pânico. Não pode nem sair pra trabalhar. Bandidos tocando fogo em onibus...	New	1	0

## Belém Mortes / total 38 tweets



Date (GMT)	Handle	Name	Text	Platform	Retweet count	Favorite count
01/03/2015 13:10:41	@Vaadile	Val	Que morte horrivel essa de ter que voltar pra Belém mais tarde.	Twitter Web Client	0	0
01/03/2015 02:44:44	@rustyfelipe	Felipe	To em Belem, esperando meu voo sair. Vai demorar ainda. Que morte horrivel.	Twitter for Windows Phone	0	0
01/03/2015 02:07:30	@blasfer	blasfer	os cara da leprosy podiam aproveitar ja q vão trazer o project 46 pra fazer show em belém, trazer o santa morte e o worst tbm imagina q loko	Mobile Web (M2)	0	1
01/03/2015 01:54:14	@cesar_belem	Gabriel	RT @Leodasneves_: Ficar em casa no sábado. Que morte horrivel.	Twitter for iPad	21	22
01/03/2015 00:52:12	@samia_rique	Samia Rique	RT @brucedmorais: Resumo da semana: 2 amigos assaltados casa do amigo arrombada 7 ônibus queimados sexo no black dog morte na elementBelé...	Twitter for Windows Phone	7	4
01/03/2015 00:25:17	@anvile	André L	RT @brucedmorais: Resumo da semana: 2 amigos assaltados casa do amigo arrombada 7 ônibus queimados sexo no black dog morte na elementBelé...	Twitter for Android	7	4
01/03/2015 00:24:05	@alpr00	Leão	RT @brucedmorais: Resumo da semana: 2 amigos assaltados casa do amigo arrombada 7 ônibus queimados sexo no black dog morte na elementBelé...	Twitter Web Client	7	4
28/02/2015 23:31:21	@ruannaia	Ruan	RT @brucedmorais: Resumo da semana: 2 amigos assaltados casa do amigo arrombada 7 ônibus queimados sexo no black dog morte na elementBelé...	Twitter for iPhone	7	4
28/02/2015 22:50:40	@mayolfo	May	RT @brucedmorais: Resumo da semana: 2 amigos assaltados casa do amigo arrombada 7 ônibus queimados sexo no black dog morte na elementBelé...	Twitter for iPhone	7	4
28/02/2015 22:42:55	@Cbrito	Caroline	RT @brucedmorais: Resumo da semana: 2 amigos assaltados casa do amigo arrombada 7 ônibus queimados sexo no black dog morte na elementBelé...	Twitter Web Client	7	4

7

## Belém ônibus/ total 100 tweets



Date (GMT)	Handle	Name	Text	Platform	Retweet count	Favorite count
02/03/2015 15:11:28	@lucas_ton	Thuvos	Nenhuma adrenalina é maior do que aquela de entrar no ônibus em movimento. Te adoro Belém.	Twitter for Android	0	0
02/03/2015 14:18:00	@mariahelena0013	Helena chagas	RT @junioridmais: #timlabs #Micro-ônibus é incendiado e ônibus sofre atentado na Grande Belém: Veículo foi totalmente de... http://...	Twitter Web Client	5	3
02/03/2015 13:49:34	@mailoandrade	Mailô	RT @brucedmorais: Resumo da semana: 2 amigos assaltados casa do amigo arrombada 7 ônibus queimados sexo no black dog morte na elementBelé...	Twitter Web Client	10	6
02/03/2015 13:28:32	@mimabal	Marina	Pauta do dia nos ônibus de Belém: O estado do Pará só funcionou até o governo do Barata. Estamos mal, amigos.	Twitter for Android	0	2
02/03/2015 13:06:23	@Lsanche	L Sanches	RT @bordalo:pt: Nove ônibus já foram incendiados por bandidos em uma semana na capital do Pará. Belém vive em estado de pânico.	Twitter Web Client	5	5
02/03/2015 12:15:51	@DavyAnny	Anny	RT @bordalo:pt: Nove ônibus já foram incendiados por bandidos em uma semana na capital do Pará. Belém vive em estado de pânico.	Twitter for Android	5	5
02/03/2015 12:13:16	@ThiagoWanderley	Thiago Wanderley	Engarrafamento do caraaaalho. Aindatona estrada de belem. Desde 8:30 no onibus	Twitter for iPhone	0	1
02/03/2015 12:12:47	@GeizeStella	Geize Stella	Em Palmas tb! RT @bordalo:pt: Nove ônibus já foram incendiados por bandidos em uma semana na capital do Pará. Belém vive em estado de pânico.	Twitter for iPhone	0	0
02/03/2015 12:10:26	@wallysson	Jailson Wallysson	RT @bordalo:pt: Nove ônibus já foram incendiados por bandidos em uma semana na capital do Pará. Belém vive em estado de pânico.	Twitter Web Client	5	5
02/03/2015 11:46:06	@masportaleida	lelele	RT @steephannie_: Belém tá cada dia pior, quando não é ônibus pegando fogo, é confusão não sei onde...	Mobile Web (M2)	1	1

8



## Belém Polícia / total 100 tweets



Date [GMT]	Handle	Name	Text	Platform	Retweet count	Favorite count
01/03/2015 22:08:26	@amauryre-portar	Amaury	Homicidio na Marinha. fb.me/30YEVoGU	Facebook	0	0
01/03/2015 12:41:49	@superguar-anvam	superguar yam830	Segurança Pública: Susupe e Polícia Militar controlam motins em Santa Isabel e Belem br.ly/1wDb5oN	twitterfeed	0	0
01/03/2015 12:41:49	@radioxima-ngo750	Ximango AM 750	Segurança Pública: Susupe e Polícia Militar controlam motins em Santa Isabel e Belem br.ly/1wDb5oN	twitterfeed	0	0
01/03/2015 12:41:48	@IMPRESA AFARA	Imprensa Paraense	Segurança Pública: Susupe e Polícia Militar controlam motins em Santa Isabel e Belem br.ly/1wDb5oN	twitterfeed	0	0
01/03/2015 12:41:47	@AM1130-MAFAJOAR	SUPERMAR AJOARAL13	Segurança Pública: Susupe e Polícia Militar controlam motins em Santa Isabel e Belem br.ly/1wDb5oN	twitterfeed	0	0
01/03/2015 03:54:09	@taaybritto	Tayse sem e com Y.	RT @xkareo: Meu deus que clima tenso em Belém, andei até o Guajará e n tem bonde, posto de gasolina com policia revistando e um silêncio na...	Twitter for Android	1	2
01/03/2015 03:53:50	@xkareo	Leo Nidia	Meu deus que clima tenso em Belém, andei até o Guajará e n tem bonde, posto de gasolina com policia revistando e um silêncio na almirante	Twitter for Android	1	2
01/03/2015 00:52:50	@MarciaNidia	Marcia Bezerra	RT @NoticiasdoPARA: Agente prisional é liberado e motim chega ao fim na Central de Triagem de São Bras em Belém. va.mu/BLXu2via...	Twitter for iPhone	7	13
01/03/2015 00:52:35	@kednevygal-vo	kedney	RT @NoticiasdoPARA: Agente prisional é liberado e motim chega ao fim na Central de Triagem de São Bras em Belém. va.mu/BLXu2via...	Twitter for Windows Phone	7	13
01/03/2015 00:48:25	@anderson-orhan	Lorhan	RT @NoticiasdoPARA: Agente prisional é liberado e motim chega ao fim na Central de Triagem de São Bras em Belém. va.mu/BLXu2via...	Twitter for iPhone	7	13

9

## Belém Roubo / total 100 tweets



Date [GMT]	Handle	Name	Text	Platform	Retweet count	Favorite count
27/02/2015 17:00:47	@kelvenru-anlô	Kelven Ruan	@offgabe isso é um roubo. Em Belém, o litro e R\$ 12,00 hahahah	Twitter for Android	0	0
27/02/2015 09:06:28	@RadioGu-amaAm	Radio Guama	Tocaram terror em Belém. fb.me/10QZKzw4g	Facebook	0	0
25/02/2015 00:07:53	@DanielD-arkshoes	daniel Felipe	RT @redlaremos: Detento é morto por colega de cela em Belém: Leonardo Melo, de 20 anos, estava detido acusado de roubo qualifi... http://...	Twitter for Android	1	0
24/02/2015 20:43:24	@aslemos-sgtsilva	Alexandro Lemos	RT @asljoao: Detento é morto por colega de cela em Belém: Leonardo Melo, de 20 anos, estava detido acusado de roubo qualifi... http://t.co/... @sgtsilva #CENTRO DE BELÉM.	Web Client	2	0
24/02/2015 19:50:56	@sgtsilvan-oliveira	no oliveira	Bandido é preso por policiais militares do 2º BPM em flagrante por roubo. O mesmo anda era... fb.me/73R6oUSV	Facebook	0	0
24/02/2015 00:41:55	@PabloTI-MBETA1	Pablo Herick	... DEUS... Detento é morto por colega de cela em Belém: Leonardo Melo, de 20 anos, estava detido acusado de roubo... glo.bo/1a8h08g	IFTTT	0	0
24/02/2015 00:34:12	@nadyago-spel	nadya gospel	Detento é morto por colega de cela em Belém: Leonardo Melo, de 20 anos, estava detido acusado de roubo qualifi... glo.bo/1a8gDOM	twitterfeed	0	0
24/02/2015 00:34:10	@lorigom-essilva	Lorena gomes	Detento é morto por colega de cela em Belém: Leonardo Melo, de 20 anos, estava detido acusado de roubo qualifi... glo.bo/1a8gDOM	twitterfeed	0	0
24/02/2015 00:31:04	@radlope-ntonet	PONTO NET	Detento é morto por colega de cela em Belém: Leonardo Melo, de 20 anos, estava detido acusado de roubo qualifi... zip.net/bnqy7	twitterfeed	0	0
24/02/2015 00:30:43	@umflop	BRUNINH O	@DREWXA VECAO @EXFLOP Detento é morto por colega de cela em Belém: Leonardo Melo, de 20 anos, estava detido acusado de roubo qualifica...	twitterfeed	0	0

10

## Belém Terror / total 42 tweets



Date [GMT]	Handle	Name	Text	Platform	Retweet count	Favorite count
02/03/2015 11:00:10	@ruberal	ruberalfais	I'm at Sede da Torcida Uniformizada Terror Bicolor in Belém, Pará	Foursquare	0	0
02/03/2015 05:35:03	@RojeCr	Dark				
	@acolandia	Esteban	vontade de filmar um filme de terror no museu de arte sacra em belém	Twitter Web Client	0	0
01/03/2015 22:08:23	@CAHOR	CAHORS_N	Voltaire: TERROR JUDAICO SIONISTA NO "DF" - O JUDEU SIONISTA ...			
	S NOW	OW	#GovernoLula #Sara #Cauê	Twitter Web Client	0	0
01/03/2015 17:44:58	@Paulo	bigfoot	...	Twitter for iPhone	1	1
01/03/2015 17:43:05	@Neves	NetoH	Só n comecem a dizer q é p ficarmos em casa nesse domingo, pq daqui a pouco o Jatene botando a culpa nas Redes Sociais, do terror em Belém.	Twitter for Android	1	1
28/02/2015 22:47:11	@alines	errao	Aline serrão Mto terror essa noite	Twitter for Windows Phone	1	0
28/02/2015 10:58:20	@ruberal	ruberalfais	I'm at Sede da Torcida Uniformizada Terror Bicolor in Belém, Pará	Foursquare	0	0
28/02/2015 00:39:22	@kedney	kedney	RT @NoticiasdoPARA: Em Belém e Ananindeua a madrugada foi de terror c/ 5 ônibus incendiados, va mu/BK8Nw via @DOLdiarioonline ht...	Twitter for Windows Phone	2	2
27/02/2015 22:22:02	@JosieM	ota	Josie Mota	Twitter for Android	3	2
27/02/2015 22:21:33	@Lsancho	e3_rj	L. Sanches	Twitter Web Client	3	2

11

## Belém Chacina / total 7 tweets



Date [GMT]	Handle	Name	Text	Platform	Retweet count	Favorite count
01/03/2015 03:49:23	@tai_bj	chara	Bichara	Twitter for iPhone	0	0
28/02/2015 21:58:49	@chrisv	Chris	Galera morreu na chacina de Belém aos montes e o povinho Top**** de Belém tavamais preocupado com a academia	TweetDeck	0	0
27/02/2015 22:58:22	@joaquim	mandre	joaquim	Twitter for Windows Phone	0	0
27/02/2015 22:16:00	@beatriz	araijo	beatriz	Twitter for Android	0	0
27/02/2015 16:37:44	@leona	rdovuri	leonaldo	Twitter for Android	0	1
27/02/2015 04:54:55	@Eduar	ana10	Eduardo	Twitter for iPhone	0	1
26/02/2015 21:28:21	@Agenc	lanota	Anota	Facebook	0	0

12

## Belém Violência / total 80 tweets



Date (GMT)	Handle	Name	Text	Platform	Retweet count	Favorite count
01/03/2015 03:49:23	<a href="#">@tai_bic_hara</a>	Bichara	@robpurpura tá insuportável a onda de violência em Belém. Violenta sempre foi. Mas se pensar q há pouco tempo tivemos aqla chacina +	Twitter for iPhone	0	0
01/03/2015 03:30:27	<a href="#">@AnaváO</a>			Twitter for Android	0	0
28/02/2015 19:27:42	<a href="#">@emiagu</a>	Emivaldo	Belém e sua violência. Medo.	Linkis.com	0	0
28/02/2015 17:43:53	<a href="#">@daniellennings</a>	Daniel Jennings	RT @FanuelAlmeida: Sexta jovem hoje na IASD do Marco em Belém. Com o tema: Religião gera violência? @PrLeonino @pastordesbravaDurlan ht...	Twitter for iPhone	2	0
28/02/2015 11:06:13	<a href="#">@rogerogs</a>	Jungle boy	RT @denilson_dab: Por favor, não repetir a história de compartilhar no whatsapp mensagens de violência no sentido provocar pânico entre os ...	Twitter for Android	2	2
28/02/2015 02:08:43	<a href="#">@pastoresbrava</a>	Heberston Licar	RT @FanuelAlmeida: Sexta jovem hoje na IASD do Marco em Belém. Com o tema: Religião gera violência? @PrLeonino @pastordesbravaDurlan ht...	Twitter for Android	2	0
28/02/2015 02:06:56	<a href="#">@FanuelAlmeida</a>	Fanuel Almeida	Sexta jovem hoje na IASD do Marco em Belém. Com o tema: Religião gera violência? @PrLeonino @pastordesbravaDurlan http://t.co/TEda5GHVCS	Twitter for Android	2	0
28/02/2015 01:47:14	<a href="#">@JoanibManzano</a>	Joanib Manzano	RT @PaolaPabonC: Participando en la reunión de Violencia Política contra las Mujeres en el marco de la Convención de Belém do Pará, en la O...	Twitter Web Client	6	4
28/02/2015 00:32:28	<a href="#">@denilson_dab</a>	Denilson d'Almeida	Por favor, não repetir a história de compartilhar no whatsapp mensagens de violência no sentido provocar pânico entre os moradores de Belém.	Twitter	2	2
27/02/2015 23:13:03	<a href="#">@rafaelmbiriba</a>	Rafael Imbiriba	Alguem com coragem pra sair hoje? Belem ta uma cagada só. Violência, engarrafamento, alagamento...	Twitter for Android	0	0





Universidade Federal do Pará  
Instituto de Ciências Exatas e Naturais  
Laboratório de Engenharia de Software



# Análise de Redes Sociais: Dados Quantitativos de Perfis do Twitter da RMB em torno do tema violência urbana - Extração Vertical

Armando Alan Ramalho de Almeida (EngeComp –  
UFPA)  
Profa. Tatiana Nazaré Amaral Ferreira (FEAPA)  
Prof. Rodrigo Quites Reis (LABES-UFPA)



Reunião de Pesquisa



1

## Objetivos

- Extrair dados de perfis do Twitter selecionados para analisar os efeitos das ondas de violência de 5/11/2014 e 26/02/2015



2

## Perfis analisados



- @belemtransito
- @diariodopara
- @governodopara
- @noticiasdopara
- @oliberal
- @plantaio190para
- @SEGUP\_PA (descontinuado em 27/02/2014)
- @susipepa
- @TVLiberal

3

## Síntese dos perfis



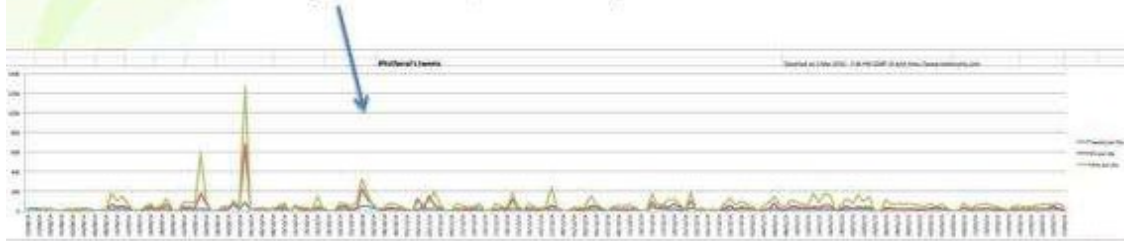
Perfil	Qtde de Tweets extraídos	Data primeiro tweet	Data último tweet	Data criação do perfil	Qtde de seguidores	Qtde de tweets publicados (aproximado)
@belemtransito	3.177	21/08/2014	28/02/2015	27/04/2009	69.640	136.000
@diariodopara	3.199	14/01/2015	01/03/2015	27/04/2009	34.986	114.000
@governodopara	3.199	05/08/2014	01/03/2015	30/01/2010	37.900	33.600
@noticiasdopara	3.170	05/03/2013	01/03/2015	15/07/2011	9.414	27.100
@oliberal	3.199	24/12/2014	01/03/2015	02/07/2009	63.062	89.900
@plantaio190para	2.227	01/11/2014	01/03/2015	28/08/2014	5.061	2.530
@susipepa	2.142	24/04/2012	28/02/2015	27/12/2011	856	2.156
@TVLiberal	3.200	25/08/2014	27/02/2015	29/06/2009	44.487	16.900

4

# Estrutura geral da planilha gerada



Gráfico síntese com evolução de Tweets, RTs e FAVs por dia



Id	Horário De Belém	Data e Hora do Tweet (GMT)	Texto	Link para o tweet na Internet	Platform	Type	Retweet count	Favorit e count
27/02/15	6:45:27	27/02/2015 21:45:04	Amanda Pereira fala sobre os abridores de letras que são destaques do NÉdoPara deste sábado: <a href="http://t.co/GCIBpHopsL">http://t.co/GCIBpHopsL</a> #TVLiberal	<a href="https://twitter.com/TVLiberal/status/571425812181872640">https://twitter.com/TVLiberal/status/571425812181872640</a>	Hootsuite	New	0	0
27/02/15	6:22:27	27/02/2015 21:22:20	RT @gshow: UEPÁ! Ze Alfredo, @alexnerio, demite Maurício! <a href="http://t.co/t:EBn:xBby#mpero">http://t.co/t:EBn:xBby#mpero</a> <a href="http://t.co/VE9U1rFSS">http://t.co/VE9U1rFSS</a>	<a href="https://twitter.com/TVLiberal/status/571420089699995050">https://twitter.com/TVLiberal/status/571420089699995050</a>	Web Client	Retweet (native)	3	33
27/02/15	5:55:27	27/02/2015 20:55:21	Detentos fazem motim em penitenciárias da Grande Belém: <a href="http://t.co/NWp26m4UC">http://t.co/NWp26m4UC</a> #RLIEDIÇÃO #TVLiberal	<a href="https://twitter.com/TVLiberal/status/571413300510121384">https://twitter.com/TVLiberal/status/571413300510121384</a>	Hootsuite	New	1	2
27/02/15	5:30:27	27/02/2015 20:30:22	Criminosos assaltam banco e fazem reféns em São Félix do Xingu, no Para: <a href="http://t.co/22XkCRU88">http://t.co/22XkCRU88</a> #RLIEDIÇÃO #TVLiberal	<a href="https://twitter.com/TVLiberal/status/571407011050598400">https://twitter.com/TVLiberal/status/571407011050598400</a>	Hootsuite	New	0	2
27/02/15	5:05:27	27/02/2015 20:05:05	Apos decolar de Belém, monomotor desaparece no sudeste do Para: <a href="http://t.co/UDAcYbT9">http://t.co/UDAcYbT9</a> #RLIEDIÇÃO #TVLiberal	<a href="https://twitter.com/TVLiberal/status/571400647062495233">https://twitter.com/TVLiberal/status/571400647062495233</a>	Hootsuite	New	0	1
27/02/15	4:40:27	27/02/2015 19:40:28	Vandalismo na Região Metropolitana de Belém e notícia no Jornal Hoje: <a href="http://t.co/umjgvSMIVd">http://t.co/umjgvSMIVd</a> #TVLiberal	<a href="https://twitter.com/TVLiberal/status/571394453795151872">https://twitter.com/TVLiberal/status/571394453795151872</a>	Hootsuite	New	0	2
27/02/15	4:15:27	27/02/2015 19:15:23	O que você achou da Taça do Campeonato Paraense? Opine: <a href="http://t.co/yVLCW2:XB">http://t.co/yVLCW2:XB</a> #TVLiberal	<a href="https://twitter.com/TVLiberal/status/571388143099899905">https://twitter.com/TVLiberal/status/571388143099899905</a>	Hootsuite	New	0	0
27/02/15	3:50:27	27/02/2015 18:50:22	Inscrições para a 4ª edição da Corrida da Mulher estão abertas. Veja o trajeto: <a href="http://t.co/kcNfS14X">http://t.co/kcNfS14X</a> #GetomPa #TVLiberal	<a href="https://twitter.com/TVLiberal/status/571381846040309762">https://twitter.com/TVLiberal/status/571381846040309762</a>	Hootsuite	New	0	1

**Planilha Síntese**  
(totais numéricos de quantidade De tweets, RTs e FAVs organizados por dia)

**Planilha detalhada com todos os Tweets capturados**

# Planilha Detalhada



Horário De Belém	Data e Hora do Tweet (GMT)	Texto	Link para o tweet na Internet	Platform	Type	Retweet count	Favorit e count	
27/02/15	6:45:27	27/02/2015 21:45:04	Amanda Pereira fala sobre os abridores de letras que são destaques do NÉdoPara deste sábado: <a href="http://t.co/GCIBpHopsL">http://t.co/GCIBpHopsL</a> #TVLiberal	<a href="https://twitter.com/TVLiberal/status/571425812181872640">https://twitter.com/TVLiberal/status/571425812181872640</a>	Hootsuite	New	0	0
27/02/15	6:22:27	27/02/2015 21:22:20	RT @gshow: UEPÁ! Ze Alfredo, @alexnerio, demite Maurício! <a href="http://t.co/t:EBn:xBby#mpero">http://t.co/t:EBn:xBby#mpero</a> <a href="http://t.co/VE9U1rFSS">http://t.co/VE9U1rFSS</a>	<a href="https://twitter.com/TVLiberal/status/571420089699995050">https://twitter.com/TVLiberal/status/571420089699995050</a>	Web Client	Retweet (native)	3	33
27/02/15	5:55:27	27/02/2015 20:55:21	Detentos fazem motim em penitenciárias da Grande Belém: <a href="http://t.co/NWp26m4UC">http://t.co/NWp26m4UC</a> #RLIEDIÇÃO #TVLiberal	<a href="https://twitter.com/TVLiberal/status/571413300510121384">https://twitter.com/TVLiberal/status/571413300510121384</a>	Hootsuite	New	1	2
27/02/15	5:30:27	27/02/2015 20:30:22	Criminosos assaltam banco e fazem reféns em São Félix do Xingu, no Para: <a href="http://t.co/22XkCRU88">http://t.co/22XkCRU88</a> #RLIEDIÇÃO #TVLiberal	<a href="https://twitter.com/TVLiberal/status/571407011050598400">https://twitter.com/TVLiberal/status/571407011050598400</a>	Hootsuite	New	0	2
27/02/15	5:05:27	27/02/2015 20:05:05	Apos decolar de Belém, monomotor desaparece no sudeste do Para: <a href="http://t.co/UDAcYbT9">http://t.co/UDAcYbT9</a> #RLIEDIÇÃO #TVLiberal	<a href="https://twitter.com/TVLiberal/status/571400647062495233">https://twitter.com/TVLiberal/status/571400647062495233</a>	Hootsuite	New	0	1
27/02/15	4:40:27	27/02/2015 19:40:28	Vandalismo na Região Metropolitana de Belém e notícia no Jornal Hoje: <a href="http://t.co/umjgvSMIVd">http://t.co/umjgvSMIVd</a> #TVLiberal	<a href="https://twitter.com/TVLiberal/status/571394453795151872">https://twitter.com/TVLiberal/status/571394453795151872</a>	Hootsuite	New	0	2
27/02/15	4:15:27	27/02/2015 19:15:23	O que você achou da Taça do Campeonato Paraense? Opine: <a href="http://t.co/yVLCW2:XB">http://t.co/yVLCW2:XB</a> #TVLiberal	<a href="https://twitter.com/TVLiberal/status/571388143099899905">https://twitter.com/TVLiberal/status/571388143099899905</a>	Hootsuite	New	0	0
27/02/15	3:50:27	27/02/2015 18:50:22	Inscrições para a 4ª edição da Corrida da Mulher estão abertas. Veja o trajeto: <a href="http://t.co/kcNfS14X">http://t.co/kcNfS14X</a> #GetomPa #TVLiberal	<a href="https://twitter.com/TVLiberal/status/571381846040309762">https://twitter.com/TVLiberal/status/571381846040309762</a>	Hootsuite	New	0	1





# Planilha síntese



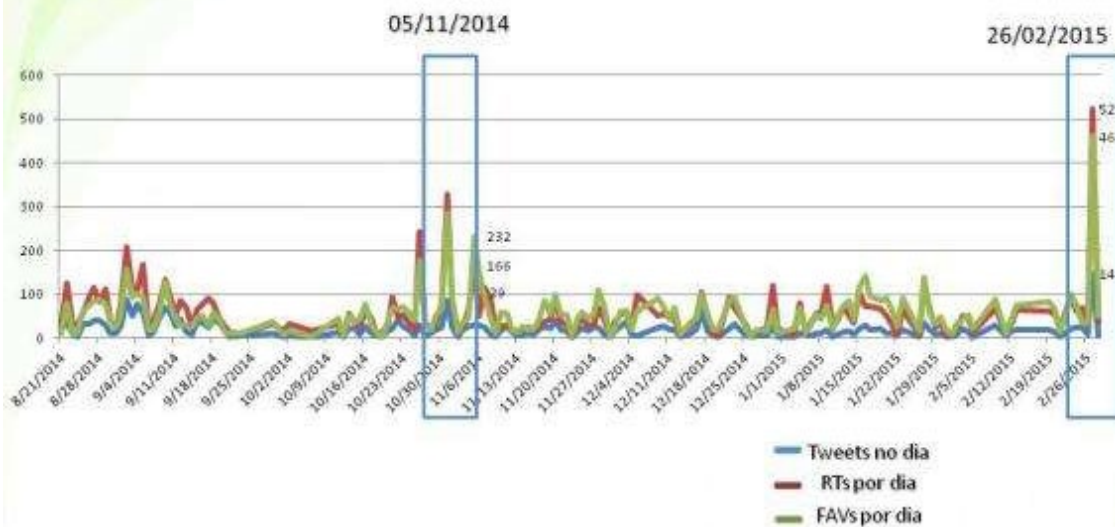
Somatório de todos os tweets publicados em um dia

Somatório de todos os RTs e FAVs de outros usuários para todos os Tweets do dia

Data	Tweets por		
	Dia	RTs por dia	FAVs por dia
27/02/15	21	15	48
26/02/15	18	28	72
25/02/15	20	52	68
24/02/15	21	20	68
23/02/15	22	18	66
20/02/15	20	18	38
19/02/15	21	16	56

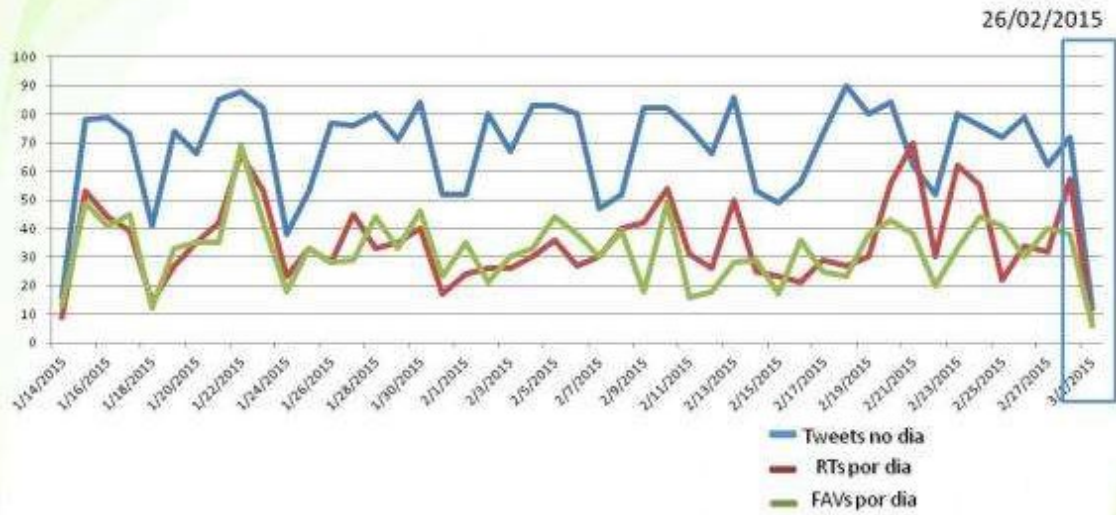
7

# @belemtransito



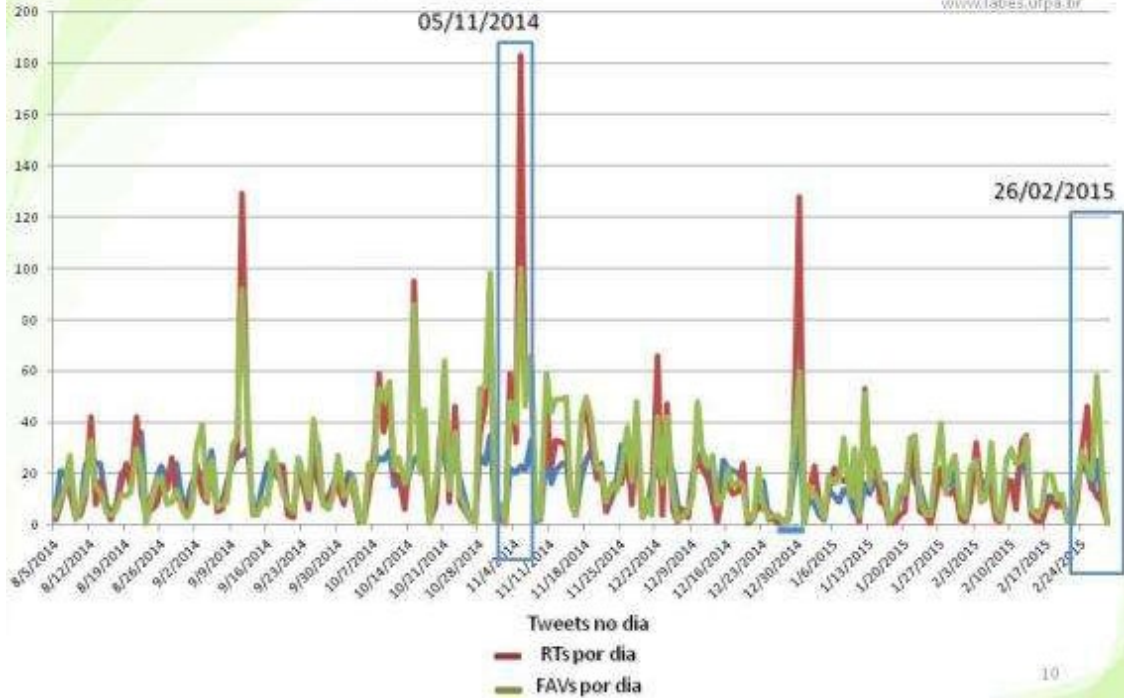
8

# @diariodopara



9

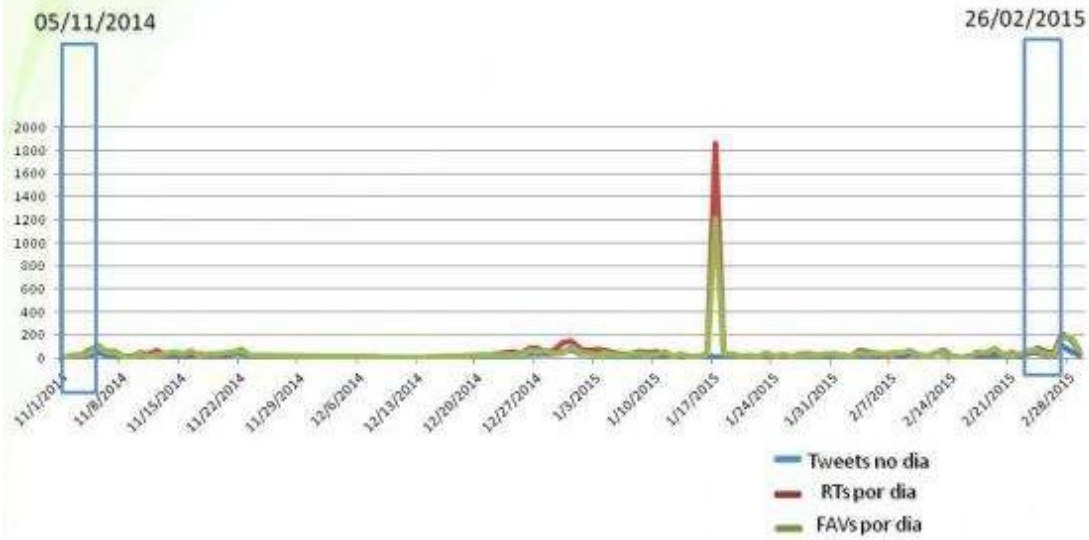
# @governodopara



10

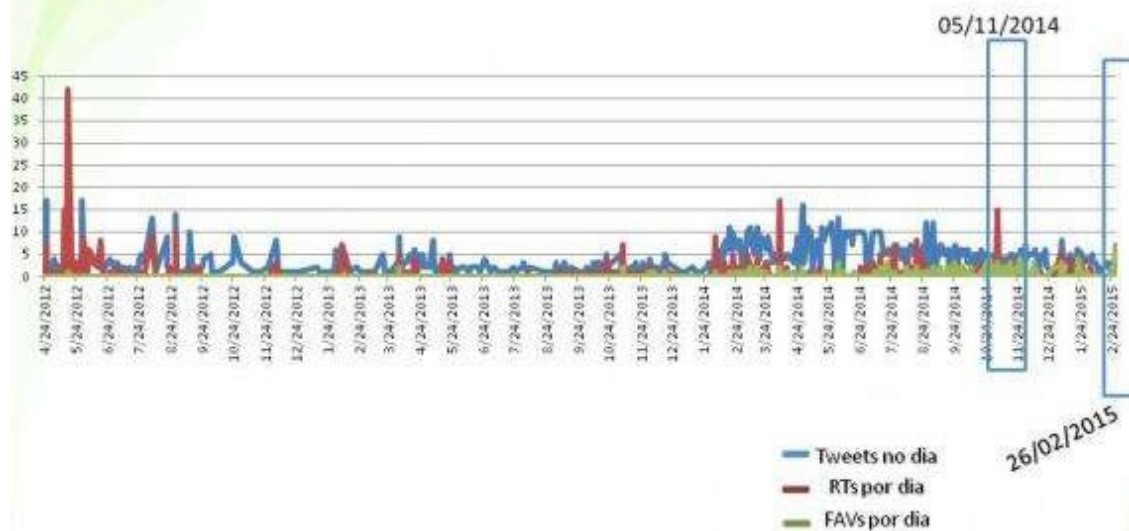


# @plantao190para



13

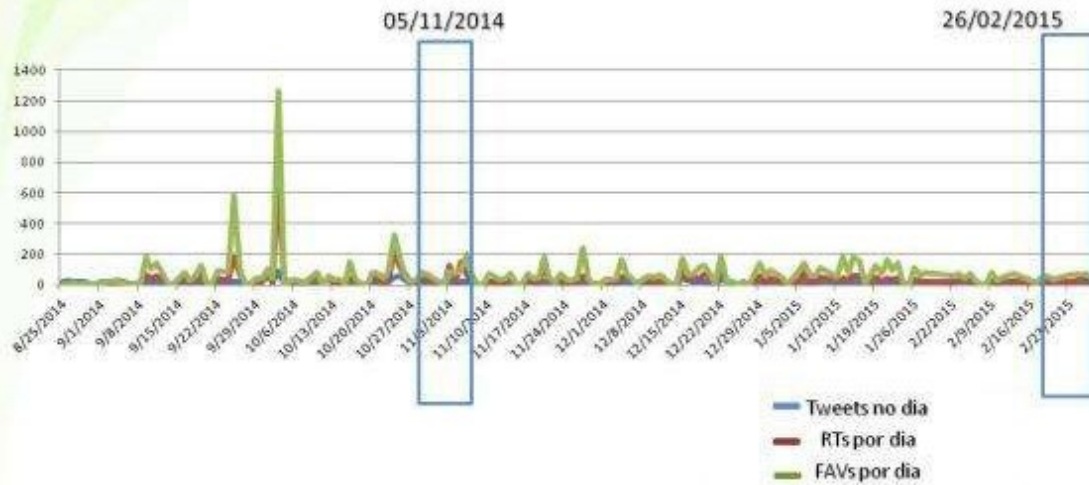
# @susipepa



14



@TVLiberal







**MÍDIA e  
VIOLÊNCIA**  
NARRATIVAS MÍDIÁTICAS NA AMAZÔNIA PARAENSE